

Jaclyn Moriarty

A FENDA BRANCA

As cores de Madeleine

Livro Um





Jaclyn Moriarty

A fenda
branca

As cores de Madeleine

Livro Um

TRADUÇÃO

Frank de Oliveira e
Júlio Monteiro de Oliveira



PARA CHARLIE, COM AMOR

De Memoir of Isaac Newton, de John Conduitt, 1727

[Isaac Newton] recebeu o famoso problema que supostamente ia desconcertar todos os matemáticos na Europa às quatro da tarde, quando já se encontrava bem cansado com os negócios da Casa da Moeda, onde havia trabalhado o dia todo, e mesmo assim o resolveu antes de ir para casa naquela noite.

Introdução

O Reino de Cello¹ (pronuncia-se *tchello*) não precisa de introdução.

Quando visitar

Olhe, honestamente falando, visite Cello quando tiver tempo. É um destino popular para turistas o ano todo, por isso não dá para falar em “alta temporada” ou “baixa temporada”. (Nenhum tipo de temporada, aliás, ao menos não no sentido tradicional.)

Suponho que haja vários festivais que, talvez, você pudesse querer ver, mas não imagino por que o faria. Comumente, eles são realizados em vilarejos e cidades das Fazendas, e, se há um lugar em Cello aonde você não vai querer ir, são as Fazendas.

As Fazendas

Espere um pouco, o que estou dizendo? As Fazendas! Nossa, você vai adorá-las! Os campos dourados de trigo, os pomares de cerejeiras, os sorrisos tímidos e o andar lento dos fazendeiros! Como o lema da província promete: “Como num passe de mágica, o encanto das Fazendas vai fisgá-lo pelo estômago”.

Eles podem não ser muito bons em anatomia, mas os fazendeiros são pessoas que assam *muffins*, que fazem doces, que tocam as rabecas mais adoráveis que você já conheceu na vida.

(Blá-blá-blá, viva os fazendeiros! Blá-blá-blá, torta de abóbora! etc.)
(Sério, se não tiver muito tempo disponível, pode pular a visita às Fazendas.)

Por que visitar Cello?

A pergunta está errada. O correto é: por que *não* visitar Cello? Tendo em mente que você sempre pode pular a parte das Fazendas, *por que motivo você não visitaria Cello?*

1. *The Kingdom of Cello: An Illustrated Travel Guide*, por T. I. Candle, 7^a ed., 2012, reimpresso com a permissão da Universidade de Brellidge.

PARTE 1

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

Madeleine Tully virou uma pessoa de catorze anos ontem, mas hoje ela não virou nada.

Ah, espere. Ela virou uma página.

Estava sentada no teto inclinado do sótão, lendo um livro. Só que não estava concentrada nele. Na verdade, ouvia sua mãe, que estava lá dentro.

A mãe de Madeleine costurava e assistia a um programa de perguntas e respostas. E respondia a cada pergunta. Pá, pá, pá! Soltava respostas como uma pipoqueira. E respondia antes de o apresentador terminar de perguntar.

– Qual é a capital do Equador?

– Maputo!

– Do francês, que palavra de seis letras...

– *Frisson!*

Cada vez que a mãe de Madeleine respondia, um competidor na televisão também o fazia, porém um segundo mais tarde. A voz dos competidores soavam calmas e tranquilas.

Começou um intervalo comercial. A máquina de costura parou. A mãe de Madeleine saiu pela janela e sentou no telhado, ao lado de Madeleine. As torres da Universidade de Cambridge traçavam o próprio contorno contra o céu atrás delas.

– Hoje à noite – disse a mãe de Madeleine – vamos jantar aqui em cima.

Madeleine fechou o livro.

– Vamos passar frio – a mãe continuou. – Vou trazer cobertores.

Madeleine fez que sim com a cabeça.

– Vamos comer o resto do bolo de aniversário. Não tem de ser sempre feijão para o jantar, você sabe.

– Não – Madeleine concordou.

– E vamos ficar aqui e olhar as estrelas até cair no sono em meio aos cobertores.

Madeleine e a mãe, sentadas uma ao lado da outra, suspiraram.

Pensavam na mesma coisa.

Não iam jantar no telhado naquela noite.

A mãe de Madeleine ia continuar costurando até meia-noite e só ia parar um pouco para flexionar os dedos doloridos.

Suspiraram de novo.

Lembravam-se agora da mesma coisa.

O jantar naquele dia ia ser feijão. Haviam comido todo o bolo de aniversário no dia anterior.

Se ao menos tivessem guardado um pouco...

– Certo, então – disse a mãe de Madeleine. Ela entrou na casa novamente pela janela. A máquina de costura foi ligada.

A máquina de costura era uma Harlsbury Deluxe Model 37B. A mãe de Madeleine a havia ganhado em Londres muitos anos atrás, como prêmio em um programa de perguntas e respostas.

Um dia, não muito distante, ela planejava competir de novo.

Mas desta vez não ia ganhar só a máquina de costura. Desta vez, também ganharia a TV de plasma, o conjunto de toalhas de luxo, a viagem, o churrasco e o *carro!!!* (Era como o apresentador do programa... e a mãe de Madeleine... se referiam ao carro: em *itálico* e com três pontos de exclamação.)

Portanto, todas as manhãs, a mãe de Madeleine telefonava para a emissora

para “registrar seu interesse” em competir.

A cada quinze dias, ela mandava por correio uma solicitação para competir.

Mais ou menos uma vez por mês, tomava um ônibus para Londres, andava até os escritórios da emissora de TV e batia um papo amigável com a recepcionista (você nunca sabe quem pode ser influente ou não).

E todas as noites ela assistia ao programa e respondia a todas as perguntas.

Pá, pá, pá! Ela gritava as respostas como uma exibição de fogos de artifício.

E, toda noite, ela errava cada uma das perguntas.

(A capital do Equador é Quito. *Frisson* nem sequer tem seis letras.)

PARTE 2

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

Três metros de neve haviam caído da noite para o dia.

Foi o suficiente para atolar as vacas de Dudley.

E o suficiente para rachar os galhos da árvore de madeira prateada que tinha estado de pé por mais de mil anos no terreno da Escola Primária de Fogueira.

A neve cobriu a pirâmide de abóboras. E o Comitê de Abóboras de Fogueira a vinha construindo havia mais de um mês.

Agora, no brilho do meio da manhã, a Praça Central estava repleta de abóboras. O pessoal da cidade chutava abóboras como se fossem bolas de futebol. Ou as alinhava na beirada da fonte, para mirá-las com rifles de ar.

(Ou as recolhia tranquilamente junto ao casaco, para levá-las para casa e preparar uma sopa na cozinha.)

Elliot Baranski estava sentado numa mesa do lado de fora do Café Padaria. Uma abóbora bateu contra sua bota. Sem olhar para baixo, ele mexeu o pé, e a abóbora rolou lentamente para longe.

Elliot segurava um livro da biblioteca. A mãe, Petra, estava sentada na frente dele. Ela se inclinou para ler o título:

*Pescaria de feitiços: dicas e técnicas para
pescar o feitiço que você deseja.*

– Não é possível fazer uma coisa dessas – disse Petra, e tomou um gole de seu café.

– Se eu partir hoje, posso estar no Lago dos Feitiços na quinta-feria – Elliot respondeu. – Vou pescar um Feitiço Localizador.

– Não é possível fazer uma coisa dessas – Petra repetiu. – Você não pode escolher que feitiço vai pescar em um lago. Não pode sequer garantir que *vai* pescar um feitiço. Sabe muito bem disso.

– Este livro diz que é possível. Ele tem teorias científicas e estatísticas, e... vejamos... – Elliot folheou o livro. Apontou para um ponto na página. – Notas de rodapé. Sim, tem notas de rodapé.

– Uh-uh – disse a mãe, mas ela o encarava fixamente.

Havia uma mancha roxa na bochecha esquerda de Elliot. O olho direito estava fechado de tão inchado. Uma cicatriz no formato de um guarda-chuva tomava a lateral do pescoço.

– Elliot – ela disse –, dê um tempo.

Ele balançou a cabeça, indiferente.

– Cada vez que você chega em casa tem mais machucados – Petra continuou – é como se saísse para colecionar cicatrizes. Você voltou ontem à noite e já quer sair de novo? Precisa de um tempo para se recuperar.

– Essa viagem para o Lago dos Feitiços vai ser um tempo para recuperação. Pra começo de conversa, vai levar alguns dias até chegar lá. Não vai haver nenhum perigo no norte e, quando conseguir o Feitiço Localizador, vou estar pronto para ir aonde ele me levar.

A mãe riu.

– Ah, sim, *nenhum* perigo no Norte Mágico. Só aquela colônia de lobisomens. Só dragões descontrolados, gangues de Hostis Errantes, e um sério risco de geladura. Vai ser uma viagem de passeio como qualquer outra; sopa no mel.

– Ah – Elliot deu de ombros. – Vai dar tudo certo.

– Você tem quinze anos. Já faltou demais na escola. Seus colegas sentem

sua falta. A *cidade* sente sua falta!

Elliot olhou ao redor. Respirou o aroma de neve caída na praça, terra molhada, pão fresquinho, cerveja e abóbora esmagada. Pelo caminho, Clover Mackie (a costureira da cidade) captou seu olhar e sorriu, acenando da entrada de sua casa verde-hortelã. Mais próximo, Isabella Tamborlaine (a professora de Física do Ensino Médio) subiu num pequeno monte de abóboras e ensaiou um passo musical. Jimmy Hawthorn (o subxerife) aplaudiu a performance e depois gritou para um garçom no restaurante Le Petit que pegasse uma faca para poder esculpir um rosto na abóbora.

– A cidade parece bem – disse Elliot. – Embora... – fez uma pausa. – Qual é a das abóboras?

– Ah, você esteve longe tempo demais. Ao menos sabe que as Princesas Irmãs estão fazendo um *tour* pelo Reino no momento?

– Ouvi algo a respeito.

– Bem, o xerife inscreveu nossa cidade para ser incluída na turnê. Ele conseguiu um monte de gente para ajudá-lo a construir uma pirâmide de abóboras. Era um atrativo; um motivo para as Princesas nos visitarem. Os selecionadores vão passar por aqui hoje, então não há muita chance de sermos escolhidos agora.

Elliot levantou as sobrancelhas.

– Eles não podem reconstruir?

– Não até esta tarde – Petra esfregou o nariz. – Você está desviando do assunto. Certo, Elliot, se a cidade não precisa de você, seu time de destrobol precisa. Mesmo com todos os jogos que você perdeu, ainda é o melhor jogador. É o motivo pelo qual eles chegaram tão longe. Por que não permanecer por algumas semanas, até a final?

Elliot colocou o livro da biblioteca de volta na mochila.

– Tenho que ir – ele respondeu. Amarrou as correias da mochila e lançou

um olhar duro para a mãe. – Não vou ficar aqui por causa de um jogo de destrobol.

– Bem... e quanto à fazenda? Queria que você consertasse a fiação da estufa antes de ir. E tem um monte de outras coisas.

Ele soltou um risinho e se levantou, a mochila nas costas.

– Você poderia trocar a fiação da cidade inteira mais rápido do que... – ele pressionou o polegar contra o dedo médio até estalar. – Não venha com essa de me dizer que não consegue cuidar da fazenda sem mim.

Petra deu de ombros. Em seguida, estudou-o com os olhos.

– Elliot – ela falou –, aluguei a oficina do seu pai.

A porta de um carro sendo batida soou acima do ruído na praça.

Ambos se viraram. Do outro lado da praça, Hector Samuels (o xerife do condado) estava parado ao lado de seu carro. Observou o caos das abóboras e um suspiro levantou-lhe os ombros.

Elliot e Petra se viraram e se encararam de novo.

– Você me ouviu? – Petra falou. – Aluguei a oficina.

Elliot agarrou as alças da mochila.

– Mas quando eu encontrar papai e o trazer de volta... – ele mencionou.

A mãe assentiu enfaticamente.

– Quando encontrar seu pai e o trazer de volta, vamos lidar com os novos inquilinos – ela falou. – Por enquanto, precisamos do dinheiro. A oficina está vazia há um ano.

Elliot soltou as alças. As palmas estavam marcadas com linhas brancas paralelas. Ele as observou enquanto sumiam.

– Uma família de nome Twickleham vai alugar o espaço – Petra continuou – eles são de Velhus Excentricus. Não exatamente uma província conhecida por consertos eletrônicos, posso afirmar, mas juram que entendem de tudo isso. E vão estar aqui em um mês.

Elliot levantou o olhar para a torre do relógio.

– Vou para casa agora lavar minhas roupas – ele falou. – E pegar coisas para comer. Tomo o trem das três e meia em direção ao norte...

Ele parou. A mãe movimentava o maxilar da maneira que sempre o fazia estalar.

O maxilar estalou. Como de costume, isso a surpreendeu.

Em seguida, ela voltou a falar, só que agora a voz havia mudado. Tinha ficado gentil e suave. Ele teve de se inclinar para ouvi-la.

– Elliot – ela disse –, o fato é que: é duro começar meus dias sem seus *muffins* de mirtilo – ela fechou os olhos. – Você faz os melhores *muffins* da província.

– Ah, que bobagem – ele respondeu, mas então ela abriu os olhos e deixou que ele visse, apenas por um instante, como as coisas realmente estavam sendo para ela.

Como tudo estava desde que seu pai desaparecera, desde que ele mesmo havia partido em busca do pai, por boa parte daquele último ano. Ele viu os fragmentos dela.

Virou de costas.

Franziu a testa várias vezes. O rosto se franzia, se esticava, e depois os sulcos retornavam. Pequenos vês da testa franzida, como pássaros em desenhos de criança.

Os machucados pareciam mais roxos.

Ficou de pé e observou a praça.

Agora, uma expressão diferente, impaciente, tomou seu rosto. De um jeito brusco, largou a mochila na cadeira e se afastou a passos largos.

A mãe o observou.

Elliot parou no centro da praça e coçou a nuca. Traçou uma linha na neve com a bota. A linha virou num canto, depois em outro, até formar um

quadrado. Um quadrado na praça. As crianças rolavam abóboras além dele.

Levantou os olhos. Seu olhar encontrou uma caminhonete parada no outro lado da rua. Estava cheia de caixas vazias.

Andou até ela, agarrou algumas das caixas, voltou e as alinhou com o traçado que havia feito na neve.

As crianças, que brincavam, pararam e observaram. Ele pegou algumas das abóboras e as colocou em uma caixa.

Agora, os adultos observavam também. Eles os ignorou e continuou trabalhando, voltando para a caminhonete a fim de pegar mais caixas.

Algumas poucas pessoas compreenderam o que fazia e se juntaram a ele.

Dentro de instantes, várias outras também ajudavam. O ritmo acelerou. Caixas se apressavam para o centro da praça e braços repletos de abóboras corriam em direção à elas. Pegavam-nas e as posicionavam, duas abóboras para cada uma. Caixas alinhadas em cima de caixas, abóboras enfiadas de maneira organizada dentro delas. Lentamente, a base de uma pirâmide se formou.

O xerife observava, boquiaberto. Por fim, tirou o casaco e correu para ajudar também.

Linhas de montagem passavam abóboras de mão em mão, como uma dança em alta velocidade. Alguém arrastou uma escada dos fundos da Loja Cofrinho.

Elliot deu um passo para trás.

Ao menos vinte pessoas trabalhavam na pirâmide agora.

Ele girou nos calcanhares, deixou-os ocupados com isso e voltou para o Café Padaria.

A mãe semicerrou os olhos ao vê-lo, orgulhosa.

– Foi algo bem bacana isso que você fez – ela falou.

– Metade das abóboras havia sumido ou sido esmagada – disse dando de

ombros. – Então, usei caixas. Vai dar uma pirâmide menor, eu acho, mas deve ficar bom.

– Vai ficar muito elegante – a mãe concordou.

Elliot pegou a mochila de novo.

– Certo – ele disse.

Petra inclinou a cabeça em um gesto de questionamento.

– Certo – ele repetiu. – Vou ficar por mais algumas semanas.

Ela esticou o braço para tocar a manga dele. Parecia prestes a chorar.

– Vou ficar até a final. Mas, no dia seguinte ao jogo... – ele avisou – ... vou partir de novo. Para o Lago dos Feitiços. E vou usar o livro para pegar um Feitiço Localizador. Vou encontrar o papai.

Ela concordou com um gesto de cabeça.

– Vou dar uma olhada na fiação da estufa agora – ele avisou.

Não olhou para trás até chegar à torre do relógio. Depois, parou e observou por um momento, enquanto eles terminavam a pirâmide. Uma garota quase caiu de uma escada, as mãos escorregadias devido ao suor. Uma caixa começou a balançar perto do topo, e alguém gritou e a pegou. Houve aplausos, gritaria, xingamentos e vivas.

O xerife olhou para trás, avistou Elliot e bateu uma vigorosa continência em sinal de gratidão.

Elliot diminuiu o passo, levantou a mão e deu um meio sorriso para ele.

Depois, com um quase imperceptível dar de ombros, virou-se e se dirigiu para casa.

PARTE 3

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

1

Ele observava pela janela procurando Madeleine.

Tinha as mãos na cabeça.

Seu nome era Giacomo Cagnetti, mas atendia pelo nome de Jack. Era de Áries, tinha quinze anos, e o cabelo sob as mãos parecia duro e eriçado. Embora, quando houvesse se virado para o lado, para ver seu reflexo no vidro, seu cabelo lhe parecesse macio e liso.

Atrás dele, também observando pela janela, mas com um olhar distante e alheio, estava Annabelle Pettifields (ela atendia por Belle). Era de Libra e tinha a mesma idade de Jack. Desde que ele a conhecesse, e haviam se conhecido quando tinham cinco ou seis anos, a primeira coisa que vinha à cabeça de Jack quando a via era *estúpida*.

A palavra *estúpida*.

Imagine se Belle soubesse disso. Algumas vezes, um instante de medo fazia pressão sobre um ponto atrás da orelha de Jack, só de pensar na ideia de que pudesse contar para ela acidentalmente. Ele poderia estar bêbado ou sob efeito de drogas. Ou o sol poderia brilhar no Rio Cam, com os dois sentados à margem, observando os patos, os barqueiros e os turistas, e ele poderia apenas comentar sem nenhuma razão: “Sempre que vejo você, penso ‘*estúpida*’”.

Não seria algo que ela perdoaria, não é?

Ainda mais por serem os melhores amigos um do outro.

Agora, no entanto, o que incomodava Jack era seu cabelo. Ele continuava tocando-o, esperando descobrir que era mesmo macio, ou ao menos tendo a esperança de encontrar uma região de maciez. Costumava ser tão sedoso quanto um apresentador da BBC ou um concerto de violino, não costumava? Esse era o ponto. Quando havia sido? Quando era um garoto? Mas agora, enquanto pensava em outra coisa, havia se tornado duro, a aspereza se infiltrando fio a fio, e hoje era a primeira vez que notava isso.

Tirou as mãos do cabelo e as examinou, em vez de se concentrar nele. A nova verruga ainda estava lá. Torcia para que houvesse sumido sozinha, mas não. Lá estava ela, na lateral do dedo médio. Ele tinha tendência a verrugas.

Agora, como podia lidar com uma simples e agradável fantasia de estender a mão para pegar na de uma garota, se tinha sempre que adequá-la para garantir que estendia a mão sem verruga?

Além disso: como imaginar uma garota correndo os dedos entre seus cabelos se você sempre chega ao ponto em que a garota afasta a mão e comenta: “Nossa, que cabelo duro, hein?”.

Essas eram fantasias bem básicas... segurar a mão de uma garota, deixá-la gentilmente tocar seu cabelo... Não era pedir muito.

Belle murmurou: “Aí está ela”, e Jack olhou e viu que ela estava lá, virando a esquina da Rua Sidney com a St. John.

Madeleine Tully, catorze anos de idade e do signo de Peixes – seu aniversário tinha sido logo no outro dia.

Ela usava botas vermelhas e uma *legging* preta, saia verde e casaco azul vibrante, além da tiara larga xadrez branca e preta de que ela gostava – que puxava o cabelo escuro (macio, macio) para longe da testa –, e carregava um guarda-chuva cor de tangerina.

Ela andava em meio à multidão de pessoas de cara fechada e vestidas de cinza.

Aí vêm as cores de Madeleine, pensou Jack, e as cores iam direto para sua corrente sanguínea agora, navegando em minúsculos barcos – as velas presas em diminutos palitos de dente.

Meu cabelo é como o pelo de um lobo, ele pensou de repente. *Parece macio o pelo de um lobo, mas provavelmente é áspero ao toque.*

Isso o fez se sentir melhor. Pensar em si mesmo como um lobo.

Jack, Belle e Madeleine tinham aula particular juntos, embora nem sempre em casa.

Às segundas, era com Federico Cagnetti. Ele era o avô de Jack, e ensinava História para eles.

Às terças, era com Darshana Charan. Ela era ex-microbióloga, atualmente uma empregue (era como chamavam a faxineira diarista em Cambridge), e dava aula de Ciências e Matemática, em troca de servirem de babá sem cobrar nada para suas duas garotinhas.

Às quartas, era com Olivia Pettifields, a mãe de Belle, e seus temas eram Francês e Cidadania.

Às quintas, era o cara que trabalhava com computadores e morava no andar de baixo do apartamento de Madeleine. Ele ensinava Tecnologia de Informação e Comunicação e Geografia, e não recebia nada por isso. Acontece que ele tinha estado na festa na qual haviam decidido que as crianças teriam aulas particulares e já estava na quarta cerveja quando isso ocorreu.

E, às sextas, era Holly Tully – a mãe de Madeleine –, que dava aula de Inglês, Literatura Inglesa e Arte. (Ela também acabava dando aula de conhecimentos gerais, pois os fazia ajudá-la a praticar as perguntas do

programa que assistia.)

Hoje, como era segunda, era dia de Federico.

Federico Cagnetti era cheio de tufos.

Tinha sobancelhas brancas com tufos, tufos no cabelo em ambos os lados da cabeça, sendo no restante careca, e mais tufos crescendo das orelhas e das articulações dos dedos. Ele era alto, mas curvado cerca de 75 graus – seu corpo ereto era um declive. A maior parte do tempo ele fazia cara feia, mesmo quando suas palavras eram gentis ou amigáveis.

– Os narcisos estão provando o sabor do sol – dizia com seu sotaque italiano. – E digo apenas isto: são mais supremos que quaisquer outros em sua beleza!

Enquanto ele falava, linhas ferozes marcavam sua testa. Ele só sorria quando estava com raiva, nervoso ou triste.

Era zelador na faculdade Trinity, uma das mais famosas de Cambridge, e, às segundas, eles se reuniam num pequeno escritório acima do alojamento dos zeladores. Ninguém tinha certeza de se ele estava autorizado a usar esse escritório, e na verdade sorria de leve toda vez que ouvia passos passarem pela porta – ou mesmo ao menor barulho no corredor –, então talvez não tivesse.

Agora, no entanto, estavam sentados no escritório, e Federico assoava o nariz em um grande lenço branco.

Ele dobrou o lenço e o enfiou no bolso da calça, franzindo profundamente o cenho enquanto fazia isso, como se o lenço tivesse falhado com ele de alguma maneira. Depois se inclinou para frente, de modo que o queixo ficou pressionado contra o peito. Sempre começava dessa maneira: sem olhar para eles.

– Tantas pessoas – ele disse para o peito. – Tantas pessoas extraordinárias vieram a essa universidade! Elas podem não estar aqui *agora*, mas isso

importa? Isso importa? Não estarão aqui, ainda que da própria maneira? – Sua voz, que havia começado como um murmúrio, se elevou até um rugido, e ele levantou o queixo simultaneamente às palavras, o olhar percorrendo todos eles, enfurecido. – E o que nós estamos fazendo? Estamos sentados aqui? Estamos sentados aqui?!

– Sim – concordou Belle de forma complacente.

Jack e Madeleine também assentiram com um gesto de cabeça, e então a ferocidade de Federico relaxou, transformando-se em uma espécie de careta de satisfação, e ele se reclinou e se serviu de café.

Um silêncio confortável se estabeleceu por um tempo. A chuva caía lá fora, e a voz dos estudantes se elevava do Grande Pátio.

– Não é *hoje*, é? – a voz de uma garota dizia, e dois garotos riam, mas não respondiam nada para ela. – Não é *hoje*, é? – ela repetiu.

– Estamos sentados aqui na Faculdade Trinity, o que é uma honra e um privilégio, e por quê? – O queixo de Federico estava de volta ao peito. – Por que é uma honra estar aqui?

– Porque você nos permite isso – respondeu Belle. – E nos ensina, essas coisas todas.

– E o que mais? – indagou Federico num tom irritado.

– Porque ela é muito velha, e tão histórica, e eles têm, tipo, muito dinheiro.

– Quão velha?

– O rei Henrique VIII foi quem a começou, não foi? – falou Belle. – E isso foi por volta de 1546, e o que ele fez foi... ele pegou duas outras faculdades que eram ainda mais velhas, do tempo da Idade Média, não foi?

– Muito bom – Federico disse a ela. – Exceto por alguns pedaços. Você diz “não foi?” e “por volta de”, e todas essas incertezas. Quem lhe ensinou isso? Eu ensinei a você. Essas incertezas, elas são uma afronta ao meu conhecimento!

– Tudo bem – concordou Belle.

Jack observava o rosto de Belle enquanto ela conversava com seu avô, e ele pensava naquele momento que ela era muito inteligente. Só tinha um jeito meio devagar de vez em quando.

Quando fazia leituras de aura, Belle era rápida como um chicote. Mas, se você fazia uma pergunta generalizada para ela, mesmo uma básica como “Tudo bem?”, ela pensava na resposta por tempo demais. Algumas vezes, é porque ela estava tentando se decidir – ela podia ser bem indecisa, como toda libriana –, mas com frequência é porque tinha esquecido completamente a pergunta.

Mais interessante que isso, porém, eram as características dela. Seus olhos eram enormes e largos, e ela esquecia de piscar por longos períodos. Outras pessoas piscavam em intervalos regulares, mas não Belle. De vez em quando, seus olhos entravam num pânico descontrolado, quando então ela piscava e piscava para compensar.

Ela tinha um desses rostos meigos, o tipo que pessoas chamam de suaves, ou de infantil, com o lábio superior ligeiramente elevado, como se devesse ter dentes de coelho, mas não os tivesse.

Por fim, ela acreditava mesmo em auras.

Embora ela tirasse sarro de Jack por seu interesse pelos signos.

Por tudo isso, não era surpresa que Jack tivesse desenvolvido o hábito de ver sua amiga Belle e pensar: *estúpida*.

– Aqui – Federico dizia, e Jack desviou o olhar de Belle e viu que seu avô apontava em direção a um chapéu de feltro preto. Estava virado de cabeça para baixo, ao lado do bule de café. – Aqui, dentro do meu chapéu, escondi os nomes de pessoas famosas que já passaram por Cambridge! Vocês vão pegar um nome do chapéu, e depois o que vão fazer? Vão ler sobre elas! E, daí, sabem o que têm que fazer?

– O quê? – perguntou Belle.

– *Tornarem-se* elas. Você vão se tornar essas pessoas! Porque é por esse motivo que é uma honra estar aqui! Vocês podem andar nas ruas em que elas andaram, ver o céu que elas viram, subir nas árvores em que subiram, ler os livros que leram, comer a comida que comeram, e assim por diante.

– Não é o mesmo céu – Jack falou, pensativo. – Ele está sempre mudando. Estrelas morrem e você fica com estrelas anãs negras, estrelas de nêutrons ou buracos negros no lugar.

– Um monte de árvores está morta também – acrescentou Madeleine. – De cancro bacteriano.

– Não ia me importar de ter isso – falou Belle. – Parece bom, não? *Oh, desculpe, não posso fazer a lição de casa; estou com cancro bacteriano. Oh, não, desculpe não posso lhe dar uma moeda de esmola; tenho uma doença terrível: cancro bacteriano.* – Ela tocou as bochechas. – Mas não no rosto.

– Por que você precisa de uma doença para explicar por que não tem uma moeda de esmola? – Jack perguntou. – Se alguém lhe pede dinheiro, você só diz que não tem e pronto.

– Espero que a gente não precise comer a mesma coisa que essas pessoas famosas comeram. – Belle comentou. – Ela estaria completamente mofada.

– Ou digerida – acrescentou Madeleine. – Porque eles já mastigaram.

Federico os ignorou.

– Bem, alguém pode dizer o nome de uma pessoa famosa que esteve aqui em Trinity?

– Aquela garota dos filmes *Matrix* – falou Jack. – Espere aí, não, ela *era* Trinity. Era o nome dela.

– Vocês são tão engraçados! – Federico sorriu, enfurecido, e depois resmungou: – Ah, os nomes estão no chapéu. – E estendeu o chapéu em direção a Belle.

Papéis estalaram sob os dedos de Belle. A princípio, ela estava concentrada, mas a cabeça se inclinou um pouco e o olhar se perdeu, a mão movendo-se com gentileza pelo chapéu enquanto pensava em outra coisa.

Eles esperaram.

Ela se lembrou do que fazia, por fim, tirou um papel e o leu.

– Charles Babbage – falou.

Federico fez uma de suas caretas de prazer.

– Ah, então, Charles *Babbage*! Você sabe quem é ele, Belle?

– É o pai em *Mary Poppins* – Belle respondeu de imediato.

Os outros a olharam desconfiados.

Frederico franziu a testa.

– Esse nome parece com o de um personagem de um livro infantil, Belle, você está certa. Mas ele não é essa pessoa. Bom, deixa pra lá. Você vai pesquisar para saber quem é! E vai nos dizer na semana que vem. E, depois, vai se transformar nele. Certo?

– Certo. – disse Belle que dobrou o papel de novo e de novo, até que ficasse menor que sua unha.

– Você vai perder isso – Jack avisou, mas ela o ignorou.

Jack foi o seguinte a escolher um papel do chapéu, e pegou Lorde Byron.

– Esse é poeta – ele disse.

– Louco, malévolo e perigoso de se conhecer – Federico completou. – As mulheres... elas gostavam desse homem.

– Então está ótimo – disse Jack.

– Você tem que andar por aí sendo *ele*? – Belle perguntou. – Ah, bem, que sorte você tem em ser tão bom ator. – disse rindo com tanta força da própria piada que tiveram de lhe dar um tapa nas costas.

O chapéu foi passado para Madeleine.

Ela enfiou a mão nele, depois abriu a palma e havia dois papéis dobrados

nela.

– Não desdobre esses papéis! – Federico disse na mesma hora, o pânico avermelhando suas bochechas. – Escolha. Escolha primeiro! Você deve desdobrar apenas aquele que escolher!

Madeleine encarou a mão.

Um papel dobrado estava próximo do pulso, outro próximo dos dedos.

Um raio de luz do sol atravessou a janela e pousou em sua palma, separando os papéis.

Todos olharam para a janela.

A chuva havia parado. Havia azul entre as nuvens. Lá fora, tudo estava silencioso, como se as pessoas se sentissem incertas quanto ao brilho do sol – mesmo uma única palavra poderia arriscar o retorno da chuva. Então, de repente, em algum lugar, alguém tossiu.

– Qual você escolhe? – sussurrou Belle.

Madeleine pegou o mais próximo do pulso.

– É Isaac Newton – ela disse, em seguida, um tanto incerta, acrescentou: – Ele não descobriu a gravidade?

2

Imagine isso, Jack pensava.

A luz do sol reluzia nas pedras de cantaria molhadas, e Madeleine se afastava de Jack e Belle, enquanto sua mãe se aproximava.

A mãe de Madeleine, Holly Tully, tinha vindo para Cambridge oito meses atrás, com a filha e a máquina de costura. De início, Madeleine havia se inscrito em Netherhall, a escola na Estrada da Rainha Edite, onde Jack e Belle a haviam conhecido. Dentro de semanas, no entanto, Holly tinha dado uma festa na qual havia persuadido o avô de Jack e os pais de Belle, além dos próprios amigos recentes de Holly, Darshana e o sujeito do computador do

andar de baixo, a começar o esquema de ensino particular para eles.

Tanto Holly Tully quanto sua filha eram estranhamente convincentes quando falavam. A voz de ambas tinha um tom que você precisava baixar a cabeça para ouvir, de uma maneira que acertava Jack no meio do estômago e depois subia de um jeito agradável, até o centro da nuca.

Madeleine usou sua voz para falar sobre coisas inesperadas, como vagens de baunilha, impostos sobre cigarros, a envergadura das asas de uma borboleta e publicidade em programas de TV. Holly usou a dela para falar sobre educação, liberdade, o programa de perguntas e respostas do qual queria participar e ganhar, e chocolate.

Ali estava Holly agora, andando por entre a penumbra e a luz do sol. O som dos saltos das botas ecoava. Ela usava jeans preto, o cabelo num rabo de cavalo alto que caía abaixo do pescoço – *um longo pescoço, porém mais cisne do que girafa*, Jack pensou. Uma pilha de roupas envoltas em plástico se apoiava sobre o ombro de Holly, o dedo enrolado em volta dos ganchos dos cabides.

Madeleine alcançou a mãe e se virou para acenar, dando adeus a Jack e Belle.

Imagine isso, Jack pensou de novo, e essa era a frase que vinha em sua mente sempre que as via juntas.

Madeleine e a mãe – os olhos brilhantes, as roupas de Oxfam, o apartamento no sótão...

E já tinham sido ricas.

Elas costumavam viver pelo mundo afora. Paris, Nova York, Amsterdã, Copenhague, e ainda mais longe, ao norte, em lugares que chegava a considerar imaginários. Teria havido iates, hotéis, champanhe em terraços; elas deviam ter flutuado sobre rios cobertos pela luz da lua.

Quando Jack lançava o olhar para a antiga vida de Madeleine, captava

vislumbres de velas tremulando ao sabor das rajadas de vento, renas batendo o casco e respirando névoa, diamantes costurados em pregas de tecido e se derramando feito gotas de chuva numa janela.

Algumas dessas imagens Jack havia inventado por si próprio, mas, ainda assim...

Tinha havido um pai também, que era alguém do alto escalão de uma corporação multinacional. A família fora se mudando pelo mundo afora com um grupo de amigos ricos. Os amigos eram de diferentes tipos físicos e tamanhos, mas todos com nomes desconcertantes.

Jack havia reunido esses nomes por cabos; mantinha-os arranjados num vaso à direita de sua mente. De noite, antes de cair no sono, respirava a fragrância de cada um, os detalhes que Madeleine havia compartilhado.

Mas ela não sabia nada sobre o signo deles.

Mal sabia qual era o dela mesma.

Bem no princípio, quando tinham começado a ter aulas particulares juntos, ele havia escrito um recado na margem de uma das folhas de caderno dela: “Qual é o seu signo estelar?”.

Ela tinha se virado para ele:

– Qual é o meu signo estelar?

E ele pôde ver que ela apreciava a ideia de ter um signo estelar; vira nos olhos dela que sua mente pensava em coisas estelares para se ter.

É verdade que a letra dele era ruim: mal dava para perceber o *g*.

Mas, quando ele riscara o recado e escrevera *signo*, sublinhando o *g* três vezes, um olhar vago tomara conta de seu rosto e ela pensara por um momento, antes de dizer “Peixes”. Depois, sorria.

A família de Madeleine tinha sido tão rica que quase tudo que haviam feito tinha sido para se divertir ou para caridade. Ou um, ou outro.

Holly Tully havia competido naquele programa de perguntas e respostas

londrino uma vez como uma espécie de piada – ou um truque publicitário, ou com fins de caridade; Jack não tinha certeza de qual tinha sido o motivo, e ele pensava que talvez fosse um pouco dos três. Mas agora a máquina de costura que ela havia ganhado era tudo que lhe restara.

– O que aconteceu? – Jack perguntou.

– Foi assim – Madeleine respondeu na mesma hora, o rosto abrindo-se num sorriso, como se ele tivesse pedido a ela que compartilhasse sua piada favorita. – Estávamos em Paris para um baile de caridade, aí decidi pegar o Eurostar para Londres. Apenas, você sabe, por diversão. Durante o final de semana. Eu costumava fugir de casa de vez em quando, sabe? Mas, antes disso, sempre voltava. De qualquer forma, entrei no trem e adivinha o que aconteceu?

– O quê?

– Mamãe estava lá! Ela vinha querendo deixar papai, e, quando percebeu que eu ia fugir de novo, pensou: *Por que não ir junto?*

– Por que não? – Jack concordou de modo tímido. – Certo, vocês vieram para Londres no Eurostar juntas, mas como vieram parar em Cambridge?

– Decidimos deixar um desconhecido qualquer decidir nosso destino. Quando descemos em Londres, vimos uma mulher com um guarda-chuva verde parada na plataforma. Nós a seguimos, e foi para cá que ela veio.

Jack, que nunca ficava sem palavras, desta vez só a encarou.

– Você sabe o que é engraçado? – perguntou Madeleine. Seu sorriso sumiu, e Jack se inclinou, esperando um tremor, talvez lágrimas. Quem sabe ela sentisse falta do pai, ou da vida de rica; talvez quisesse voltar para casa. – Em todas as dezessete vezes e meia que eu havia fugido de casa antes, minha mãe nunca tinha vindo junto nenhuma vez.

De um jeito abrupto, o brilho e o riso voltaram a seus olhos, e, antes que ele fizesse outra pergunta, ela já fazia uma a ele.

Ela queria saber onde os pais dele estavam. Por que ele vivia com o avô. Por que usava botinas. Se alguma vez ele havia raspado as sobrancelhas. O que ele achava do liberalismo econômico.

Jack se descobriu contando sobre o acidente que havia tirado a vida de seus pais quando ele tinha dois anos; sobre a fonte com problemas de funcionamento na cidade natal do avô, na Itália; sobre sua fobia de jacarés; da vez em que tentara escalar um cano de escoamento cinco andares acima do chão para impressionar uma garota; do fato de que não fazia ideia do que era liberalismo econômico. E ela o ouvia com intensidade, a mão na boca, a risada escapando repetidas vezes.

Com frequência ela fazia Jack se sentir como se tivesse futuro como ator de comédia.

A mãe dela era assim também: você podia fazer ambas caírem numa risada histérica só com uma pitada de sotaque. Um gingado na fala. Uma piada boba sobre uma xícara quebrada.

Madeleine e a mãe.

Lá iam elas.

Virando-se para acenar e sorrir mais uma vez, e então se afastando.

Meia-calça e saia plissadas brilhando atrás dela; formas que ondulavam com os raios de sol.

Jack voltou-se para Belle, e ela se voltou para ele.

– Vamos encontrá-la mais tarde para pedalar até Grantchester? – Belle perguntou.

Jack concordou com a cabeça.

– Estou com um pouco de fome agora.

– *Souvlaki* de frango?

– Você leu minha mente.

– Sua aura está meio estranha – falou Belle.

– Você e suas auras – falou Jack.

– Ela, tipo, tem umas manchas de grama nela. Você está ficando resfriado ou algo assim.

Jack levantou o dedo médio.

– Estou com uma nova verruga – ele disse.

– Ah. Isso explica, então.

Ele deu um peteleco na bochecha dela, bem forte, e ela protestou:

– Ai.

Depois, foram embora.

3

Estavam indo de bicicleta para Grantchester – Madeleine, Jack e Belle – pelo caminho em meio à campina, ao lado do rio. As rodas da bicicleta de Madeleine voavam sobre a lama seca, e ela também voou rumo a uma lembrança.

Uma vaca fungou e olhou em sua direção, e ela saiu da lembrança.

Ela contou a eles sobre aquela lembrança enquanto comiam bolinhos sob as macieiras, cadeiras de lona estiradas próximas do chão.

– Estava andando de skate, todos nós estávamos de skate, descendo uma ladeira.

– Onde foi isso? – falou Belle, de olhos fechados.

– Gênova. Na Itália. Estávamos passando o verão lá. Eu ia bem rápido; ia na frente dos outros, e a colina era íngreme. A rua fez uma curva e de repente havia um cruzamento, com carros voando em todas as direções. Daí, pulei da prancha de skate. E foi então que percebi como ia rápido. Fiz aquela coisa quando seus pés vão...

Ela parou e bateu os punhos na mesa.

– Não. Espere. Era mais rápido do que isso, mais como...

Dessa vez, tamborilou os dedos em vez dos punhos, as unhas fazendo cliques como uma digitadora, os dedos se enroscando e tropeçando uns nos outros.

– Você sabe, quando seus pés se movem em pânico, tentando sustentar seu corpo.

Ela fez uma pausa.

– Cheguei muito perto de cair – ela disse. – Mas não caí. Saí sã e salva.

Ela partiu um bolinho em dois, passou geleia e deu uma mordida.

– Isso é tudo? Essa é sua lembrança?

Belle se sentou, quase fazendo a cadeira de lona tombar.

– Não. Houve um engavetamento de seis carros. Eu saí sã e salva, mas meu skate foi parar no meio da avenida.

– Ah, então tudo bem.

Belle reconquistou a posição na cadeira e fechou os olhos de novo.

Jack tamborilou um dedo na lateral da cabeça de Belle.

– *Ah, então tudo bem?* Um engavetamento de seis carros. *Ah, então tudo bem?*

Madeleine riu, parecendo pensativa depois.

– Ninguém se machucou – ela disse. – Exceto os carros, pensando bem.

Todos eles refletiram sobre isso.

Por fim, Belle falou:

– Você chorou?

– Nunca choro – respondeu Madeleine. – Não sou o tipo de garota que chora.

– Com quem você estava andando de skate? – Jack perguntou. – Era com Tinsels, Corrigan, Warlock e esse povo?

– Seus amigos têm cada nome estúpido... – murmurou Belle.

– Meu pai estava lá também – falou Madeleine. – Estava mais para os lados

da colina, na lateral da rua. Eu lembro, quando fui pegar meu skate, de que ele foi jogado no acostamento, junto com cacos de vidro dos carros, mas estava bem; de qualquer forma, quando o peguei e comecei a voltar, foi nesse momento que eu o vi. Foi no ano em que ele tinha barba. Ele segurou as mãos na frente do rosto, os punhos cerrados, e deu um soco para baixo, no ar. Lembro que me deu a impressão de demonstrar o tamanho que a barba ia ficar. Então, virou-se de repente e se afastou.

Ficaram quietos nas cadeiras.

Jack lambeu o creme dos dedos. Tentou pensar em uma piada.

PARTE 4

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

Alanna Baranski, dona e gerente da Pousada Melancia, usava um chapéu laranja tricotado com um pompom do tamanho de uma bola de tênis.

Quando estava feliz com alguma coisa, Alanna balançava a cabeça de um lado para o outro, como se não acreditasse naquilo. Agora, ela estava sentada nos degraus da frente de sua pousada e observava o sobrinho, Elliot, se aproximar. Ele abriu caminho em meio aos convidados e seus filhos, que brincavam na neve, parando uma vez para arquear a sobrancelha quando uma bola de neve acertou-lhe a bochecha.

O pompom no chapéu de Alanna começou a balançar. Ela saltou para dar um abraço nele.

Elliot sentiu as omoplatas dela mesmo sob a parca. Deu um passo para trás e estudou as linhas nas maçãs de seu rosto, enquanto ela examinava os ferimentos do dele.

Sentaram-se nos degraus. O céu estava inteiramente azul. A luz do sol ofuscava, refletida na neve, e reluzia nos espelhos retrovisores laterais dos carros no estacionamento. Além do estacionamento, o rio relampejava e brilhava.

– Como estão as coisas? – perguntou Elliot.

– Bem – ela tamborilou os dedos, um por vez –, os pesadelos de Corrie-Lynn pararam. Estamos com metade dos quartos ocupados, o que é melhor do que tivemos por um certo período, sendo que ninguém tem contratado temporários com as colheitas do jeito que estão. E os canos não congelaram

da noite para o dia. Então, acho que posso dizer, Elliot, que as coisas estão melhorando.

Elliot esticou a mão enluvada e bateu na madeira da porta.

– Obrigada – falou Alanna. – Você sempre tem boas ideias, Elliot.

Ele sorriu.

– Onde ela está? – perguntou, e franziu os olhos para a profusão de crianças em casacos de neve.

Alanna apontou por entre arremessos de bola de neve e bonecos de neve para Corrie-Lynn, a priminha de Elliot, que cavava na neve com uma pá.

– Ela está tentando encontrar o novo sistema de *sprinklers* – Alanna explicou. – Acabou de ser instalado ontem nos jardins e agora ela está furiosa com a tempestade de neve por tê-lo soterrado.

Ambos observaram Corrie-Lynn. Ela estava bem agachada, enfiando a pá na neve, o rosto em um estado de concentração feroz.

– O que eu posso fazer? – ele disse inclinando a cabeça em direção à pousada.

Alanna balançou a cabeça negativamente de novo.

– Você é tão gentil. Qualquer dia desses, pode colocar uns ganchos para capas próximo da mesa de recepção, mas não há pressa para isso. Ouvi dizer que vai ficar na cidade por duas semanas desta vez, até depois da final dos jogos, e *já* consertou a fiação na estufa!

Elliot levantou as sobrancelhas.

– Você é vidente? Terminei a fiação faz dez minutos.

– Acabei de falar com sua mãe pelo telefone. Ela também disse que você reconstruiu a pirâmide de abóboras hoje de manhã.

– Não fui eu. Foi a cidade.

– O xerife deve estar levitando sobre as nuvens – Alanna suspirou. – Ele quer muito que a turnê real venha para cá! Não consigo imaginar por qual

motivo. Quero dizer, essas Princesas Irmãs...

Ambos riram.

À distância, soou o apito de um trem.

– Os selecionadores estão nesse trem, eu acho – Alanna falou. – Vamos torcer para que gostem da sua pirâmide.

Elliot riu.

– Não é minha – ele replicou.

O apito do trem soou de novo.

Na Estação de Trem de Fogueira, Hector Samuels, xerife do município, corria de seu carro para a plataforma.

O trem se aproximava com rapidez. O guarda da estação balançava uma bandeira e tirava algo do meio dos dentes.

O xerife se endireitou, ficando com as costas retas. Em sua cabeça, praticava um digno *Bem-vindo a Fogueira*, depois estendendo uma das mãos para ajudar os selecionares a descenderem do trem.

Lágrimas se formaram em seus olhos. De alguma maneira, haviam construído uma nova pirâmide. Sua cidade havia construído uma pirâmide melhor e mais inteligente. Como uma fênix ressurgindo das cinzas da tempestade de neve; como uma festa-surpresa, só para Hector.

Aquele Elliot Baranski, ele fizera seu coração se apertar. As coisas pelas quais havia passado no último ano, e mesmo assim chegara à cidade na noite anterior e reconstruíra a pirâmide pela manhã.

Seriam selecionados, era certeza. Aquelas Princesas Irmãs entrariam logo em Fogueira, e bandeiras seriam hasteadas, a banda da escola secundária iria tocar, trombetas...

Hector percebeu que usava o velho casaco de frio, e se perguntou se haveria tempo de pegar a jaqueta de segurança no banco de trás.

Mas não, o trem estava ali: um choque súbito de tinidos e estrondos na

estação.

E, por sobre o estrondo, cortando o barulho do motor e o rangido de freios; cortando o apito do guarda da estação; cortando tudo isso, ouviu-se o baixo e grave soar dos sinos de alerta.

Os sinos de alerta também podiam ser ouvidos por toda a cidade.

Na Pousada Melancia, pareceu por um momento que o céu se juntava ao clamor e aos risos das crianças brincando na neve.

Mas em um instante o lugar se desconjuntou como mãos arrancando peças de um quebra-cabeça.

As portas da Pousada foram escancaradas e as pessoas se acotovelaram, derramando-se para dentro. Vozes gritavam os nomes de crianças ou berravam “O que foi? Qual é o código?”. E então, conforme os sinos prosseguiam: “Código Cinza. É um Cinza de quinto nível!”.

Momentos depois, as portas, os portões de segurança e as persianas haviam sido fechados, seja deslizando, chacoalhando ou batendo.

Cachecóis e bolsas foram deixados espalhados na neve, junto com bonecos de neve derrubados.

Na estação, o trem quase parou.

Enquanto o motor silenciava, os sinos de alerta invadiram o ambiente em seu lugar.

A mão do xerife já estava levantada para fazer um cumprimento. Ele podia ver os rostos – faces dos selecionadores – logo atrás da janela da porta do vagão de primeira classe, prontos para desembarcar.

Foi nesse momento que as persianas de segurança desceram estrondosas – *bam, bam, bam*, por todos os vagões –, e o trem aumentou o ritmo, voltando com seu estrondo que se assemelhava a pancadas sucessivas, e acelerando linha afora.

O guarda da estação já travava a porta da guarita quando percebeu que o xerife ainda estava fora. Completamente congelado na extremidade da plataforma, uma das mãos no ar, o velho casaco esvoaçante ao vento.

O guarda procurou a jaqueta de segurança, destravou a porta e correu até ele.

Quando chegou lá, o Código Cinza de quinto nível havia vincado listras sangrentas nas mãos descobertas do xerife e na pele do rosto. Tinha feito também um rasgo na cartilagem de seu joelho.

Muito tempo depois de os sinos de alerta terem parado, a sala principal da Pousada Melancia ainda mantinha sua agitação excitada de sons abafados.

Os hóspedes queriam permanecer e conversar, repetindo as mesmas histórias. Ligações foram feitas e contaram que Hector, o xerife, estava no pronto-socorro, mas provavelmente se recuperaria. O restante da cidade parecia estar a salvo.

A conversa mudou para outros assuntos. Três diferentes climas eram esperados para o dia seguinte. Alguém achava que a Criança-Borboleta havia sido encontrada no Rio da Baga de Aronia, mas outros acreditavam que era uma farsa. O restaurante Le Petit fazia o melhor pato assado com molho de bordo da província, e seu creme *brûlée* de pera com baunilha era divino.

Por trás do barulho da conversa, vieram os sons de *tim*, *ploc* e *shh* de neve derretendo lá fora. Alanna e Elliot serviram cafés e fatias de torta de noz-pecã.

Do outro lado da sala, Corrie-Lynn estava aninhada num sofá próximo da lareira lendo um livro.

– Essa é a filha da dona – alguém murmurou. – Coitadinha.

Elliot fez uma pausa com o bule de café.

– Eu sei – respondeu outro convidado. – Seu pai foi morto num ataque de Cores um ano atrás.

– Ouvi dizer que duas outras pessoas da região desapareceram na mesma noite – interrompeu uma terceira voz. – O tio da garotinha, eu acho... Ele tocava uma oficina de conserto de aparelhos eletrônicos no centro. E uma professora local também. Sumiram. Ambos.

– Sem deixar nenhum vestígio?

Elliot coçou o pescoço. Colocou na mesa a xícara que estivera prestes a encher.

Deslocou-se entre os murmúrios e parou próximo de Corrie-Lynn.

Ela não o encarou. Observava uma das páginas em seu livro.

Elliot aproximou a cabeça para ler o título.

O Reino de Cello: guia de viagem ilustrado.

Ele o havia visto ali antes. Mantinham-no no beiral da lareira, com as brochuras para turistas e panfletos sobre atrações locais.

Ele tirou o livro das mãos dela, mas ainda assim Corrie-Lynn não o encarou. Seu olhar se desviou para as palmas da mão vazias.

Ele a observou por um instante, depois leu a página aberta:

Nota sobre as Cores

Embora Cello seja um lugar maravilhosamente “colorido”, no sentido tradicional da palavra, também é lar de uma grande população de “Cores”. Estas são organismos vivos: um tipo de subclasse rebelde das cores que vemos quando olhamos para uma maçã vermelha ou um céu azul.

Bem, aconteceu de eu conhecer um homem (Wilbur) que só teve sorte quando o assunto era Cores. Ele só encontrou as cores mais gentis... Rosas de quarto nível (que lançam uma nova luz sobre as coisas para você), Verdes de segundo nível (extraem a beleza de seu sorriso) e assim por diante.

No entanto, deixe-me ser honesto. A experiência de Wilbur é rara (e eu algumas vezes me pergunto se ele não inventou aquelas histórias para mim).

O fato é que há cores perigosas no nosso reino. Eu mesmo tenho uma cicatriz bem fina no pulso esquerdo – resultado de um encontro com a extremidade final de um Púrpura-Cereja (que confundi com Carmim), e durante sua visita a Cello você provavelmente vai encontrar pessoas que perderam membros da família para ataques Cinza ou respingos de Violeta. Nenhum risco deve ser subestimado: um grande ataque Amarelo de primeiro nível (também conhecido como Amarelo-Limão) *pode* matar (ou ao menos cegar) toda uma cidade.

No entanto, não se alarme! Um grande ataque é raro, e tudo que você precisa é estar equipado com a roupa protetora apropriada. Também é provável que deva se familiarizar com o sistema de sinos de alerta.

De maneira alguma você deve deixar a possibilidade remota de um ataque de Cor impedi-lo de visitar Cello, no entanto.

Elliot fechou o livro. Sentiu algo se alvoroçar dentro dele. Ia arremessar o livro pela sala. Ele acertaria a parede, as páginas voariam por todo lado e ele pousaria com um baque no chão. Sentiu o arremesso dentro dele, os ombros tensos, prontos.

Mas se obrigou a relaxar.

Colocou o livro de volta no beiral da lareira. Alisou as extremidades.

Sentou-se ao lado de Corrie-Lynn, colocou-a no colo e a segurou firme.

PARTE 5

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

1

Era segunda-feira de novo.

No escritório de Federico, Belle se levantou para contar a eles quem era Charles Babbage.

Ela começou desdobrando o nome tirado do chapéu e segurando para todos verem.

– Charles Babbage – começou. – Seu nome quase rima com *bobagem*.

Federico concordou num movimento vigoroso de cabeça.

– Sim, quase rima com isso.

– E parece bastante com *bagagem* – ela acrescentou em seguida.

Houve uma longa pausa. Belle então apoiou a parte de trás das coxas contra uma cadeira e voltou o olhar para fora da janela. O silêncio continuou.

– Descobriu algo mais que isso? – perguntou Jack.

– Nunca gostei de carregar bagagens – falou Madeleine.

Belle se virou abruptamente, o olhar espantado.

– Não? – perguntou. – E quem gosta?

Em seguida, caiu na risada.

Jack e Madeleine riram também.

Ouviram-se um som que lembrava alguém tentando dar partida num daqueles cortadores de grama nos quais se tem de puxar uma corda. O ruído interrompeu as risadas.

Era Federico suspirando. Algumas vezes, ele suspirava de um jeito propositalmente barulhento e gutural, e repetia o suspiro, expandindo-o, até que eles percebessem.

– Tudo bem – falou Belle com tranquilidade. – Bem, até onde posso ver, Charles Babbage foi o sujeito que inventou o computador. Só que isso foi numa época anterior aos computadores, por isso ele não os inventou de verdade, no final das contas.

Ela se sentou.

Federico franziu a testa.

– Entendo o que está dizendo – ele comentou. Depois, numa voz ligeiramente estrondosa: – Diga mais!

– Ah – Belle se levantou de novo. – Charles Babbage era de boa – ela disse. – Ele inventou algumas máquinas porque estava cansado de somar coisas na cabeça. Mas ele não construiu as máquinas, entende? Porque não havia dinheiro nem tecnologia naquela época. Como eu já disse, ele não inventou de verdade o computador. Mas essas máquinas meia-boca que ele *construiu*, essas *foram*, tipo, os primeiros computadores.

Esticou os braços no ar, como se apontasse para o teto mofado. O celular protestou com um guincho, o que significava que ela havia recebido uma mensagem de texto (Jack dizia que o som parecia o de um rato agonizante). Ela arqueou as sobrancelhas, pensativa, e tirou o telefone do bolso.

Depois, lembrou-se de onde estava e o guardou de novo.

– Certo – ela continuou num tom irritado. – O que eu realmente gostei na história de Charles Babbage foi... Vejam, tinha essa garota que era amiga dele, e ela era sinistra. Então, quero ser ela em vez de ser ele. Posso?

– Quer ser uma pessoa diferente? – Federico exigiu saber. – Uma pessoa *sinistra*?

Belle concordou com a cabeça.

– Essa pessoa sinistra, ela esteve em Cambridge?

– E o que isso tem a ver?

Federico soltou um suspiro vigoroso. Um arfar mesclado a um suspiro, desta vez, com uma pausa de suspense antes de expirar.

Belle levantou as sobrancelhas para os demais.

– Esse trabalho deveria ser sobre pessoas que passaram por Cambridge – Jack explicou.

– Isso é estúpido, então – retrucou Belle. – Porque isso era, tipo, nos tempos antigos, quando eles não deixavam as mulheres entrar aqui. Eles só permitiram a entrada delas, tipo, ontem. Não faz sentido, Federico. Isso é história, certo? Bem, minha mulher faz parte da história. Ponto final.

Federico levantou os olhos e as mãos. Vozes soaram no corredor, e ele abaixou as mãos e coçou o nariz rapidamente, até elas desaparecerem.

– Tudo bem – respondeu ele. – Tudo bem, mude seu projeto. Estou intrigado com essa mulher sinistra que surgiu na sua história.

– Sinistra não quer dizer *sinistra*... – Jack começou, mas Belle já falava.

– Certo. Bem, o nome dela era Ada Lovelace, e ela virou amiga de Charles Babbage. Ela *realmente* gostava de computadores. Foi ela que inventou a programação.

– Sério? – perguntou Jack.

Belle concordou com a cabeça, depois deu de ombros.

– Acho que sim.

Federico olhava fixamente para Belle.

– Esclareça, por favor – ele disse –: isso que você disse é *tudo* o que sabe sobre Charles Babbage?

– Isso é tudo o que *há* para saber – replicou Belle, o tom de voz soando hostil. – E Ada é sinistra porque viveu nos velhos tempos, quando as mulheres, tipo, não sabiam de nada. Mas ela sabia de programação. Então...

Ela tentava olhar para o celular sem ser notada.

Nesse ponto, Federico pareceu pronto para fazer outra expiração teatral, mas soou uma descarga de banheiro em algum lugar mais à frente no corredor e ele abandonou o suspiro e passou para um novo tópico.

2

Quarta-feira à noite, eles compartilhavam batatinhas do carrinho de batatas fritas no Market Square. Madeleine havia acabado de ter um sangramento no nariz... Ela vinha tendo vários deles desde que viera para Cambridge, algo a ver com alergias. E, como de costume, Jack e Belle tinham discutido sobre a solução. Belle queria que Madeleine inclinasse a cabeça para trás, mas Jack dizia que ela tinha que curvá-la para a frente. Empurraram a cabeça dela para a frente e para trás, ora um, ora outro, até que o sangramento parou.

Agora, estavam sentados nos degraus. Era tarde, e o gosto do tempero nas batatinhas era picante, embora a iluminação da rua e o brilho do luar fossem suaves.

Jack perguntou para Madeleine:

– Ele nunca liga pra você? Seu pai, quero dizer. Ou escreve, ou, tipo, manda e-mail ou envia coisas?

Madeleine deu de ombros.

– Uma coisa é sua mãe se separar dele – insistiu Jack – Mas isso não significa que ele se separou de você. Vocês deviam se falar por Skype. Ele podia ser seu amigo no Facebook, abrir as linhas de comunicação, sabe? Você pode dar um *curtir* nas atualizações de *status* dele.

– Se elas forem engraçadas – Belle completou.

O silêncio envolveu os três.

Os dedos de Belle apalparam o saquinho em busca das batatinhas mais crocantes.

– Você tem sorte de ter Jack e eu como amigos agora – ela falou para Madeleine. – Amigos com nomes normais, quero dizer. Sem querer desrespeitar Tinsels e Warlock, ou quem quer que seja, mas isso aí a gente nem pode chamar de nomes.

– São bons nomes – contrapôs Jack com rispidez.

Belle arqueou as sobrancelhas.

– Além do mais... – Jack continuou, suavizando o tom irritado – ... além do mais, não é Madeleine que tem sorte por *nos* ter; é o inverso. Belle e Jack. Nossos nomes são bem curtinhos. Praticamente um sopro de palavra. O nome dela não; é como um riacho borbulhante. Várias sílabas. Um montão de letras.

Os olhos de Belle passaram a piscar rapidamente e então pararam.

– Meu nome na verdade é Annabelle – ela comentou.

Jack revirou os olhos e encarou Belle. Seu humor havia se transformado, a irritabilidade caindo por terra.

– É mesmo – ele falou, orgulhoso dela. – Você tem várias sílabas também. Não é um sopro de palavra, afinal.

– E o seu... – ela continuou – ... é Giacomo.

Isso fez os três rirem bem alto.

3

Na sexta de manhã, a mãe de Madeleine os levou para as aulas de Inglês e Arte.

Algumas vezes, eles se encontravam num café em Waterstones, que era uma livraria, porque cada meia hora gasta na mera presença física de livros (segundo afirmava Holly Tully; ela havia ouvido isso no rádio, foi o que contou para eles) permitia ao subconsciente absorver até um e meio por cento do conteúdo desses livros. Belle e Jack curtiam essa ideia, mas Madeleine ria

disso toda vez.

Hoje, no entanto, estavam no apartamento. Madeleine e a mãe encontravam-se lado a lado no sofá, e Jack e Belle estavam em cadeiras de cozinha, diante delas.

Holly Tully se inclinou para a frente, juntando as mãos ao unir dedo por dedo. Agora as mãos estavam entrelaçadas, e ela olhava para os três alunos, um de cada vez.

– Você está tentando se parecer com uma professora – falou Madeleine.

– Antes de começarmos – falou Holly, ignorando a filha –, Jack, você pode pegar o livro sobre a mesa de costura? O grande livro azul ali... não, esse é um livro de modelos e de maneira nenhuma é grande nem azul. Sim, é esse. Não, não me entregue, só o segure por um momento.

Jack leu o título em voz alta:

– *Mil fatos aleatórios.*

Belle se inclinou sobre o livro.

– *Mil fatos aleatórios* – ela repetiu, colocando ênfase na palavra *fatos*, enquanto Jack havia enfatizado *aleatórios*.

Jack se virou para ela com uma expressão de ofendido, mas ela deu de ombros.

– É por isso que está tentando se parecer com uma professora – falou Madeleine. – Por que está planejando não ser uma hoje.

Holly continuou a ignorá-la.

– Por favor, abra-o em qualquer página e faça uma pergunta.

– Certo. – Ele folheou as páginas, assoviando para si mesmo, e então disse:

– Aqui tem uma boa. O que é filematologia?

Holly se voltou para a filha.

– A única maneira de esse ensino particular funcionar é você esquecer que sou sua mãe e me respeitar como professora – ela retrucou, severa.

– Você é engraçada – respondeu Madeleine. – É como se não parasse nunca de me surpreender.

Belle tomou o livro das mãos de Jack e o folheou, indo para uma página diferente.

– Quem é Samuel Langhorne Clemens? – ela perguntou. – Quero dizer, por que ele se tornou conhecido? Não, tipo... quem ele *é*? Porque Samuel Langhorne Clemens poderia ser um nome como qualquer outro.

– Veja – Holly se virou de novo para Madeleine –, é verdade que esse breve interlúdio de realização de perguntas... é verdade que ele pode *incidentalmente* me ajudar a me preparar para o meu programa de perguntas e respostas, mas seu propósito *primário* é enriquecer mentes jovens.

Jack pegou o livro de novo.

– Posso dar uma corridinha para buscar um café? – ele falou enquanto folheava as páginas. – A Lua está em Áries. Significa que tenho uma necessidade maior de *cappuccinos* do que o normal. Certo, esta aqui é boa. De onde o ouro vem, Holly? Originalmente, quero dizer.

– E depois passaremos direto para poesia ou arte, com mentes jovens recém-estimuladas – acrescentou Holly.

– Todos ganham com isso – Jack concordou, e acrescentou: – Espere aí.

Belle tirou o livro das mãos dele de novo. Estava concentrada, balançando a cabeça em um gesto negativo, em seguida virava a página e balançava a cabeça novamente.

– Apenas pergunte alguma coisa – Jack a instruiu.

– Ela ainda não respondeu às primeiras perguntas – Belle argumentou.

E Jack retrucou:

– Você está demorando demais; eu já podia ter voltado com o café. – Esticou a mão para pegar o livro, que de alguma forma escorregou da mão de ambos e atingiu o chão com um baque.

Nesse momento, Holly Tully mudou.

A luminosidade em seu rosto se transformou.

– Vou lhes dizer – ela falou, o tom de voz sob influência dessa nova luz –, que tal fazerem alguns esboços da capela do King’s College? Para o estudo de Arte, quero dizer. Como lição.

Os outros reuniram as coisas enquanto conversavam, mas Madeleine olhava a mãe pelo canto do olho. Ela estava entrelaçando as mãos, mas desta vez não dava certo. Elas não se encaixavam.

Um ar assustado penetrou os olhos de Holly Tully e ela pressionou os dedos com força contra a testa.

4

Mais tarde naquele dia, Madeleine voltava de bicicleta sozinha para casa.

Havia um esboço, metade de um esboço, talvez, na mochila: um contorno da capela do King’s College com um estudo detalhado de fundo da embalagem de uma barra de Twix.

Sua mãe ia gostar disso.

Ela pedalava pelas ruas frias da primavera na luz acinzentada do crepúsculo de Cambridge.

Virou em uma rua tranquila. Um ou dois carros estacionados e uma porta giratória pichada com palavras – aquelas palavras estranhas e deformadas que os grafiteiros usam.

Seu pé acertou o pavimento da rua, e ela o usou para acelerar por um instante. Algo estranho chamou sua atenção, e ela parou.

Uma linha fina branca, o fim da extremidade de um papel dobrado, estava presa num buraco em um parquímetro.

Ficou de pé, uma perna de cada lado da bicicleta.

O parquímetro não estava funcionando.

Ele estava inclinado também, como uma árvore semiarrancada pela raiz, o concreto da base ligeiramente rachado.

Madeleine desviou o olhar de novo e, enquanto fazia isso, tudo o que sabia começou a lhe pesar sobre os ombros.

Ela sabia.

Que filematologia era a ciência do beijo.

Que Samuel Langhorne Clemens era mais conhecido como Mark Twain.

Que, originalmente, o ouro tinha vindo das estrelas.

E que sua mãe não sabia de nenhum desses fatos.

Madeleine agarrou o guidão da bicicleta: uma revelação grande e ousada se desenrolava em sua mente, e ela não queria vê-la. Afastou-se dela, buscando mais fatos. Falou a si mesma: *Também sei disso*.

Que Charles Babbage tinha nascido em 1791; que era mal-humorado e brilhante; que escrevia cartas ao editor reclamando dos ruídos noturnos: tocadores de realejo, pessoas que rolavam aros e músicos de rua bem na frente de sua janela. Que ele fechava os olhos e sonhava com máquinas que podiam resolver quebra-cabeças matemáticos sem cometer erros. Que enchia cada quarto da casa com coisas *semelhantes* a computadores. Que, cada vez que chegava à metade da construção de uma máquina, pensava numa maneira melhor e passava ao quarto ao lado para começar tudo de novo.

Ela sabia que Charles Babbage tinha escalado a vida saltando do apoio dos pés para o das mãos. Mas que não pôde ajudar ninguém ao notar que todo o resto das pessoas escalava de maneira errada. Eles ignoravam as rotas óbvias, escorregavam e ralavam os joelhos. E ele tinha de continuar fazendo uma pausa para puxar a orelha e gritar: *Não percebe que está fazendo errado? Ah, deixe-me tentar explicar*.

Ele escreveu uma carta para o poeta Tennyson certa vez, para reclamar da seguinte estrofe:

*A cada momento morre um homem,
A cada momento um homem nasce.*

“Se isso fosse verdade”, escreveu Babbage, suspirando, “a população mundial estaria em estado de paralisação. Na verdade, a taxa de natalidade é ligeiramente maior que a de mortalidade”.

Ele sugeriu que Tennyson, em vez disso, dissesse:

*A cada momento morre um homem,
A cada momento 1 1/16 homem nasce.*

Embora, “a rigor”, ele acrescentou, “o número real seja tão longo que eu não consiga incluí-lo em uma linha”.

Seu trem parou certa vez – vacas nos trilhos – e, em vez de ler o jornal, ele inventou uma pá. Uma pá de metal chamada limpa-trilhos. Logo, por toda Inglaterra, eles a estavam prendendo nas locomotivas a vapor, para afastar o gado.

Ele via coisas que precisavam de conserto ou ser desvendadas – o sistema postal, sinais de faróis, garantia de vida –, e as consertava ou desvendava. Ele inventava códigos, destrinchava pistas, construía chaves mestras. Ele encontrava maneiras de abrir caminhos, atravessá-los e chegar do outro lado.

Madeleine sabia de tudo isso porque vinha lendo.

Quando chegou a Cambridge, começou a colecionar fatos, quase por brincadeira, para ajudar a mãe a praticar seu programa de perguntas e respostas.

Mas ela percebeu, em primeiro lugar, que Holly falava sério quanto ao programa, e, em segundo lugar, que ela esquecia todos os fatos que Madeleine lhe oferecia.

Então, Madeleine parou de compartilhar.

Mas continuou colecionando. Em sua vida anterior, só havia lido livros de fantasia, mas agora lia fatos e mais fatos: livros, revistas científicas, jornais, guias turísticos. Era um estranho novo vício, mas a *verdade* é que os fatos ocupavam sua mente para ela não ter que pensar.

Agora ela estava parada no meio-fio da rua, as pernas no chão, um de cada lado da bicicleta.

A revelação estava de volta, e, embora se esforçasse por buscar mais fatos, ela era um clarão em sua mente, e era isto: *Quero ir para casa*.

O que era incorreto. Nunca haviam tido uma casa; era um estilo de vida. O que ela desejava dizer na verdade era que queria seu pai. Queria voar para longe daquele lugar, voar para os braços dele. Ela e a mãe se divertiam juntas, com certeza, mas o colorido real – o deslumbre da cor, o céu de fogos de artifício de sua vida – era o pai.

Sua mãe discordava.

– Não precisamos dele – ela dizia. – Essa agora é nossa nova vida. – Contornava todos os argumentos e perguntas de Madeleine, desviando de todas as palavras. – Confie em mim – ela falava. – É melhor assim. Nós mal víamos papai antes! Ele estava sempre tão ocupado.

– Ainda bem que agora o vemos o tempo todo. Muito engenhoso.

Nesse ponto, a mãe ligava a máquina de costura.

Dependia de Madeleine.

Ela não podia convencer a mãe a voltar, portanto tinha que fazer o pai vir e buscá-las.

Mas como ela ia conseguir chegar até ele? Podia ligar ou mandar um e-mail, mas isso poderia não resultar em nada. Seus assistentes é que responderiam. Ele sempre estava fazendo algo importante ou distraído com alguma outra coisa. Quando recebesse a mensagem, ficaria bravo demais para retornar a ligação. Mesmo que ela encontrasse uma maneira de falar com ele

pessoalmente, teria de transpor as camadas de sua raiva.

E, mesmo que ela *conseguisse* acalmar seu temperamento, ia ter algum outro obstáculo. Outra camada que permaneceria desconhecida para ela, mas que ela sabia estar lá. Algo que sempre parecia bloquear o caminho para alcançar o pai nos últimos tempos – para alcançar seu coração.

Era impossível.

Nunca poderia desvendar, destrinchar, decifrar, atravessar aquilo. Nunca poderia voar direto para os braços do pai. Ela estava presa, e elas nunca iriam para casa.

Tão logo se permitiu pensar nisso, soube que era verdade, e a verdade lhe caiu sobre os ombros, como uma criança que pula em você por trás, escala suas costas e se agarra à sua garganta...

Madeleine desceu da bicicleta.

O lance engraçado era, ela pensava agora, que, se tivesse enfiado a mão no chapéu de Federico naquele dia e tirado o nome de Charles Babbage, bem, ela teria segurado um nome que poderia abrir caminhos.

Mas havia tirado Isaac Newton.

O homem da gravidade.

Ela queria voar, e havia escolhido justamente o homem que ia prendê-la ao chão.

Encostou a bicicleta contra uma parede e viu de novo – aquela fina linha branca no parquímetro.

Tentou puxá-la com as pontas dos dedos, mas estava funda demais. Segurando duas unhas, uma acima e outra abaixo, conseguiu agarrar a ponta e lentamente retirá-la.

Era um pedaço fino de papel, dobrado na metade.

Ela o desdobrou e leu:

Socorro!

Estão me prendendo contra minha vontade!

Ela riu alto, olhando para a base do parquímetro: o concreto rachado.

– Você está tentando escapar – ela falou.

Depois olhou ao redor para ter certeza de que ninguém a tinha visto conversar com um parquímetro. A rua estava vazia.

Escurecia; tudo tinha ganhado tons de cinza.

O papel na palma da mão a fez estremecer de repente.

Estão me prendendo contra minha vontade!

E se fosse real? Uma mensagem de um estranho que estava preso?

Um lugar bem bizarro para colocar esse bilhete, pensou, e riu de novo.

Estão me prendendo contra minha vontade!

Sob o céu que escurecia, tirou um papel da mochila e escreveu uma resposta para o bilhete.

Dobrou o papel e enfiou no parquímetro, até não ser nada além de uma fina linha branca.

Em seguida, pedalou para longe.

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

5

A chuva caía rápida e cortante: as luzes da rua e os carros estacionados encolhidos lá fora ao pôr-do-sol.

Jimmy Hawthorn, vice-xerife, estava parado junto à janela com um copo de uísque nas mãos. Do outro lado da rua, no pátio do colégio, Elliot Baranski jogava uma bola contra a parede. Cada vez que Elliot a arremessava, a bola desaparecia num arco de meia-luz, para depois reaparecer com respingos.

– Recebeu algum fax? – Jimmy perguntou, ainda olhando pela janela.

O xerife estava em sua mesa; ajeitou-se na cadeira de couro e esticou a mão para a máquina de fax atrás dele.

– Ah, droga – falou.

Jimmy observou enquanto Hector pressionava a bandagem na mão direita. Largas bandagens traçavam listras diagonais pelas bochechas; um quadrado menor estava centralizado na testa.

– Elas não param de deslizar na pele – Hector explicou. – E começam a sangrar com o movimento. Parecem estar num ângulo errado, o tipo de ângulo que não permite aderência à pele. Pior é a da nuca. Dói pra diabo quando estico o pescoço assim...

Ele tentou demonstrar e fez uma careta.

– Não precisa fazer isso só para me mostrar. – Jimmy sorriu. Depois, o sorriso sumiu e ele franziu a testa. Fez menção de falar, hesitou, e em seguida disse: – Hector, você leu a coluna delas na *Folha* de hoje? A coluna das Princesas Irmãs?

– Já saiu?

Hector olhou ao redor da delegacia ansioso, e Jimmy pegou o jornal e o jogou na mesa de Hector.

O xerife foi até a página 7 e leu a coluna:

Queridos, adoráveis e incrivelmente maravilhosos súditos deste (!) nosso ótimo e salutar Reino de Cello! Olá!

Seja bem-vindo! É a Terceira Semana do nosso *tour*, e acho que deve ser nossa quinta coluna para esse docinho de jornal, *A Folha Celliana*.¹

Vocês são tão excitantes quanto uma pena coçando o dedão! Principalmente quando se alinham pelas ruas e passagens de carruagens; quando lotam salões de concerto; quando se juntam em inaugurações de alas de hospitais e se amontoam em batismos de navios; quando levantam as mãos; quando jogam buquês – como fizeram bem tudo isso,

doces súditos, no curso cintilante desse (!) nosso primeiro *tour* oficial pelo Reino.

É difícil acreditar que vivemos neste Reino meros catorze e quinze anos, respeitosamente,² e, durante esse tempo, *havíamos acreditado* que tínhamos visto tudo. Mas, nesse (!) primeiro *tour* oficial pelo Reino, percebemos que não é assim!

Nossa, para todo lugar que nos virávamos, tinha algo novo! Viramos uma vez e olhamos (!): uma pintura da qual nunca ouvimos falar nem jamais tínhamos visto! (Mas que, segundo nos asseguraram, é famosa por toda a Cello.) Viramos de novo e olhamos (!): uma cidade vibrante chamada Relâmpago, onde tridentes de relâmpagos chovem do céu – e observamos com espanto, da nossa carruagem, enquanto o bom povo de Relâmpago reúne esses tridentes para afixá-los às paredes das fábricas. (Daria meu último doce de pêssego-urtiga por uma chance de visitar Relâmpago de novo.) Viramos de novo, e então descobrimos que temos que fazer uma pausa por causa da tontura (há-há). (Ou nos viramos de novo, e adivinhe só... demos um giro completo e estamos de novo diante daquela pintura sombria!) (Há-há de novo.)

Escrevemos agora de nossa Carruagem Esmeralda, que acelera rumo à região norte e um pouco industrializada das Fazendas – por isso o poderoso caos da caligrafia. Peço desculpas pelos garranchos, em especial pela linha perdida que surgiu dessa palavra!!³

O que fizemos hoje? Visitamos a cidade de Carrinho de Maçã, nas Fazendas! Ficamos *em deleite* com seu alce gigante feito de pinhas, o museu de bordado e o recital da mais jovem pianista de Carrinho de Maçã, Dorian Jo (de oito anos). As Fazendas são, é claro, famosas por seus quitutes, e Carrinho de Maçã não desapontou em nada. A Princesa Ko (isto é, eu mesma, pois sou eu que estou escrevendo esta coluna) tomou chá de manhã com dignitários de Carrinho de Mão (o prefeito, o administrador do hospital e o responsável pelo correio). Uma conversa se deu entre todos eles. Servimo-nos de *muffins* de framboesa e torta de batata-doce (ligeiramente queimada embaixo – Carrinho de Mão, pare de pedir desculpas!). Gostei desses quitutes (o café, no entanto, estava *meio* forte para meu gosto), enquanto a Princesa Júpiter dormia na carruagem. (Hoje à noite, Júpiter vai comparecer às festividades em

Turquesa, enquanto é *minha* vez de dormir.)

Queridíssimos súditos, *realmente* queríamos poder *visitar* todas as cidades que se inscrevem! Um abraço para Fogueira, outra candidata das Fazendas. Temos certeza de que teria sido a maior diversão visitá-los, e ficamos intrigadas com os boatos sobre a Pirâmide de Abóboras de vocês, mas não deu...! (Ouvimos que um ataque inesperado Cinza de quinto nível impediu os selecionadores de ao menos descer do trem e entrar na cidade. Que pena, Fogueira.)

Bem, aqui temos que amá-los e deixá-los! Oh, uma última coisa, uma questãozinha de estado (isto é, de relações exteriores): superlamentamos saber da infestação de uma praga no Reino de Rialto, ao sul! Ficamos felizes em saber que a Rainha Lyra (conhecida também como Mamãe) está esquadrinhando o caminho para lá no Navio Real, assim vai poder enviar montes de preciosa ajuda. De qualquer forma, abraços de nós, Rialto! Melhore logo!⁴

Assim se conclui nossa esplêndida coluna real!

Com vigor e pompa real,

Sua Alteza Real, a Princesa Júpiter, e Sua outra Alteza Real, a Princesa Ko

Beijos.

Hector se reclinou, rindo baixinho.

– Elas parecem um tanto... jovens, não parecem? – Jimmy arriscou. – Acha que poderia ter ficado um pouco... desapontado? Se *tivesse* entrado para a seleção? Se elas *tivessem* vindo mesmo aqui?

– Ah, elas parecem jovens porque são jovens. São apenas crianças, Jimmy, e crianças muito meigas. Não esqueça que a linguagem não faz justiça a elas; o que escrevem é uma verdadeira bagunça. Elas têm dialetos de metade das províncias naquelas pequenas cabeças de princesa.

Ele esticou a mão para o copo na mesa e descobriu que estava vazio.

– *Não* consigo acreditar que Carrinho de Maçã queimou uma torta de batata-doce! – disse batendo o copo na mesa.

Jimmy o encarou pensativo. Em seguida, desviou o olhar para a prateleira do outro lado da sala, a que tinha a coleção de Hector. Um álbum de recordação do casamento real; vários volumes de *A história da tradição da família real*; quatro ou cinco xícaras de chá reais penduradas em ganchos; e um retrato emoldurado da família real. No retrato, que possuía alguns anos, o Rei Cetus e a Rainha Lyra estavam sentados em cadeiras de espaldar alto, os quatro filhos reunidos em torno deles. O Príncipe Chyba, que usava aparelho nos dentes na época, exibia um sorriso cauteloso; as Princesas Irmãs, Ko e Júpiter, haviam capturado o olhar uma da outra e riam; e o pequeno Príncipe Tippet, a expressão séria, segurava um grande sapo de brinquedo.

Jimmy se virou para a janela.

– Sobre o que é o fax? – perguntou.

– É de Ponta Serrilhada – respondeu Hector, folheando os papéis. – Ah! Outro caso para você, Jimmy. Pronto para um desafio?

Jimmy balançou a cabeça em um gesto negativo.

– Hector, quando você vai parar de falar para o Reino inteiro que eles podem mandar casos de pessoas desaparecidas para mim?

Hector sorriu.

– É culpa sua ser tão bom nisso. Pare de solucionar esses casos, e eu paro de solicitá-los.

Ele examinou o fax por alto, inspirando fundo pelo nariz – uma espécie de suspiro, ou um ritual de concentração.

– O sujeito está desaparecido há seis meses – falou. – Engenheiro elétrico. Visto pela última vez a caminho do trabalho. Jogou um beijo para a esposa. Ela se lembra desse detalhe com muita clareza, diz ela. Nunca chegou ao trabalho. Os colegas dizem... Está ouvindo, Jimmy?

– O que é isso?

Jimmy havia virado para a janela e espremido os olhos em direção à rua que

escurecia. Duas pessoas andavam na chuva; cada uma delas segurava um guarda-chuva numa das mãos e uma maleta na outra. Caminhavam de um jeito estranho, inclinando os guarda-chuvas um para o outro enquanto as maletas as mantinham separadas.

O xerife levantou os olhos.

– Há uma criança – falou Jimmy. – São duas pessoas com uma criança. Estão segurando os guarda-chuvas assim para proteger a criança.

Hector passou os olhos pelo fax de novo.

– Parece que ele se envolveu em algum tipo de página de computador suspeita, algum tipo de... não consigo entender... aposta de jogos. Acho que é o que querem dizer. – Virou mais algumas páginas. – Ele meteu os pés pelas mãos. Dizem que agiotas o pegaram e que ele foi morto e lançado no porto. Falem isto na minha cara, então! – disse esfregando as páginas com raiva, fez uma careta de dor e tocou a bandagem na mão. Seu rosto estava pálido.

Jimmy cruzou a sala.

– Você precisa de uma nova dose – falou. – Uma nova dose, e descanso. Um ataque Cinza de quinto nível? A maioria das pessoas ainda estaria no hospital, e aqui está você, de volta ao trabalho.

Com uma das mãos, ele serviu uma dose de uísque para Hector; com a outra, pegou o fax.

O xerife se reclinou e fechou os olhos.

Jimmy descansou um dos cotovelos na mesa, estudando os papéis.

Na sala, um zunido baixinho; lá fora, a chuva pesada. Hector esticou a mão para o copo, bebericou e engoliu.

A porta para a estação se abriu com uma rajada de vento, um rangido e uma profusão de respingos de chuva, malas e guarda-chuvas.

A porta bateu, fechando-se. Um homem e uma mulher estavam de pé no carpete, tremendo e pingando. Eram baixos e rechonchudos, o cabelo claro

grudado na grande testa de ambos.

– Está chovendo lá fora como uma buzina de neblina irresistível! – exclamou a mulher.

Agora sabiam que a mulher era de Velhus Excentricus. Trata-se de uma província com expressões curiosas, muitas das quais sem o menor sentido para quem ouve.

– Digam boa-noite vinda de nós, tudo bem, tão boa quanto a coruja com o cotovelo cheio de fuligem sugere, e oi, nós somos a família Twickleham.

Bem, o homem era de Velhus Excentricus também – talvez morasse lá até há mais tempo que a mulher.

Uma forma emergiu, uma garotinha de talvez seis anos, e todos na sala pareciam ansiosos em ouvir o que ela poderia dizer.

– Ela não fala – a mulher contou num sussurro, tão alto que pareceu estremecer as janelas.

A tristeza deslizou pelo rosto da garota, e ela encarou Jimmy e Hector, os olhos arregalados. Tanto o homem quanto a mulher colocaram as mãos nos ombros dela com gentileza. O cabelo da criança estava úmido e desgrenhado, os fios finos se levantando com a estática.

– A família Twickleham! – gritou Hector, saltando para se pôr em pé e depois cambaleando um pouco; o joelho direito mal podia sustentá-lo. – Jimmy, sabe quem são estes? Os Twicklehams! Estão aqui porque alugaram a oficina de Abel Baranski! Bom, bem-vindos a Fogueira! Bem-vindos às Fazendas! Vocês são de Velhus Excentricus, claro que são! Mas, ei, não eram esperados apenas para daqui a algumas semanas?

Hector abraçava cada um dos Twickleham enquanto falava.

– Verdade, chegamos um pouco adiantados – falou o homem. – Sou Bartolomeu. Esta é Fleta, minha boa esposa, e aquela ali é nossa pequena Derrin. Se quer saber, vendemos nossa casa antes do que esperávamos. E,

como o espinheiro-dourado perde as folhas com o aroma da cotovia confusa com o vento, resolvemos partir.

– E aqui estamos, molhados até os dentes-de-leão – Fleta assumiu a história. – E sem nenhum lugar para ficar!

– Pensamos: com certeza o xerife local vai nos dizer onde fica a pousada mais próxima. Mas não é... – e aqui Bartomoleu fez uma pausa – ... não é um xerife igualzinho a uma unha do pé encravada de um javali?

Depois disso, houve um silêncio breve carregado de surpresa. Por alguma razão, tanto o xerife quanto Jimmy olharam para a garotinha; algo no silêncio dela, talvez, parecesse ter algo de racional.

Ela os obrigou a sair do torpor: estremeceu com violência.

– O que estamos pensando? – gritou o xerife.

– Aproximem-se do fogo – ofereceu Jimmy. – Vamos pegar toalhas e chocolate quente para vocês. E alguns dos famosos *cookies* de aveia de Hector.

– Vou ligar para Alanna na Pousada Melancia – falou Hector. – Se estiverem lotados, tem o Hotel Fogueira, é claro, mas recomendo a Melancia. Os quartos mais belos que você já viu, pequenas flores gravadas em todos os rodapés. E posso garantir pessoalmente que Alanna tem o melhor café da manhã desta província!

Todos entraram em ação, fazendo ligações e acendendo chaleiras, até estarem prontos para arrastar as cadeiras ao redor da lareira para beber o chocolate.

A garotinha, Derrin, escolheu uma cadeira, pareceu insatisfeita, escolheu outra e mudou de ideia de novo. Os demais a observavam se decidir por uma.

Houve um silêncio amigável, todos respirando fundo a fim de demonstrar um para o outro como era agradável saborear aquele chocolate quente, e então Bartolomeu Twickleham se voltou para o xerife e perguntou com

curiosa reverência:

– É verdade que você experimentou *todos* os cafés da manhã na província? Que façanha!

De novo, um grande e silencioso momento de confusão. Até se lembrarem do comentário de Hector sobre a Pousada Melancia servir o melhor café da manhã da província.

– E agora... – começou o xerife, e fez uma pausa, tocando a bandagem da testa com um dos dedos.

Um par de linhas franzidas passava por ela, como trilhos de trem desaparecendo em uma forte nevasca. O homem falava sério ou era uma piada? Ou estava sendo irônico?

– E agora chegamos antes da data marcada, como sabe – completou Fleta com tranquilidade, uma vez que o marido não havia se manifestado. – O aluguel da oficina de Baranski não começou oficialmente. Mas o que você acha? Será que a senhora Baranski permitiria que nos mudássemos antes do combinado? Pelo que ouvi falar, o marido só usava a oficina, e não o apartamento do andar de cima, onde pretendemos viver, então...

– Ouvimos dizer que está vazio faz um ano – o sr. Twickleham se intrometeu. – Quem sabe não esteja pronto? Como um mosquito...

O xerife se deteve. Olhou para Jimmy, e tanto a voz dele quanto o olhar do vice-xerife eram sérios.

– O que talvez não saibam – ele falou –, mas precisam saber, indo para a oficina de Baranski como estão indo, é que há um buraco nessa cidade. Um buraco do tamanho do Mar Interior.

A garotinha, que havia acabado de levar um *cookie* à boca, fez uma pausa e encarou o xerife.

O xerife se levantou, dirigindo-se à janela. Olhou para a chuva pesada e a noite que quase despontava.

– Abel Baranski, como você sabe, costumava tocar essa oficina de conserto de aparelhos eletrônicos – Hector começou. – Seu irmão, Jon Baranski, era proprietário da Pousada Melancia com a esposa, Alanna. E Mischka Tegan era professora de Física do Ensino Médio. Um ano atrás, acordamos em certa manhã, para descobrir que os três estavam perdidos.

Os Twicklehams respiraram fundo, a garotinha mais alto que todos eles. Os pais franziram um pouco a testa, olhando para a criança e depois se voltando para o xerife.

– Lamento dizer isso na frente da sua pequena – o xerife falou. – Mas ela vai ouvir na escola de qualquer maneira... e com detalhes terríveis, sem dúvida. Minha jovem Derrin – o xerife se agachou desajeitadamente ao lado dela –, o que aconteceu naquela noite foi um ataque Roxo de terceiro nível. Mas não quero que tenha medo. Nossa torre de aviso é uma das melhores da província, e isso é fato comprovado. – Nesse ponto, a voz se elevou ligeiramente, tornando-se um pouco ríspida, mas ele se conteve e voltou a olhar para Derrin. – Quando ouvir os sinos tocarem, você vai para dentro de casa. Tudo bem?

Ele se dirigiu aos pais de novo, a voz grave e rouca.

– Jon Baranski foi encontrado morto na Estrada Acre – ele disse. – Mas Abel, nosso cara dos eletrônicos, que podia consertar qualquer coisa que remotamente *se parecesse* com um circuito eletrônico, e Mischka, a professora... bem, eles sumiram. A caminhonete de Abel, com o motor ainda ligado, estava abandonada na estrada.

Eles se entreolharam.

O ataque Roxo os havia levado, como os Roxos fazem de vez em quando.

– Oh, minha nossa.

A testa de Bartolomeu pareceu murchar; a boca de Fleta deu a mesma impressão.

– É por isso que a oficina de aparelhos eletrônicos está vazia – sussurrou Fleta.

– Fomos tão insensíveis – falou Bartolomeu com firmeza. – Como o dente arrancado de um leão-cobra.

– Fomos – a esposa concordou. – Pode nos perdoar?

O xerife cambaleou de volta à janela.

– Acham que lhes contei isso para se sentirem mal? Como poderiam saber? É que vocês vão ficar na Melancia hoje à noite. Ela é administrada por Alanna, que perdeu o marido, Jon. E sua garotinha, Corrie-Lynn, bem... ela perdeu o pai.

– Vamos ter mais cuidado daqui por diante – respondeu Bartolomeu. – Obrigado por nos contar. – disse levantando-se e cumprimentou o xerife com um aperto de mão vigoroso.

– Depois vocês vão encontrar com Petra Baranski amanhã, sem dúvida. – O xerife puxou a mão, virando-se para que não pudessem ver a expressão de dor causada pelo cumprimento. – Perguntaram se ela não pode liberar antes do planejado o local que Abel ocupava, e não tem por que não o fazer, mas...

– Mas vai ser difícil para ela. – A sra. Twickleham se levantou, concordando com a cabeça e também apertando a mão do xerife. Ele estremeceu desta vez, mas o olhar dela, indiferente, estava perdido em lágrimas. – Compreendemos agora.

– Será difícil para ela – Jimmy concordou. – E para o garoto, Elliot.

– E Elliot é um garoto muito bom – o xerife afirmou com veemência.

Todos estavam de pé agora, próximos à janela.

O xerife prosseguiu:

– É preciso considerar também o quanto Elliot sente pelo fato de a mãe ter de alugar de novo a oficina. Bem, há algo mais que devem saber. Todos já entenderam que Abel e Mischka nunca mais vão voltar; não há um só Roxo

no Reino que vá ter alguém em suas garras, ou levá-lo para as cavernas, e depois deixá-lo viver. Mas Elliot? Ele já empreendeu cinco ou seis jornadas em busca do pai. Foi para as Cavernas Roxas da Faixa da Natureza e para as da Costa Dourada, e os Roxos quase o mataram; feriram-no bem, pelo menos. Agora ele planeja outra viagem, logo depois da final de destrobol na semana que vem.

Houve um silêncio triste.

– Ele enfiou na cabeça que vai trazer o pai de volta para casa, percebem? E, embora não possa culpar a mãe por alugar a oficina do pai, ele poderia facilmente culpar vocês por estarem aqui, se é que entendem minha lógica.

O sr. e a sra. Twickleham assentiram com a cabeça.

– Vamos estar preparados – falou Fleta.

– E tem mais. – O xerife hesitou. – Elliot é um garoto popular. Ele tem um grupo de amigos, e, veja... eles cresceram juntos, a maioria deles. Bem... – Os Twicklehams esperaram. – Se Elliot não gostar de vocês, esses amigos também não vão gostar.

Ao ouvir aquilo, os Twickleham sorriram.

– Oh, mas eles são só crianças. Adolescentes, certo?

– Crianças criadas nas Fazendas não são exatamente crianças – o xerife disse com firmeza.

Jimmy balançou a cabeça em concordância, e os Twicklehams, os três, arquearam as sobrancelhas.

Houve um silêncio e o rosto de Hector se suavizou.

– Elliot costumava vir para a escola todos os dias a essa hora – ele disse – para praticar destrobol com o pai. Ele é um craque. Elliot pode jogar uma bola tão alto, a ponto de atingir o céu. Agora, no entanto, sabem o que ele faz? Ele pratica com a parede.

Ele apontou, pela janela, para a figura sombria no pátio da escola do outro

lado da rua.

Todos espreitaram em meio à escuridão. A pequena Derrin subiu na ponta dos pés para poder enxergar.

Cada vez que Elliot jogava a bola, ele também se lançava ao chão, rolava e depois ficava em pé de um salto, erguendo as mãos para pegá-la.

– É melhor irmos embora – propôs Fleta. – Já é tarde.

– Vou dar uma carona para vocês – Jimmy se ofereceu.

Encaminharam-se para a porta, mas o xerife se voltou para dar uma última olhada em Elliot.

A parede estava perdendo feio.

6

Dois dias depois era novamente verão em Fogueira.

– Pela quinta vez em um mês! – Clover Mackie, costureira da cidade, gritou da varanda. – Cada um mais quente que o centro.

Ela tinha um copo de suco de laranja em uma das mãos e um ventilador a pilha na outra.

Elliot se aproximava. Usava calça jeans e camiseta cinza desbotada. Tênis velhos, sem meias. Um boné de beisebol envolvia seu rosto em sombras.

– Será que não daria para você ir até a cidade para escavar uma piscina na praça? – Clover continuou.

Elliot esboçou um sorriso breve, empurrou o portão e subiu correndo os três degraus até a varanda. Jogou a mochila na cadeira vazia e desatou as tiras dela ao mesmo tempo que a torre do relógio começava a repicar.

– Oito horas da manhã – Clover prosseguiu –, e já estou sugado feito um saco de chá. O que você tem aí?

Elliot colocou um pequeno saco de aniagem sobre a mesa, ao lado da jarra de suco de laranja de Clover. Com o solavanco, o líquido se agitou, voltando

a se estabilizar em seguida.

– Bananas – ele comentou. – Muito maduras, por isso pensamos que talvez gostasse delas para aquele bolo maravilhoso que você faz.

– Ah, você e sua mãe formam um belo par. Os dois deviam vir aqui amanhã, e eu arranjaria um bom par de luvas de jardinagem para cada um. Por ora, fique e vou lhe preparar um pouco de suco de laranja! A aula ainda demora para começar. É espremido na hora.

Mas Elliot já estava de pé, apertando as tiras da mochila.

– Tenho que ir à oficina – disse ele. – Aquela família de Velhus Excentricus, os Twicklehams. Eles chegaram à cidade mais cedo.

Clover deixou o dedo deslizar pelo ventilador e o zumbido parou abruptamente.

– Ouvi falar – disse ela. – Vai ser duro para você. Limpar a oficina de seu pai, quero dizer. Quer ajuda? Sou mais forte do que pareço, você sabe. – Levantou o braço direito nu e cerrou o punho para mostrar os músculos.

– Nunca duvidei de que fosse dura na queda, Clover. – Elliot sorriu enquanto descia as escadas. – Mas está tudo sob controle. – Ele fez um aceno rápido com a mão, depois se virou. – Ouvi falar que este verão pode ser mais curto que o último – gritou. – Estão esperando a primavera para depois de amanhã.

Em seguida, partiu rumo ao calor.

A Consertos Eletrônicos Abel Baranski ficava na Rua Larga, a dois quarteirões a leste da praça, exatamente entre o veterinário e a barbearia.

A caminhonete parou no meio-fio da rua, reluzindo intensamente ao sol.

A porta da oficina estava entreaberta, as persianas levantadas.

Primeira vez em quase um ano.

Ao nível da rua, havia uma grande sala. Era possível ver um balcão e, até poucos metros atrás, uma bancada alta. Uma máquina televisual (ou TV,

como a chamavam) jazia sobre uma bancada. O outro lado do cômodo abrigava fileiras de prateleiras largas repletas de aparelhos.

Feixes de luz solar surgiam ao longo do caminho que dava para o interior da sala, e a poeira estava agitada pelo ar, em pânico. Um aspirador de pó e um par de baldes encontravam-se perto da porta, do lado de dentro. A mãe devia tê-los levado para lá.

– É você, Elliot? – ela chamou lá de cima.

Na parte superior da escada, havia um pequeno apartamento. Uma cozinha modesta ligada à sala, com uma janela de bom tamanho com vista para a Rua Larga.

Ao longo do corredor, um pequeno banheiro e dois quartos, cada um deles abarrotado até não poder mais com sucata – velhas caixas de ferramenta, uma serra circular quebrada, fragmentos de TVs, pés-de-cabra e martelos –, e, aos fundos do quarto menor, a mãe de Elliot.

Ela lavava a janela.

Elliot a observou por alguns instantes.

– Lugar engraçado para começar – comentou ele.

– Eu sei. – Ela se virou, torcendo um pano em um balde. – Mas nunca vi uma janela tão suja. E, quando eu os trouxe aqui ontem, a menina veio direto para a janela. Ela não fala, sabe, por isso precisa enxergar bem através da janela dela.

– Quem sou eu para discutir – disse Elliot, virando-se para sair. – Vou começar pela parte de baixo.

– Eles parecem ser boas pessoas, Elliot – falou a mãe. – A família Twickleham, quero dizer.

Elliot hesitou. Coçou a sobrancelha.

– Claro – ela murmurou quase para si mesma –, eles são de Velhus Excentricus, como você sabe, e me informaram que este lugar é exatamente

igual a uma “armadilha para cavalo esvoaçante”, algo que – ela fez uma pausa, olhando ao redor –, bem, não entendo como possa parecer isso.

– É verdade. Por que entenderia? – Os olhos de Elliot faiscaram. – Daqui, em minha acelerada mente matinal, eu vejo *muito* isto como uma cascata de tartarugas e uma verdadeira cesta de cogumelos venenosos.

– E não é? – comentou a mãe, entrando na brincadeira, enquanto pegava o *spray* de água e umedecia a janela. – E meu estômago ronca agora de um jeito que um *muffin* de mirtilo do meu filho Elliot poderia curar se ao menos ele fosse buscar um na caminhonete para... Ei, olhe lá os seus amigos, Elliot.

Ela se interrompeu, inclinando-se para mais perto da janela.

Lá embaixo, do outro lado da rua, um grupo de cinco adolescentes caminhava em direção ao colégio: dois rapazes – um alto e magro, o outro mais baixo – e três meninas. Uma delas segurava a ponta da longa trança ruiva e a apontava para o mais alto dos meninos, falando sem parar. Os outros riam. Assim que chegaram à esquina, uma das outras garotas – magra e morena, com um estojo de saxofone sobre o ombro – virou-se e olhou direto para a janela. Parou por um momento, o olhar oscilando entre a loja Baranski e a caminhonete estacionada na calçada do lado de fora. Depois, seguiu em frente.

– Ela está interessada em você, Elliot – disse a mãe. – Percebi isso tão claramente quanto você no outro dia em que nos visitaram.

Elliot estava quieto agora, vendo os amigos desaparecerem esquina afora.

– Não dê corda para ela, ouviu? Vai acabar magoando a menina. Veja, você é uma perfeição de rapaz – a mãe explicou –, e isso por si só pode ser um defeito.

Elliot riu.

– Ah, perfeito como uma palmeira fugitiva com cabeça fria, ou como um dente-de-leão desenraizado, ou qualquer outra coisa bizarra sem sentido. Vou

pegar os *muffins* na caminhonete.

Ele desceu os degraus de dois em dois, ainda sorrindo para si mesmo.

Mas, ao atravessar a loja, fez uma pausa e olhou para a TV na bancada. A proteção havia sido removida da parte de trás, tornando possível vislumbrar um emaranhado de fios.

– A quem você pertence, afinal? – falou em voz alta.

Sua voz tinha um tom de curiosidade. Imaginou alguém naquela cidade, alguém sentado em um sofá, olhando para o espaço vazio onde a TV devia estar.

Deslocou-se para o lado da bancada e observou mais de perto o caos interior do objeto. Uma placa de circuito pendia preguiçosamente ao lado da TV aberta, e, além dela, havia um ferro de soldar, um multímetro e um par de alicates.

O par de alicates era tão familiar que Elliot foi obrigado a se virar.

Pendurado na parede atrás da bancada havia um quadro de cortiça. Estava coberto de papéis impressos, fotos e cartões-postais, além de uma pequena anotação escrita com a letra do pai. Algo saltou no peito de Elliot, e ele se deslocou com rapidez para olhar o papel. Mas ele dizia apenas:

Conectores periféricos: Pino 1: +12, Pinos 72 e 13: Terra.

Fizera exatamente a mesma coisa um ano atrás. Ele e a mãe haviam ido à loja alguns dias depois do acontecido, ele vira o mesmo bilhete, e seu coração se sobressaltara – mas não era nada de especial. Apenas detalhes técnicos.

Os olhos vagaram pelos cartões-postais; ele os conhecia tão bem quanto o par de alicates. Cada um de uma província diferente do Reino. O pai de Elliot tinha viajado anos antes – ele e o irmão Jon haviam fugido de casa quando eram crianças e se lançado em uma viagem de exploração durante um ano.

Fixados na extrema direita do quadro de cortiça havia alguns objetos velhos

de feitiços que Abel tinha recolhido no Lago dos Feitiços na mesma viagem, restos desgastados e já sem cor.

No centro do painel estava uma fotografia do próprio Elliot. Tinha cerca de dez anos na foto e jogava destrobol. Pulava no ar, a camisa levantada pelo salto, de modo a deixar aparente uma parte da barriga, a bola pouco além da ponta dos dedos.

Alguém que não pertencia à família devia ter tirado a foto – provavelmente Jimmy; a imagem tinha a característica vibrante das fotografias dele –, porque o pai e a mãe estavam em meio à multidão na lateral, um pouco desfocada, porém clara o suficiente para que se pudesse ver o riso no rosto da mãe, a concentração no do pai. Elliot voltou-se para a bancada, e novamente para a TV.

– *Onde* está minha TV? – murmurou, colocando-se na voz imaginária daquela pessoa imaginária, em uma sala de estar imaginária.

Riu de si mesmo e saiu pela porta rumo à caminhonete.

7

Eles eram cinco – dois meninos, três meninas – sentados em uma mesa na parte externa do Pub Cogumelo, na praça. Eram amigos de Elliot.

A luz do verão desaparecia, mas o ar ainda permanecia quente, imóvel, preguiçoso.

– Tenho de pegar a estrada – disse o mais alto dos meninos, Gabe Epstein, que estava à ponta da mesa, inclinando-se para trás, de modo que os joelhos se ergueram como os de um gafanhoto. No boné via-se uma inscrição quase totalmente apagada: *Fogueira Antílopes '07*.

– Me dá uma carona?

Todos se viraram para a garota que tinha falado. Shelby Ryerston usava o cabelo ruivo em uma trança, pulseira preta com pregos em torno do pulso

esquerdo e um molde de gesso envelhecido e encardido no direito. Tinha duas tatuagens no pescoço: uma delas, uma caveira com ossos cruzados; a outra, uma pequena rena.

– Você ainda não tem carteira de motorista? Consegue pilotar um avião agrícola, mas *ainda* não tem carteira de motorista?

Os pregos na pulseira de Shelby ressoaram contra a mesa em um gesto defensivo.

– Por que tem de ter uma prova escrita? – ela se queixou. – Eu dirijo desde que tinha dois anos de idade. E não preciso escrever um *livro* sobre isso.

– Dois anos? – indagou a menina mais morena e mais magra ao lado dela, com o estojo de saxofone embaixo da cadeira, as pulseiras de contas deslizando para cima e para baixo nos braços. Era Kala. – Não é verdade.

– Tudo bem, cinco, que seja. Dirigi um quatro por quatro quando tinha dois anos.

– A prova é fácil – comentou outro menino. Cody Richter tinha uma cabeleira selvagem repleta de cachos e manchas secas de tinta nos dedos. Agora, a cabeça se inclinava em um ângulo reflexivo, mas um sorriso lento foi se formando à medida que ele falava. – É de múltipla escolha.

– Ah, nunca aprendi a ler. Cresci em um silo de grãos.

Eles riram, e ela acrescentou:

– Fazendeiros deviam ser dispensados de provas escritas. – Riram de novo, as cadeiras arranhando o chão na noite tranquila.

A quinta pessoa na mesa era Nikki Smitt, o cabelo da cor de ouro branco, como uma nectarina de zéfiro.

– Ele ainda pode chegar – disse ela. – Devemos esperar mais um pouco.

Os músculos dos braços dela se esticaram ao alcançar a bolsa para pegar um estojo de lápis. O zíper do estojo estava quebrado; ela usou a unha para forçá-lo a deslizar, pegou uma caneta e a entregou a Shelby, que a enfiou sob

o gesso dela para coçar a pele.

Em seguida, uma figura apareceu na praça, vinda de trás da torre do relógio.

Era Elliot. Camiseta cinza desbotada e manchada, uma risca de lama no jeans, tênis velhos sem meias.

Observaram-no se aproximar. Ele parou perto deles e disse:

– Ei.

E todos disseram “Ei” em resposta. Depois lhe fizeram perguntas, longas pausas entre uma e outra, enquanto esperavam para ver se ele tinha algo mais a dizer.

– Terminou?

– Peguei apenas o último carregamento.

– Dia quente para isso. Onde você colocou tudo aquilo?

– No galpão. Na parte de trás do galpão.

– Coube tudo lá?

– Sim. TVs, sintonizadores quebrados e outras coisas. Os Twickleham estavam ansiosos para tentar consertá-los, iniciar o negócio deles dessa maneira, mas não compraram o negócio; só assumiram o contrato de aluguel da oficina. Acho que vou procurar a papelada e devolver tudo aos proprietários. Já devia ter feito isso antes, eu acho.

O silêncio continuou por um tempo; alguém deu um tapa em um mosquito, e a mesa balançou.

– Você perdeu o lance de História; a prova, o lance da prova – disse Shelby, puxando a trança.

Elliot a encarou. O rosto de todos estava na sombra agora.

– Ele não está na sua classe de História – alguém disse.

E ela retrucou:

– É mesmo.

Todos riram. Depois, Gabe estendeu a mão e arrastou uma cadeira de outra

mesa.

– Tome alguma coisa – convidou.

– Preciso de um banho – respondeu Elliot, mas ainda assim se sentou.

– Alguém pode pegar uma cerveja para esse cara?

Ninguém se mexeu. Na mesa, havia algumas jarras de limonada recém-preparada.

– Eles nos deixam dirigir com quinze anos – comentou Nikki. – Deviam permitir que bebêssemos também.

– Sim – um deles retrucou em meio a uma risada. – Porque beber e dirigir andam de mãos dadas.

– Ah – Nikki deu de ombros. – Sabe o que quero dizer.

– Poderíamos atravessar o rio para Ponta Serrilhada – alguém sugeriu.

E alguns responderam:

– Sim.

Alguém perguntou:

– Afinal, por que os caras de Serrilhada começam a beber mais cedo que nós?

Outro retrucou:

– Porque eles precisam de álcool para disfarçar o próprio fedor.

Alguém acrescentou:

– Porque eles não são pessoas de verdade, são hologramas.

E outro:

– Sim, devemos ir.

Mas ninguém se dispôs a se mexer.

Todos teriam de acordar de madrugada. Comumente, já estariam em casa àquela hora, mas hoje tinham esperado por Elliot.

Ele tamborilava os dedos na mesa. Olhou para o relógio de pulso.

– O trem chega em dez minutos – ele falou. – Que tal dar um pulo no Pão

Doce? Podemos tomar umas no pedaço deles... Eles nunca verificam a identidade.

Elliot empurrou a cadeira para trás. Houve certa hesitação, mas em seguida todos também se colocaram de pé, pegando suas coisas e jogando dinheiro sobre a mesa.

O trem quase partia da Estação de Fogueira, mas eles eram corredores velozes – Elliot e Nikki, os mais rápidos entre eles. Correram atrás dele pela pista rumo à profundidade azul do crepúsculo.

Em seguida, saltaram, um de cada vez, e caíram dentro do vagão de trás.

Estava vazio e apagado. Os seis eram vultos indistintos em movimento, todos sem fôlego, uns esbarrando nos outros, segurando no dorso dos assentos na velocidade desequilibrante.

Ouviu-se um guincho de freios, então o trem estremeceu, desacelerou e parou por completo.

Kala inclinou-se para fora da janela. O saxofone jazia sobre o assento do trem.

– Vaca na pista – ela disse.

Shelby coçou a borda do gesso e comentou:

– Corremos de bobeira.

Todos riram da própria falta de ar. A vaca foi retirada da pista, e o trem partiu novamente.

Mais tarde, respingando por ter nadado, Elliot se sentara em um lugar mais afastado. Vestira apenas uma calça jeans; estava sem camisa. Bebia de uma garrafa, olhando ao redor para os tons de cinza, pensando na ausência de cores da noite enquanto observava a escuridão da água em suas ondulações sob o luar. Depois Kala, uma silhueta esguia e morena, moveu-se de algum local nas proximidades e se postou atrás dele. Os braços dela lhe envolveram

os ombros; os dedos longos se entrelaçaram contra o peito dele.

Elliot aguardou alguns instantes, depois se virou, fazendo com que ela afrouxasse o abraço. Tocou seu rosto com a ponta dos dedos, colocou a garrafa de lado, inclinou a cabeça e a beijou sob as estrelas escuras e altas.

8

Naquela mesma noite, Jimmy ligou para o xerife.

Hector estava em casa, fazendo sanduíches de queijo quente para lanchar diante de seu programa de TV favorito, baseado em crimes reais.

– Essas pessoas desaparecidas têm a ver com o relatório de Ponta Serrilhada? – perguntou Jimmy. – Com o fax que você recebeu no outro dia?

– O do cara viciado em jogo – lembrou Hector. – Ele lançou um beijo para a mulher; em seguida, os agiotas o pegaram. Já resolveu o caso?

– Os agiotas jamais o pegaram. Ele fugiu com um colega de trabalho. Estão em algum lugar em Velhus Excentricus, tocando aquela página de jogos.

– Tem certeza disso?

– Noventa por cento – disse Jimmy.

O xerife saiu cambaleando pela cozinha, o fio do telefone se desembaraçando atrás dele. Pegou um pano e levantou a grade. O queijo estava ficando bom, marrom e crocante, do jeito que ele gostava.

– Qual é o lance, então? – perguntou.

– Ele e a colega de trabalho vinham tendo um caso nos últimos anos – Jimmy explicou. – Começaram a página de jogo em conjunto, mas dissimularam bem. As coisas esquentaram, e eles fugiram para um vilarejo marítimo em Velhus Excentricus, com o nome um tanto incrível de Por Quê.

– Por quê?

– Por Quê. Um vilarejo chamado Por Quê.

– Não, quero dizer... por quê? Por que eles foram para lá?

– Ah, por causa da Hostilidade Registrada, tão alta quanto se possa alcançar. Nas alturas. Era oficialmente um índice de Hostilidade Feroz.

– Entendi – respondeu Hector. – Então, ele é isento das leis de Cello.

– Eles podem tocar a página de jogo por lá sem enfrentar nenhuma dificuldade; é um paraíso fiscal. Eles são ricos e estão apaixonados...

– E vivem em Velhus Excentricus – riu-se Hector. – Preferia viver sozinho e pobre do que desse jeito.

Ambos riram um pouco.

– Como descobriu? – perguntou o xerife.

– Consegui que me passassem faxes de registros de trabalho e extratos bancários. Em Ponta Serrilhada, quase nunca fazem pagamentos em dinheiro. Por isso, tudo estava certo com os extratos bancários.

– Que alegria. – Hector soltou um suspiro.

– O sujeito compra flores no mesmo dia, todo ano. Justamente a data que bate com o aniversário dessa colega. Por isso vasculhei os registros *dela*, e parece que a tal amiga largou o emprego uma semana depois que ele desapareceu. O resto obtive na rede: uma das senhas da página de jogo batiam com o nome do cachorro dele, esse tipo de coisa.

– Você consegue trabalhar com isso? – indagou o xerife. – Com a rede?

– Ah – disse Jimmy –, só dou uma fuçada.

Houve um silêncio de admiração por parte de Hector. Com o telefone sob o queixo, ele cortava em triângulos o sanduíche de queijo quente.

– Uma coisa que me fez pensar – disse Jimmy – foi esse lance do beijo... O cara jogou um beijo para a esposa quando saiu para trabalhar. Mas por que ela mencionou isso para a polícia?

Hector assentiu.

– Era um gesto incomum – ele constatou.

– Ele estava dizendo adeus – disse Jimmy.

– Que história triste.

– Muito triste – falou Jimmy –, mas *acontece*.

A maneira como ele disse *acontece*, a ênfase que deu à palavra, fez Hector se endireitar.

– Acontece – ele concordou –, mas *não é o que aconteceu aqui*. Não aqui em Fogueira.

– Hector – começou Jimmy –, Abel Baranski sempre foi um sujeito atraente. O filho, Elliot, puxou a ele. Não acho que exista sequer uma garota naquela escola de que Elliot não tenha dado em cima e de quem não tenha partido o coração. *Ninguém* esperava que Abel fosse ficar com a esposa. Não gosto disso, mas...

Hector interrompeu.

– Abel Baranski não fugiu com aquela professora – ele retrucou. – Ele era um bom homem. Amava a esposa e o filho. Mas, colocando isso de lado, como você explicaria o cadáver do irmão dele, Jon, e a caminhonete abandonada na estrada? Como explicaria isso?

– Talvez ele e Mischka tenham tomado o trem para onde quer que desejassem ir – sugeriu Jimmy. – Quem sabe não deram a caminhonete a Jon para levá-la para casa, para a família?

– E por que fariam isso? – perguntou Heitor.

Jimmy suspirou.

– Tudo bem – ele falou. – Vamos supor que você esteja certo e que os três estavam na caminhonete, e depararam com um ataque Roxo. Por que sair do veículo? Por que não apenas colocar as persianas protetoras nos vidros da caminhonete?

– As persianas podiam estar com defeito. Eles encostaram o veículo e tentaram correr. O ataque Roxo matou Jon; em seguida, levou Abel e Mischka embora com ele.

Outro silêncio.

– Já passamos por isso antes – Hector acrescentou.

Houve um silêncio constrangedor desta vez. Jimmy então falou:

– Hector – o tom de voz era suave –, acha que alguém nesta cidade realmente acredita que Abel e Mischka foram levados por um Roxo?

Hector deu uma mordida no sanduíche de queijo quente e já frio, a resposta áspera e firme em meio à mastigação:

– Essa é a história, e eu concordo com essa versão. Amanhã vou mandar um fax para Ponta Serrilhada a respeito do sujeito desaparecido. Boa noite, Jimmy.

Ele desligou o telefone.

9

O Reino sussurrou.

O luar suspirou através dos campos de gelo do Norte Mágico, brilhando no olhar de ursos e lobos. Açoitou ameias e bastiões do Palácio Branco e resvalou pelas áreas de pesca que lotavam o Lago dos Feitiços.

Mais ao sul, alcançou fivelas e cintos dos trabalhadores do turno da noite na Faixa de Natureza. Reuniu-se sobre um par de leopardos que dormiam no Caminho do Gato e incendiou o branco das asas de uma coruja coberta de neve.

Rumo a leste, o mesmo luar silenciou extensões de paralelepípedos dos vilarejos marítimos de Velhus Excentricus; mais ao sul, rumo a oeste, rastejou por todo o Pântano da Costa Dourada, com seus eternos ruídos. Contornou navios em portos, mesclando-se a feixes de farol, e piscou surpreso diante das labaredas em sequência das luzes da cidade.

Em um trecho isolado ao norte de Ponta Serrilhada, dez carros negros seguiam a Carruagem Esmeralda puxada a cavalos. As luzes da rua

capturaram o brasão real no teto da carruagem, em seguida o perderam, depois recapturaram, mais uma vez o perdendo.

Os carros e a carruagem foram diminuindo e diminuindo a velocidade, até pararem.

As portas do primeiro carro se abriram, e um homem e uma mulher emergiram dele. Ambos pousaram a mão direita em pistolas no coldre. Permaneceram no meio-fio da estrada, olhando para uma placa de saída:

GREGORY 8 KM

Logo acima do *Gregory*, um *H* pichado em *spray* estava ladeado pelo desenho de dois punhais: o símbolo celliano para Hostilidade Aleatória.

O homem iluminou a placa com uma lanterna. Ele e a mulher conversaram brevemente. Olharam para cima, para baixo, ao redor. A mulher caminhou alguns passos, depois voltou. Novamente conversaram. Retornaram para os carros.

Os carros e a carruagem avançaram de novo. O comboio recolocou-se em marcha. Quando a Carruagem Esmeralda puxada por cavalos transpôs a placa de saída, um dos cavalos bufou, e um rosto de princesa, olhos grandes, pressionou-se contra o vidro.

No centro de Fogueira, cadeiras eram empilhadas sobre mesas na praça vazia. A pirâmide de abóboras projetava-se como um vulto na penumbra.

Em sua casa verde-hortelã, Clover Mackie estava sob a colcha de retalhos, os dedos em agulhas fiando o sono.

Dois quarteirões a leste, na Rua Larga, Jimmy Hawthorn tinha caído no sono em seu sofá. Os pés, a câmera e um prato de migalhas de bolo estavam alinhados na mesinha de centro.

Na porta ao lado, Isabella Tamborlaine, professora de Física do colégio,

estava junto à janela da frente. As mãos seguravam o pingente que pendia em torno de seu pescoço. A respiração provocava uma névoa no vidro da janela; lá fora, caía a mais fina das neves.

Algumas portas depois, uma escada subia para uma oficina de consertos eletrônicos. Alguém havia apagado as palavras *Abel Baranski* de uma placa e as substituíra por outra, maior e mais branca: *Twickleham*. Lá em cima, os Twickleham dormiam, as malas abertas no chão. A pequena Derrin, que chupava o polegar, de repente sentou-se na cama. Desceu dela, prescreveu um círculo completo e voltou para a cama. Ainda dormindo, enrolou-se de encontro ao travesseiro e mais uma vez pôs o polegar na boca.

Três quilômetros além da Estrada Acre, um guarda-chuva estava aberto, secando na varanda da casa de fazenda dos Baranski. Maiôs de banho pendiam úmidos das cercas. A neve fraca se derretia ao atingir o chão.

Petra Baranski estava sentada próximo ao fogo na sala de estar. Comia amêndoas torradas. Um livro jazia aberto em seu colo, mas um *flash* de luar lhe chamara a atenção. Ele se situara na estante, perto da janela – esse *flash* de luar –, ao lado de uma foto emoldurada do marido de Petra, Abel. Na foto, Abel encontrava-se na bancada. Estava inclinado sobre um rádio, os alicates em posição, um sutil sorriso de constrangimento: ele sabia que a câmera o mirava. Petra manteve o olhar sobre o feixe de luar por um momento, depois se voltou para o livro.

No andar de cima, em seu quarto, Elliot Baranski estava sentado no chão, ao lado da cama. Como a mãe, comia amêndoas torradas. Espalhados pelo chão, havia papéis, recibos, pastas, cartões-postais, manuais de instrução, guias do usuário, cadernos. Eram da loja do pai – provenientes de armários, de gavetas e do quadro de cortiça. Elliot os classificava agora, organizando os recibos por cliente. De vez em quando, parava e fazia uma anotação numa tabela que havia elaborado para si mesmo. Queria devolver os aparelhos não

consertados aos proprietários.

Se eles quisessem depois levá-los aos Twickleham para terminar o trabalho... bem, seria uma decisão deles.

Os Twickleham haviam perguntado se poderiam ver a papelada de seu pai, querendo obter uma lista de clientes e endereços de fornecedores, coisas desse tipo. Elliot tinha dito que ia pensar a respeito, e refletiu que provavelmente continuaria pensando por algum tempo ainda.

Fez uma pausa e olhou para o relógio. Passava das duas. Esfregou os olhos. Algo o incomodava. Algo de errado em relação às coisas do pai. Ferramentas e aparelhos estavam empilhados no galpão; a papelada estava ali no quarto de Elliot. Mas algo parecia estranho – como um quadro na parede ligeiramente torto, ou um sotaque que você não consegue reconhecer direito de onde é.

Estava muito cansado para descobrir o que era.

A mão pousou em um papel enrugado.

Conectores periféricos: Pino 1: +12, Pinos 72 e 13: Terra.

Novamente, o bilhete manuscrito do quadro de cortiça.

Era tão real, tão comum, tão puro, tão azul, tão vazio, tão sem sentido agora. Pressionou-o rapidamente as páginas de um caderno, a luz do luar ardendo em seus olhos.

10

Nenhum sinal de neve na manhã seguinte.

O sol estava quente, o céu azul, a terra brilhante com tons recém-umedecidos de cinza, verdes e marrons.

O estacionamento da Pousada Melancia encontrava-se lotado. Jorros de água emergiam enlouquecidamente do sistema de *sprinklers*, alagando os já enlameados canteiros de rosas.

Elliot sorriu, estacionou a caminhonete na rua e avançou para a entrada da pousada.

Na sala da frente, era hora do café, e estava cheio. Ele encontrou Alanna de pé em uma cadeira, esticando a mão para trocar uma lâmpada.

– Faça-me um favor – ela disse assim que viu Elliot. – Pode repor o suco de laranja? Falo com você num instante.

Elliot ergueu a mão para pegar a lâmpada usada que ela lhe estendia.

O balcão lateral estava colorido com cereais, frutas, panquecas, *waffles*, bolos, melaços e geleias. Um casal de meia-idade, que enchia os pratos, exclamava:

– Nossa, olha só que fartura!

Elliot foi para a cozinha com a jarra de suco vazia. A caminho, no corredor, passou pela priminha, Corrie-Lynn.

– Ei, garota – falou. – O que está fazendo aí? Outro fantoche de madeira?

– Não – disse Corrie-Lynn. Ela soprou o cabelo da frente dos olhos e encarou Elliot, martelo numa das mãos, prego na outra. – A beirada da minha janela já está cheia demais de fantoches. Isso vai ser uma casa de boneca.

– A melhor carpinteira do Reino – falou Elliot. – E com apenas seis anos de idade.

– Pode apostar – concordou Corrie-Lynn, medindo uma tábua de madeira.

Elliot jogou a lâmpada usada no lixo da cozinha, encheu a jarra de suco e voltou para a sala da frente.

Alanna conversava com os hóspedes de uma das mesas agora, dizendo-lhes a melhor rota para chegar a Garfos e como não deviam deixar de ver o Show de Tratores Antigos em Dewey, no caminho.

– Esse é meu sobrinho, Elliot – apresentou aos hóspedes, colocando um braço em torno dos ombros dele. – Não é lindo?

– É mesmo! – a mesa toda concordou, e Alanna guiou Elliot de volta ao

balcão lateral.

– Quer tomar café?

Ela raspou o cereal derramado na toalha para sua mão.

Elliot balançou a cabeça negativamente.

– Vou me encontrar com os rapazes para tomar café na praça – ele falou. – Só passei para lhe falar que estava examinando as coisas da oficina do papai, aparelhos quebrados que ele não chegou a consertar. Encontrei alguns sintonizadores que os registros dizem ser daqui. De qualquer forma, descobri o que não estava funcionando, então eles devem estar bons agora. Deixei na recepção para você.

Alanna parou de mexer com as coisas do café da manhã.

– Você sabe consertar aparelhos eletrônicos como o seu pai?

– Não – ele disse. – A maioria das coisas, sem chance. Mas sintonizadores são fáceis. Quando vi que eram seus, decidi tentar.

– Bem, isso me dá vontade de lhe abraçar – ela respondeu.

Fez uma pausa e estudou seu rosto, e pareceu mesmo que *ia* abraçá-lo. Mas foi interrompida por um hóspede que queria um conselho sobre quantas panquecas ele devia comer naquele dia.

Elliot sorriu para si mesmo com aquela pergunta e retornou ao corredor.

– Volto qualquer dia desses, em breve, Corrie-Lynn – ele disse. – E aí vejo como está indo sua casa de boneca.

– Volte mais tarde hoje – ela disse. – Já vai estar pronta.

Elliot se agachou ao lado dela.

– Você vai faltar à aula?

– Não, é que eu trabalho rápido. Vou para a escola hoje. Nossa professora é legal – ela disse, e então reconsiderou. – Bem, eu *não* gosto do jeito dela, sabe, porque ela está sempre chorando. Não exatamente chorando, mas os olhos se enchem de lágrimas sempre que *qualquer coisa* acontece, triste ou

alegre, ou seja lá o que for. Como naquela vez que Ben Montessori puxou o cabelo de Susi Wong e ela viu um punhado de cabelo na mão de Ben. E outra vez, quando Ethan Crowhorn acertou soletrar todas as palavras, o que ele normalmente nunca faz. Mas ela vem de Ponta Serrilhada, então o jeito dela de falar é engraçado, e eu gosto do nome dela, senhorita Hattoway. É engraçado, certo? Porque lembra o nome “Rato”. Isso é meio engraçado, não é?

Corrie-Lynn parou por um instante. A voz era tão calma e objetiva quanto suas mãos.

– E temos uma nova garota chamada Derrin Twickleham – ela continuou. – Que com certeza é um nome engraçado. Ela vem de Velhus Excentricus e não consegue falar.

Elliot estava silencioso, observando a prima trabalhar.

– A casa de boneca... ela vai ser para os fantoches? – perguntou.

– Não – respondeu Corrie-Lynn. – É para a Criança-Borboleta.

Elliot riu.

– Se encontrar uma Criança-Borboleta, você tem que tomar conta dela – Corrie-Lynn replicou em um tom de voz severo. – E elas gostam de viver em casas de boneca, viu?

Ela esticou a mão para um livro que estava jogado no chão ao lado da fita métrica e folheou as páginas.

Era *O Reino de Cello: Guia de viagem ilustrado*.

– Você devia parar de ler isso – Elliot falou para ela, mas a prima o ignorou, encontrou a página que queria e entregou o livro para ele.

Elliot leu.

Criança-Borboleta

A Criança-Borboleta é tão pequena que pode caber em um pingente de

fotografia de uma corrente. Ela gosta de cavalgar borboletas e prefere morar numa casa de bonecas. Nunca tive sorte suficiente para encontrar uma Criança-Borboleta, mas isso não é de surpreender: uma única Criança aparece, presa dentro de um pequeno jarro de vidro, uma vez a cada vinte anos mais ou menos, e apenas nas Fazendas. Uma vez que o jarro se “manifesta”, a tampa precisa ser removida de imediato, de outra forma a Criança-Borboleta pode sufocar. O jarro, além disso, é frágil e pode se manifestar em qualquer lugar na província: tragicamente, a Criança-Borboleta mais recente apareceu no beiral de uma lareira. A jarra tombou, caiu na lareira e matou a Criança-Borboleta instantaneamente. A família só pôde assistir, impotente, à cena de horror.

(Isso aconteceu cerca de vinte anos atrás. Portanto, enquanto essa edição do *Guia* vai para impressão, há muito burburinho na província das Fazendas sobre quando e onde a próxima Criança-Borboleta vai aparecer.)

Crianças-Borboletas são tímidas, e mesmo a pessoa que liberta a Criança tem dificuldade em conquistar sua confiança. Eu tenho um amigo (Barney) que se lembra de ter mudado para uma cidadezinha nas Fazendas quando era jovem, e de ter descoberto, para sua imensa excitação, que uma Criança-Borboleta se encontrava na casa! No entanto, ele nunca conseguiu conhecê-la. Aparentemente, ela se escondia atrás da minúscula poltrona de sua casa de boneca sempre que um estranho aparecia.

Várias habilidades mágicas foram atribuídas a uma Criança-Borboleta – dizem que ela é capaz de conjurar feitiços de invisibilidade, compor noturnos e muito mais. *Nenhuma* dessas afirmações foi comprovada, mas é em geral aceito que: uma Criança-Borboleta pode falar tanto a língua dos humanos quanto a dos insetos; quando uma Criança-Borboleta está feliz, as plantações na área que a rodeiam vão florescer; e, a qualquer momento, ela vai desaparecer, para nunca mais ser vista – às vezes apenas algumas horas

depois de surgir.

Elliot fechou o livro de novo e levantou os olhos.

– Você planeja encontrá-la? – ele perguntou.

– As pessoas dizem que é hora de uma delas surgir. Isso resolveria os problemas agrícolas, certo? Ouvi dizer que todo mundo está vendendo as pérolas da avó, que esperavam dar para a filha algum dia, porque de outra forma vão morrer de fome, pois nada está crescendo agora.

– Corrie-Lynn, as pessoas estão passando por um momento difícil, mas ninguém está morrendo de fome, e quem quer que você tenha ouvido reclamar sobre as pérolas da avó, bem... sua filha com certeza vai preferir exibir porcos na feira da província do que colares velhos. – Elliot esticou a mão para além da cabeça de Corrie-Lynn, alcançando a parede atrás dela, e apertou uma ponta do papel de parede que estava solta. – Quanto à Criança-Borboleta – continuou –, ela pode aparecer em qualquer lugar da província das Fazendas.

– Exato – falou Corrie-Lynn. – Então, por que não aqui?

Elliot riu de novo, levantando-se.

– Está em meus planos encontrar a Criança-Borboleta. – Corrie-Lynn se inclinou para frente e o cabelo lhe caiu sobre os olhos. – E está em meus planos também fazer amizade com a garota Twickleham e ensiná-la a falar.

– Bem – falou Elliot –, gosto dessa sua atitude.

11

De acordo com a papelada, a TV quebrada na bancada de Abel Baranski pertencia a Jimmy Hawthorn.

– Ei, Jimmy – Elliot chamou.

Ele havia encontrado os amigos na praça para tomar café da manhã e agora eles se dirigiam à escola. Do outro lado da rua, Jimmy abria a porta da

delegacia.

Jimmy parou, correu pelas escadas até a extremidade da rua e protegeu os olhos contra o sol.

– Estou com sua TV quebrada na minha caminhonete – avisou Elliot. A rua estava vazia, por isso sua voz se propagou com facilidade. – Estava na oficina do meu pai. Ele estava no meio do conserto.

Os amigos de Elliot se aproximaram dele. Jimmy os observava, as mãos ainda nos olhos.

– Obrigado, Elliot – ele falou. – Arranjei uma nova TV, mas posso tirar a velha das suas mãos para liberar o espaço, se quiser. Talvez possa pegar mais tarde, no treino? A não ser que tenha alguma utilidade para ela.

– Se não for precisar, posso levá-la a um depósito de lixo para você – falou Elliot. – Tenho um monte de coisas para levar.

Houve alguns instantes de silêncio. Os amigos de Elliot olhavam para o pavimento da calçada.

– Não quer oferecê-la aos Twickleham? – perguntou Jimmy, o tom de voz calmo. – Ver se eles podem usar as peças?

Agora, o queixo dos amigos de Elliot se levantaram de maneira abrupta, e Jimmy podia jurar que um *flash* de câmera havia disparado dos olhos de cada um.

Então começaram a falar, um por vez, a voz de um quase encobrindo a do outro, tão calma quanto o fluxo da água:

– Uma máquina televisual quebrada que você não quer, Jimmy? – disse Kala, o cabelo escuro e comprido balançando com as palavras. – A escola pode precisar para ensinar eletrônica.

– Pode ser útil para guardar seus arquivos e coisas assim – sugeriu Gabe, apontando para a delegacia logo atrás do ombro de Jimmy. – Arquivos policiais, quero dizer. É só tirar as peças internas e você terá uma caixa vazia.

– Você pode transformar uma TV quebrada num porta-retrato, Jimmy – Nikki propôs, inclinando seu belo rosto. – Tire o vidro e coloque uma de suas melhores fotos nela.

– Pode virar um bom aquário – sorriu Shelby, brincando com a pulseira de couro. – Tire os fios e outras coisas, como Gabe disse, e depois derrame um pouco de água e um peixe.

Cody Ritcher afastou os cachos dos olhos.

– Ah, dê para mim, Jimmy – ele falou. – É bem o que preciso para a escultura que estou fazendo para a aula de Arte. *Exatamente* o que preciso, na verdade. Planejo colocá-la no pátio da escola, bem ali. – Ele apontou e eles se viraram para olhar.

Cinco utilidades diferentes para uma TV quebrada em apenas cinco segundos. Jimmy encarou Elliot e seu grupo de amigos, as mochilas sobre os ombros. Eles se viraram e o encararam, um ar de desafio no olhar.

Jimmy gostaria de poder fotografá-los.

– Boa ideia, Cody – respondeu. – Fique à vontade.

Aqueles Twickleham não teriam nenhuma chance ali.

12

Dois dias depois, a escultura estava pronta.

Cody, o amigo de Elliot, era adepto da velocidade. Era parte de sua teoria pessoal sobre arte – uma vez que se tem uma ideia, você a executa. Na mesma hora. Sem sequer parar para apontar o lápis, mesmo quando a arte em questão é um desenho a lápis.

O professor de Arte algumas vezes lhe falava sobre plantar ideias no solo de sua mente, nutri-las, ver como cresciam, mas Cody lhe respondera que ele já passava tempo suficiente da vida plantando, para ter que colher *arte* também.

Caía uma chuvinha – nem tanto caía; mais estremecia –, e Elliot cruzava o pátio da escola, voltando para a caminhonete depois do treinamento de destrobol.

A um canto do jardim, estava a escultura de Cody. Era uma pilha de cimento que se elevava do asfalto, a TV quebrada enfiada em cima. Um monte de sucata, foi o primeiro pensamento de Elliot. Mas ele era amigo de Cody tempo suficiente para poder colocar esse pensamento de lado com tranquilidade. Cody sempre tinha uma intenção a passar.

A manifestação da TV como lixo, Elliot pensou, mas era óbvio demais.

O cimento se mostrava pálido à luz da lua, e ele considerou que talvez lembrasse um boneco de neve com a TV como cabeça. Em Cello, bonecos de neve tinham a mesma duração do inverno, e invernos podiam durar de uma hora a algumas semanas. (Uma vez houvera inverno por um ano inteiro, mas tinham destruído todos os homens de neve com o tempo, em protesto). A escultura seria, talvez, um comentário sobre a inconstância das estações? Mas, nesse caso, a TV representava o quê? A previsão do tempo?

Elliot se aproximou. Circulou a escultura. Faltava o painel negro da TV, ele via agora, mas na escuridão ele parecia uma porção negra de algo ainda mais escuro.

Era uma sensação boa a TV estar ali. O último aparelho eletrônico em que o pai havia trabalhado – o conserto final inacabado –, e agora era uma obra de arte. Não uma das mais bonitas de Cody, mas, ainda assim, não estava no depósito de lixo, nem sob a lupa daqueles Twickleham, tampouco em um galpão nos fundos da casa de Jimmy.

Estava ali. Montada em concreto. No pátio da escola.

Pronta para o pai voltar para ela.

Foi nesse momento que avistou um triângulo branco. Quando o pensamento passou por sua mente – *pronta para o pai voltar para ela* –, conseguiu

vislumbrar. O canto de um papel dobrado. Em um lugar bem fundo na parte de trás da máquina televisual.

De início, pensou que devia ser parte da escultura de Cody, e tentou ajustar as teorias em que vinha pensando para incluir o papel semiescondido, mas depois se perguntou se ele não teria apenas caído lá dentro por acidente. Talvez a ideia original fosse afixá-lo no lado de fora da TV? Cody algumas vezes escrevia notas de explicação.

Ou talvez... – e esse pensamento havia estado lá desde o momento em que vislumbrara o papel pela primeira vez, agitando as profundezas mais sombrias de sua mente – ... talvez fosse algo de seu pai.

Esticou a mão para a escuridão da TV e o removeu.

Sua cabeça entoava: *Conectores periféricos: Pino 1: +12, Pinos 72 e 13: Terra*. Era um aviso que o lembrava que, ainda que o papel fosse de fato do seu pai, provavelmente a mensagem seria algo parecido com aquilo. Puramente termos eletrônicos. Nada pessoal ou doce. Nada que de alguma maneira revelaria algo a Elliot, ou explicaria onde seu pai estava agora.

Afastou-se da escultura, dirigindo-se ao poste de luz acima do portão da escola, e desdobrou o papel.

Não era a caligrafia do pai. Nem de Cody. Era uma letra apressada e bem-feita, que dizia o seguinte:

Querido Parquímetro,

Eu também.

Quero dizer, metafisicamente, eu também. Não consigo descobrir como ir embora, ou voltar, e olha que tenho muita vontade de voltar... Por isso, num sentido metafísico, também estão me prendendo contra minha vontade.

Se é que você me entende.

E se é que estou usando “metafísico” no sentido correto. Não tenho

muita certeza.

É o seguinte: minha mãe meio que prendeu a gente aqui. Numa torre. Ou em um apartamento, que, de qualquer maneira, também está bem acima do chão. Não há chance de resgate, porque nenhuma de nós tem cabelo grande o suficiente para soltar as tranças, mesmo que o nome de uma de nós duas FOSSE Rapunzel, o que não é o caso, claro.

Quer saber o que costumávamos comer? Sorvete de jasmim, *cupcakes* de lavanda, torta de marzipã e caramelos finos com infusão de água de rosas. Isso num dia comum.

Aqui comemos feijões em lata. Especificamente: ervilhas, feijão-branco e, em ocasiões especiais, feijões cozidos no molho de tomate. (Às vezes minha mãe vomita, porque está habituada com as coisas mais finas da vida.)

Sabe o que COSTUMÁVAMOS ouvir? Risadas feito sinos, meu pai tocando contrabaixo, minha mãe cantando, fontes borbulhando (elas costumavam me irritar, na verdade, mas vejo agora como eram belas), o *tim* baixinho do elevador do hotel se abrindo no andar da cobertura.

Aqui, há turistas dizendo a mesma coisa de novo e mais uma vez, no mesmo e exato tom, e o tinido de sinos de bicicleta como bisturis se batendo, além do zumbido da máquina de costura.

Na minha vida de antes, jamais ficava parada. Caía no sono em Paris e acordava em Praga. Era como se eu tivesse asas; estava sempre voando, sendo conduzida por um carrinho ou flutuando. Era uma garota que andava de carruagens e trenós, em navios e pranchas de skate e esquis, e em todo lugar em que pisava havia mãos com luvas brancas abrindo portas para me deixar passar.

Aqui em Cambridge, só ando numa bicicleta enferrujada, e todo lugar para o qual me viro tenho que *Não pisar na grama*. Não podemos pagar o ônibus para Londres, mas minha mãe compra passagens mesmo assim para fazer viagens inúteis a fim de saber sobre um programa de perguntas

e respostas.

Esta é minha história. Qual é a sua? A existência de um parquímetro quebrado. Bem ruim, imagino.

Atenciosamente,
M. T.

P.S.: Se este bilhete foi mesmo deixado por uma PESSOA que está sendo presa contra a vontade, bem... ignore tudo o que escrevi acima, pois deve parecer bem egoísta para você. Além disso, deve ser até irrelevante, considerando sua situação.

P.S. do P.S.: Ei, talvez fosse melhor entrar em contato com a polícia em vez de deixar mensagens em parquímetros. É só uma ideia.

Elliot estudou o bilhete por um tempo. Recostou-se no portão da escola. De início, as palavras eram como velas de ignição, pois não eram do seu pai. Mesmo termos puramente eletrônicos teriam sido um presente, e ele torcia por receber um presente, de modo que uma ponta de esperança despertou algo feroz dentro dele, tão feroz que fez seus olhos arderem.

Mas então as palavras se acomodaram e passaram a se desenredar, ganhando um pouco de seu sentido. Ele levantou as sobrancelhas.

Dobrou o bilhete, colocou-o no bolso, pegou a destrobola e a arremessou bem alto e reta na escuridão da noite, pegando-a depois. Em seguida, dirigiu-se à caminhonete.

1 É a sexta coluna delas na verdade.

2 Seria respectivamente? Júpiter tem 14, e Ko, 15.

3 Como fizemos a coluna numa fonte de jornal, os garranchos das Princesas Irmãs não aparecem aqui.

4 A infestação da praga é na verdade no Reino de Sergendop, no sudeste, e até o momento matou mais de seis mil pessoas. Garantiram para nós que a Rainha vai permanecer a seguros noventa metros de distância das praias quando oferecer sua “preciosa ajuda”.

PARTE 6

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

1

Chovia forte.

Os faróis dos carros pareciam franzir o canto dos olhos. Os ciclistas franziam o rosto em resposta, limpando gotas de chuva do nariz e das sobrancelhas. De canaletas e esgotos jorrava água; tulipas e narcisos estremeciam; e pétalas de flor se esparramavam de cerejeiras, formando um véu rosa brilhante sobre o estrume marrom e úmido.

Na praça do mercado de Cambridge, um homem pisou numa poça e o jato se espalhou, acertando a saia de uma mulher que passava. Um pequeno grupo de turistas tiritava de frio à entrada do Banco Barclays. O mercado em si estava fechado e bem protegido, mas o dono da barraca de frutas ainda empacotava as últimas laranjas.

Pouco além da praça, na Passagem St. Mary, cadeiras e mesas de vime se encharcavam com o aguaceiro que caía no terraço exterior de um café. Na janela, havia uma imagem decalcada de uma mulher rechonchuda oferecendo uma bandeja de chá. *Canto da Titia*, diziam as letras floreadas acima de sua cabeça, e abaixo, em letras mais simples: CASA DE CHÁ.

Dentro da casa de chá Canto da Titia, uma garota estreitava bem os olhos para o amigo. Este, por sua vez, mostrava-se perdido em pensamentos. Era alto, os olhos dourado-esverdeados, e uma boca larga que parecia sempre pronta a esboçar um largo sorriso. Eram Belle e Jack.

A algumas ruas de distância, no apartamento do sótão, Madeleine estava sentada no sofá. A mãe estava à mesa de costura. A chuva corria pelas janelas, e sombras dela deslizavam pelo rosto e pelos braços de Holly e Madeleine. Na TV, passava o programa de perguntas e respostas.

Madeleine segurava um livro fechado.

ISAAC NEWTON, dizia a capa do livro em letras grandes de um orgulhoso azul, e, embaixo disso, de maneira mais discreta, vinha o nome do autor.

Isaac Newton tinha um apelido? Será que o chamavam de Zac?, pensou. E também: *Que efeito teve em seu ego o nome dele começar com I? Ele se considerava um ídolo?*

Ela lembrava ter sonhado com seu iPod na noite anterior. No sonho, ela o tinha visto no assento de um trem em movimento. A música se espalhava por todo canto, dando vida ao assento. Ela estava num trem, o iPod em outro, e lá ele se foi, afastando-se dela com rapidez, a mão se esticando pela janela inutilmente.

Onde estão agora?, pensou. O iPod, o iPhone, o iPad, as coisas que marcavam seu eu na sua vida? A mente se demorou nas lembranças, buscando por mais coisas que eram suas: viu o celular no criado-mudo do hotel em Paris; o iPad na mochila Louis Vuitton; o iPod deslizando do bolso no restaurante, na noite anterior à sua fuga.

Depois viu o rosto do pai; ele apontava para o iPod conforme este escorregava para o chão.

A própria lembrança de Madeleine escorregou e se desfez, mas logo lá estava seu pai de novo. Ele afastava a cadeira da mesa, ficando em pé para imitar a maneira estranha de alguém andar. O pessoal da mesa ria de forma histórica. Outras pessoas que jantavam ali se viraram para ver.

Agora, ela via o pai se agachar a seu lado quando ela era pequena: a intensidade do olhar dele enquanto ela contava as pernas de uma centopeia.

Ela o viu num bufê de café da manhã de hotel, afrouxando o colarinho da camisa para lhe mostrar sua nova tatuagem.

– Por que você fez isso? – ela perguntou.

– Para ver como ficaria em mim.

Era a maneira de o pai abraçar a vida. Ele fazia coisas para ver como se sentia em relação a elas. Ele sentia *mais* que a maioria das pessoas. Então parava completamente para soltar aquela risada plena e envolvente, sem se importar com o fato de as pessoas terem de esperar que terminasse de rir ou contornar essa situação. Certa vez, numa caverna subterrânea, sua risada havia ecoado para ele em resposta, e ele se detivera, surpreso, só para em seguida rir mais forte ainda.

A expressão no rosto do pai quando o carro deles atingiu um cachorro em Barcelona; a expressão quando o veterinário disse que o cachorro não ia sobreviver àquela noite... Lágrimas nos olhos do pai enquanto acariciava as orelhas do cachorro.

Na casa de chá Canto da Titia, Jack e Belle dividiam um bolo morno de banana com calda de manteiga, acompanhado de chá. A toalha era de renda branca, as cadeiras eram de madeira escura, e nas paredes viam-se imagens impressas e emolduradas de Cambridge.

– Tive um sonho ontem à noite – Belle disse, a colher cortando o bolo em uma lua crescente.

– E aí? – A colher de Jack pairava no ar. – Como foi?

– No sonho, eu não parava de beijar pessoas, e era muito nojento. Continuava querendo beijar qualquer um, como o carteiro ou algo parecido, mas era tudo molhado, com saliva derramando do beijo.

Houve uma pausa.

– Isso é nojento – Jack falou.

– É, eu falei. Disse que era nojento.

Ambas as colheres cortaram o bolo, bastante competitivas por um tempo, até que Belle comentou:

– Espere um minuto – e cortou o bolo ao meio, empurrando uma metade para o lado dele, puxando a outra para o dela. – Agora podemos comer com calma.

Ambos se reclinaram e olharam ao redor. Um casal de meia-idade abriu a porta com um empurrão e uma cacofonia de exclamações sobre a chuva. Uma garçonne murmurou “Estamos quase *fechando*”, mas sorriu e os conduziu para uma mesa mesmo assim. Ela vestia um uniforme negro com enfeites brancos no colarinho e nas mangas, e um avental branco por cima.

– Adoro este lugar – falou Belle.

– Deve ter sido baba – comentou Jack. – Você estava babando enquanto sonhava, por isso os beijos eram assim.

– Eu não babo.

– É claro que baba. Todo mundo faz isso. Em especial quando se está sonhando. A gente fica paralisado quando sonha. Não consegue mover nada, nem a língua, então não pode engolir o cuspe.

Ambos pegaram as colheres de novo, pensativos.

– Esse lance de paralisia... – Jack acrescentou. – Provavelmente é por isso que tenho tantos sonhos em que estou tentando correr ou dirigir para algum lugar, mas acabo não indo a lugar nenhum.

– Não. Você tem esses sonhos porque *não vai* para lugar nenhum.

– Obrigado – falou Jack.

Mais cedo, naquele mesmo dia, Jack e Belle haviam encontrado Holly e Madeleine em um café na Waterstones, quando a chuva ainda estava presa no alto do céu acinzentado.

– Comecem fechando os olhos e inspirando o ar dos livros – Holly propôs.

Belle e Jack fizeram isso, enquanto Madeleine correu para buscar uma

cobertura extra de chocolate para seu *cappuccino*.

Quando ela voltou, tinham aberto os olhos, amorosos e surpresos, como criancinhas despertando de uma longa soneca.

Holly balançou a cabeça em aprovação, depois disse:

*Ela anda envolta em beleza, como a noite
Sem nenhuma nuvem e céu a se estrelar;
E tudo que há de melhor nas trevas e na luz
Se encontra em sua aparência e em seu olhar.*

– Quem anda? – perguntou Belle.

– É uma boa frase, não é? – falou Jack. – “Ela anda envolta em beleza, como a noite”.

– Vocês sabem quem escreveu essas linhas? – indagou Holly.

– Eu escrevi – respondeu Jack, sorrindo com um orgulho tímido.

Belle o encarou, incrédula, mas depois seu rosto se tranquilizou.

– Oh, certo – ela disse. – Foi Byron. – Virou-se para Holly. – Byron escreveu.

– Hum... – Holly apertou os olhos, pensativa. – Também pensei que fosse, Belle, mas Jack parece tão seguro de si. Talvez Jack tenha *mesmo* escrito, quem sabe?

Os três explicaram para Holly sobre os nomes no chapéu.

– Não precisei *me tornar* Byron – Jack acrescentou. – Porque eu *já sou* ele, totalmente igual. Mas sem a parte da poesia. E, bem... as garotas não estão exatamente se matando para ter um filho meu. Pelo menos, até onde sei. Se estão, precisam demonstrar isso com mais força. Fora essas coisas, sou igualzinho a Byron.

– As semelhanças estão me deixando espantada – falou Belle.

– Nomes diferentes também – Jack continuou. – Byron e eu temos nomes

diferentes.

Agora na casa de chá Canto da Titia, Jack fixou um olhar crítico na pequena estante montada na parede oposta a ele. Suas extremidades tremulavam e se contorciam, a madeira se empolgando consigo mesma. Uma chaleira de cobre encontrava-se sozinha na prateleira mais alta, parecendo um pouco perdida. Jack considerou que o dono da casa de chá provavelmente havia ganhado a chaleira de cobre como presente. E, depois de a pessoa que lhe deu o presente ter voltado para a casa dele, o dono do lugar devia ter comentado: *O que eu vou fazer com essa porcaria?*, e alguém deve ter dito: *Ah, coloca ali na prateleira.*

Jack se virou para Belle, inclinou a cabeça em direção à chaleira, e ela arqueou as sobrancelhas, concordando com todos os pensamentos dele.

– Ainda acho que sou como Byron – falou Jack, mostrando-se temperamental de repente. – Ele tinha uma tempestade dentro de si, sabia? Provavelmente era de Áries, como eu.

Belle lançou um olhar para as vigas do teto caído. Comeu mais um pedaço do bolo.

– Era?

– Era o quê?

– De Áries, como você?

– Depende de quando ele nasceu – respondeu Jack com paciência.

Belle piscou uma vez.

– Ah, certo. – Ele comprimiu os olhos tentando lembrar, então desistiu e folheou as anotações na bolsa. – Hum. Ele fazia aniversário em vinte e dois de janeiro, então era de Aquário. Tudo bem. Fui de Aquário duas vidas atrás.

– Você e suas vidas passadas – falou Belle. – Talvez Byron tivesse uma aura como a sua.

– Você e suas auras – comentou Jack.

– Poderia ler a aura dele para você, se quiser. Tem uma foto aí?

– Você pode ler auras usando fotos?

Belle deu de ombros.

– Sei lá. Nunca tentei.

Jack serviu mais chá para si mesmo. Tudo na mesa era branco: o prato do bolo, as xícaras, o açucareiro. A própria chaleira, também branca, mantinha uma espécie de postura à mesa: alta e elegante, a alça como uma mão na cintura, o bico se curvando em onda, como se quisesse muito mergulhar em sua xícara.

– Vou estudar isso na universidade, você sabe – Jack falou. – Astrologia. Já lhe contei isso? Estava pensando... É o que me empolga, então eu devia investir nisso. Você acha que vai estudar auras?

– Não – falou Belle. – Auras são um monte de bobagens.

Jack ficou tão chocado que quase derrubou a chaleira. Belle esticou a mão para salvá-la de um acidente.

No apartamento do sótão, a chuva engrossava contra a janela, formando ondulações como folhas secas de uma árvore. Só que as ondulações da chuva eram elegantes no vidro, espiralando até deslizar e escorregar para longe.

Madeleine desviou o olhar da janela. *ISAAC NEWTON* ainda estava fechado em seu colo, e ela olhava o espaço entre as almofadas do sofá. Uma grossa linha de migalhas. O programa da TV invadia a sala com suas perguntas. Uma máquina de lavar zumbia em algum lugar do prédio, misturando-se ao ruído da chuva e ao zunido esporádico da máquina de costura. A mãe gritava respostas e, depois de cada grito, quando a resposta correta era dada, havia um *É mesmo?* ou *Ah, eu devia saber disso* pensativo de Holly, ou apenas um *Droga!*

Entre as páginas do livro *ISAAC NEWTON* havia um envelope. Madeleine o tinha enfiado lá antes, numa página aleatória, e agora ela corria os dedos por

sua extremidade.

Ela pensou: *Quem eu era antes de tudo isso? Antes de ser uma garota em um apartamento num dia chuvoso em Cambridge, alguém que lê livros com informações que fervilham na mente como feijões numa panela, quem eu era?*

Ela sabia quem havia sido, mas parecia um sonho. Havia sido uma garota que corria tão rápido, mesmo que fosse no corredor até o quarto, que derrapava no chão quando detinha o avanço com os calcanhares. Sua voz tinha soado como a queda da chuva. Adorara o aroma das coisas – canela, coco, limão; existira um compartimento em sua bagagem para velas perfumadas. Havia adorado ouvir música bem alto e também dançar, e, se ela fosse aquela garota neste instante, estaria com os amigos e eles iriam perder a cabeça por aí, abrir a janela, jogar a máquina de costura no meio da chuva. Só para observá-la despencar quatro andares até o chão.

Ela não estaria sentada ali, observando o vazamento que se estendia pela parede como uma teia de aranha, as estranhas manchas negras de mofo se expandindo lentamente. Pegaria, sim, uma marreta e abriria um buraco naquela parede. Subiria pela janela, desceria pela parede, chutaria para um canto as peças da máquina de costura quebrada.

Onde ela estava agora, aquela garota com o coração de tempestade?

– É – falou Belle. – É bobagem. Você sabia que, se dois leitores de aura olham para a aura de alguém, quase *nunca* enxergam a mesma coisa? Quero dizer, o que *isso* nos diz sobre a exatidão científica disso?

Jack encarou a amiga. Balançou a cabeça negativamente, bem devagar. Depois, falou:

– Honestamente, não tenho ideia do que responder. Se isso é... se você é... bem, por que diabos você tem falado de aura pelos últimos cinco anos então?

– Ah, bem, é que eu *consigo* lê-las. – Belle respondeu em tom amigável. –

Só que ninguém mais consegue ver como eu vejo, entende? Por isso eu acho que esse negócio de auras é uma grande bobagem, e, se é uma bobagem, por que eu perderia tempo estudando esse assunto, percebe? Mas que eu consigo ler auras, isso eu consigo. Não se preocupe a respeito desse fato.

A boca de Jack se repartiu em um gigantesco sorriso.

– A sua está meio cor de pêssego no momento – Belle acrescentou. – Você está se sentindo tranquilo e sonhador, mas um pouco inquieto também.

O sorriso se paralisou por um instante – havia tido um pensamento.

– Sabe o que acabei de perceber? Você nunca leu a aura de Madeleine – ele disse. – Por quê?

A garçonete pegou o prato de bolo vazio e colocou um copo no lugar, a conta enfiada dentro.

– Não pedimos a conta – falou Belle.

– Estamos fechando agora.

– Por quê? – Jack repetiu. – Você sempre lê a minha e a de todo mundo, e provavelmente estava prestes a me dizer que a aura da garçonete está com manchas escuras ou algo assim. Mas nunca ouvi você dizer nada sobre a aura de Madeleine.

– Ah – Belle deu de ombros. – Madeleine usa cores demais. Roupas têm aura própria, entende, e elas podem interferir.

– Isso é um fato comprovado?

Jack pegou a carteira e pagou a conta. Ele de fato tinha um ar sonhador estampado no rosto.

– Sabe como ela é? – ele perguntou. – Madeleine, quero dizer. Venho pensando que ela é como alguém de um clipe de música. Sabe os vídeos, a maneira como fazem cortes rápidos entre as tomadas? Como uma tomada salta de uma banda tocando num celeiro para uma criança num ônibus escolar, depois indo para alguém que rola uma caneta entre as mãos...

esse tipo de coisa. E eles continuam cortando as tomadas sem parar. E tem aquelas tomadas... digamos, quem toca a bateria é uma garota, e ela está a maior parte do tempo na penumbra, mas tem uma tomada dela olhando para baixo e começando a rir, o cabelo caindo sobre os olhos, e então cortam a tomada, antes de ela rir até o fim. E, cada vez que você vê, tem a sensação de que *aquela* tomada, *aquele* é o refrão verdadeiro da música; aquele é o trecho mais tentador. E você observa com mais e mais atenção, querendo mais, e tem a sensação de que ela é bem bonita, embora nunca veja o rosto ou a ouve rir uma risada inteira. É assim que Madeleine é.

Belle desviou o olhar da mesa.

– Madeleine está sempre rindo – ela falou. – E vemos o rosto dela o tempo todo. Não pague ainda. Não terminei meu chá.

Naquela manhã, Madeleine foi pegar o recado que tinha deixado no parquímetro. Havia refletido sobre a loucura de ter feito aquilo; de expor o que estava dentro do seu coração na rua, para qualquer um que achasse. Com certeza, estava bem escondido, mas... e se alguém que a conhecia encontrasse?

Para uma pessoa inteligente, pensou, posso ser bem estúpida às vezes.

Pedalou rápido, perguntando-se em que ponto a estupidez cegava sua inteligência.

Havia um carro parado ao lado do parquímetro. O carro parecia ter um ar desafiador estacionado ali. *O parquímetro está quebrado*, era o que parecia dizer, *então não tenho que pagar, tenho?* Ou talvez tivesse apenas um ar defensivo: *TERIA pago, se pudesse. Mas o parquímetro não está funcionando, está vendo?*

Sua carta não estava mais lá.

Havia um envelope no lugar.

Um envelope longo e fino, marcado com um *M. T.* vermelho.

Dentro do envelope, havia duas folhas de papel dobradas. Uma era sua carta; a outra dizia isto:

Cara M. T.,

Acho que esta carta deveria ir para um parquímetro, mas veio parar aqui em Cello. Pareceu para mim que o melhor a fazer era enviá-la de volta a você, então aqui está.

Bem, sua carta fez tanto sentido para mim quanto a queima de fogos de artifício dentro de um caminhão que transporta cavalos, mas, deixando isso de lado, acho que você deve estar no Mundo.

Foram esses lugares que você mencionou – Paris, Praga e assim por diante – que despertaram minha memória, por isso entendi. Nós falamos sobre eles em Estudos do Mundo. Só fiz o curso introdutório – o obrigatório –, não o optativo. (Faz mais de trezentos anos desde a última vez que tivemos contato com o Mundo, então me pareceu um desperdício estudar mais a respeito.) (Sem ofensa.)

De qualquer forma, imagino que há uma fenda no pátio do colégio de Fogueira. A fenda deve estar bem onde meu amigo Cody colocou sua escultura, por isso sua carta a atravessou e ficou presa nela. Não tenho muita certeza de como funciona a ciência dessas coisas, para ser honesto.

Devemos reportar quaisquer fendas suspeitas às autoridades, para que eles a fechem na mesma hora –

algun tipo de lei rígida ou algo assim. Não farei isso, no entanto, porque não consigo ver como possa causar algum mal, e não gosto da ideia, para falar a verdade. Se há uma maneira de transmitir ou receber uma mensagem, bem, me parece errado fechar esse canal de comunicação.

Mas, ouça, vou estar fora daqui por alguns dias – numa viagem para o Norte Mágico –, então, se alguma das suas cartas vierem, não vou estar aqui para mandá-las de novo para você.

Antes de eu terminar, posso comentar algumas coisas? Primeiro, em relação às comidas que você come. O que tem de errado com feijões? Talvez você possa temperá-los com um pouco de alho ou folhas de tomilho. Pode ainda adicionar chouriço ou bacon defumado.

Quanto a tortas, *cupcakes* etc., imagino que você comia doces finos antes, e, agora que não tem mais, deve ser duro mesmo. Lamento por você.

Outra coisa: minha mãe está empolgada com você. Ela sempre teve muito interesse no Mundo. Era a melhor matéria para ela quando estava na escola, segundo me contou. Ela quer que eu lhe pergunte se vocês tiveram mais problemas com republicanos. Oliver Cromwell era o nome, ela se lembra, mas diz que ele deve estar morto há muito tempo agora.

De qualquer maneira, cuide-se bem, e, se fizer o favor de responder à pergunta da minha mãe – nos próximos

três dias, se possível –, vai fazer com que ela ganhe o dia.

Atenciosamente,
Elliot Baranski

Madeleine correu a mão pela lateral do envelope.

Pensou no poeta Lorde Byron.

Ela sabia que o nome dele era George Gordon Byron, nascido em 1788, e que seu pai havia se casado com a mãe pelo dinheiro dela, e depois o roubara e gastara, fazendo apostas com ele. Quando Byron ainda era praticamente um bebê, os pais, o que não era de surpreender, se separaram.

Ela sabia que, quando Byron era pequeno, o pai, que fora viver na esquina próximo da casa naquela época, o tinha convidado para ficar. No dia seguinte, no entanto, devolveu o pequeno garoto. “Basta”, ele havia dito. “Não quero mais ficar com ele.” Ela sabia também que a mãe de Byron era uma pessoa nervosa e cruel.

Ele havia nascido com um pé torto e mancava, sendo obrigado a usar sempre dispositivos de metal, supostamente para corrigir o problema no pé, mas na verdade os aparelhos o torciam a ponto de ele ficar pálido de dor.

Ela sabia que ele escrevia poesia, e que essa era sua maneira – a própria e diferente maneira – de transmitir mensagens; de abrir um caminho para além disso tudo; de remover as vacas dos trilhos.

Madeleine olhou para o envelope de novo. O estranho que havia encontrado a carta, esse que se chamava Elliot Baranski, havia escrito: *Se há uma maneira de transmitir ou receber uma mensagem, bem, me parece errado fechar esse canal de comunicação.*

Bem no meio da sua carta, lá estava.

– Tradicionalmente – dizia o programa de perguntas e respostas, interrompendo seus pensamentos –, qual é a cor da realeza?

- Laranja! – gritou a mãe de Madeleine.
- Roxo – falou o competidor na TV. – Ou azul-real.
- Droga!

Madeleine levantou os olhos.

- Podemos mudar de canal? – ela perguntou.

Sua mãe riu. Madeleine riu também.

Pensou em Lorde Byron ao longo da trajetória de sua existência.

Byron não escalava como Charles Babbage, fazendo cara feia para o resto do mundo. Byron percorria o caminho desajeitadamente, sempre levantando os olhos para as árvores e o céu. Se tivesse tido um skate, teria desabado com rapidez colinas abaixo, em direção a estradas.

Só que sua vida era cheia de buracos, e ele não parava de cair. Caía e caía em buracos de amor – para todo lugar que Byron se virasse, havia uma bela mulher, ou um homem de olhar profundo, e seu coração batia loucamente por todos eles. Por mulheres de padeiros, coristas, condessas e primas.

Ela também sabia de mais uma coisa sobre Byron: que ele sentia a perda do amor com tanta força, que ficava branco e lhe faltava a consciência.

A porta da sala de chá se abriu de novo, e outro grupo de turistas que se protegia da chuva apressou-se em entrar.

A garçonete estava nos fundos.

- Sabe aquele garoto do programa *Two and a Half Men*? – perguntou Jack.
- Adivinha quanto ele recebe por episódio.
- Não faço a mínima ideia.
- Um *quarto* de milhão de dólares – falou Jack. – Um *quarto*. De um milhão.
- Por que fica falando *quarto* desse jeito? – Belle indagou. – Como se fosse a parte mais importante. Um quarto não é uma quantidade muito grande, você sabe. Não é como *metade*, ou *inteiro*, ou *total*.

– Mas é bastante, não acha? Considerando que aquele nem é um bom programa.

– Quanto dá isso em libras?

Teve de levantar a voz. Os recém-chegados falavam alto. Emitiam exclamações diante de tudo – as vigas, a estante, a chaleira de cobre. Tudo era adorável; tudo era perfeito.

– Vou querer os bolinhos de nata! – gritou uma das mulheres, e os outros lhe deram tapas exagerados de aprovação, as vozes carregadas de entusiasmo. Passaram a frase de um para o outro, como se experimentassem uma nova língua.

Jack e Belle arregalaram os olhos um para o outro.

– Não sei – falou Jack. – Muda o tempo todo, não? A taxa de câmbio, quero dizer. Mas é bastante, de qualquer maneira. É minha opinião.

– A ênfase é que está errada – Belle refletiu. – Um *quarto* de milhão. E daí?

– Podemos mudar de canal? – Madeleine sugeriu de novo. – Podemos? Para minha paz de espírito. Só quero ouvir algo diferente.

– Espírito – falou Holly. – A alma do ser humano.

– Também pode ser *fantasma*.

Madeleine procurou o controle remoto.

– Se mexer com eles, pode precisar de um exorcismo – disse a mãe. Ela esfregou o braço. – Esse braço está dormente. Por que será? TV demais?

– Acho que seria melhor chamar um caça-fantasmas para verificar essa dormência.

Ambas riram, e Madeleine resgatou o controle remoto de sob um recorte de tecido na mesa de costura da mãe. Mudou de canal.

– Seu braço também ficou dormente no outro dia – Madeleine disse. – E você não para de ter dores de cabeça e de ficar... confusa. – disse apontando o controle remoto para a TV.

Holly estava quieta, assistindo à mudança de canais.

– O que é que você tem? – ela perguntou depois de um momento.

– É aquele sabão australiano. *Neighbours*. Austrália – a mãe repetiu hesitante.

Madeleine riu, e a mãe riu também.

– Fomos lá uma vez – Madeleine disse. – Estivemos em Sydney. Lembra? Vimos a Opera House. Chegamos na baía em um cruzeiro, e eles tinham fogos de artifício. E papai gostou muito de Vegemite.

– Vegemite? – Mais uma vez ambas riram.

– Sim, aquela pasta que eles passam no pão. Ninguém gosta de Vegemite, com exceção dos australianos, que crescem comendo aquilo – Madeleine explicou. – É nojento. Mas papai decidiu que era o alimento perfeito na companhia de um uísque *single malt*. Ele continuava colocando aquilo em torradas e fazendo as pessoas experimentarem depois um gole de Balvenie, e em seguida mais um pedaço de torrada, e então perguntava: *Não é sublime?* Lembra?

A garçonete reapareceu.

– Oh, desculpe – ela falou para a mesa de turistas. – Já fechamos.

– Como ela pode não ter dinheiro *nenhum*? – comentou Belle. – Como alguém pode passar de tão rica para uma situação miserável? Por que ela ficou tão pobre?

Jack se levantou.

– Está falando de Madeleine? É que os pais dela se separaram.

– Mas isso não significa que a esposa fica sem nada – Belle insistiu. – O normal, aliás, é a esposa tomar tudo do marido. – Ergueu a chaleira, mas estava vazia, e ela se levantou também.

O rosto dos turistas emanava desapontamento.

– Lá fora *não* diz que está fechado – argumentaram com a garçonete.

E ela repetiu:

– Lamento, mas já fechamos.

Jack abriu a porta.

Belle ia atrás dele e ensaiou um passo para a chuva, mas depois se virou e entrou de novo.

Olhou feio para a garçonete.

– Ah, deixe eles comerem os bolinhos de nata! – reclamou, e a sala toda caiu num silêncio enquanto ela voltava a se lançar no frio.

Madeleine estava de pé agora. Pegava a jaqueta.

– Vou sair um pouco.

– Mas está chovendo! – A mãe riu e levantou o braço direito para o alto. – Não consegue ver isso?

– Ver o quê?

– Minha perna.

– Esta não é sua perna. É seu braço.

Holly concordou com a cabeça e se virou de novo para a televisão.

Havia um anúncio de voos para Nova York.

– Nova York – falou Holly. – Bem, *aí está* a Big Apple, ou a Grande Maçã.

Madeleine havia aberto a porta. Sorriu para a mãe.

– Isso mesmo – concordou.

– É crocante? Uma maçã bem crocante?

Madeleine riu. Estava parada na porta entreaberta, e as palavras escaparam por sob a risada:

– Você precisa... – ela começou, e as palavras a surpreenderam enquanto as dizia. Achou que fosse se manter calma, até mesmo tranquila, risonha, mas não foi o que aconteceu. Elas saíram como um ganido: – Você precisa *consultar um médico!* – E bateu a porta atrás de si.

A batida da porta devorou a última meia hora de risada.

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

2

Às terças, seis da tarde, os Antílopes de Fogueira treinavam no campo de destrobol do colégio. Jimmy Hawthorn era o técnico, e hoje ele havia convidado sua vizinha, Isabella Tamborlaine, para ir com ele.

O destrobol foi inventado na cidade de Clark, nas Fazendas. O principal produto agrícola de Clark é um vegetal de raiz chamado destro, de cor esverdeada, um pouco parecido com um nabo. Ao contrário de um nabo, no entanto, quando os destros estão maduros – todas as plantações fazem isso ao mesmo tempo –, eles irrompem solo acima, fazendo uma curva para o alto no ar. A dificuldade é colhê-los. Centenas de pequenos destros se lançam ao ar e, se caírem, vão se espatifar ou ser esmagados.

Hoje em dia, máquinas colhem os vegetais que caem, mas antes fazendeiros de destro arranjavam equipes de funcionários temporários para correrem pelo local com as mãos esticadas. Os trabalhadores competiam para ver quem colhia mais destros, chegando a saltar, às vezes, para interceptá-los.

O jogo de destrobol é ligeiramente baseado na colheita tradicional de destros. O campo tem sulcos e buracos; dois times, cada um segurando pequenas bolas verdes, alinham-se em uma coluna. Quando o tiro de partida é dado, cada jogador joga a bola no ar, tentando lançá-la em uma trajetória curva, tanto quanto possível, à frente da linha de partida. A ideia é correr pelo campo, pulando sobre os sulcos e jogando a bola assim que você a pega e, sempre que possível, interceptando as bolas da equipe adversária. Uma vez que se chega no final, é preciso virar e correr de volta. Jogadores nas laterais, enquanto isso, lançam ainda mais bolas no ar. O sistema de pontuação é complexo, e em grande parte trata-se de um jogo de estratégia, velocidade,

visão periférica e coleta de pequenas bolas verdes.

Embora o destrobol seja conhecido por todo o Reino de Cello, não é muito popular na província oriental de Ponta Serrilhada. Na verdade, as pessoas por lá com frequência riem e fazem comentários irônicos sobre o jogo. Assim, Isabella Tamborlaine, uma ponta-serrilhana que chegara a Fogueira havia apenas um ano, nunca tinha visto o jogo.

Agora, ela observava os jogadores se alongando e se inclinando para conversar um com o outro, ou correndo para lá e para cá em um campo repleto de sulcos. Conhecia a maioria deles da escola – alguns estavam na classe dela. Havia Gabe Epstein, alto feito um aro de basquete; Nikki Smitt, uma dessas garotas tão seguras de si em termos esportivos que não pareciam perceber que além disso eram muito bonitas; e, no outro lado do campo, Elliot Baranski.

Jimmy tirava fotos da garotada se aquecendo. Seu *hobby* – além de ser treinador de destrobol – era tirar retratos. Largou a câmera de modo que pendesse no cordão em volta do pescoço e se juntou a Isabella na lateral do campo.

– Dá para ver por que as pessoas dizem que Elliot Baranski é o melhor jogador – Isabella comentou, observando a precisão com que ele arremessava a bola.

Jimmy concordou com um aceno de cabeça e se voltou para o lado, observando Isabella. Ela era alta e magra, olhos como folhas de samambaia. Sempre usava um pingente verde em volta do pescoço.

– Sabe de uma coisa? – Isabella continuou. – Sinto-me culpada toda vez que vejo Elliot. O único motivo pelo qual estou aqui... o único motivo pelo qual consegui esse cargo de professora, quero dizer, é porque a Mischka Tegan desapareceu. E ela sumiu junto com o pai de Elliot na noite em que o tio de Elliot foi morto. Entende o que quero dizer? É como se a perda de

Elliot tivesse resultado em ganho para mim. Ou você pode inverter a situação. Meu *ganho* resultou na *perda* de Elliot. Tenho esse estranho senso algébrico de efeito retroativo.

Jimmy observou os jogadores por algum tempo. Depois respirou fundo.

– Bem – ele disse –, consigo compreender por que você acha isso, mas não faz sentido nenhum.

Isabella sorriu; em seguida, voltou a ficar séria.

– Sei que a história oficial é que os dois desaparecidos foram pegos por um ataque Roxo, mas na sala dos professores se conta uma história diferente. Dizem que os irmãos Baranski foram mulherengos a vida toda. Que Jon e Abel haviam se tornado próximos de Mischka nos meses anteriores ao ocorrido. Algo sobre beberem juntos no Pub Cogumelo uma noite sim, uma noite não. Dizem que Abel fugiu com Mischka. Você acha que foi isso que aconteceu? Ou acha que eles foram realmente pegos por um ataque Roxo?

De novo Jimmy ficou quieto por alguns instantes. Por fim, falou:

– Foi Elliot quem encontrou o tio, você sabe.

Isabella se virou, a mão no pingente verde, e olhou fixamente para o rosto de Jimmy. Em sua voz grave e lenta, ele lhe contou que Elliot costumava correr pela Rua dos Acres toda manhã, bem cedo. Em certa manhã, vira sangue na grama. Seguiu a trilha de sangue com os olhos, achando que era um cervo morto. Encontrou o corpo dilacerado do tio. A caminhonete do pai estava próxima, ambas as portas abertas, o motor ligado e o pai desaparecido.

Isabella concordava com acenos de cabeça, entendendo a mensagem de Jimmy: *O que importa aqui é Elliot. As consequências para ele, sua dor. Não a causa, não os detalhes.*

O próprio Elliot se aproximava agora, atravessando o campo. Ele e Nikki Smitt carregavam uma cesta de destrobolas entre eles.

Pararam perto, colocaram a cesta no chão e se aproximaram um pouco

mais.

– Está planejando treinar a gente em algum momento hoje à noite? – Nikki gritou para Jimmy.

Ele riu.

– Vou assumir a culpa – respondeu Isabella, e fez uma piada: – Ouça, Nikki, você e Elliot não querem demonstrar esses arremessos na minha aula de cálculo semana que vem? Vamos calcular o ângulo das curvas.

Elliot se virou, a mão no ar.

– Não vou estar aqui na semana que vem – ele disse.

Nikki, ao lado dele, observou seu rosto.

– Vou embora de novo – Elliot explicou. – Assim que a final de destrobol tiver acabado.

Isabella lançou um olhar para Jimmy, e os pensamentos percorreram o espaço entre eles: *Mas, se foi mesmo um Roxo, o pai dele está morto. E, se ele fugiu com a professora, será que ele quer – ou merece – ser encontrado?*

Não disseram nada.

Elliot e Nikki voltaram para o treinamento. Curvaram-se e lançaram a bola, curvaram-se e a lançaram, até o céu úmido do crepúsculo ganhar vida com pequenas bolas verdes.

3

No dia seguinte, Elliot estava na Biblioteca de Fogueira, fazendo algumas pesquisas de última hora.

Sentou-se numa mesa perto dos catálogos de registro, fazendo anotações em um caderno. Livros e papéis se espalhavam ao redor. Ele escrevia rápido, fazendo uma lista de tópicos, ligando-os com flechas e em alguns casos sublinhando-os até três ou quatro vezes. “Trate queimaduras de dragão com óleo de peixe ou casca de pera madura”, ele escreveu. “ARRANJE UM

APITO para utilizar em território de lobisomens.” Leu outro parágrafo e acrescentou “????” à anotação sobre o apito. “Pode PROVOCAR lobisomens se o tom for muito alto – tente apenas marchar com as botas batendo no chão em ritmo constante.”

Grandes janelas se enfileiravam ao longo da parede leste da Biblioteca, e o sol da tarde penetrava através do vidro. Elliot batia o calcanhar no tapete. Esticou a mão para pegar um livro, fez anotações sobre os passamentos das províncias do Norte Mágico, para o caso de aquela informação ser útil de alguma maneira. Rabiscou recados sobre lutar com ursos, roupas de neve e o custo da entrada para o Lago dos Feitiços. A *Folha Celliana* daquele dia ficou presa sob o peso de alguns livros, e ele a arrastou para si, equilibrando a pilha de livros que tombava antes que caísse. Estudou a manchete da primeira página

O AUMENTO DA HOSTILIDADE, dizia, e, embaixo disso, em maiúsculas, negrito e em fonte menor: O DILEMA REAL DE CELLO.

Elliot fez uma pausa. Hostilidade era algo que ele só entendia por cima. Nunca havia afetado Fogueira de modo direto, e jamais fora um problema nas outras jornadas que ele fizera naquele último ano. No Norte Mágico, no entanto, tinha mais chance de dar de cara com uma gangue de Hostis Errantes do que com um dragão ou um lobisomem. O que fazer então? Bater os pés, soprar um apito, fingir-se de morto ou olhá-los bem nos olhos?

Abriu um ligeiro sorriso. Política era algo que ele sempre achava entediante ou sem sentido, por isso nunca prestara muita atenção. Achava que precisava ao menos tentar entender essas questões agora.

A página quatro da *Folha* dava uma resumo geral da história da Hostilidade em Cello, explicando a trégua que havia sido alcançada, quase mil anos atrás, entre os agitadores, cuja meta era democracia e a monarquia. Em anos recentes, o relatório dizia, dúvidas sobre a família real atual, e em especial

sobre a competência do rei, haviam gerado fissuras nessa trégua.

Uma matéria na página 5 definia os tópicos relevantes. Era provável que estivessem lá só para preencher espaço, já que eram bem conhecidos, mesmo para Elliot, mesmo assim os leu.

Hostilidade Registrada: proveniente de um município (ou cidade, vilarejo etc.) que decidiu optar por sair da tutela da família real de Cello. Uma vez registrada a Hostilidade, a cidade (e seus habitantes) é imediatamente considerada Hostil. O nível de Hostilidade (leve, moderado, sério etc.) é anotado, ponto a partir do qual tratados elaborados entram em jogo, permitindo um governo autônomo em escala variável. Em troca, os Hostis abrem mão de privilégios reais. Esse sistema é a pedra fundamental da trégua.

Abaixo disso havia a definição de Hostilidade Aleatória. Elliot pensou na amiga Shelby e deu um meio sorriso. Algumas pessoas poderiam descrevê-la como Hostil Aleatória devido à tendência a explodir coisas de modo aleatório. Árvores mortas, formigueiros, melancias, tratores que ela estava cansada de olhar.

Leu a definição.

Hostilidade Aleatória: um município (cidade, vilarejo etc.) que se declara hostil à realeza sem assumir nenhum passo formal em relação ao Registro. Essa é uma prática bem recente e aparentemente relacionada à animosidade dirigida especificamente à família real atual. É normalmente exibida ao se pichar a letra H ladeada por dois punhais em todas as placas oficiais da cidade. Forças de segurança e administradores do Registro permanecem incertos sobre como

responder à prática. Até o momento, em vez de tratar tais atos como traição, a família real decidiu ignorar a cidade em questão ou inseri-la no Registro como pertencente ao nível de Hostilidade Moderada. Até hoje, não há relatórios de atividade militante de qualquer Hostil Aleatório.

Por fim, Elliot leu a definição de Hostilidade dos Errantes. Esse tópico era realmente o que importava para ele, já que os Hostis Errantes constituíam um problema sério no norte.

Hostilidade dos Errantes: promovida por grupos vagamente unidos cujos membros desafiam abertamente o sistema de trégua. Seu objetivo é a derrubada completa da família real. São responsáveis por atos clandestinos e com frequência oportunistas de violência por todo o Reino, dos quais rotineiramente reivindicam a responsabilidade, convidando a família real a renunciar em troca da cessação das hostilidades. Embora esses grupos tenham ido e vindo por tanto tempo quanto existe o sistema de trégua, nos anos recentes seu número aumentou de forma considerável, em especial no Norte Mágico. Viajantes dessa região devem tomar muito cuidado com Hostis Errantes.

Elliot se recostou na cadeira por um instante e se permitiu visualizar uma longa fila de obstáculos. Havia dragões, lobisomens, ursos e Hostis Errantes; viu a si mesmo desviando-se de todos, ou saltando sobre eles como se fossem buracos no campo de destrobol. Viu o Lago dos Feitiços, reluzente à distância; viu a si mesmo alcançando-o e montando acampamento. Viu-se capturando um Feitiço Localizador. Nesse ponto, sua imaginação hesitou um

pouco. Um círculo de dúvida, do tamanho de uma moeda, abriu-se no centro do peito. Mas ele esticou a mão e a colocou sobre a fria e macia capa do livro que ocupava uma posição central na mesa: *Pescaria de feitiços: dicas e técnicas para pescar o feitiço que você deseja*. A bibliotecária havia permitido que ficasse com ele em um empréstimo prolongado. Com certeza, a frase “o feitiço que você deseja” era um pouco abstrata, parecida com alguma daquelas matérias chamativas de revista – mas a lombada do livro era sólida. E ele tinha uma bibliografia de dez páginas.

Confiava naquele livro. Ignorou o círculo de dúvida e prosseguiu com sua imaginação.

Viu o Feitiço Localizador, molhado e melequento na palma da mão. Viu-o guiando-o pelo Reino até a caverna de um Roxo em algum lugar – onde seria? Na orla do Mar Interior em Velhus Excentricus? Num penhasco na Faixa da Natureza?

Podia ser em qualquer lugar. A questão era que ele invadiria essa caverna. Cercaria o Roxo, acendendo sua lanterna no interior da escuridão. Haveria um chamado rouco, um sussurro talvez, o som de uma respiração entrecortada, qualquer coisa. Então pegaria seu punhal e cortaria a armadilha do Roxo que prendia o pai. Iria desamarrá-lo, tirá-lo dali e levá-lo para casa.

Algo se manifestou no fundo do estômago de Elliot, correu por suas pernas até a sola dos pés e lhe embaçou os olhos.

Ele ajeitou os ombros tentando conter a onda de emoção. Olhou para a luz do sol e deparou com os amigos.

Cody, Gabe, Nikki, Shelby e Kala estavam todos enfileirados na janela, testas contra o vidro, olhando-o. Deviam estar passando pela Rua Aubin e o tinham visto ali.

Eles eram vultos escuros lá fora, mas podia ver o suficiente dos rostos para saber que todos tinham a mesma expressão. Era um sorriso, pois estavam

felizes em vê-lo, e meio uma risada também – deles mesmos, por se enfileirarem daquele jeito. Ao mesmo tempo, o olhar estava triste, pois sabiam que ele partiria de novo em breve.

Nikki e Gabe inclinaram um pouco o queixo. Era um convite para que Elliot saísse e fosse correr com eles. A atividade favorita era disputar corridas em motocicletas motorizadas. Embora o xerife não a aprovasse tanto quanto eles.

Shelby bateu uma das mãos na outra e deixou os dedos se afastarem depois. Ela queria explodir algo com Elliot.

Enquanto isso, Kala e Cody lançavam olhares firmes para Elliot, um aviso claro de que ele devia parar com a pesquisa e ir tomar café com eles.

Elliot riu daquele grupo, e logo em seguida eles abriram a porta da Biblioteca e entraram.

Puxaram cadeiras ou se sentaram em mesas próximas, reviraram os livros de Elliot, deram petelecos na cabeça dele.

– O que fazer quando se encontra um Hostil Errante? – Elliot perguntou.

– Correr – falou Gabe.

Os outros concordaram com a cabeça.

– Correr rápido – Nikki corrigiu.

– Não encontrar – disse Kala. – *Não* encontrar nenhum deles.

– Muito útil – Elliot murmurou.

Cody tirou a *Folha* das mãos de Elliot e começou a folhear o jornal.

– Aqui está – ele disse, e devia ter acabado de contar aos outros sobre a matéria, porque todos se debruçaram sobre a página na mesma hora perguntando *Onde?*

Era na página 47, em fonte pequena, sob o título “Eventos esportivos”.

Campeonato Provinciano de Destrobol

Antílopes de Fogueira contra Bobos-Pequenos de Horácio
Oval de Fogueira, Fogueira, as Fazendas, sábado, 2 da tarde

– Na *Folha*... – murmurou Kala. – Vocês estão com tudo.

– Isso me faz pensar em por que não estão treinando neste instante – Cody ponderou. – Justamente no dia anterior ao jogo. Não é o que as pessoas costumam fazer?

Elliot, Gabe e Nikki, que estavam todos no time, deram de ombros ao mesmo tempo.

– Não dá para ficar melhor do que já somos – declarou Gabe.

Shelby mastigou uma unha.

– E você parte no dia seguinte ao jogo, Elliot?

Elliot concordou com a cabeça.

– Deixe um de nós ir com você desta vez – ela sugeriu.

– Deixe *todos* nós acompanharmos você – Nikki propôs. – Você não nos deixou ir junto nas outras viagens, mas não vai poder lidar com Hostis Errantes sozinho.

Houve um momento então, enquanto todos falavam ao mesmo tempo, sobre o que colocariam na mala e quanto dinheiro tinham na poupança, e como sempre haviam desejado ver o Lago dos Feitiços ou enfrentar um lobisomem – um momento em que, por trás da conversa, a vida deles parecia transcorrer sob seus olhos. Todas as coisas que haviam compartilhado – colher frutas pelas Fazendas; rebocar um ao outro rio abaixo atrás de caminhonetes; o ano em que a fazenda de Nikki fora tão próspera que haviam trabalhado dia e noite, só desligando os tratores para uma troca de óleo; o ano em que pássaros-orvalho tinham dado rasantes e em que andavam para todo lugar em grupo, sacos de papel na cabeça, rostos desenhados nas costas por Cody para assustá-los.

Elliot balançou a cabeça em um gesto negativo.

– Nenhuma das suas fazendas pode funcionar sem a presença de vocês – ele disse.

– A minha pode – falou Kala. – Vou fazer minhas irmãs diminuïrem as aulas de balé para começar a trabalhar na fazenda.

– A fazenda da minha família está praticamente acabada mesmo – Shelby disse.

Cody ainda virava as páginas do jornal.

– Esqueça os Hostis Errantes – falou. – Tome cuidado com as Princesas Irmãs, Elliot. Elas ainda estão em turnê. – Ele examinava a página enquanto falava, um sorriso se formando em torno das palavras. – Ouça a coluna delas – e fez soar uma voz de princesa ao começar a ler:

Bem, me pisoteie e me chame de pássaro-lira, mas esta turnê *está bombando!*

Queridíssimos, dulcíssimos, mais colaterais habitantes deste (!) nosso ótimo e lindo Reino de Cello: Oi!!!

Nós esperamos que vocês perdoem a abertura um tanto “informal” desta (!) nossa quinta, ou deverei dizer sétima (?)¹ coluna para essa jujuba de jornal, a *Folha*. É que nós nos sentimos tão próximas de todos vocês agora! Tendo passado tanto tempo com seus olhares tímidos sobre nós, é como se *vocês*, nossos totalmente hipereficientes súditos, fossem agora nossos amigos!!

Ah, sobre a frase de abertura... Devemos explicar nosso uso inovador de gíria. Para aqueles que não passaram tanto tempo na Costa Dourada, como nós passamos nos últimos dias, quando você diz que algo *está bombando!* significa que *é um estouro!*²

Quanto à Costa Dourada, é um redemoinho cintilante de luz estelar! Um giro deslumbrante de curto-circuito! Estamos *descertas!* Assimplugadas! *Roupa-pregueadas!*

Escrevendo agora da Carruagem Esmeralda, Ko e eu (pois sou eu, Princesa Júpiter, quem escreve esta passagem) – estamos sendo

sacolejadas, os copos de água de teca derramando líquido... – Ah! Aí vai uma gota manchando o papel! – Vocês podem vê-lo?!³ Cabe a mim dizer que a Rainha Lyra (nossa mãe) sugeriu que *não* partilhássemos da água de teca – mas por sorte nós abjuramos! (é esta a palavra correta?) e partilhamos e partilhamos, e partilhamos ainda mais!! Onde estávamos? Sim! Sendo jogadas de um lado para o outro, conforme a carruagem faz curvas fechadas! Acontece o mesmo quando tentamos decidir qual é nossa parte favorita da Costa Dourada: somos jogadas de um lado para o outro dentro de nossa mente!! Porque não podemos decidir! O lugar todo é uma circuncisão ao vivo!!⁴

Nadamos com golfinhos e ficamos de boca aberta com os sinos de penhasco. Comparecemos a estreias de filmes, e eu (ainda Júpiter) tive a honra de fazer uma participação como convidada especial nos Prêmios Dkaveira. É claro, já somos amigas íntimas de estrelas de filmes como Bram Rickstein e Cynt Latte, e foi fascinante poder vê-los novamente.

Para colocar de maneira direta, a Costa Dourada é um sem-fim de surpresas – nenhuma mais assustadora, é claro, do que o Pântano. Digam-me, pelo tronco descascado de um nariz comprido, o que é que o Pântano *está fazendo* aí?! Um monte de criaturas perigosas e pedaços de gosma que se expandem (segundo nos contaram) se elas sentem que você está próximo! E querem se enfiar em nossos tênis e subir pelas nossas pernas! (Eca!) Nós só voamos *sobre* o Pântano no Helicóptero Esmeralda, em vez de visitá-lo, mas mesmo assim quase colidimos com um dos *Horrendus* que pairavam ali!

É nossa humilde sugestão de que todo o Pântano deve ser *banido* incontinente deste nosso ótimo e lindo Reino! Pretendemos levar a questão ao Rei Cetus (conhecido por nós como “papai”) no momento em que ele voltar de sua expedição botânica real aos Crânios...⁵Acabamos tendo de parar para uma visita à cidade de Pérola, onde Ko admirou o famoso efeito de sombra (enquanto eu descansava na carruagem). Devido a uma peculiaridade na topografia, as sombras *permanecem* por até uma hora depois que a pessoa ou objeto que lhe deu origem se foi! A sombra de Ko ainda deve estar lá, sem dúvida, em vários lugares, enquanto escrevemos! Ela diz que não é tão interessante quanto achou que seria porque com frequência é só uma confusão de sombras uma por

Parece haver tamborins retumbando e retinindo, mas não há; é só a atmosfera.

É o dia seguinte, e a manhã da final de destrobol. O céu está carregado com o azul do verão, e a Praça da Cidade tem fileiras de mesas de madeira. Elas estão repletas de chapéus, cachecóis, camisetas, bandeiras, buzinas e enormes luvas de espuma (dedos em vários gestos de celebração), tudo no azul e dourado dos Antílopes de Fogueira.

A pirâmide de abóboras foi removida, e em seu lugar está um antílope de vidro, pintado com faixas azuis e douradas e montado em uma plataforma. Crianças sobem no antílope ou jogam destrobolas bem acima da cabeça. Algumas carregam caixas de tomates em direção a uma quitanda. Elas diminuem o passo, observando as destrobolas voadoras. Após trocarem um olhar furtivo, jogam a caixa no chão, pegam um tomate cada uma e os arremessam no ar. A ideia pega: tomates invadem o ar.

Enquanto isso, por toda a praça, garotinhas fazem buscas embaixo das mesas e em canecas de café, ficando na ponta dos pés para examinar o parapeito de janelas. Alguém no norte previu que a Criança-Borboleta vai chegar à província das Fazendas hoje, e as garotinhas de Fogueira estão determinadas a encontrá-la se ela aparecer por ali. Algumas das garotas prenderam asas de borboleta feitas de tecido nas costas dos macacões de jeans.

Elliot e a mãe tomam café na padaria. As pessoas gritam *Boa sorte!* para Elliot e *Contamos com você, companheiro!*, ou *Acabe com eles!* Outros falam bem alto: *Como você está, Petra?*, ou: *Orgulhosa do seu garoto?* para sua mãe. E há ainda outros que param ao lado da mesa para exclamar: *Nossa, como estou feliz de ver vocês dois! Como você cresceu, Elliot!!* porque as pessoas que haviam se mudado da cidade no ano passado – tentando encontrar trabalho, tendo a plantação da própria fazenda falhado – tinham

vindo para o local hoje a fim de assistir à final.

Na maioria das vezes, Elliot e Petra, que estão comendo, gritam em resposta: *Obrigado!* ou *Bem, e você?*, ou *Ora se não é Sarah-Jane Marshall! E você arrumou os dentes!*

Os amigos de Elliot perambulam pela praça em grupo e a atravessam até chegar à mesa dele. Gabe e Nikki, já vestidos com o uniforme azul e dourado, inclinam-se contra a mesa, e os olhos deles têm a agudeza e a consciência de craques num grande dia.

Shelby levanta o braço para mostrar a Elliot e a sua mãe o antílope que agora adorna seu gesso.

– Foi Cody quem fez. – Ela aponta Cody com o dedo. – Ele quer fazer uma série em moldes de gesso, por isso todos nós vamos ter de quebrar os ossos.

Cody concorda com a cabeça.

– Eu ficaria muito agradecido.

Seu rosto está pintado de azul e dourado, e ele desenhou antílopes minúsculos com tinta por todo o braço.

Petra Baranski toma um bom gole de café, coloca a caneca na mesa e faz uma careta:

– Quer ser vítima de envenenamento por tinta, Cody?

– Olhe para essas coisinhas no braço direito dele – Gabe aponta. – Ele teve que fazer tudo com a mão esquerda, mas estão perfeitos. Isso é que é talento.

– Então, ele é ambidestro – diz Petra. – Isso não vai salvar a vida dele.

– Ah – comenta Elliot. – Envenenamento por tinta é um mito.

Kala tem contas azuis e douradas presas nas tranças do cabelo. Está usando uma camiseta dos Antílopes de Fogueira com uma calça de algodão estampada. Ela tira duas pulseiras de fios entrelaçados do bolso e as entrega para Elliot.

– Uma é para dar sorte hoje – diz. – E a outra é para dar sorte na jornada

que começa amanhã.

E lhe dá um beijo rápido na bochecha. Os outros observam em silêncio, e continuam observando quando Elliot coloca as pulseiras no pulso esquerdo e levanta o braço para mostrar a ela.

Em seguida, todos comentam sobre os juízes que haviam chegado da Costa Dourada, que é onde fica a sede do destrobol, e discutem se as regras de jogo da CD vão se aplicar e como a CD se tornou sinônimo de destrobol de qualquer maneira, uma vez que ele começou bem ali nas Fazendas. Falam sobre como Sadie Richmond distendeu o tendão da perna na noite anterior, correndo atrás de um bode, mas ela acha que ainda vai conseguir jogar hoje, e como ouviram que a equipe adversária, os Bobos-Pequenos de Horácio, talvez tenha atingido seu pico muito cedo na temporada, e que nome estúpido é esse de Bobos-Pequenos de Horácio, e como isso dá uma vantagem aos Antílopes até nisto: no nome.

Ninguém volta a mencionar a viagem do dia seguinte. Dizem a Elliot para se apressar e terminar logo o café da manhã e que o encontrarão no campo.

Partem, e se faz silêncio por um momento.

– Você vai partir o coração de Kala – Petra fala por fim. – Não vê como os olhos dela pegam fogo quando você sorri para ela?

Elliot brinca com as pulseiras.

– Ela é linda – ele responde. – O que quer que eu faça?

– Bem – Petra coça a sobrancelha –, imagino que vai mesmo partir amanhã. Primeiro trem da manhã, certo?

Elliot concorda com a cabeça.

– E vai ficar fora por algumas semanas?

– Talvez mais. O tempo que for preciso.

Petra fica imóvel. Inclina-se um pouco. Os olhos estão cheios de coisas que queria dizer, páginas e páginas de palavras que gostaria de falar.

Em vez disso, ela diz:

– Faça desta a última vez.

Elliot também fica imóvel. Depois, subitamente agitado, olha por trás do ombro. Em seguida, vira-se de novo, mudando de assunto.

– Chequei a escultura mais uma vez esta manhã – ele diz. – Nada ainda.

Ele se refere à escultura de Cody no pátio da escola. Desde que respondeu à carta da Garota do Mundo, olhou uma ou duas vezes procurando a resposta, mais pela mãe que por si mesmo.

– Suponho que não vamos ter mais notícias dela, então – suspira Petra. – Bem, é melhor. Se o xerife descobrir que há uma fenda e que não o informamos...

Nesse momento, os olhos dela se arregalam, assustados com algo logo acima do ombro de Elliot.

Elliot lê a surpresa em seu olhar, e o braço esquerdo dele gira no ar.

Ele pega. Abre a mão e lá está um tomate que voava direto para o rosto da mãe.

– Isso é que é reflexo – fala o xerife, aproximando-se por trás e parando atrás de Petra.

– Esse é o meu garoto – concorda Petra, sorrindo sobre o ombro para Hector. – E é por isso que eu apostaria minha fazenda na vitória dos Antílopes hoje.

Enquanto fala, descansa o braço na mesa. As pontas dos dedos brincam com o tomate.

O trio observa na praça a criança que arremessou o tomate e que agora foge de fininho para dentro de uma loja.

– Vou ter uma conversa com ele – o xerife diz.

Petra dá de ombros.

– Foi um acidente. Não faz mal.

O xerife respira fundo, entrando no estado de espírito do dia, e também dá de ombros.

– Você partirá amanhã, Elliot? Vai para o Lago dos Feitiços?

– No primeiro trem do dia.

– Passe na delegacia mais tarde. Se conseguir esse Feitiço Localizador que tanto quer, e ele levá-lo para as cavernas, bem... vai precisar de algumas jaquetas de segurança extras. Tenho algumas na delegacia.

Elliot concorda com a cabeça.

– Obrigado, Hector.

– Já vi a equipe de Horácio – Hector fala. – O técnico estava parado na Rua Principal, e todos estão andando de um lado para outro por lá. Parecem durões.

Elliot sorri.

– Podemos com eles.

O xerife inclina o chapéu.

– Vejo vocês no jogo.

– Até lá, Hector.

Ambos esperam até ele ter atravessado a praça e então os olhos se encontram.

– Essa foi por pouco – diz Petra. – Devia ter mais cuidado com o que falo.

– Ah – Elliot responde –, ele não ouviu. – Bebe o resto do café e abaixa a caneca, olhando atrás dele para a torre do relógio. – Tenho tempo de dar uma passada em casa para olhar aquela janela que está com a trava emperrada. Encontro você no campo?

Petra balança a cabeça negativamente.

– Você tem menos de uma hora até o jogo; sabe que posso lidar com a trava da janela, e *ainda* assim planeja ir para casa agora dar uma olhada nela? Elliot, você não pode fazer *tudo*. Sabe disso, não sabe?

Elliot se levanta com um meio sorriso.

Petra desiste.

– Vejo você no jogo.

Passaram-se vinte minutos, e Elliot encontrou o defeito no mecanismo automático que abre a janela, consertou a trava que estava emperrando e agora cruza os campos em direção a sua casa.

Há um grande silêncio por lá, além de algo em seu peito, uma excitação que o alfineta. O campeonato é hoje, e ele adora o jogo de destrobol intensamente, a corrida e pegar as bolas, sempre pegá-las, a sensação daquelas bolas macias caindo e caindo na palma da mão. Levanta a mão agora e isso acontece: ele pega a bola, fecha os dedos com firmeza e então a joga para o alto de novo. Não consegue andar por aqueles campos sem jogar a bola para cima.

Pelo canto do olho, vê alguns pontos luminosos. Deve ter fixado demais seu olhar em parafusos e porcas de trava da janela.

Os alfinetes no peito ficam mais fortes; está excitado com o jogo, com certeza, mas há ainda a jornada do dia seguinte. Tudo nele precisa daquele trem, do sacolejar e da vibração daquele trem, e de como ele para nas estações, e as portas se abrem e se fecham, e de como depois ele se põe em movimento, e em seguida mais uma vez em movimento. Haverá alterações climáticas rápidas e mudanças de altitude, e pontes cruzando rios e ravinas. Ele vai estudar mapas e livros de códigos, e o seu *Pescaria de feitiços*. Vai olhar de vez em quando pela janela, e logo não haverá nada além do branco da neve cegante do Norte Mágico.

Pisca forte agora, para limpar aqueles pontos de luz no canto da visão; é como se um estilhaço de neve branquíssima do norte já tivesse se infiltrando em seu olho.

Consegue ver a casa da fazenda e, no portão da frente, sua mochila

encostada à parede. Ela havia molhado no Pântano da Costa Dourada – só tinha percebido na noite anterior que o mofo se instalara nos bolsos. Ele a havia lavado e agora ela secava ao sol. Mais tarde, depois do jogo, ia fazer as malas.

A amarração de correias e fivelas: ele respira fundo ao pensar na ideia.

Não é sua visão, ele percebe agora; é algo lá no céu. Um facho de luz do sol reluzindo em algo, talvez um avião ou o olho de um pássaro. Olha para cima, protegendo os olhos com as mãos, mas uma joaninha pousa em seu pulso, e ele abaixa o braço, agita-o um pouco para que ela voe, pensando que aquilo só pode ser um sinal de sorte. Eles vão ganhar o jogo; ele vai encontrar o que precisa na sua jornada.

Seu pé direito quase pisa numa lagarta, que se revira na grama.

Ele continua andando, ainda jogando a bola para o azul acima. Há uma revoada de mariposas perto do portão. E aquela luz no céu, como o sol na água, que continua atraindo seu olhar.

No campo de esportes, há uma atmosfera de agitação faiscando pela multidão, que atira sorrisos e faz gracejos de maneira descontrolada. Os fazendeiros locais montaram barracas na extremidade sul, e vendem não apenas bebidas geladas e assados, mas todo tipo de produto que conseguem cultivar, além de tudo que puderam costurar ou montar. Olaf Minski alinhou jarras de mel; Petra Baranski vende marmelo, feijões, ervilhas, e botões e zíperes reciclados; os Epsteins têm cestas de pêssego e baldes de prendedores de roupa velhos. Há cofres à venda também, e gelinhos de coco.

Tem gente de todos os cantos das Fazendas para ver o jogo: pessoas que navegaram de Aronia, pelo Rio de Carreta; que viajaram em trens, ônibus e balsas. Usam chapéus de palha e passam protetor solar, e alguém pegou uma jarra de água gelada e a derramou sobre a própria cabeça.

Numa das extremidades do campo, Jimmy tira fotos de seu time de

Fogueira enquanto os atletas se aquecem, abaixando a câmera de vez em quando para berrar instruções. Na outra extremidade, a equipe de Horácio está reunida, os atletas bem juntos, e ele passa instruções em discurso rápido. A multidão é na maior parte torcedores de Fogueira, e, quando não estão contando alguma novidade uns para os outros, estão encarando os jogadores de Horácio. Horácio é uma pequena cidade industrial no norte das Fazendas, onde se fabricam roupas, vidro, brinquedos e cola de poliuretano. Os membros do time parecem durões, unhas quebradas, olhos com hematomas, ombros grandes.

O céu é ainda mais profundo e claro agora, e as pessoas olham para cima com frequência. Houve cinco ataques de um Cinza de quinto nível só no último ano. Moradores que tinham vivido em outros lugares compartilham histórias de um aumento de ataques de Cores por toda parte. Um homem toca levemente o tapa-olho e diz *Roxo-Genciana, segundo nível*, e uma mulher diz que quase perdeu a perna para um Verde maléfico.

– Ataques de Cores aumentando e as colheitas diminuindo – alguém diz pesaroso, e frases do tipo *Não é verdade?* se espalham pela multidão. Há histórias de Fazendas falidas e bancos se apropriando de terrenos, e uma mulher diz que a irmã, que plantou cenouras a vida toda, acabou de conseguir um certificado em Gestão de Higiene num hospital. Nem uma titica de interesse em gestão de higiene antes, com o perdão da piada, mas, com as cenouras ficando cada vez mais verdes e minúsculas, não conseguiria continuar pagando as contas.

Uma criança desenha no pó a silhueta de uma Criança-Borboleta, e alguém vê e diz *Não é exatamente o que precisamos?*

Um suspiro de desejo se dissemina pela multidão, além de frases como *Imagine como seria bom* e *Não seria a solução?*

– Ouvi dizer que eles já a encontraram – alguém diz. – Lá em Garfos... bem

tarde ontem à noite.

– Ah, teria passado no rádio se a tivessem encontrado.

Ouve-se um som retumbante, e todo mundo se vira. É a banda afinando os instrumentos – Kala está no saxofone –, e a trilha sonora do dia passa a ser o centro da excitação.

É como sol sobre a água, ou sobre decorações de Natal, ou ainda sobre moedas.

Elliot aperta os olhos para ver o que é aquele facho de luz no céu.

É algo caindo. Ele acha que talvez seja uma folha, mas não consegue distinguir direito. Um pássaro, talvez, prescrevendo giros no ar.

Continua andando, continua jogando a bola, a mente ainda listando as coisas que precisa colocar na mala.

Talvez seja um pequeno Prata, reflete, mas Prata é tão raro nesses dias... Eles só parecem ganhar as Cores ruins, nunca as boas. Luz do sol no vidro, pensa, *é isso*. Numa jarra de vidro, ou num vaso, ou... e ele já está correndo.

Sabe o que é, e não para de correr. O tempo muda de imediato; vinha caindo durante todos aqueles momentos, naquela estranha e lenta queda, mas agora é como o tombar de um relâmpago.

Está além da cerca, bem para a esquerda, mas o portão está à direita. A cerca é alta demais para pular; teria de desviar para os lados do portão e então contorná-lo.

Mas ele sabe quanto tempo uma coisa dessas leva para cair. Sabe exatamente onde e quando a coisa vai pousar.

Corre e pensa: que lugar idiota para uma Criança-Borboleta se manifestar, bem no céu, no céu acima de um campo! Ele corre e sente, pelo canto do olho, a própria destrobola aterrissando na grama. Vai ter que saltar a cerca; não há tempo para desviar até o portão e correr de novo, e mesmo assim ele não vai conseguir pegar...

Consegue ver claramente agora a trajetória da queda – o jarro de vidro, algo colorido se agitando dentro. É ela, é a Criança-Borboleta, sacolejando dentro de um jarro sacolejante.

Sabe o que pode pegar e o que não pode – corre como nunca antes, mas esta, ele tem plena consciência de que não vai conseguir pegar.

Em uma das extremidades do campo de esportes, há algumas crianças de bicicleta andando em círculos. Elas prenderam pequenos quadrados de papelão nas rodas para fazer um ruído *rá-tá-tá-tá* bem rápido.

A banda toca música agora, e alguém corta laranjas e mangas para as equipes comerem no intervalo do jogo. A diretora da escola chega e mostra a alguns dos estudantes as unhas pintadas de azul e dourado.

Isabella Tamborlaine passa logo atrás de Jimmy e se detém, vira-se e rodopia com seu vestido para ele. Nuvens azuis e douradas desmancham-se umas nas outras.

– Foi calculado para ter esse efeito de ilusão de ótica? – ele diz.

– Claro que não – ela responde. – Convenci Clover a fazer para mim. Sou uma fanática por destrobol agora que sei que é tudo cálculo. Mas se mantenha firme e ganhe a partida, hein?

Há toalhas de piquenique na grama e os Twickleham passeiam entre elas, entregando panfletos da Consertos Eletrônicos Twickleham.

Sobem até a arquibancada, sentam-se e entregam outro panfleto para a pessoa ao lado deles, dizendo: *Como um pombal numa galocha, estamos prontos para consertar sua caixa de imagens*, enquanto a pequena Derrin acena para sua professora – a srta. Hattoway – que acena de volta e dá um sorriso de cabeça inclinada.

Então alguém grita que é preciso ter ingressos para estar na arquibancada, e os Twickleham riem, embaraçados, e se levantam. O rosto de Derrin permanece solene enquanto desce as escadas. Ela faz uma pausa quando

chega à grama, desta vez acenando com mais vigor, um aceno e um sorriso que voam pelo campo direto para sua amiga, Corrie-Lynn.

Corrie-Lynn está com a mãe, ambas encostadas na barraca de Petra Baranski para conversar com ela.

Petra balança a cabeça por causa do filho.

– Ele vai chegar na hora... sempre chega... mas gosta de tirar uma fina.

Alanna ri.

– Diga a ele que agradeço por ter feito o time chegar à final – ela diz. – A Melancia está lotada. Todos os quartos têm reserva. Eu devia estar lá arrumando camas, mas quem precisa disso quando há toda essa agitação?

– Bem, foi o time todo que chegou à final, não só Elliot – a mãe responde de modo automático, mas ambas sabem que em grande parte foi devido a Elliot.

Ele pula a cerca.

Não consegue saltar; é alta demais.

Mas salta mesmo assim.

Está saltando, voando, levitando sobre a cerca, e o pé se engancha na parte de cima, embora o braço e a mão já a ultrapasse, e ele pode mudar o corpo de posição no ar para pegá-la.

A superfície fria do vidro na palma da mão. Fecha os dedos ao redor dela.

A manifestação do tempo é estranha.

Há tempo suficiente para pensar em como é belo conseguir pegar. Como pegar é o oposto de errar. Como o oposto de errar dá uma sensação tão boa. Como esse jarro de vidro parece melhor em sua mão até mesmo que uma destrobola em um lance vencedor.

Então ele atinge a superfície.

A cabeça bate na terra.

Ele se vê atingindo o chão, o jarro rolando lentamente da mão para a grama.

Ele está estatelado ali, e há o jarro, já parado, e dentro dele pode ver a minúscula, diminuta Criança-Borboleta. Ela está sentada ereta no fundo, e parece encará-lo. Segura as pontas do vestido, mãos tão minúsculas segurando todo aquele colorido! Azul-safira com manchas castanho-avermelhadas, ela segura o vestido aberto como se fossem asas.

Elliot está deitado com a cabeça na grama, observando-a pelo vidro. Pensa na escola. Você faz uma prova, mas depois tem que fazer outra, é o que está pensando.

Há sempre outra prova, e ele pode ouvir a voz da priminha Corrie-Lynn. Ela está explicando algo para ele: *Você tem que abrir a tampa do jarro.*

Ela diz: *Você tem que fazer isso logo ou ela vai se sufocar.* Agora ela está brava: *Você tem que fazer isso imediatamente!*

Mas há algum tipo de prova pela qual ele tem que passar, e ele percebe o que é: tem que reconstruir mentalmente a maneira como atingiu o chão agorinha. A maneira como sua cabeça, em particular, atingiu o chão e voou para cima, atingindo-o de novo. O choque da cabeça, a percussão daquele choque. Pelo jeito, deve ser uma prova de música.

Há a Criança-Borboleta no jarro, mas ela não está mais sentada ereta. Ela desliza para baixo, meio que se encolhendo, o minúsculo queixo e, talvez, aquilo que vê sejam seus minúsculos cílios.

O próprio ombro dele se encolhe também, e o tornozelo de vez em quando. Há algo descontrolado ali. Antes de partir amanhã, ele vai ter que dar uma bela bronca nesse seu tornozelo.

Há um monte de Crianças-Borboletas agora, um monte de jarros, com um monte de tampas, rolando pela grama juntos. As tampas dos jarros são as pálpebras de seus olhos, e todas se fecham com firmeza.

A prefeita está no campo. Alguém do jornal local a fotografa; ela está de pé em seu assento, ignorando o fotógrafo e gritando para a multidão. Tem uma

garrafa de água de teca da Costa Dourada na mão, e a segura, prometendo servi-la na festa comemorativa após o jogo se eles ganharem.

– Quero ouvir a *torcida*! – ela grita. – Quero ver vocês todos causando um estrago nas cordas vocais!

Há aclamações e berros depois disso, e bastante conversa, conforme vão passando adiante a informação sobre o que a prefeita prometeu. Isso tudo se mistura ao rumor de que alguns estranhos de camiseta vermelha são selecionadores de destrobol da Universidade Tyler, em Ponta Serrilhada!

Mas isso é apenas um rumor.

No entanto, emerge uma contrainformação de que *são* selecionadores, mas da Universidade de Dentwood, que não é uma escola tão ruim, na verdade. Mesmo que fique no perímetro das Fazendas.

Oficiais de branco tomam as medidas finais dos sulcos no campo. Padrões de luz alaranjada passam pelo telão do placar. Os times entram em formação.

Há um silêncio de expectativa, e então, quase ao mesmo tempo, um novo murmúrio corre pela multidão. Onde está Elliot Baranski?, diz o burburinho. E o foco muda de rosto para rosto; a mãe de Elliot, que agora está sentada na fileira da frente das barracas, dá de ombros ligeiramente e depois fixa o olhar ao redor do campo. Jimmy conversa com o time, mas sua cabeça não para de se desviar deles para examinar a multidão e olhar à distância. Os próprios jogadores não o ouvem. Gabe e Nikki se afastam dele um pouco, se entreolhando, e levantam a mão ao mesmo tempo para proteger a vista e olhar o espaço ao redor, os olhos comprimidos. A banda toca, mas Kala, no saxofone, faz uma pausa, baixa o instrumento e vira no assento, os olhos também em busca de algo.

A prefeita está de pé em frente ao microfone, observando o telão do placar. É hora de começar oficialmente o jogo. Ela olha para Jimmy, uma expressão interrogativa no rosto, e ele toma uma decisão, atravessando o campo.

Junta-se a ela ao microfone.

– Alguém aqui viu Elliot Baranski? – pergunta, e as pessoas riem de sua informalidade, e também porque ele transformou o pensamento de todos em palavras.

O time de Horácio protesta no entanto, e também os torcedores de Horácio, e um oficial faz soar com força o apito.

– Bem-vindos, todos, ao Campo de Esportes de Fogueira neste adorável e belo dia! – diz Jimmy ao microfone, ganhando tempo.

Há vivas em resposta da multidão, e o time de Horácio cruza os braços em um gesto hostil. É quando soa o ronco de um motor de caminhonete.

Todo mundo vê, logo acima do cume da colina: é a caminhonete de Baranski.

Os vivas somem em meio ao barulho do motor, e há uma pausa quando a porta da caminhonete se abre e lá está Elliot. Eles o observam sair.

Agora ele vem cruzando o campo vazio, dirigindo-se a Jimmy e ao microfone. Está andando de um jeito um tanto lento e esquisito, mancando um pouco, o ombro torto, e o queixo baixo e olhar caído dão a impressão de que ele estuda o chão. Duas ou três vezes ele quase tropeça nos sulcos, e uma sombra cobre seu rosto. Lá das barracas, a mãe dele levanta do assento e começa a se dirigir rápido em sua direção.

Mas ele chega até Jimmy primeiro. Trocam rápidas palavras um com o outro, e o rosto de Jimmy se transforma, a confusão deslizando da testa até o queixo. Ele inclina a cabeça para mais perto de Elliot, e ninguém sabe o que estão dizendo, mas ambos olham para baixo. A mão de Elliot está no bolso da bermuda, e ele tira algo de lá. Eles abaixam a cabeça juntos, estreitando os olhos para apurar a visão.

A cabeça de Jimmy volta para cima. A luz brilha em seu rosto, e ele esboça um sorriso tão amplo e reluzente quanto a metade de uma laranja.

– Bem, aqui está ele, pessoal – Jimmy fala ao microfone. – É Elliot Baranski, e querem saber o que *ele* encontrou? Querem saber o que *ele* tem aqui? – Faz uma pausa. – *Ele tem a Criança-Borboleta!*

Algumas pessoas conseguem captar o brilho de luz e cor na palma da mão de Elliot antes de ele a enfiar de volta no bolso, em segurança, e Elliot fala com Jimmy de novo. *Você acha que pode colocar meu ombro no lugar de novo?*, é o que está dizendo, mas as palavras se esvanecem, sopradas para longe pelo ruído da multidão, em meio a vivas, risadas e aplausos.

Praticamente todo mundo ali está chorando.

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

5

– Você podia costurar esse furo no bolso.

Belle soltou uma risada.

– Ah, e quem é que vai costurar? Você é muito engraçado.

– Bem – disse Jack –, só acho que...

Mas então seu joelho se chocou contra uma placa. Os braços se agitaram, o corpo, da cintura para cima, projetando-se para frente.

– É como se você venerasse essas linguças – observou Belle.

Jack recuperou o equilíbrio, contornou a placa e a encarou com franca falta de humor.

– Não se preocupe – respondeu Belle. – Também gosto de linguça de vez em quando. – disse soltando uma risada forte, prolongando-a até o outro quarteirão.

– Está parecendo uma britadeira em volume baixo – Jack acabou por comentar.

– Ah – soltou Belle dando de ombros.

Jack e Belle caminhavam pela Rua Mill, os olhos examinando a calçada e o meio-fio enquanto andavam, procurando as chaves perdidas de Belle. Era uma manhã de quinta-feira, e se dirigiam à aula de Tecnologia de Informação e Comunicação. Ou talvez à de Geografia. O sujeito dos computadores que vivia no andar de baixo de Madeleine ensinava ambos, oscilando entre uma matéria e outra como um peixe em meio aos juncos.

– Não preciso costurar o bolso, porque sempre que coloco algo nele mantenho minha mão nele também – Belle explicou. – E seguro a coisa, entendeu? Isso impede que ela caia pelo furo.

– Não impedi suas chaves de caírem – Jack ressaltou.

– Bem, é verdade – Belle disse suspirando, balançando a cabeça diante da estranheza do universo.

Passaram pela Mike's Bikes, por um Subway, por uma lavanderia e uma farmácia.

– Desculpe ter que lhe dizer isso – falou Jack. – Mas seu horóscopo para hoje *não dizia nada* sobre encontrar chaves perdidas.

– Havia um comentário sobre eu comer cereal no café da manhã? Ou sobre bater a testa no suporte de xampu quando peguei o sabão no chuveiro? Não? Que estranho... Porque acho que fiz essas duas coisas hoje. – Os lábios de Belle emitiram um som semelhante ao de uma criança imitando um helicóptero. Depois, murmurou para si mesma: – Devo ter imaginado tudo isso.

– O que seu horóscopo disse na verdade – Jack olhou para cima a tempo de impedir uma colisão com um poste – é que devia tomar uma atitude quanto a uma questão que vem incomodando você, além de parar de roer as unhas.

– Não costumo roer as unhas.

– Sorte você já ter cuidado dessa parte.

Passaram por Spice Gate, Café Brazil, Piero's Hairdressing.

Jack parou de repente e se agachou no meio-fio da rua – mas era só uma tampa de garrafa.

– Tudo parece reluzir – ele comentou, soltando um profundo suspiro filosófico.

Caminharam em silêncio por algum tempo.

– Meu horóscopo disse que eu devia ir fundo e experimentar a coisa que está me fazendo hesitar – Jack conversou. – E o de Madeleine dizia que alguém próximo a ela ia surpreendê-la.

– Talvez o pai dela apareça – sugeriu Belle. – De que raça ela é, afinal? O sotaque dela é tão misturado.

– É porque ela viveu em todos os lugares do mundo, e raça não tem nada a ver com o sotaque de alguém, sua boba.

Belle deu de ombros e olhou para cima, esfregando o pescoço.

– Minhas chaves não estão em lugar nenhum, hein? A culpa é toda sua, por causa do que disse sobre meu horóscopo. Mas, ouça, você não acha de vez em quando que Madeleine não existe? Tipo, ela não é real?

Jack manteve os olhos no chão, passando o olhar das linhas amarelas duplas do meio-fio da rua para as rodas de bicicletas encostadas umas contra as outras fora das lojas. Jack tinha a impressão de que estava sendo bem metódico com a busca das chaves de Belle, enquanto ela própria não parecia se importar muito, e era por esse motivo que ele não parava de tropeçar nas coisas, enquanto Belle se mantinha perfeitamente graciosa em sua caminhada.

– Madeleine não existe – ele repetia agora. – Às vezes eu acho que você não tem a mínima ideia do que fala.

– Você é que não consegue acompanhar os caminhos complicados do meu cérebro. É como um labirinto, e tão bonito quanto um cérebro pode ser. O

que quero dizer é que tem coisa demais acontecendo com Madeleine. É como se você pegasse várias cores de tinta e as misturasse, e acabasse sem nenhuma cor. Madeleine viveu em lugares demais e usa cores demais. Entende o que quero dizer? Ela não é mais uma pessoa de verdade; é só uma mistureira. Tipo, ela não existe.

Jack parou por completo e se virou para Belle.

– Você está sendo preconceituosa além de toda a minha capacidade de medir o preconceito – ele disse. – Você não diz que alguém que tem uma raça mista é uma *mistureira*, Belle. Quer mesmo saber qual é a raça dela? Ela é parte iraniana, parte somali, parte polonesa, parte irlandesa e um pouco de tibetana, é isso o que ela é, e não uma mistureira. Ela é linda.

– Você não pode ser todas essas coisas – falou Belle, rejeitando as palavras dele com um gesto de mão. – Viu? É exatamente isso que estou dizendo. Não dá. Tipo, cinco pessoas diferentes teriam que ter feito sexo para ela nascer, o que não é possível. Só duas pessoas podem fazer sexo.

– Não tenho certeza de que você entende como funciona a genética. – Jack começou a andar de novo. – Ou orgias.

Agora, eles chegavam à parte residencial da Rua Mill, lojas e restaurantes desaparecendo. Nenhum deles examinava mais a rua em busca das chaves perdidas.

– Ah, você sabe o que quero dizer – reclamou Belle. – Não estou falando que o tom de pele dela é como uma paleta de pintura toda misturada, seu bobão. Ela tem uma pele muito bonita, claro, como mel, ou seja lá a cor que for. Quando digo que ela é uma mistureira quero dizer que rolou muita coisa no passado dela, além das roupas que ela veste... Mas fico muito feliz por pessoas que vêm de todos os cantos, sabe, essas coisas. Mas você tem que admitir: ela exagera. E, na verdade, ela exagera tanto que às vezes eu acho que ela inventa coisas. Tipo, será que essas histórias de ela ser rica são

mesmo verdade? Ela pode *mesmo* ser todo esse amontoado de raças diferentes? Quero dizer, se ela é, então ela é uma espécie de... poxa... um tipo de símbolo da integração racial.

– Tem alguma coisa nela – Jack falou. – Alguma coisa na essência ou na alma, ou onde for, que brilha com todas as cores que podem existir. E isso me faz lembrar uma coisa que tenho de contar pra você. Sabe quando me tornei Lorde Byron?

– Byron? Vou ser honesta com você, Jack – Belle o estudou. – Ainda não vejo isso.

– Bem, eu estava lendo sobre ele e... quer saber? Uma vez ele estava superapaixonado pela prima e disse que ela tinha uma beleza transparente e que parecia ser *feita de um arco-íris*. Li esse trecho e senti um arrepio. Porque é exatamente assim que *eu* venho pensando em Madeleine.

Ele ficou quieto e Belle também. Os passos se tornaram mais lentos.

– Tirando qualquer outra coisa – acrescentou Jack –, isso é prova de que eu *sou* Lorde Byron, apesar de você não me apoiar nessa questão. Tanto ele quanto eu pensamos que uma garota, uma garota específica, tem uma beleza transparente que parece ser feita de um arco-íris.

Alcançaram o prédio de Madeleine bem na palavra *arco-íris*; o termo pairou no ar entre os dois.

Jack olhou para a janela do apartamento do sujeito dos computadores e, acima dele, para o apartamento de Madeleine, e, acima dele, o céu.

Continuou olhando para o céu, porque algo havia lhe ocorrido, e era isto: talvez ele e Belle estivessem tendo uma briga.

De repente, inesperadamente: uma das brigas deles.

Agora ele se virava para Belle, e o rosto dela parecia confirmar seu temor. Ela se inclinava para tocar a campainha, e a ferocidade em seu rosto emanava dela até o dedo indicador. Ele encarou o dedo – reto, magro, a parte em volta

da unha ficando rosa, avermelhada, escarlate, e o resto de um amarelo esbranquiçado, conforme ela apertava com mais e mais força a campainha, até que o dedo adquiriu um brilho sobrenatural, tocando e tocando ainda mais a campainha. De repente, ela removeu a mão. E a balançou no ar.

– Uma incrível beleza transparente – ela disse. – Acha que Madeleine tem uma beleza transparente como um arco-íris? Percebe que isso significa que você pode ver *através* dela, certo?

– Não, não significa...

– Vamos lá então. – Ela afundou um dos pés com vigor na escada. O ar ainda reverberava com o eco estridente restante da campainha. – Experimente hoje. Veja se consegue ver através dela. Eu fico parada atrás, e você me diz quantos dedos eu estou mostrando. – Ela disse, depois riu achando uma graça tremenda.

Havia um vulto atrás da porta de vidro – o sujeito dos computadores do andar de baixo estava ali. Jack inspirou o som da risada de Belle com alívio.

O cara dos computadores do andar de baixo tinha um nome.

Era Danek John Michalski, 42 anos, nascido em Wisconsin, Estados Unidos, mas criado no Kentucky. Seus interesses incluíam computadores, viagens, judô e seu cachorro, uma séter irlandesa chamada Sulky-Anne.

Ele era asmático, condição cuja causa costumava atribuir a qualquer coisa que acontecesse nos arredores de Cambridge. Belle sempre lhe dizia que não tinha nada a ver com as plantações, *seu idiota*, é uma alergia a cães. *Você deixa a séter irlandesa se revirar na sua cama o dia inteiro*, ela dizia, *e veja o que acontece com você*.

Danek chamava a si mesmo de Denny (*Não, não Danny, não me chame de Danny, por favor*), e dava um sorriso vago e gentil para Belle sempre que ela sugeria a alergia a cachorros.

Seu apartamento era uma grande sala com um banheiro, a mesma planta do

de Madeleine no andar de cima, exceto que os tetos e as paredes eram retos, enquanto os dela se inclinavam em ângulos e rampas.

Além disso, o caos no apartamento de Denny era mais marcante do que no de Madeleine. Elevando-se em meio a esse caos, havia duas grandes bancadas que ficavam de frente uma para a outra no meio da sala. A cama fora empurrada contra a parede mais distante do quarto, e era onde Sulky-Anne estava sempre enrolada e dormindo.

O método de ensino de Denny sempre seguia os mesmos três passos.

Primeiro, ele cuidava para que houvesse algo assando no forno quando as crianças chegavam. Tinha a crença de que a fragrância estimularia as endorfinas, fazendo com que trabalhassem mais rápido e de maneira mais atenta em expectativa ao deleite de chegar à pausa para o café.

Segundo, ele fazia todos, incluindo ele mesmo, fazerem polichinelos para relaxar a mente (e liberar endorfinas). Isso era feito apesar de os polichinelos produzirem suor, o que acabava com a fragrância do assado; e apesar de o próprio Denny ter ouvido do fisioterapeuta que polichinelos *destruíam* os joelhos; e apesar de ele sempre emitir ruídos roucos com a falta de ar, devido à asma, toda vez que terminavam. E apesar (por fim) de o vizinho de baixo (que trabalhava de noite) colocar frequentemente recados embaixo da porta de Denny dizendo: *QUAL É A DO ESTOURO DA MANADA DE ELEFANTES AÍ?! TEM GENTE QUERENDO DORMIR!!*

Apesar disso tudo, eles sempre faziam os polichinelos.

Terceiro, ainda bufando e ofegando, Belle, Jack e Madeleine sentavam-se numa fileira a uma das bancadas, cada um em frente a um computador. A tarefa do dia era exibida no monitor. Denny se sentava na outra bancada e prosseguia com seu trabalho, consertando computadores.

Hoje, o rosto de Denny tinha uma aparência escurecida, recoberta por um começo de barba, como se os pontos cinza dos cabelos tivessem se

derramado sobre as bochechas e o queixo. Parecia mais asmático que de costume, a língua se movendo pela boca em busca de ar.

– É a colheita do rapé – ele explicou, seguindo os recém-chegados Belle e Jack de volta ao apartamento.

Madeleine já estava lá, reclinando-se no balcão da cozinha.

Ela refletia sobre o sotaque de Denny: ele era sempre tão solto e livre, como se a voz houvesse irrompido nele com a sessão de polichinelos. O tipo de sotaque que fazia sorrisos lentos se abrirem no rosto dos ouvintes.

O oposto do sotaque dela. Ele fazia as pessoas comprimirem os olhos ou se inclinarem para frente: algo estava fora de ponto ou torto; algo precisava ser localizado com mais precisão.

A sala cheirava a *muffins* de noz-pecã e banana; fizeram os polichinelos e depois se sentaram à bancada, olhando para o monitor dos computadores:

Construa um fórum de discussão sobre o tópico *furacões*. Comece estabelecendo metas e regras. Comente nos fóruns dos colegas como se *VOCÊ tivesse vivenciado a experiência de um furacão*.

– Como sabe que não vivenciamos? – perguntou Belle.

– Já teve experiência com algum?

Denny fez uma pausa, a bombinha quase na boca.

– Não. – Ela deu de ombros. – Mas aposto que Madeleine já.

Todos olharam para Madeleine. Na verdade, ela tinha vivenciado três tufões e um ciclone, o que é a mesma coisa que um furacão, mas havia um estranho tom de desafio na voz de Belle, por isso ela balançou a cabeça dizendo não, e começaram a trabalhar.

Por um tempo, prosseguiram tranquilos e felizes. De vez em quando, Denny dizia alguma coisa do tipo: *O que vocês chamam de endereço único na página de internet?* ou: *Estou tentando lembrar o que é uma erupção*

vulcânica freática...

Ele gostava de fazer parecer que aquelas perguntas inesperadas haviam surgido de maneira natural, como se provenientes de uma conversa não existente.

Em certo momento, Sulky-Anne desceu da cama, indo até o chão e fazendo barulho, e andou taciturna pela sala. Havia algo de desaprovador no cuidado elaborado com que se movia pelo caos: velhas placas-mães e modems, caixas de ferramentas, cestas de cabos enrolados. Ela pressionou o focinho contra o joelho de Madeleine por um instante, bebeu água da tigela em um canto do apartamento, causando bastante ruído, e depois voltou a seu lugar no centro da cama.

Continuaram trabalhando. Denny se perguntou em voz alta qual era a relação entre Java e Javascript, afinal de contas, e todos responderam que não havia relação nenhuma.

Então, Jack anunciou que não havia feito sua intro ainda; talvez Denny pudesse dar a eles algum tempo sem nenhuma interrupção.

– Não diga isso – falou Belle.

– O quê?

– Intro. Diga “introdução”. Odeio pessoas que abreviam.

Madeleine e Denny desviaram os olhos do computador.

– O que você quer dizer com odiar pessoas que *abreviam*? – Jack exigiu saber. – Todo mundo abrevia.

Belle piscou várias vezes.

– Eu não. Pra que isso?

– Você acabou de fazer. O que acha que é esse *pra*? É uma abreviação de *para*.

– É uma contração. É diferente. Ah, onde estão minhas chaves de casa, afinal?

Houve uma pausa de surpresa na sala, e todos arquearam as sobrancelhas para Belle, que riu, mudando para um novo assunto.

– Acho que perdi as chaves na Rua Mill em algum lugar, mas elas não estão mais lá, se é que em algum momento estiveram. Por acaso você não as levou por acidente para casa ontem, não é, Madeleine?

– Duvido – respondeu Madeleine. – Seria algo bem estranho de acontecer.

– Podia dar uma olhada na mochila, talvez?

Houve um silêncio curioso. Denny pegou uma pinça e se inclinou sobre o computador aberto em que trabalhava. Jack dirigiu a Belle um olhar questionador, mas ela se recusou a encará-lo.

Madeleine esticou a mão para pegar a mochila e a abriu.

Na bancada, Denny trabalhava e espirrava baixinho.

– Não enfie a mão desse jeito – falou Belle. – Tire tudo para podermos ter certeza.

Madeleine deu de ombros levemente.

– Que seja. – Ela disse e começou a colocar objetos na mesa. Livros, blocos de anotação, uma banana meio machucada.

Belle observou com atenção.

– Suas chaves não estão aqui – falou Madeleine.

– Vire a mochila e sacuda – ordenou Belle.

Madeleine levantou os olhos.

– Não – ela respondeu.

– Parece que os *muffins* devem estar prontos! – Denny se levantou e andou pela sala. – Sabe o que devíamos fazer? Uma venda de bolos! As escolas têm, certo? Para levantar dinheiro para meu fundo de viagem!

Ele apontou para a jarra de moedas ao lado de duas bicicletas velhas sem as rodas e metade de um alvo de dardos.

– Não acho que os professores devam usar vendas de bolos para benefício

peçoal – Jack apontou para a jarra. – Elas deveriam ser para caridade, ou para adquirir novos instrumentos para a banda da escola, ou algo assim.

Denny abriu o forno. Em resposta, o aroma dos *muffins* se espalhou em ondas pela sala, e Sulky-Anne se sentou e sorriu, balançando a cauda para frente e para trás. Denny continuou a conversa, agora se dirigindo aos próprios *muffins*:

– Bem, vocês *estão* parecendo muito bonitos e dourados aí dentro, hein, carinhas? Já estão prontos para sair? – E para os demais: – Vou fazer um café. Quem quer uma xícara?

Belle se virou, desviando o olhar dele. Esticou a mão em direção à mochila de Madeleine.

– Sério – falou. – Preciso que você a vire de ponta-cabeça.

– Não há nada aqui – Madeleine respondeu.

A mão de Belle se fechou em volta da alça desgastada da mochila, e Denny deu dois grandes passos pela sala. Pegou um livro que Madeleine havia retirado.

– Isaac Newton – falou. – Está lendo isso para a aula de Ciências ou por prazer?

– Ela está lendo para a aula de História – falou Jack, e explicou sobre os nomes no chapéu.

– Ela deveria se *tornar* Isaac Newton.

Belle largou a mochila e espichou o pescoço para olhar o livro.

Havia um retrato de Newton na capa.

– Nariz comprido – comentou Belle. – Vai ter que aumentar o nariz, Madeleine, para se tornar ele. – Ela abaixou um pouco o tom de voz. – Vai ter que contar uma mentira.

– *Belle* – murmurou Jack.

– O que está achando de Newton até agora? – perguntou Denny que

devolveu o livro para Madeleine, serviu café e colocou os *muffins* em pratinhos, dizendo *Ai, ai, ai*, já que estavam quentes.

– Não li ainda – falou Madeleine. – Não quero. Uma maçã caiu na cabeça do sujeito e ele inventou a gravidade. Basicamente, ele impediu as pessoas de voar. Quem quer saber sobre ele?

Denny riu.

– Um raciocínio engenhosamente falho – ele respondeu, e tirou *uma* maçã da geladeira, andou com ela pela bancada e a deixou cair na cabeça de cada um deles.

– Algum de vocês teve algum pensamento brilhante sobre o universo? Sobre a gravidade ou algo assim? Hein? Não tiveram? Viram só? É mais difícil do que parece. Um pouco de respeito por Newton seria bom.

Ele voltou à bancada e partiu um *muffin* pela metade.

– Você sabe o que Isaac Newton fez quando estava aqui em Cambridge? – ele perguntou, encarando-os do outro lado da sala.

Eles esperaram pela resposta.

– No segundo ano na universidade, ele se sentou com um caderno e o abriu aleatoriamente – continuou Denny. – Deixou algumas páginas em branco e começou a escrever. Ele mudou a caligrafia para um estilo completamente diferente do que usava antes. E passou a redigir perguntas. Perguntas sobre os mistérios no universo. Ar, meteoros, ângulo de reflexão. Calor, frio, cores e o mar. Ele escreveu a respeito desses assuntos quarenta e cinco perguntas.

Madeleine, Jack e Belle observavam Denny sem tocar os *muffins*, sem trocar olhares um com o outro.

– Ele fez isso de novo, alguns anos mais tarde – Denny continuou. – Desta vez, escolheu doze problemas e fez uma promessa a si mesmo de que iria resolvê-los nos próximos doze meses. Agora, *aqui* – falou Denny –, aqui temos uma tarefa não planejada para vocês.

– Não é nossa parada para o café? – falou Jack.

– Você pode beber a droga do café enquanto faz isso. Só não derrame nem deixe cair migalhas no teclado. Isso é o que eu quero que façam. Quero que abram um novo documento e digitem uma lista de *três* problemas na vida de vocês. Não na vida do universo; na sua. Embaixo, digitem as soluções.

– Se tivéssemos as soluções, não seriam problemas – retrucou Belle.

– Exatamente – respondeu Denny. – Vocês *sabem* as respostas para a maioria dos problemas. Em algum lugar lá no fundo, vocês sabem. Era mais ou menos isso que Newton fazia quando escreveu perguntas para si mesmo. E mudar a letra... veem como isso pode funcionar? Como ele pôde encontrar outra parte de si mesmo dessa maneira, a parte que poderia saber as respostas?

Eles deram de ombros sem muito entusiasmo; os resquícios da tensão anterior ainda invadiam o ambiente.

– Vocês sabem, é claro – Denny disse de maneira abrupta –, sabem que monitores de computador geram e armazenam muitas voltagens de eletricidade? E que essas voltagens ainda podem permanecer mesmo quando o equipamento está desligado por um bom tempo?

Eles o encararam.

– Segurança elétrica. – Ele deu de ombros. – Tenho que falar disso... Veja, está aqui no plano de estudos.

E voltou para o trabalho.

Madeleine abriu um novo documento.

Três problemas, ela digitou.

Depois passou um tempo experimentando novas fontes, procurando por aquela que libertaria a solução dos problemas dentro dela.

Três problemas:

- 1) Preciso da minha antiga vida de volta.
- 2) Minha mãe não quer procurar um médico.
- 3) Acho que Belle me odeia.

Voltou ao problema número 1 e na mesma hora respondeu.

Escrever uma carta para papai!!! Explique as coisas na carta para que ele entenda!!! Marcar o envelope como “pessoal”, para que a assistente dele não o acabe lendo!!!

Examinou o problema seguinte e, de novo, antes de saber a resposta, já apertava a tecla *tab* a partir da margem e escrevia uma solução.

Enganá-la para que vá ao médico comigo.

Ela ria agora; ruídos abafados de riso. Quem diria que podia ser tão simples? No computador ao lado dela, Belle soltou um suspiro de exasperação, os dedos martelando e voando. Para além de Belle, Jack olhava a tela, mordiscando o lábio inferior.

É claro.

A pessoa que melhor conhecia Belle era Jack.

Madeleine digitou a terceira resposta.

Perguntar a Jack por que Belle me odeia.

Fez uma pausa por um instante, então acrescentou:

Mandar uma mensagem para Jack agora.

Obedecendo ao próprio comando, fez isso. Mandou uma mensagem para Jack, pedindo a ele que fosse a sua casa mais tarde naquele dia para conversarem.

Ela o observou piscar quando a mensagem surgiu na tela dele. Depois, as

mãos dele se esticaram para o teclado e a resposta apareceu:

Demorou.

Nesse momento, Denny disse:

– Querem saber? Temos tempo para mais uma tarefa não prevista antes do almoço.

– Mas eu não resolvi todos os meus problemas ainda – reclamou Jack.

– Tão rápido quanto puderem – começou Denny, ignorando-o –, tão rápido quanto puderem, me digam: é verdade? A história sobre a maçã que caiu na cabeça de Newton? É verdade? Realmente aconteceu?

– Como assim, é verdade? – indagou Jack. – É *história*.

Madeleine digitou: *Uma maçã realmente caiu na cabeça de Isaac Newton?*

Ouvi dizer que é um mito, respondeu alguém no Yahoo! Respostas, e alguém mais acrescentou: *Não, é impossível uma maçã ter caído na cabeça de Isaac Newton. Ele não gostava muito de ficar ao ar livre.*

– Foi assim que Isaac contou – Denny começou, e eles desviaram o olhar das telas. – Um dia, ele estava próximo de um pomar de macieiras e viu uma maçã caindo de uma árvore. Isso fez com que ele começasse a pensar sobre a gravidade. Todo mundo já conhecia a gravidade, é claro. Não foi ele quem a *inventou*. Mas ele começou a pensar até que ponto ela ia, quais seriam seus padrões; passou a refletir sobre a gravitação universal.

– Então a maçã não caiu nele? – perguntou Belle. – Você fez toda aquela coisa de deixar a maçã cair na cabeça da gente pra nada? Muito obrigada. Ainda estou com dor de cabeça.

– Uma maçã cai – continuou Denny. – Newton a vê cair, e de repente ele pensa sobre a lua. Ele pensa: se uma maçã cai, a lua está caindo também. E, se a lua está caindo, por que não atinge o chão, como a maçã acabou de fazer? E Newton pensa sobre como a lua está voando pelo espaço, mas está

caindo ao mesmo tempo. O fato de ela voar para frente é o que a impede de atingir o chão. O fato de ela cair em direção ao chão é o que a impede de voar para longe no espaço. Viu? Sem a gravidade, ela voaria para sempre, voaria para longe de nós, para longe, rumo ao nada. Ela se perderia. Com isso, vocês veem...

Denny guardava as ferramentas enquanto falava. Inclinou-se para baixo da bancada e apertou um interruptor.

– Com isso, vocês veem – ele repetiu, e desta vez olhou diretamente para Madeleine. – Algumas vezes não é realmente voar; é apenas estar perdido.

Houve uma pausa silenciosa na sala, e depois Belle comentou:

– Ah, é tudo bobagem. Newton provavelmente inventou até a história de ter *visto* a maçã cair.

Denny concordou lentamente.

– Nunca se sabe quando as pessoas estão inventando coisas – Belle continuou, o tom tão rancoroso que Jack se virou e franziu os olhos para ela.

– Inventando *coisas sobre a vida delas*.

Na tela de Belle, Madeleine viu, havia um título numa gigantesca fonte de 24 pontos: TRÊS PROBLEMAS. E, embaixo dele, Belle havia repetido as palavras *três problemas*, de novo e de novo. Até o final da página: *três problemas, três problemas, três problemas...*

Belle desligou o computador e o zumbido baixo parou de forma abrupta.

Mais tarde naquele dia, Madeleine estava sentada no teto inclinado do apartamento no sótão.

Jack estava ao lado dela. Era começo de noite, o céu ainda pálido, mas as árvores e os prédios encontravam-se quase negros.

Havia duas ou três estrelas à vista, e os olhos de Madeleine saltavam de estrela em estrela. Ela sentia que as estrelas se deslocavam em seu peito; aqueles pedaços afiados, brilhantes e agitados de excitação em seu peito:

eram estrelas.

Tão logo deixou o apartamento de Denny, começou a agir. As ações cascadearam uma depois da outra, tão simples e inteligentes!

Ela havia escrito uma carta para o pai e a colocara no correio. Ele viajava constantemente, mas as cartas eram sempre repassadas a ele de um endereço de correio central. Podia levar um tempo, mas ela chegaria.

Em seguida, voltara e mencionara para a mãe que vinha sentindo uma dor estranha no estômago. No decorrer dos próximos dias, planejava continuar falando sobre essa dor, até que a mãe insistisse em levá-la ao médico. No médico, ela diria: *Hum, na verdade, estou melhor agora, mas ouça: minha mãe...*

Então, esse segundo problema estava praticamente resolvido.

Como ela ainda tinha algumas horas até a visita de Jack, havia dado um pulo no apartamento de Denny e usado um dos computadores emprestado. Tinha perdido todos os endereços de e-mail com seu iPad, mas ainda lembrava o de Tinsels. Era Tinsels33@gmail.com.

Escreveu um e-mail para Tinsels.

Contou à velha amiga sobre Cambridge e o apartamento no sótão. Fez piadas sobre os feijões, a umidade, o frio do inverno, a chuva, e sobre como ela e a mãe tinham concussões por bater sempre a cabeça no teto. Digitava cada vez mais rápido. Depois escreveu: *Desculpe ter demorado tanto tempo! Tem sido completamente BIZARRO!*

Em seguida, completou: *Mas escrevi para o meu pai, então devo ver vocês LOGO, LOGO.* Contou a Tinsels sobre estudar em casa, sobre Jack e Belle, sobre a mãe, que COSTURAVA como ganha-pão!!! Quanto mais digitava, quanto mais exclamava e colocava coisas em maiúsculas, mais louca a vida em Cambridge parecia e melhor ela se sentia. Era como se estivesse empacotando Cambridge. Agora ela estava ali na palma de sua mão, e ela

sabia, enfim, o que sentia.

Sentia que era impossível!

Portanto, *não podia ser verdade!*

Sua euforia se manifestava pela sala.

Ali estava ela, pensando que aquela era sua nova vida, mas tinham sido *elas* que haviam fugido! Elas haviam se prendido numa torre; elas representavam o papel de princesas aprisionadas, levando a sério aquela situação.

Elas haviam se perdido na confusão de sua mãe!

A vida real estava apenas a um selo de postagem de distância, ou de um botão *enviar!*

Não são EXATAMENTE férias, escreveu para Tinsels. É mais como uma daquelas aventuras de sobrevivência em que as pessoas vão para a Amazônia, ou algo assim (Amazônia, não Amazon... não estou falando de comprar livros... rs). Ou talvez seja como um reality show, só que sem as câmeras, sabe? Tipo, quando tentam descobrir até onde as pessoas aguentam?

Escreveu mais: *Mal posso esperar ver vocês de novo, em especial Warlock! Você continua vendo ele sempre? Como está esse carinho? Deve estar tão grande! Conte-me TUDO que vocês têm feito. MUITO E MUITO AMOR, SEMPRE.*

Ela apertou *enviar* e correu de volta para o andar de cima.

A mãe havia saído.

Subiu no sofá, saltou para o chão, depois fez isso de novo. Não cabia em si de excitação.

Enquanto esperava o pai vir resgatá-la, pensou, podia muito bem aproveitar o tempo ali, agora que Cambridge era apenas uma esquisitice ou um equívoco, um trecho curioso de sua história, em vez da história em si.

Iria ler sobre Isaac Newton! Ele não era um monstro antivoo, afinal de

contas; era um solucionador de problemas! Leria tudo que havia para ler sobre ele, e deixaria Federico feliz ao se *tornar* ele.

A mochila estava no chão, e o livro sobre Isaac Newton ainda estava dentro dela. Ela o abriu e na mesma hora o envelope caiu, aquele que ela havia encontrado no parquímetro, o do garoto chamado Elliot Baranski.

Então o releu.

Ah, pensou, ela bem que podia responder. Tratava-se de alguma criança provavelmente, um *nerd* ligado em livros de fantasia. Ele era um solitário. Desde que escrevera aquela carta, era provável que tivesse voltado ao parquímetro todos os dias – sempre que fizesse uma pausa ao jogar Call of Duty, ou fosse qual fosse o jogo de computador *multiplayer* que fizesse sucesso naqueles dias –, torcendo por encontrar a resposta.

Quando encontrou a primeira carta, ela parecia parte de toda aquela loucura que era Cambridge. Mas agora, bem... ele devia ser um pobre coitado querendo dar uma de esperto. E ela se sentia livre para continuar com a brincadeira, e também para ser gentil.

Escreveu uma resposta. Foi razoavelmente simpática em suas palavras.

Correu e enfiou o envelope na fenda do parquímetro, deixando apenas uma ponta em branco. Depois, voltou para casa, e Jack chegou.

Agora, ela estava com Jack no telhado.

O frio que surgira antes se acentuou, e ambos usavam agasalhos com capuz, as mãos no bolso para esquentar.

Ele lhe explicava sobre Belle.

– Veja, o problema não é você – ele falou. – É sobre Belle e eu... algo que acontece desde quando éramos pequenos.

Madeleine não prestava atenção, na realidade. Agora que havia se reconectado com a vida real, o problema com Belle era apenas teórico. Irrelevante. Continuava se virando para Jack quando ele falava, deixando

escapar alguns sorrisos da boca, e depois assumia uma expressão atenta de novo. Jack retribuía o sorriso toda vez, também sorrindo em meio às suas palavras carregadas de seriedade.

– O lance entre mim e Belle... é que brigamos cerca de uma vez por ano – Jack dizia. – É ela quem sempre começa. Ela fica meio estranha e de repente me odeia. Nunca entendo o que fiz. Sempre tento ignorar, mas por fim acaba me afetando e eu acabo odiando ela também. Depois, passamos uma semana mais ou menos rosnando um para o outro feito cachorros, então gritamos um com o outro numa esquina de rua e ambos choramos. Daí fazemos as pazes.

Jack havia se reclinado e olhava para a lua crescente, por isso Madeleine fez o mesmo. Estavam sentados lado a lado.

De dentro do apartamento, podiam ouvir a mãe de Madeleine costurando e assistindo ao programa de perguntas e respostas. Só que ela não gritava nenhuma resposta.

– Não é pessoal – Jack continuou. – A não ser que dizer *Eu te odeio e espero que você morra numa poça de sangue cheia de vermes* seja pessoal.

Ele fez uma pausa, suspirou e acrescentou:

– Eu não acho que seja.

Madeleine considerou aquelas palavras.

– Então, quanto ao lance de ela estar tratando você mal ultimamente... não é com você; é só nosso lance – Jack finalizou. – Ou, em outras palavras, o lance de Belle. Ela dispara feito um sinalizador de vez em quando.

Observaram as estrelas.

– Bem – Madeleine falou por fim –, um sinalizador é algo que as pessoas mandam para o céu quando estão com problemas.

– É verdade.

– Então, talvez seja a maneira de ela falar que está com problemas?

– Pode ser.

– Só que... – Madeleine respondeu, depois se voltou para encarar Jack – ... se você está na frente de um sinalizador que dispara, pode acabar se queimando.

– Pode ser – concordou Jack. – Não sei qual é a verdadeira natureza de um sinalizador.

– Acho que pode ser feito de fogo.

Ambos sorriam um pouco – reluzindo um para o outro – e falavam em um tom de voz estranho, como se cantarolassem. Como se brincassem de dar conselhos, ou de ser psicólogos, embora levassem a sério o que diziam.

– Por esse motivo, você tem de tomar cuidado – aconselhou Madeleine.

Jack se inclinou sobre ela e a beijou.

As mãos dele estavam no bolso. As dela, no bolso dela. As cabeças estavam viradas de lado, e o ângulo era perfeito. Então ele tirou uma das mãos do bolso e a pousou na nuca dela.

Para Madeleine, a coisa toda foi assustadora. Primeiro, nunca havia beijado um garoto antes. Sempre *agira* como se tivesse beijado garotos, portanto o primeiro pensamento foi que ela deveria manter aquela impressão. Não podia deixar Jack saber que era uma iniciante.

O segundo pensamento foi que os lábios dele eram como lesmas, exatamente a textura de um par de lesmas (só que sem a concha). Isso foi um choque. Ela sempre pensara que lábios de garoto seriam como caramelo.

Depois de mais um instante, no entanto, pararam de dar a impressão de lesmas e começaram a parecer mais macios e interessantes.

Mais ou menos nesse ponto, o beijo acabou. Permaneceram próximos por um minuto, olhando um para o outro.

Foi um momento repleto de suspense. Ela não sabia direito o que se esperava que ela fizesse.

– Bem, entenda – Jack acabou dizendo, todo tagarela –, este era um dos três

problemas. Eu escrevi: *Quero beijar Madeleine*. Daí, escrevi: *Beije-a então*. Por isso, tinha que beijar.

– Sei – Madeleine concordou com a cabeça.

– Era, tipo, parte de uma tarefa escolar, ou algo assim.

Madeleine concordou com a cabeça de novo, mais lentamente, fazendo-o sorrir. Ele acariciou o rosto dela com a lateral da mão, mas uma das unhas se prendeu na pele da bochecha e a arranhou, bem de leve. Foi uma sensação boa no entanto, o arranhão, como a ponta de uma minúscula estrela.

– Além disso – continuou Jack –, dizia no meu horóscopo que eu tinha que fazer a coisa que eu temia, e o *seu* dizia que alguém próximo de você a surpreenderia. O que mais poderia significar? Tinha que fazer isso.

– Era praticamente obrigatório – Madeleine concordou.

– E nós dois estávamos com as mãos no bolso... – Ele deu de ombros e acrescentou: – Não vou fazer de novo, fique tranquila.

– Por que não? – ela perguntou.

Com certeza, esse não podia ser o fim de seu primeiro beijo. Parecia um tanto sem sentido fazer isso uma vez e não repetir.

Quando tinha aprendido a patinar no gelo, quando era uma criança bem pequena, havia sido estranho a princípio. Tão escorregadio, e ela era tão desajeitada! Mas havia uma leve promessa de que aquilo poderia se tornar incrível.

Beijar parecia ser exatamente a mesma coisa.

Resolveu ela mesma beijar Jack. Tirou as mãos do bolso e as juntou em volta da nuca dele, enfiando os dedos em seu cabelo. Aquele gesto parecia sofisticado. Além disso, o cabelo dele era macio, grosso e áspero, tudo ao mesmo tempo; e ainda melhor era a sensação de ele se deslocando, murmurando, um eco sob o beijo.

Era parte da mesma canção que seu coração cantarolava, isso é que era.

Tudo fazia parte da mesma verdade. Tudo aquilo – Cambridge, Jack, Belle, os professores, aquele apartamento, aquele telhado, aquele céu – era apenas um interlúdio. Um jogo!

Portanto, também podia ser bem divertido.

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

6

De certa maneira, ele ainda caía, ainda voava sobre a cerca, a mão em volta do jarro de vidro, ainda em queda.

Um quarto de hospital festivo, repleto de gente falando, as vozes se sobrepondo. Tinham perdido o campeonato de destrobol, mas estavam todos muito empolgados. A Criança-Borboleta bem ali em Fogueira! Terminou que Elliot tinha uma concussão, um ombro deslocado e um tornozelo fraturado! *Como* ele havia dirigido a caminhonete até o campo naquelas condições? Uma casa de madeira vermelha passou pela porta, entrando no quarto de hospital. Elliot continuava caindo. Todos tinham bebido água de teca da Costa Dourada na festa de celebração após o jogo, e aquilo por acaso não subia à cabeça?! A casa de madeira vermelha se moveu pelo quarto e parou na mesinha ao lado da cama. Era uma fratura espiral da fíbula, mas a médica disse não ser necessária uma operação; ia só engessar. Cody falou: *Não estava falando sério, Elliot, quando pedi para todos vocês quebrarem alguns ossos*, e alguém mais disse: *Ele é prestativo demais, esse é o problema de Elliot*. Soou a voz de sua mãe em algum lugar da sala: *Que tipo de complicação você causou, afinal, apertando o pé contra a embreagem para mudar de marcha? É isso o que eu quero saber*.

Depois voltaram à questão de ele dirigir uma caminhonete, mas Elliot ainda

caía. Cody contava a Shelby o que ele planejava pintar no gesso de Elliot e como retrabalharia o de Shelby para combinar. Shelby disse que estava pronta para tirar o gesso com uma serra elétrica. Deixe a caminhonete pra lá... O que queria saber era como Elliot se levantara do chão e abrira a tampa para deixar a Criança-Borboleta respirar, era o que queriam saber, com todos aqueles ferimentos. Ah, ele era muito corajoso, não era? Isso mostra o que a adrenalina pode fazer. E você viu quando Jimmy colocou o ombro de Elliot no lugar, como o pobre garoto ficara pálido? Em toda a vida dela, afirmara a mãe, nunca o tinha visto ficar tão *branco*. E alguém notou como, uma vez que o ombro estava no lugar, Jimmy deu uma olhada no cotovelo, e as palavras dele escaparam do microfone?

Um som tênue, como um assovio baixo, atravessava a cabeça de Elliot. Talvez o som de um trem partindo sem ele. Ninguém prestou atenção naquilo; todos recitavam os eventos do dia.

O que diabos você fez consigo mesmo, Elliot?, Jimmy havia dito. Ou algo parecido, embora a maior parte das palavras houvesse se perdido. Ele chamara o médico, a ambulância viera e partira, e todo mundo havia se entregado à comemoração.

Depois, a final de destrobol tinha começado.

Ninguém conseguia se concentrar; as pessoas estavam praticamente tomadas pela histeria – *ninguém*, exceto os Bobos-Pequenos de Horácio, é claro, que se concentraram muito bem. De qualquer maneira, o melhor jogador de Fogueira estava no hospital! Bem, é isso. Não ganharam, mas haveria outros campeonatos, porém, só existia *uma* Criança-Borboleta! Bem ali em Fogueira! A prefeita ofereceu a eles uma festa regada a água de teca, embora tivessem perdido, e agora todos faziam planos. A cidade inteira planejava mais festas e o que fariam com o excesso de produção das plantações, como mandariam a produção para mais mercados e fariam novos

contratos, e como iam ter que acabar exportando para outros Reinos!

Por que, olhe só para ela – olhe para esta adorável Criança-Borboleta. Olhe para ela dormindo numa caixa de lenços de papel vazia na prateleira logo acima da cabeça de Elliot. Perto do gráfico que mostra a pressão sanguínea dele e de outros aparatos hospitalares. Ela parece mais uma adolescente que uma criança; uma adolescente, digamos, que tivesse encolhido até o tamanho de uma rolha.

Corrie-Lynn abria a frente da casa de madeira vermelha. Era a casa de boneca que havia construído: ela a trouxera para o quarto de hospital e a colocara na mesinha ao lado da cama. Então, gentilmente pegou a Criança-Borboleta da caixa de lenços, e houve um silêncio enquanto a conduzia à casa de boneca e a posicionava, ainda dormindo, em sua minúscula cama de madeira forrada com um lenço.

Em seguida, conversavam de novo sobre quanta dor ele devia estar sentindo, pobre Elliot, e que herói ele era, e ele continuava a cair em meio a tudo isso, porém, mesmo em queda, encontrou forças para falar:

– Eu tenho que pegar o trem de manhã. O trem para o Norte Mágico.

E o quarto todo riu.

– Sem chance – disseram, e ele de certa maneira sabia disso, e lhes deu um meio sorriso.

– Bem, assim que for possível, vou tomar o trem. Quanto tempo um tornozelo fraturado leva para se curar?

Silêncio.

Alguém arriscou:

– Você não vai ser capaz de colocar nenhum peso sobre esse tornozelo por um bom tempo.

Mais alguém:

– Quando meu primo quebrou o tornozelo, levou oito semanas para sarar. –

E: – Vamos perguntar à médica quando ela voltar.

Ele passou a cair mais rápido: oito semanas era tempo demais. Um mergulho em direção ao solo.

– Ah – ele respondeu –, vou arranjar muletas. Posso pegar o trem de muletas.

Então Corrie-Lynn, parada junto à casa de boneca, ao lado da cama de Elliot, falou numa voz alta e clara:

– Você não pode ir, Elliot – e balançou o cotovelo para o lado, indicando a casa de boneca. – A pessoa que encontra a Criança-Borboleta tem que ficar por perto e tomar conta dela pelo tempo em que ela estiver por aqui. E isso pode ser um ano, talvez dois. Você não sabia?

Sua cabeça se esmagou com força contra a terra.

7

Duas semanas depois, Petra Baranski observou da varanda quando uma picape parou à entrada.

Elliot planejou sua saída pela porta do passageiro. Pegou as muletas no fundo da picape e fez um sinal de positivo para Kala em agradecimento. Depois esperou, apoiado nas muletas, enquanto ela dava ré, disparava pela entrada de veículos e partia.

Era verão de novo em Fogueira, mas um tipo de verão agradável – dias longos, noites agradáveis, brisas que tocavam seu ombro bem quando você precisava delas. As comemorações haviam se acalmado, e todos esperavam. Até o momento, nenhum sinal de mudança nas plantações, mas podia levar semanas, as pessoas diziam, antes que uma Criança-Borboleta começasse a agir.

Petra estivera preenchendo uma papelada na mesa da varanda e agora alisava as pontas dos papéis enquanto Elliot subia os degraus. Cinco ou seis

borboletas haviam se alinhado na cerca da varanda, e uma libélula pairava sobre a caneta de Petra. Ela a afastou com um gesto gentil.

Elliot parou ao lado da mãe e pressionou a testa contra a janela para olhar lá dentro.

A casa de boneca estava no bufê da sala de estar.

– Ela saiu? – ele perguntou.

– Dormindo. Como foi a escola?

– Com certeza, ela dorme bastante.

Ele encostou as muletas na parede da casa e se sentou, respirando profundamente na tarde tranquila. Havia um sorriso, um brilho nos olhos, e Petra esperou, observando seu rosto.

Então, ele tirou um envelope do bolso e o colocou na mesa.

Elliot Baranski, dizia o envelope em marca-texto rosa brilhante. Havia aspas grossas em torno de seu nome como pequenos balões.

Petra arqueou uma das sobrancelhas.

– Da escultura de Cody – ele explicou, o sorriso se alargando agora. – Havia esquecido completamente, mas estava andando perto da escultura hoje, aí olhei e ali estava ela.

– Carta da Garota do Mundo? – exclamou Petra. – Ela recebeu *sua* carta? Está respondendo? – A expressão dela perdeu um pouco do entusiasmo. – Ninguém viu você? Você não contou para Kala nem para nenhum dos outros, contou? Pesquisei outro dia, e acontece que a penalidade por não reportar uma fenda é banimento para a Província Não Revelada, ou mesmo a *morte*. É difícil de acreditar nisso nos dias de hoje, mas, mesmo assim...

Elliot deu de ombros.

– Deve ser uma lei antiga. Provavelmente nem vale mais. Leia a carta. – Ele disse se reclinando e fechando os olhos.

A mãe abriu o envelope e leu.

Caro Elliot Baranski,

Você é um perturbado, está drogado ou é uma criança que gosta de escrever coisas fantasiosas.

Estou pendendo mais para o último caso. Ter encontrado um bilhete num lugar esquisito como um parquímetro deve tê-lo inspirado, por isso inventou esse lugar chamado Cello. (Ou talvez você tenha um Cello imaginário na cabeça o tempo todo e decidiu lançar mão dessa ideia imediatamente?)

De qualquer forma, já que você é o tipo de pessoa que deposita fantasia em parquímetros, tenho comigo que vai voltar para conferir minha resposta. Estou feliz em cooperar, se quiser, mas me sinto obrigada a dizer que tenho algumas questões referentes à construção do seu mundo.

Estas são as questões:

O uso da palavra “fendas” para explicar o caminho entre nossos mundos. Não é original. E o lance sobre a escultura pegar a carta mas você “não ter certeza de como funciona a ciência”? Fala sério. Você tem de definir “ciência” logo no começo!

Você é muito cafona e meigo. Mas precisa de um “algo mais”.

Você diz que está prestes a ir para uma viagem ao “Norte Mágico”. Bem, imagino que você queira narrar uma “jornada épica” de algum tipo, mas talvez pudesse mudar o nome do lugar. “Norte Mágico” me faz pensar em renas e Papai Noel, e que planeja plagiar *A Bússola de Ouro*, de Phillip Pullman.

Mas eu gostei de como entrou direto na coisa, sem tentar estabelecer o cenário. Embora tenha sido um pouco confuso, me pareceu mais real dessa maneira. O lance com os republicanos foi um tanto engraçado.

Além disso, obrigado pelas sugestões sobre os feijões.

E, ouça, lembra o que eu disse na minha carta sobre os doces? Bem, há pessoas sem teto e campos de refugiados, e eu aqui chorando por causa de torta de marzipã. Esquece o que eu disse, tá?

(ALÉM DISSO, o cara dos computadores no andar de baixo faz *muffins* ótimos.)

Saudações,
M. T.

P.S.: Não tenho certeza sobre quanto tempo mais vou ficar aqui em Cambridge, mas, se quiser escrever mais sobre seu reino imaginário, porque não deixa a próxima carta no alojamento dos zeladores da Trinity? O parquímetro não me parece um lugar seguro. Você pode endereçar para “M. T., a/c Federico Cagnetti”. Ele é o zelador lá. Vou dizer a ele para ficar de olho.

P.S. do P.S.: Sei que Elliot Baranski não é seu nome real, mas é um bom nome. Gosto dele também.

Petra terminou de ler e arregalou os olhos, e ambos riram.

– Nem sei por onde começar – respondeu Petra em meio a risadas. – Querido, é uma *crítica* à sua existência. Ela acha que Cello é...

– Eu sei. – Elliot pegou o envelope vazio e o equilibrou na palma da mão. – Ela me parece um tanto inocente, essa M. T.

Riram de novo.

– E agora, o que você acha? – Petra balançou a cabeça negativamente em atitude reflexiva. – Será que o Mundo esqueceu de Cello? Ou essa garota é que é ignorante? Vai responder à carta?

– Bem... – Elliot colocou as mãos atrás da cabeça, olhando para os campos. Havia ainda um resto de sorriso no canto de sua boca. – Parece que, se eu começar a escrever para ela, tudo vai se resumir a ficar o tempo todo tentando provar que sou real. O que pode se tornar...

– Cansativo – a mãe concordou.

Ela esticou a mão por sobre a mesa para afastar o cabelo de Elliot dos

olhos, e lá estava ela, sob a ponta de seus dedos – a testa ligeiramente úmida, o cabelo aquecido pelo sol, a doce e complexa concretude de seu filho.

Mas, mais tarde naquela noite, ele escreveu, sim, uma resposta.

Havia terminado a lição de casa; a Criança-Borboleta ainda estava adormecida; e havia uma torta de noz-pecã assando no forno, que ele planejava dar a Kala no dia seguinte.

– Não vá fazer tortas de noz-pecã para ela – argumentou a mãe. – Ela só vai ficar ainda mais apaixonada do que já está.

Elliot não ouvia. O joelho doía, tomando toda a sua atenção.

– Ah – respondeu por fim –, ela está me levando para a escola e me trazendo de volta todos os dias. O mínimo que eu posso fazer é uma torta.

Como não podia correr pelos campos rumo à estufa ou jogar destrobol, ou mesmo preparar a mochila para a jornada para o norte, sentou-se e escreveu.

Cara M. T.,

Estou sentado aqui me perguntando como você não sabe sobre o Reino de Cello. Ou está fingindo não conhecê-lo?

Vou lhe dizer o que me lembro dos Estudos do Mundo, mas tenha em mente que estou enferrujado nisso. Acontece que havia certa movimentação de um lado para o outro entre Cello e seu Mundo, em especial em torno dos anos 1600, e em particular de cidades como Cambridge e Londres.

De qualquer maneira, vocês tiveram uma doença chamada peste, que passou para cá, espalhando-se por Cello e se disseminando por Reinos e Impérios. Foi então que tomaram a decisão de fechar as fendas. (Ainda

há ataques de praga, embora não em Cello, devido aos Ventos de Cello.)

De vez em quando, pequenas fendas reabrem – nunca com frequência e jamais grandes o suficiente para que pessoas as atravessem; apenas caixas de fósforos ou cascas de laranja. Mas a Unidade de Separação do Mundo as sela rapidamente, e qualquer um que as encontra tem de reportá-las na mesma hora.

Quanto ao seu problema com a palavra “fenda”, bem, vá em frente e reclame ao Departamento de Etimologia, se quiser. Depois me fale como foi.

(Minha mãe disse que, pelo que ela se lembra, foram pessoas do SEU mundo que deram o nome de “fendas” às fendas. Uma porção de cientistas em Londres, por volta de 1600, chamados de Sociedade Real. Aparentemente, eles curtiam Cello, e a visitavam bastante.)

Não tenho certeza de com quem você teria que falar para mudar o nome do Norte Mágico. Eles têm certo orgulho da província deles e do nome que ela tem. Mesmo assim, experimente o Conselho Provinciano do Norte Mágico. Talvez seja melhor trazer um segurança com você quando fizer isso e ter uma rota de fuga em mente. Eles podem ter magia doce como mel lá, mas é certo que ela não adoça em nada o temperamento deles.

Não faço ideia do que você quer dizer com “cafona” ou quem são Papai Noel ou Philip Pullman.

Obrigado por ser gentil quanto ao meu nome. (Minha mãe diz que ela quer o crédito por isso, já que foi ela que o escolheu.)

Tenho que dar uma olhada numa torta de noz-pecã.

Atenciosamente,

Elliot Baranski

P.S.: Esqueci de dizer: tive que adiar minha viagem para o Norte Mágico por causa de um joelho quebrado e uma Criança-Borboleta. Se quiser responder a esta carta, imagino que estarei por aqui no final das contas.

P.S. do P.S.: Acho que devo perguntar: você está infectada com a peste?

Alguns dias depois, a Garota do Mundo respondeu.

Caro Elliot Baranski,

Oh, é um REINO. Devia ter imaginado. Vocês que se ligam em fantasia sempre têm essa coisa de reis e rainhas. Por que não uma república, só para variar? Deixe-me imaginar: em seguida, virão os dragões. Além disso, algum tipo de princesa de gênio forte com muita rebeldia em mente? Ou uma mulher mais velha fisicamente que quer que o pobre filho seja rei, por isso está tramando envenenar o herdeiro de direito com uma bebida feita da verruga de sapos?

Até onde você chegou com esse seu Reino? Pode delinear o sistema político dele para mim? A estrutura de classe? Minorias oprimidas? E quanto a relações exteriores, indústrias primárias e seu PIB?

E quanto a seu céu? É como o nosso? Vocês têm só uma lua? (Aposto que vocês têm três, e uma delas é um prisma triangular, estou certa?) Gosto de estrelas – espero que vocês as tenham. Falando sobre céu, e

quanto à religião? Parece que vocês não têm Papai Noel, portanto, não devem ser uma nação cristã. Vocês celebram algum feriado religioso? Ramadã, Chanuká, quem sabe Dia dos Namorados...?

Em que ponto estão em tecnologia? Passaram por uma revolução industrial ou ainda vivem da terra? Ou em cavernas? Se da terra, o que cultivam nas fazendas? Vocês pelo menos têm alguma por aí? (Fazendas, quero dizer.) Ou comem hologramas? Usam peneiras, foices e arados puxados por cavalos? Ou são bois que puxam os arados? Ou tecnotrons? Ou é você, Elliot, quem puxa os arados no Reino de Cello?

É engraçado você mencionar a Sociedade Real – e melhor ainda torná-los as pessoas que “nomearam” as fendas (*touché!*) –, porque venho lendo sobre Isaac Newton, e acontece que ele estava nesse grupo, ou clube, ou seja lá o que for. Eles foram uma espécie de primeiro grupo de cientistas da Inglaterra, certo? Ele até a administrou por um tempo. Bem, a gente vê que as habilidades especiais dele iam além da gravidade: ele também era bom com telescópios, cálculo, cores e resolução de problemas.

De qualquer maneira, vocês possuem alguma habilidade especial ou são só simples humanos? Quero dizer, podem atravessar paredes? Voar? Ficar invisíveis? Ler mentes?

Você dança? Tem bastante senso de humor? Se sim, como ele é: espirituoso, sarcástico, do tipo pastelão, irônico ou grosseiro? Qual é a posição de seu Reino em relação às liberdades sexuais, direitos dos gays, aborto? Vocês têm animais? Que língua falam? Seus ANIMAIS podem falar? Você é mágico (ou isso é só para o “Norte Mágico”, com “magia doce como mel” – ainda acho que você devia mudar esse nome)? Quais são as expectativas de vida aí? As mesmas que as nossas?

Por fim: o que o vento tem a ver com a peste, o que é uma Criança-Borboleta, e como você quebrou seu tornozelo? (Eu quebrei o meu fazendo *snowboarding* uma vez, e ainda tenho pesadelos sobre essa sensação. Um mês depois de tê-lo quebrado, eu podia sentir os ossos

mudando de lugar e se esfregando um no outro, e era como se eu não fosse real, ou não fosse eu, ou meu corpo estivesse fora do meu controle. Como se algo tivesse entrado no meu tornozelo e estivesse ali só para me provocar. Doía pra caramba. Além de ser assustador.) Vou mandar mais perguntas mais tarde; agora tenho que ir.

M. T.

Elliot leu a carta.

– Ah, faça-me o favor – comentou, embora o tom fosse suave, ele amassou o papel e o jogou na lixeira.

Shelby flexionava os dedos, girando o pulso nos braceletes de couro com tachinhas. O gesso no braço quebrado havia sido removido naquela manhã. Ela estava se familiarizando novamente com o braço agora, encarando-o enquanto andava.

– Ele não está bom ainda – ela disse. – Tentei dar um soco em uma pessoa mais cedo e não consegui acertar.

Os seis andavam pela Rua Larga, em direção à Praça da Cidade, para tomar algo gelado, Elliot se equilibrando nas muletas.

– Vai levar um tempo para conseguir a força normal de volta – Gabe argumentou. Talvez mais tempo para você, Shelby, sendo sua força normal o que é...

– Em quem você tentou dar um soco? – perguntou uma voz.

Passavam pela casa de Jimmy Hawthorn, e o vice-xerife estava lá, trabalhando no jardim da frente.

– Em quem você tentou dar um soco? – ele repetiu com paciência.

– Não se pode dizer nada nessa cidade sem alguém ouvir – suspirou Shelby. Jimmy deu de ombros e voltou para sua pá, e os seis continuaram andando.

– De onde vem esse assovio? – perguntou Elliot.

– Sou eu – disse Nikki. – Assoviando.

– Não. É outra coisa... é um som mais baixo, como o vento.

– Ah, então deve ser o vento.

Passaram pela casa de Isabella Tamborlaine, e agora já estavam na parte comercial da Rua Larga. Uma porta se abriu bem na frente deles, e dela saiu Norma Lisle, a veterinária da cidade.

Ela segurava um sintonizador de canais perto do peito, fios e cabos balançando.

– Estou levando isso para o vizinho – ela disse. – Pifou bem no meio de *Os Greenberg* ontem à noite, *bem* no pedaço que aquele encanador, aquele que é sempre tão prestativo quando os vasos sanitários dos personagens entopem, está prestes a beijar a professora. Aquela que tem uma pia de cozinha temperamental. Algum de vocês viu o programa, meninos?

– Ele foi em frente e a beijou – respondeu Cody. – Mas não fique chateada por ter perdido, Norma. Não foi lá um grande beijo. E eu não parava de pensar se ele havia lavado as mãos.

– Ah, Cody – riu Norma Lisle. – É a melhor coisa que tem passado nas ondas televisuais, não é? Embora possa ver, pelos rostos de seus amigos, que talvez estejamos sozinhos nessa opinião. Só vou até ali ver se os Twickleham podem consertar isso, mas escute, Elliot, antes de eu ir: como está a Criança-Borboleta?

O corpo de Elliot oscilou levemente sobre as muletas.

– Ela não faz muita coisa além de dormir, Norma – ele respondeu. – Há borboletas e outros insetos lá em casa dia e noite, e algumas vezes ela sai para dar um passeio em um deles. Mas, quando volta, cai direto no sono. Algumas vezes em que a encontrei *acordada*, tentei dizer “Oi” e “Como estão as coisas?”, mas ela só fica me encarando.

– Hum – falou Norma. – Bem, *mal* posso esperar o efeito sobre as plantações começar a funcionar. Não que eu *tenha* alguma plantação, é claro,

mas tenho meus limoeiros e um pequeno jardim de ervas... Bem, na verdade, só alguns vasos na varanda. Estou animada pensando no dia em que começarão a vicejar! Todas as plantações, é claro, não só a minha – acrescentou com rapidez.

– Vai acontecer – falou Kala. – Sempre leva um tempo.

Quando Norma esticou a mão em direção à porta da Consertos Twickleham, Shelby disse, em alto e bom tom:

– Dê o sintonizador para mim.

Norma parou, surpresa, e se voltou para ela.

Podiam ver através do vidro da oficina de consertos. Fleta Twickleham estava de pé à bancada, inclinando-se para frente, pronta com um sorriso.

– Há um supermercado em Pão Doce que faz consertos baratos – Shelby explicou. – Vou passar lá mais tarde. Também tenho um sintonizador quebrado. – disse estendendo os braços, um mais pálido e fino do que o outro, pronta para pegar o sintonizador.

– Ah, pode deixar... – murmurou Norma, e se virou de novo, pressionando o corpo contra a porta, de maneira que a campainha tocou. – Não quero dar trabalho pra você!

– Não é trabalho nenhum. – Shelby arrancou o sintonizador dos braços de Norma. – Você sempre cuida tão bem dos meus cachorros quando estão doentes – ela acrescentou. – O mínimo que posso fazer é retribuir cuidando do seu sintonizador.

Norma deixou a porta fechar com um solavanco. Estudou o rosto dos seis adolescentes. Depois, deu de ombros.

– Bem, é muito gentil de sua parte, Shelby! Acho que vai economizar meu tempo, *ainda mais* que estou com um porco com artrite chorando baixinho na minha sala de espera!

Todos concordaram que o porco precisava mais de Norma do que o

sintonizador, despediram-se e esperaram enquanto a porta do consultório veterinário fechava atrás dela.

Depois se viraram para Shelby.

– Você vai mesmo levar um sintonizador para Pão Doce hoje à noite? – Nikki perguntou.

– Não. Nem *tenho* um. Eu mesma vou consertá-lo para Norma. Se ensinei a mim mesma como voar naquele avião pulverizador, posso descobrir como fazer isso.

– Me ligue mais tarde se não conseguir – Kala ofereceu. – Posso ver se encontro um manual.

– A maneira como você tirou essa coisa dos braços dela... – falou Gabe. – Pelo visto, conseguiu sua força de volta no final das contas.

Riram, avançando pela rua de novo. Por trás do vidro da Consertos Twickleham, o rosto de Fleta se franziu com uma expressão confusa.

Ela dormia de lado, a Criança-Borboleta, as pequenas mãos unidas uma à outra, joelhos juntos sob o vestido azul-safira. Elliot não tinha mais certeza de que *fosse* um vestido; poderia ser uma parte dela, um tipo de pele.

Era tarde, passava da meia-noite, e ele havia acordado com a luz da lua recobrando a colcha. Resolvera descer as escadas. A luz da lua era mais contida ali, brilhando em lanças e barras organizadas, iluminando as janelas da casa de boneca.

Ela tinha talvez o tamanho de seu dedo indicador, mas o tamanho diminuto era mais visível nas feições, e, agora que ela dormia, Elliot se sentiu envolvido por uma onda de algo... como era desconcertante aquele seu tamanho. Aquelas mãozinhas, aqueles dedinhos, os pezinhos descalços com seus dedinhos bem, bem pequenos. Os cílios dos olhos fechados, a meiguice do nariz, a maciez do cabelo loiro pálido espalhado no travesseiro, a dobra do cotovelo, a inclinação do queixo.

Que coisas ligadas à pequenez poderiam afetar seu coração daquele jeito? Coisas pequenas passaram pela mente de Elliot – flocos de neve, pedras de granizo, gotas de chuva, o pino que você puxa para acertar o relógio. Poderia dizer que ela tinha o tamanho do seu dedo, com certeza, mas como descrever o tamanho daquela covinha na bochecha e nos nós das mãos?

Pensou em framboesas – os pequenos glóbulos separados de uma framboesa. Pensou nas minúsculas bolhas que se formam em torno das pontas de um copo de suco espremido na hora. O *x* hesitante que Kala acrescentava ao nome dela quando escrevia recados para ele. Menor que isso. O pingo num *i*.

Veio a ele uma lembrança de um dia em que a prima, Corrie-Lynn, só tinha algumas semanas de idade. Então ele, Elliot, devia ter uns nove. Tio Jon e tia Alanna tinham vindo fazer uma visita, o novo bebê numa tipoia em volta do ombro de Jon, e falavam sobre como tinham cortado as unhas do bebê pela primeira vez; sobre como tinham ficado com medo de machucar aquelas pequenas pontas de dedinhos.

Alanna havia guardado a unha cortada do dedo mínimo; ela a colara num pedaço de papel negro, e todos riram dela por causa disso, mas ela não se importou; tirou a unha da bolsa para mostrar. Todos soltaram exclamações. Apenas *olhe* como é minúscula aquela pequena lasca de unha. Era mesmo real?

A Criança-Borboleta: ela era pequena assim. Devia ser colada num pedaço de papel negro e dobrada, segura e protegida, para ser guardada na bolsa de alguém.

Sua mente continuava cambaleando em meio a recordações de coisas minúsculas: porcas, pregos, parafusos, argolas, molas – aquelas que o pai mantinha em recipientes de margarina vazios e usava pinças ou ímãs para pegar.

Esfregou o rosto com força com ambas as mãos e olhou para o rosto adormecido dela. Suas pálpebras! Como eram discretas aquelas pequenas pálpebras! Será que estavam piscando? Havia sonhos por trás daqueles olhos? Era desconfortável continuar observando; ele estava espionando, mas queria olhar ainda mais de perto. O que precisava mesmo era...

Então, chegou até ele.

A coisa que faltava entre as posses do pai; a coisa que estava errada ou fora do lugar.

Na delegacia do xerife, Hector e Jimmy digitavam em suas mesas.

– Eu lhe contei o que ouvi do pessoal da Costa Dourada? – disse Hector, inclinando-se para frente e fazendo uma careta para o relatório na máquina de escrever. – Sobre aquele caso de uma pessoa desaparecida que você solucionou para eles outro dia?

Jimmy apertou a tecla de espaço duas vezes.

– O técnico de som – ele se lembrou. – Aquele com toda aquela grana que ele ganhou num prêmio. Não, você não me contou.

– Você estava certo – comentou Hector.

– Ah, isso é uma pena.

– É sim. Encontraram o corpo na casa do sobrinho, bem como você disse que ele iria estar. Agora eu lhe pergunto: *como*, Jimmy, você sabia disso?

Hector relanceou o olhar para ele uma vez, depois girou a haste, removendo da máquina o relatório finalizado.

– Investiguei o passado de todos eles, não só dos que poderiam ficar com a herança, e descobri que o sobrinho tinha passado anos dobrando Cores na Faixa da Natureza. Para começar, eles têm leis de hereditariedade bizarras na Faixa da Natureza. Lá, o sobrinho *teria conseguido* herdar a fortuna. Pensei que talvez ele tivesse colocado na cabeça que era a mesma coisa na Costa Dourada. Você sabe, dobrar Cores por muito tempo pode entortar um pouco a

mente. Você começa a misturar coisas. Começa a *ver* Cores, sempre ali, bem na ponta da visão.

– Isso acontece com todos eles? – Hector perguntou, surpreso.

– Bem... – Jimmy começou em tom de dúvida, mas a campainha da porta da delegacia tocou e ambos levantaram os olhos.

Era Elliot Baranski.

Jimmy correu para abrir bem a porta, a fim de permitir que Elliot entrasse pulando com as muletas.

– Ora, ora se não é Elliot Baranski! – falou Hector, estudando o gesso na perna de Elliot.

Cody havia pintado ali diamantes cobertos por escorpiões.

– Olhem essa obra de arte! – Hector exclamou. – É como...

Mas descobriu que não conseguia pensar em nada para fazer uma comparação, e preferiu perguntar sobre o tornozelo. Depois ele e Jimmy perguntaram sobre a mãe de Elliot, a fazenda e a Criança-Borboleta. Por fim, Elliot disse:

– Bem, o motivo pelo qual eu vim aqui foi... Hector, lembra quando fizemos a lista de itens que podiam estar faltando das coisas de papai? Bem, ontem à noite, no meio da noite, lembrei que algo mais estava faltando.

Hector e Jimmy ambos piscaram.

– Sua lupa.

– Lupa?

– Era especial para ele. Minha mãe havia encomendado uma de um dos melhores fabricantes de vidros em Ponta Serrilhada, para seu aniversário, alguns anos atrás. Ele a usava o tempo todo, e eu vinha pensando ultimamente que havia algo errado com as ferramentas dele, algo que parecia estar faltando, talvez. Por fim, percebi... a lupa havia sumido.

Houve um silêncio na delegacia por um instante. O rosto de Hector tornou-

se sombrio. Ele não tinha mais as bandagens, por isso era possível ver a marca dos ferimentos que cicatrizavam cruzando suas bochechas. Dava para adivinhar o formato que as cicatrizes teriam.

Ele coçou levemente algumas casquinhas das feridas.

– Bem... – começou –, você acha que é o tipo de coisa que ele poderia levar do trabalho para casa? No bolso do casaco, talvez?

Elliot balançou a cabeça negativamente.

– Não. Ele tinha ferramentas em casa, entre elas uma lupa barata; teria usado esta se precisasse de uma. A outra lupa era grande. – Ele afastou as mãos para mostrar o tamanho. – Tinha uma caixa especial, uma espécie de xadrez em tons de verde.

– E você tem certeza de que não está nas coisas dele?

Elliot deu de ombros.

– Tenho certeza.

– Ele não poderia ter emprestado para alguém?

– Duvido. Nem *eu* podia usar aquela lupa, a não ser que ele observasse sobre meu ombro.

– E também não poderia ter sido deixada para trás na oficina quando você empacotou tudo? Talvez tenha caído de uma prateleira e ficado embaixo de alguma coisa. Não quer perguntar aos Twickleham a respeito?

O olhar de Elliot endureceu por um instante.

– Fizemos um trabalho bem meticuloso limpando a oficina – ele falou. – Não acho que algo assim teria passado despercebido.

Hector concordou com a cabeça lentamente.

– Certo – ele disse. – Deixe-me acrescentar ao relatório e pensar a respeito. Pensar sobre o que essa informação pode significar. – Fez uma pausa, depois encarou Elliot. – O que *você* acha que isso pode significar?

Elliot deu de ombros.

– Acho que não significa nada. Acho que estava com ele naquela noite, no final das contas. No bolso do casaco, provavelmente. De qualquer maneira, só queria que soubessem.

Elliot girou apoiado nas muletas, e Jimmy se levantou para abrir a porta de novo.

No entanto, quando a porta estava quase fechada, Elliot usou a muleta para segurá-la.

– Imagino que não tenha nenhuma notícia – ele disse.

– Assim que tiver – Hector respondeu sem hesitação –, eu aviso.

Elliot concordou com a cabeça e a porta se fechou atrás dele.

Fez-se um silêncio na delegacia por alguns momentos.

– Não diga nada – falou Hector, sem olhar para Jimmy.

Então, Jimmy não disse. Ambos voltaram a datilografar relatórios de novo, cada *clique* e *claque* sendo um soco desferido.

Quando Elliot chegou da delegacia do xerife, a casa estava em grande silêncio.

A mãe ainda estava lá fora na estufa, imaginou. Conferiu a casa de boneca, a Criança-Borboleta adormecida nela.

Na cozinha, arrumou uma xícara de café para si mesmo, cortou um pedaço do bolo de chocolate com coco, pegou a lição de casa na mochila e se sentou à mesa.

Ouviu um farfalhar e um ruído sutil. Um pássaro pousou no corrimão da varanda. A geladeira zumbiu. O pássaro voou de novo. Ele abriu o livro de Matemática, mas o fechou em seguida.

– Ah – resmungou, olhando para o tornozelo engessado.

Empurrou a cadeira de volta para o lugar e mancou até o andar de cima, segurando o corrimão e se apoiando nele o tempo todo. Encontrou os analgésicos no armário do banheiro, pegou alguns e se dirigiu para o quarto.

Abriu a gaveta de baixo e tirou tudo: pastas, livros, anotações, artigos xerocados, recortes de jornal, documentos oficiais. Jogou tudo na cama e folheou os documentos: Relatório sobre pessoas desaparecidas: Abel Garek Baranski; Relatório sobre pessoas desaparecidas: Mischka Elizabeth Tegan, e ali estava.

Relatório da médica-legista: Jonathan Kasper Baranski.

O relatório sobre seu tio John.

Para olhá-lo, teve de desviar ligeiramente a cabeça para o lado. Ensinar a si mesmo esse truque de virar a cabeça, de modo que só parte dele via as palavras. Mesmo fazendo isso, tinha de folhear rápido – para voar por frases como *lacerações no rosto, pescoço, torso e artéria carótida cortada, espinha dorsal cortada*. Logo encontrou o que procurava.

Num quadrado na parte inferior da folha, à direita, a legista havia escrito Conclusões.

Ferimentos consistentes com um ataque de Cor na variação Cinza-Aroxeadado; mais provavelmente um Roxo de terceiro nível. Ferimentos são de alguma forma compatíveis com o ataque de um animal selvagem (tigre, puma, urso, dragão, matilha de lobos), mas descartei a informação como improvável por não haver evidência de mordidas nem de que tenham se “alimentado” da vítima; além disso, nenhuma evidência de queimaduras (bastante comuns num ataque de dragão). Novamente, não seria impossível que uma pessoa, ou grupo de pessoas (talvez Hostis Errantes), que usasse facas, facões, canivetes etc. pudesse ter infligido tais ferimentos, mas na ausência de evidência de envolvimento humano no ataque (o sangue no local era apenas da vítima, sem vestígios de nenhum tipo sob a unha da vítima), e notando que nenhum Hostil Errante reclamara a responsabilidade do ato para si, o que seria o comum, um Roxo de terceiro nível parece ser a causa mais provável.

No quadrado ao lado, para Informações adicionais, a legista havia escrito: A vítima foi encontrada nas proximidades da caminhonete abandonada do irmão, Abel Baranski; a vítima foi vista pela última vez ao deixar o Pub Cogumelo na companhia tanto de Abel quanto de uma mulher, Mischka Tegan. Pediram-me que comentasse sobre se essas outras pessoas poderiam estar envolvidas na morte da vítima, seja como perpetradoras ou possivelmente (sem confirmação) também como vítimas. Em relação ao que foi dito acima, ver minha conclusão anterior sobre envolvimento humano; em relação ao que foi dito depois, observo que é sabido que Roxos de vez em quando matam uma vítima e raptam outras, levando-as para longe da cena do crime. Dessa maneira, poderia se especular como se segue: o Roxo atacou a caminhonete, carregando Jon, Abel e Mischka; eles conseguiram desviar dele, esperando fugir para a mata depois; o Roxo matou Jon e então carregou Abel e Mischka para longe (em tal caso, dificilmente esperaria que os restos mortais fossem encontrados em algum lugar próximo do ataque original); no entanto, na ausência de evidência adicional, trata-se de pura especulação.

Elliot devolveu o relatório à pasta.

Trata-se de pura especulação, pensou.

Havia pessoas naquela cidade – não muitas, mas um punhado delas – convencidas de que o pai e o tio de Elliot tinham, ambos, se apaixonado por Mischka e brigado por ela. Que o pai dele havia matado Jon, deixando-o morto à beira da estrada, e fugido com Mischka.

Havia outros – a maior parte de Fogueira, provavelmente – que achavam muito mais possível que Abel e Mischka tivessem decidido fugir juntos. Que haviam tomado um trem, ou talvez um barco rio acima. Teriam pedido a Jon que levasse a caminhonete de volta à fazenda de Abel e passasse a notícia adiante, mas o ataque Roxo acontecera enquanto Jon estava a caminho.

Os boatos tinham começado na mesma hora, e Elliot, sentindo um imenso vazio com o choque, sentira o veneno verter sobre ele.

Depois, o xerife se sentara com ele um dia. Tinha sido na padaria, na Praça da Cidade, ele se lembrava; o frio de outono invadia o ar; o xerife com o velho casaco de veludo de que gostava tanto.

Hector havia pego aquele mesmo relatório da legista e feito Elliot lê-lo.

– Vai doer demais ler isso – ele dissera. – Mas olhe aqui. – Ele passara o dedo rígido sob a frase *ausência de evidência de envolvimento humano*.

– Já vi minha cota suficiente de triângulos amorosos – Hector dissera. – E, sim, um homem pode matar um irmão por uma paixão. Acontece. Mas, quando acontece, é numa troca de socos que sai do controle, não com facões e facas de caça! Você não faz picadinho de seu irmão por uma garota. Eu lhe afirmo de maneira categórica, Elliot: seu pai não fez isso com o seu tio.

Elliot se lembrava do calor da caneca de café na ocasião; o xerife dissera aquelas palavras, e Elliot percebera que as mãos estavam geladas, então as colocara em volta da caneca.

– Quanto a fugir com a professora... – Hector dera de ombros. – Não estou dizendo que *eram* amantes, mas vamos considerar, hipoteticamente, que fossem. Bem, vi minha cota disso também: amantes em fuga. Só que eles fazem planos. Eles têm a ideia, hesitam, e depois se tornam mais determinados. Vão engatinhando até o desfecho da coisa. Nunca ouvi alguém decidir esse tipo de coisa em um *pub* em certa noite e pedir ao irmão que avise a família. Eles escrevem um recado. Tiram dinheiro da conta do banco. E, ouça: eles *fazem as malas*. Agora, me diga de novo o que acha que pode estar faltando das coisas do seu pai.

– Bem – Elliot havia dito. – Como falei, tinha o casaco e chapéu. Ele estava usando os dois. E as outras coisas que ele sempre usava. A carteira. O relógio. Pensamos que talvez um mapa antigo e emoldurado tivesse sumido,

aquele que ele costumava deixar na parede da oficina, mas descobrimos que ele o havia dado a Jon e Alanna, para decorar a sala da frente da Melancia. Então, é isso.

– Nenhum remédio? Nenhuma fotografia? Nenhum desses troços de feitiços que ele conseguiu do Norte Mágico e dos quais tinha tanto orgulho?

– Não. Como eu falei, ainda estavam todos no quadro de cortiça.

– Nada de roupa íntima limpa? Sua samba-canção favorita?

– Não tenho certeza de que ele tivesse uma favorita – Elliot falou com um meio sorriso.

– Sabe o que quero dizer. As pessoas não fogem sem nada... elas levam algo de recordação. Uma lembrança. Uma foto, ao menos. Sabe o que quero dizer?

Elliot assentira com um gesto de cabeça, e fora então que Hector se inclinara para frente e passara o indicador sobre as palavras no relatório da legista.

Dessa maneira, poderia se especular como se segue: o Roxo atacou a caminhonete... eles conseguiram desviar dele... o Roxo matou Jon e então carregou Abel e Mischka para longe.

– É horrível – Hector havia dito. – É horrível e perturbador. Queria *poder* dizer que eles fugiram juntos, porque, embora fosse machucar você, todo esse negócio de traição com a sua mãe, bem... ao menos saberíamos que ele está vivo. Mas me parece que *isto* é o que aconteceu. Bem como está dito aqui.

– E, se um ataque Roxo os levou – Elliot havia dito, olhando Hector bem nos olhos –, se isso aconteceu mesmo, eles ainda podem estar vivos. Vivos e aprisionados numa caverna de um Roxo em algum lugar.

Nesse ponto, Hector havia ficado em silêncio por um bom tempo.

– De novo, quero ser franco com você, Elliot – ele disse por fim. – Um ataque Roxo não carrega as pessoas para longe para deixá-las viver.

– Mas, até que a gente os encontre, até encontrarmos os corpos – Elliot persistiu –, não sabemos com certeza.

Hector havia inclinado a cabeça, sem concordar nem discordar.

– Elliot, não vou desistir. Como você disse, até encontrarmos os corpos, não sabemos ao certo. De diversas maneiras, esse é o tipo de perda mais difícil que se pode ter: aquele que você não sabe com certeza. Você pode ter noventa e nove vírgula nove por cento de certeza, Elliot, de que seu pai não vai voltar. Mas, sim, até existirem provas concretas, vai sempre haver um vislumbre. Um minúsculo, diminuto vislumbre de esperança. Posso vê-lo em seus olhos agora mesmo, misturado com a dor. E não vou mentir e dizer que não o sinto também.

Então, Hector se inclinara para frente.

– O difícil... é como fazer para viver com isso – ele havia dito.

Por aquele encontro, por aquelas palavras – pela conversa franca de Hector –, Elliot se sentia grato.

Era diferente da gratidão que sentira no dia em que tinha sete anos de idade e havia roubado o novo quadriciclo motorizado da mãe – pelo qual ela era louca –, saindo para um passeio que acabara no rio. Ele conseguira sair, mas o quadriciclo se perdera embaixo d’água. Elliot sabia o tipo de apuro em que tinha se metido, mas pior ainda, ele imaginava, seria o desapontamento no rosto da mãe.

Havia percorrido o caminho para a oficina do pai correndo, ansioso por confessar o que havia feito.

Sem uma palavra, o pai tinha saído de trás da bancada de trabalho.

Ele guiara Elliot até a caminhonete, esperara-o apertar o cinto de segurança, e depois se dirigira até o rio, falando só uma vez para conferir com ele:

– Você quer dizer bem aqui? Foi aqui que afundou?

E ele o resgatara. Retirara do rio o quadriciclo motorizado, secara-o e o

arrastara até a caminhonete, carregando-o para a oficina a fim de tentar consertá-lo. Tinha levado horas. Horas de trabalho, enquanto Elliot observava em silêncio. Por fim, ele conseguira, deixando-o tão bom quanto um novo.

A gratidão que sentira! O abraço que dera no pai! E este havia se inclinado para baixo, abraçando-o também, e lhe dissera:

– Ah, todos nós cometemos erros... esse você não vai cometer de novo.

Tinha sido uma gratidão genuína, quase inacreditável, enquanto a gratidão que sentira em relação a Hector era complicada, é claro, e tinha pontas afiadas. No entanto, era poderosa. Hector havia acreditado no pai de Elliot. Havia banido os rumores de maneira tão firme, como se tivesse estendido o braço e varrido de cima de uma mesa canecas e pratos de torta.

Só que agora havia isso.

Uma lupa desaparecida.

Uma aflição na voz de Hector na delegacia naquele dia.

O silêncio de Jimmy.

Seu bem favorito. Uma lembrança, uma recordação.

Havia uma voz urgente na cabeça de Elliot dizendo: *Bem, talvez ele TENHA fugido com Mischka, afinal. Bem, é uma BOA notícia. Significa que ele ESTÁ vivo, que está bem, e que um dia desses vai voltar e implorar pelo nosso perdão.*

Mas outro pensamento contra-atacou, como uma criança tendo um chique: *FOI um ataque Roxo que não tocou nem em um fio de cabelo dele. Ele está vivo e bem, preso numa caverna em algum lugar agora, e, tão logo eu sair daqui, vou trazê-lo para casa!*

– Ah – Elliot disse em voz alta, e soou como um grunhido.

Empurrou tudo de cima da cama para o chão: o relatório da legista, os relatórios sobre pessoas desaparecidas, papéis e pastas. Elas foram despencando em silêncio.

Depois estendeu a mão para o caderno e, sentado na cama, escreveu uma carta.

Cara M. T.,

Você perguntou se temos Fazendas aqui em Cello. Sim, temos.

E você também queria saber algo sobre a tecnologia por aqui, não é? Bem, depende da província. Em Ponta Serrilhada, há muito desenvolvimento. Eles têm cidades inteiras feitas de hologramas, e programas de computador praticamente criam as crianças. A Costa Dourada é semelhante, mas usam isso tudo só para se divertir.

Em Velhus Excentricus não há telefones nem eletricidade. E no Norte Mágico e na Faixa da Natureza eles têm a maioria das coisas, só que a magia estraga tudo o tempo todo.

Aqui nas Fazendas estamos meio que começando a usar computadores. Algumas pessoas os usam para mandar mensagens, mas a maioria ainda usa fax ou apenas o correio normal. Nossas TVs ainda são caixas que você coloca em cima de um armário na sala de estar, e não imagens que voam pelo espaço, como na Costa Dourada.

A atividade agrária está ficando mais mecanizada também. Tipo, temos abridores automáticos agora na estufa para levantar as janelas e deixar o calor sair. E uma fornalha que aquece o ambiente quando está frio e é do último modelo.

Quanto ao que produzimos, bem, algumas pessoas em Fogueira criam animais, em especial porcos, mas a maioria aqui se dedica à agricultura. Usamos principalmente estufas, por causa do clima.

Isso me faz lembrar de uma coisa: vocês têm estações cíclicas no Mundo? Tipo, estações que vêm e vão na mesma época, todo ano? A agricultura deve ser um sonho! Sério, vocês podem cultivar coisas dormindo.

(Cello tem um clima incrivelmente mutável: as estações fluem pelo Reino, seguindo em frente assim que ficam entediadas.)

Na minha fazenda, cultivamos bananas, framboesas, marmelo, feijão e ervilhas. Também criamos abelhas para polinização.

Outras pessoas por aqui cultivam nozes-pecãs, macadâmias, tangerinas, batatas, trigo e milho.

Quando digo que cultivamos essas coisas, bem, a palavra “cultivar” é usada de maneira livre. Talvez PLANTAR seja um termo melhor – nós PLANTAMOS, mas, nos últimos tempos, a maior parte do que sai do solo são ervas daninhas. Ou pedaços de nada retorcidos e em decomposição, que morrem antes mesmo de ver o sol.

Ou nada mesmo. Só solo que se derrama da palma da mão.

As pessoas estão dizendo agora que a Criança-Borboleta vai consertar essa situação. Que tudo vai

crescer como um incêndio se alastrando sem controle. Mas eu lhe digo, e guarde isso só para você: estamos com a Criança-Borboleta por aqui há quatro semanas, e tudo que ela tem feito é dormir. Ela sai para alguma aventura de vez em quando, com certeza para fazer um passeio, o que, imagino, é bem divertido para ela, e depois volta para casa e dorme.

Ela já deveria ter causado alguma mudança, tenho certeza. É bonitinha e tudo o mais, mas ou é defeituosa, ou está doente. Com todo esse sono, ela pode estar doente de verdade. E sabe o que mais? Se ela está doente, provavelmente é minha culpa. Porque ela ficou naquele jarro tempo demais. Eu a observei enquanto enxergava em dobro, e a vi se encolher ali dentro; vi os olhinhos dela começando a se fechar, mas mesmo assim não consegui me obrigar a levantar. Era como se meu tornozelo fora do lugar ocupasse todo o espaço. Tentei, mas não consegui. E, quando fiz isso, quando enfim engatinhei até ela e tirei a tampa, bem devagar, como o pedaço inútil de lixo que sou, bem... quem sabe quanto tempo havia se passado e que efeito isso teria tido sobre ela.

Quem sabe? Levou um bom minuto, talvez mais, até ela se aprumar, me olhar nos olhos e fazer uma reverência com sua cabecinha.

Vou ser honesto: o único motivo pelo qual lhe escrevo agora é que a dor no meu tornozelo é bem como você

descreveu na sua carta – como se alguém estivesse lá dentro para me provocar, para comprar briga comigo. Essa é a única coisa de que me lembro da sua carta, fora a pergunta sobre Fazendas e tecnologia.

Mas você estava certa sobre o tornozelo, e os analgésicos não ajudam em nada.

Uma última coisa: se decidir responder, tem ao menos que fingir que eu sou real.

Porque não estou com paciência para ser tratado como se eu não existisse.

Atenciosamente,
Elliot Baranski

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

8

– Ela tem a doença do beijo! É melhor não entrar!

Olivia Pettifields, mãe de Belle e professora deles tanto de Francês quanto de Cidadania, estava de costas para a porta da frente, sem fôlego de tanto rir. Ela os havia visto pela janela e correr para fora, pressionando a porta fechada atrás dela.

– *Vous feriez mieux de ne pas entrer!* – ela traduziu, lembrando de seu papel como professora, e depois repetiu: – É melhor não entrar!

Madeleine e Jack estavam parados no jardim da frente da casa de Belle – era na Rua Ross, bem longe da estação –, as mãos apoiadas no guidão das bicicletas.

Ambos trocaram um olhar pelo canto do olho. Jack fez a roda da bicicleta

rolar para trás e para frente, devagar, na grama enlameada.

– Ela está com mononucleose infecciosa de novo? – ele perguntou, fazendo a própria tradução dos fatos. – Ela está bem?

Olivia Pettifields balançou a cabeça negativamente. Os lábios eram do mesmo vermelho lustroso da tinta da porta da frente.

– Belle está bem – ela respondeu, e ainda havia resquícios de riso em sua voz. – Mas ela está doente feito um cachorro!

Era complicado entender o sentido daquilo. E também o que tinha de tão engraçado.

Olharam através da janela, que tinha as cortinas fechadas.

– Devemos entrar para vê-la?

– Vocês vão pegar a doença! Estão loucos?! – O riso de Olivia jorrou, mas ela comprimiu a boca, contendo a risada. Ainda assim, não conseguiu impedir que se curvassem em um sorriso. – Aqui está a tarefa de vocês para hoje! Precisam ir embora e falar francês um com o outro! Ou não, não... já sei! Vocês tem de ir a um café e *pedir coisas em francês*.

Jack e Madeleine olharam para ela com firmeza.

– Mas aqui é a Inglaterra.

– O que vocês devem pedir? Hum. Sim, vocês devem pedir um *pain au chocolat*! Ah, não vale! Falei para vocês já em francês. Ah, crianças... – ela resmungou. – Sempre me enganando! Sei, sei... Peçam lesmas ao alho e frango, e vinho tinto, e *crème brûlée*... ah, é quase certeza que não vai ter nada disso num café às nove da manhã. Ah, esse lugar! E vocês não vão estar com fome suficiente, de qualquer forma. Tenho uma ideia melhor! Vocês têm de ir para Luton, o aeroporto de Luton, e pegar um voo para Paris! Lá vão poder falar francês à vontade! Uma excelente oportunidade de aprendizado!

Agitou as mãos como se os abanasse.

– Vão! Saiam daqui! Voem para longe!

– Diga a Belle que estamos torcendo pela melhora dela – falou Madeleine, manobrando a bicicleta, enquanto Olivia ria e gritava:

– Não se esqueçam de ser *cidadãos*! Em Paris! Vocês vão exercitar a *cidadania*, não vão?!

Essa era uma coisa que Olivia Pettifields sempre achava engraçada: a ideia de que tinham que aprender a ser cidadãos. Na verdade, era por isso que tinha se oferecido para ensinar aquela matéria.

Jack e Madeleine pedalavam lentamente pelo caminho, conversando sobre Belle e sua mononucleose, e também sobre Belle e sua mãe louca de pedra.

Ela contraíra mononucleose pela primeira vez quando tinha doze anos, e voltara duas vezes desde então. Até onde sabiam, ela sempre tivera uma mãe louca de pedra. Ela também tinha um pai, que parecia um pouco menos maluco. Na maior parte do tempo, ele vivia perplexo com a esposa, mas algumas vezes a achava tão engraçada quanto ela mesma se considerava, e aí caía na risada com ela.

Belle quase nunca entendia as piadas da mãe.

– O que vamos fazer? Quer comer alguma coisa? – perguntou Madeleine.

– Você tem fome em horas estranhas – Jack observou. – Como se estivesse sempre com *jet lag*. Sabia que Lorde Byron tinha um lance: ele não conseguia comer se houvesse uma mulher com ele?

– Porque ele tinha maus modos à mesa ou problemas com mulheres?

– Bem, ele está morto agora, não é mesmo, por isso não dá para perguntar pra ele. Mas acho que era algum tipo de distúrbio alimentar. Ele costumava fazer coisas, como se privar de comida por dias e depois comer pratos feitos com batata. Sou muito parecido com ele.

Eles haviam parado numa esquina e esperavam para cruzar a rua.

Madeleine e Jack viviam uma situação estranha. Na terça-feira passada, haviam se beijado no telhado inclinado do prédio de Madeleine.

Pareceu o começo de algo, mas, desde então, vinham fingindo que nada tinha acontecido.

Era culpa de Belle. Ela estava sempre por perto, e era tão observadora e esperta, e eles costumavam ficar todos juntos. Parecia impossível mudar aquilo.

– Está tentando dizer que tem um distúrbio alimentar? – Madeleine perguntou. – Ou que gosta de batatas?

A voz dela tinha um tom desafiador e furioso. Não era capaz de descobrir de onde tinha vindo aquela voz. A rua estava vazia, mas ficaram parados mesmo assim, um olhando para o outro.

Então ela percebeu. Tentava ser Belle. Havia uma lacuna no diálogo, do qual Belle deveria participar, e ela havia dado um passo para o lado e permitido a entrada dela.

– Jamais me privaria de comida por dias – falou Jack. – Ficaria faminto. Não... Mas, sério, Byron e eu somos a mesma pessoa. Ele costumava falar bastante, não é? Tipo, a noite inteira. Era o que mais gostava de fazer, o que, você tem que admitir, tem uma semelhança incrível comigo.

A rua ainda estava vazia, e avançaram com as bicicletas.

– Sei o que podemos fazer – sugeriu Madeleine. – Podemos ver a estátua de Byron. Acho que eles têm uma na Biblioteca Wren.

– Byron está na Wren?! – exclamou Jack.

– Bem, já que você é ele, é você quem deve me dizer.

Pedalararam até Trinity e encontraram a estátua, e Jack chegou a tremer de tão empolgado.

– É ele – arfou. – Sim, sou eu. Você vê essa coisa que parece uma capa caindo dos ombros dele?

Madeleine concordou com a cabeça.

– Bem, eu usaria também, se tivesse uma.

Ele acrescentou que Byron parecia bastante pensativo, algo que ele fazia de vez em quando: pensar; e que Byron estava segurando um livro e marcando a parte onde havia parado com o dedo, algo que, todos sabiam, Jack também fazia quando, digamos, estava lendo e era interrompido; e, principalmente: Byron tinha cabelos cacheados.

Jack também tinha. Ou ao menos *teria*, se o deixasse crescer. Embora os cachos da estátua de Byron fossem, bem... artificiais. Pareciam mais conchas ou cavalos-marinhos, o que você não gostaria de ter rastejando pelo seu corpo, não é m...

– São como lesmas gigantes – interrompeu Madeleine.

Ainda estava sendo Belle. Ácida e irônica. Inclinou a cabeça e deu alguns tapinhas na orelha, como alguém tentando remover água depois de nadar. Tentando tirar Belle de dentro dela.

– São massas de padaria – Jack disse, ainda observando o cabelo de Byron.

– Pequenos *croissants* em sua cabeça.

Nesse ponto, a voz de Madeleine mudou.

– Ele tem um nariz bonito – ela falou, virando-se para estudar o rosto de Jack. – E você também.

Sua mão flutuou em direção ao nariz de Jack e ela parou assustada de repente.

– Pensei que você fosse uma estátua.

Essa era Madeleine de volta; ambos perceberam.

A estranha Madeleine que esquecia de si mesma de vez em quando e que apreciava estrelas, um nariz bonito e deslocamentos estranhos de realidade.

Jack se aproveitou do momento com rapidez. Pegou a mão dela parada no ar, passou seu polegar pela palma da estátua e a soltou. Ambos sorriram.

Esse foi o começo real do romance “Jack e Madeleine”. E também o início de um mês de junho de céu azul.

Nas semanas seguintes, enquanto Belle estava doente em casa, assistiram a filmes no Grafton Centre, visitaram sebos e o Corn Exchange. Foram ao Pizza Express e ensaiaram lançar um segundo olhar para algo, porque Jack contou ter lido que a coisa mais difícil para um ator era olhar de novo para alguma coisa a fim de confirmar a primeira impressão. Não que eles quisessem ser atores; era só pelo desafio.

Sentaram-se próximos do rio, dividindo o iPod de Jack e discutindo de maneira agradável, e não beligerante, sobre música.

Foram para as aulas particulares (embora não a de Francês e Cidadania), e os professores ou ignoraram a mudança entre eles ou não a notaram (exceto pela mãe de Madeleine, que se mostrou em desaprovação, chorosa e encantada com a situação – revezou entre cada reação).

Na cabeça de Madeleine, era totalmente perfeito. Um romance de férias. Um rolo de verão. Tudo transpirava felicidade. Junho se aqueceu e se tornou festivo. Os estudantes de Cambridge haviam terminado as provas e davam festas nos jardins, planejando Bailes de Maio (que, de um modo confuso, aconteciam em junho), bebendo champanhe e Pimm's & Lemonade. As garotas usavam vestidos de verão e sandálias de tiras, e os garotos tinham gravatas tortas e manchas rosa nas bochechas. O próprio retrato do clima.

Tudo estava resolvido, e Madeleine se sentia como uma dançarina de balé. A carta para o pai chegaria a ele a qualquer momento, tinha certeza. Ela se perguntava se ele responderia ou se apareceria em Cambridge de maneira inesperada. Este seria mais seu estilo: abriria a carta e, ao mesmo tempo que a examinava, ia começar a revirar os olhos, reflexivo, e a estalar os dedos pedindo um jatinho.

Ela continuava a captar vislumbres dele emergindo de um raio de sol, ou remando pelo rio em sua direção. Aconteceria assim: ele fixaria o olhar nela e levantaria o remo no ar fingindo estar irritado. Depois, saltaria do barco para

a margem e a tomaria nos braços, a jaqueta de marinheiro de linho se amarfanhando contra ela, a barba raspando quando beijasse sua bochecha. (Em sua imaginação, ele havia deixado a barba crescer de novo – em sinal de conforto, provavelmente, pela ausência dela e da mãe.)

Pensando sobre a mãe agora, ficou claro para Madeleine que Holly não precisava de um médico! Ela só se sentia um pouco deslocada. Como um cisne que voa de seu lago reluzente e tenta montar uma casa num desmanche de carros. O cisne também ficaria incerto e distraído. Suas penas enferrujariam enquanto tentasse dormir sobre o couro rasgado do assento de um carro velho, e com certeza ele teria também dores de cabeça ocasionais.

Ninguém ficaria surpreso, de maneira nenhuma, se o cisne tivesse dificuldade de responder às questões de um programa de perguntas e respostas.

(Além disso, era bem provável que Holly nunca tivesse sido tão boa em conhecimentos gerais quanto haviam pensado: aquela máquina de costura como prêmio tinha sido um acaso feliz.)

Madeleine abandonou o plano de enganar a mãe para ir ao médico. Tudo que Holly precisava era de um resgate e um banho de sal para as penas. E, se ela não *estivesse* mesmo bem, o pai de Madeleine encontraria o melhor clínico do mundo. (Não um especialista, mas um *clínico*). (Não tinha muita certeza da diferença, mas mesmo assim...)

E, enquanto isso, enquanto ela esperava, havia o romance com Jack. Madeleine estava tão alegre, embora de vez em quando se pegasse confundindo Jack com Lorde Byron, aceitando as proposições de Jack de que ele e Byron eram uma mesma e única pessoa. Enquanto balançava a mão de Jack – com frequência ele tinha um bandeide ou dois na mão, e a superfície deles, sua maciez fria, parecia de algum modo mais íntimo do que a própria mão –, enquanto andava com ele de mãos dadas, chegava a acreditar que na

verdade estava ao lado de Byron.

Quando se beijavam no quarto de Jack, ou quando se beijavam sobre o teto inclinado, ou quando a mão dele acariciava seu braço nu, ela fechava os olhos e pensava em poesia.

Madeleine sabia mais sobre Byron do que Jack. Sabia que, quando ele tinha oito anos de idade, Byron havia amado tanto uma garota que se sentava e a ficava encarando por horas. Ele sentia pena da irmã da garota por não ser tão bela quanto ela era.

Anos se passaram. Ele nunca mais viu a garota. Certo dia, ouviu dizer que ela havia casado com outra pessoa, e isso o atingiu como um relâmpago. Quase havia engasgado com a notícia.

Para espanto de todos ao redor dele.

Mais tarde, quando ainda era um adolescente, Byron se apaixonou de novo – por uma garota mais velha, de classe superior, chamada srta. Chaworth. De novo ele a amou com sua loucura profunda e singular. Só que, um dia, ele a ouviu falando com um amigo. Ela havia dito em tom irônico: *Você acha que eu me importaria com aquele garoto manco?*

Referia-se ao pé torto de Byron.

Novamente, anos mais tarde, a mãe de Byron lhe disse:

– Tenho novidades para você.

– Bem, o que é? – Byron perguntou.

– Pegue o lenço primeiro – ela sugeriu. – Vai querer tê-lo à mão.

– Que exagero.

– Pegue o lenço – ela insistiu.

Ele o fez, segurando-o para que ela pudesse ver.

– Bem, o que é?

– A srta. Chaworth se casou!

A expressão mais estranha cruzou seu rosto, e ele recolocou o lenço no

bolso, exclamando:

– Isso é tudo?

– Bem, esperava que você fosse mergulhar no luto – falou a mãe.

Byron não respondeu e, depois de alguns instantes, mudou de assunto.

Então, quando Madeleine e Jack se deitaram lado a lado na cama – com a porta aberta, por insistência de Federico, e com Federico resmungando enquanto fazia macarrão na cozinha –, encarando no teto escuro as estrelas brilhantes que Jack havia grudado (para que correspondessem aos signos do zodíaco), enquanto Jack explicava que, como alguém de Áries, ele tinha coragem, paixão e fertilidade, Madeleine ria, mas, enquanto ria, sorria para si mesma, pensando: *Por trás desse falatório todo, você foi machucado, não foi? De novo e de novo, por garotas no passado. Você amou com intensidade e paixão, e aprendeu a esconder a mágoa; aprendeu a colocar o lenço de volta no bolso e fingir que está tudo bem.*

E ela olhava para as pernas dele no jeans azul, perguntando-se qual era a manca. Depois, franzia a testa, ligeiramente confusa, lembrando que não havia nenhuma.

Na rua, ela abordava Jack por trás, tocava-lhe o ombro, e ele virava com a expressão que tinha quando a via naquelas dias. Era assustada, envergonhada, feliz, ousada e incerta, tudo ao mesmo tempo. Ela gostava ainda mais dele quando via isso, sentia uma cascata de afeto, e então, talvez vendo todo esse afeto, ele relaxava e começava a falar.

Ele realmente falava bastante.

Nisso, era como Byron.

Vou sentir falta dele, pensava às vezes, *quando voltar para casa.*

Mas eles podiam trocar e-mails.

Falando em e-mail, sua amiga Tinsels estava levando um bocado de tempo

para responder. Mas não era nenhuma surpresa. Tinsels estava sempre flutuando em piscinas, lendo livros ou então andando a cavalo. Mal checava os e-mails e, quando o fazia, esquecia a senha, ou como os comandos funcionavam, e muitas vezes arremessava computadores pelo ar, exigindo assistência técnica. *Sou terrivelmente charmosa em relação à tecnologia*, gostava de dizer.

Tinsels ia acabar respondendo em algum momento.

Quanto a Jack, a descrença em seu peito era como vassouras socadas e espremidas no armário da lavanderia. Esse era o tamanho de sua confusão. Continuava a pensar em coisas para fazer o sorriso ofuscante brotar no rosto adorável de Madeleine: levava-lhe fatias de framboesas da Fitzbillies, ou café com hortelã para viagem, um chocolate repousando em cima da tampa. Encontrou uma cesta de bicicleta de segunda mão e a afixou sem que ela visse. O sorriso aparecia e, lá no fundo de sua mente, em algum lugar atrás das vassouras socadas e espremidas, ele sussurrava a si mesmo com espanto: *Ela realmente gosta de mim.*

As palavras pareciam soar num xilofone.

Ela falava bastante sobre sua vida de antes, e o queixo se levantava no ar enquanto relembrava. Ela havia andado de skate e saltado de paraquedas. Tinha sido expulsa de colégios internos por fugir nos finais de semana. O pai sempre ficava bravo com essas fugas: algumas vezes não falava com ela por semanas. Devia estar *furioso* agora, ela havia dito, soando nostálgica.

Mas, quando o pai não estava bravo, ela explicou, era como se uma luz irradiasse dele. As pessoas se viravam e o olhavam enquanto passava. Ele se dava bem com a vida, ela contou. Em uma noite, ele podia dar um discurso numa recepção de hotel, jogar bilhar, ficar bêbado, fechar um negócio multimilionário, ir dançar, voltar para casa e começar tudo de novo no dia seguinte. Jamais tinha ressacas. Era verdade que sempre estava ocupado, mas

nunca parava de pensar em maneiras de entretê-la, e a seus amigos. Ele podia ir para trás de um cenário de bonecos para lhe explicar como os fios das marionetes funcionavam. Ou, no início de uma refeição, podia enfiar algo na manga, rápido como um raio, pronto para um truque que realizaria para entretê-la, sete pratos depois, ao final do jantar.

– Sete pratos depois?

– Era uma degustação – ela explicou.

Para Jack, era como se tivesse que correr para acompanhar a conversa de Madeleine.

Com certeza, ele tinha que continuar a ser engraçado. A maneira como ela ria das suas piadas era como se as agarrasse com ambas as mãos e as apertasse forte contra ela. Algumas vezes, os olhos pareciam se mover por entre as palavras, buscando o humor delas, e ele tinha a impressão de que ela examinava um papel velho e amassado para ver se podia utilizá-lo na confecção de um rosa de origami.

Nem sempre funcionava. Uma vez, enquanto ele citava falas do filme *Monstros, S. A.*, que ela não tinha visto, mas mesmo assim rolava de rir com os comentários, ele contara como ele e Belle costumavam ter esse lance em que um olhava para o outro e gritava *Mike Wazowski!* – o nome de um dos personagens –, e Madeleine riu ainda mais.

De repente, ela parou e pareceu refletir um pouco.

– Na verdade, isso não é engraçado – ela falou.

– Não – ele respondeu. – Imagino que não.

– Quero dizer, entendo como foi engraçado na ocasião, mas aqui? Agora? Não é.

– Você tem razão – ele pediu desculpas.

Ela tinha aqueles olhos brilhantes, aquela maneira de torcer o pé, e com frequência, logo depois de acabarem de se sentar em algum lugar, ela sempre

ficava de pé num salto, pronta para ir embora. Sempre olhando ao redor, parecendo esperar por algo.

Na opinião de Jack, ela esperava o pai vir e tirá-la dali, e ele se preocupava com isso. Enterrava as unhas nas palmas da mão, num pedido às estrelas para que os pais de Madeleine nunca mais voltassem a viver juntos.

Sentia-se bem culpado com isso.

Parecia improvável, no entanto, que, depois de todo esse tempo, o pai dela fosse aparecer de repente. O que era reconfortante.

Madeleine e Jack nem sempre estavam juntos.

Madeleine passava tempo com a mãe também, além de se dedicar à leitura. Vinha lendo sobre Isaac Newton ultimamente.

E, embora Jack não soubesse, ela também ia de bicicleta ao parquímetro para enviar cartas a Elliot Baranski.

Caro Elliot Baranski,

Bem, você pode existir se quiser.

Que droga essa Criança-Borboleta não melhorar as plantações para você! Ela é superminúscula, não é? Talvez seja demais pedir isso dela. Não faria mais sentido vocês, FAZENDEIROS, lidarem com o problema? Mais chances de terem conhecimento técnico, certo?

Já tentou algum fertilizante? Ouvi falar que funciona às mil maravilhas.

Talvez seja uma questão de controle de pragas. São plantações orgânicas? Se não, use pesticidas. Se são orgânicas, bem, use também de qualquer jeito, mas faça isso à noite.

Não sou exatamente a garota certa para dar esses conselhos, uma vez que nunca sequer vi uma fazenda (exceto na TV) – talvez a Criança-Borboleta também não seja.

Especialmente se ela estiver doente!

Mas sua única base para achar que está doente é por ela dormir muito?

Pode ser que ela só esteja cansada. Quando ela sai com os companheiros

insetos, provavelmente vai a baladas agitadas, fica chapada, bebaça, manguaçada (etc.), e volta quase desmaiando. Vocês têm Alcoólicos Anônimos para Pessoas-Inseto aí? Se sim, coloque ela no programa.

Que mais? Ah, parece que você se sente culpado por ela estar doente. Duvido que seja sua culpa. Eu ACHO, se é que estou entendendo corretamente (suas cartas me confundem demais) – bem, de qualquer maneira, eu ACHO que você está dizendo que o motivo pelo qual não pôde levantar e tirar a tampa do jarro (?) foi porque estava com o tornozelo quebrado, é isso?

Bem, não fique se culpando então.

Quando quebrei meu tornozelo, todo mundo, tipo, gritava pra mim: “Não se levante! Fique parada!”, o que nem precisavam dizer, porque a dor estava me MATANDO. Então eu só deitei ali na neve até os *huskies* siberianos chegarem com o trenó. E posso garantir que, se alguém tivesse dito: “Oh, Madeleine, a propósito, tem uma pequena borboleta-fada ali dentro do pote de geleia, você poderia dar um pulinho ali e abrir a tampa para mim?”, eu teria respondido: “Manda a p*%\$ da borboleta abrir a própria &^# de tampa”.

Esses símbolos indicam linguagem inapropriada (para o caso de vocês não terem essa convenção aí no seu Reino).

1 Nona.

2 “É um estouro” também pode ser entendido como “evento divertido”. As Princesas Irmãs parecem querer dizer que estão gostando da turnê.

3 Por motivos óbvios, é evidente que não podem.

4 Parece que as Princesas não compreenderam bem uma frase que, em Costa Dourada, é usada para demonstrar experiências desagradáveis.

5 Fomos informados de que o Rei está na verdade estudando a flora de Credos no momento, ilha a oeste de Crânios.

6 Presumivelmente, a não ser que você já tenha ouvido em Pérola, da própria Princesa Ko.

Além disso, quando Tinsels (ela é minha melhor amiga) quebrou o DEDO (no liquidificador, enquanto fazia Chá Gelado Long Island, e esqueceu que estava batendo, e colocou o dedo lá dentro para provar), ela teve que ficar deitada numa rede por um mês.

Espere aí; tenho que sair e encontrar um amigo. Nós vamos ao Baile de Maio de Trinity – assistir à queima de fogos de artifício num barco. É uma surpresa que ele arranhou para mim...

OK, estou de volta. Já é o dia seguinte. Pensei um pouco mais sobre seu problema. Acabei de olhar sua carta, e você parece estar em PÂNICO com isso, portanto eu queria dizer que recentemente descobri que a maneira de resolver um problema é anotá-lo em algum lugar. Com, tipo, um ponto de interrogação, e em seguida ESCREVER A RESPOSTA.

Experimente. Totalmente eficiente.

É a abordagem de Isaac Newton.

Newton acreditava bastante nessa coisa de refletir sobre um problema. Só refletir. Aqui está uma citação dele a respeito:

“Eu mantenho o tema o tempo todo na mente, diante de mim, e espero as primeiras luzes do nascer do sol se abrirem lentamente, pouco a pouco, até se tornarem uma luminosidade grande e clara”.

Mas espere; ouça: acabei de lembrar que minha terapeuta, Claudia, uma vez me disse que algumas vezes você pode resolver um problema se PARAR DE PENSAR SOBRE ELE. Pense em outras coisas. Ou apenas, tipo, vá para a cama. E diga ao subconsciente, ou a quem quer que seja – sua mente sonhadora, talvez –, para resolver a coisa toda para você.

OK, são três da manhã. Melhor terminar por aqui.

A gente se fala,

M. T.

P.S.: Desculpe pelas sugestões conflitantes sobre resolução de problemas, isto é, pensar o tempo todo ou não pensar de maneira alguma. Acho que é uma escolha entre o gênio de todos os tempos, Isaac Newton,

ou minha (muito simpática e com frequência bastante sensata) terapeuta, Claudia Tilmaney.

P.S. do P.S.: Ao fazer essa escolha, você deve ter em mente que:

- Alguém famoso uma vez disse que você pode dividir toda a história da matemática em duas metades – a primeira metade é toda a matemática anterior desde o início dos tempos; a segunda metade é com Isaac Newton. E Isaac Newton era a metade melhor.

- Quando o czar Pedro da Rússia visitou a Inglaterra nos tempos de Isaac Newton, as coisas que estavam na sua lista obrigatória para visitar eram: a construção de navios, o Observatório de Greenwich, a casa da moeda... e Isaac Newton.

e também que

(mais importante de tudo)

- Isaac Newton inventou a porta para gatos.

Em comparação:

- Lembro de Claudia uma vez me dizer que era terrível na tabuada (isso me perturbou bastante – daquele ponto em diante, sempre meio que queria dizer a ela: “Quanto é nove vezes doze?”, ou: “Quanto é oito vezes seis?”).

- Até onde sei, o czar Pedro da Rússia nunca perguntou se podia conhecer Claudia.

e

- Claudia nem SEQUER tem um gato.

Alguns dias depois, Elliot Baranski respondeu:

Cara M. T.

Obrigado por suas ideias sobre a Criança-Borboleta.

Ela ainda está dormindo, as plantações ainda estão mortas no solo, mas meu tornozelo está melhorando e me sinto um idiota por reclamar do jeito que fiz na minha última carta. Desculpe por isso.

Uma onda de ataques Vermelhos está a caminho – temos ataques de Cores aqui; não tenho certeza de se sabe algo sobre eles. Acho que vocês não têm Cores no Mundo.

Na maioria das vezes, você não faz ideia de que uma Cor está vindo até os sinos de aviso tocarem (ou até a coisa toda estar em cima de você), e a maioria das Cores viaja sozinha, mas os Vermelhos viajam em ondas, e de modo franco e aberto. Por isso, você tem uma semana ou duas de sobreaviso no caso deles (outras cidades ligam para avisar).

De qualquer forma, se eu escrever uma carta que pareça meio desequilibrada em breve, não leve para o lado pessoal. Ataques Vermelhos de quarto nível bagunçam a cabeça da gente.

Mas depois eles vão partir...

... e eu vou partir também.

Elliot.

Madeleine conseguia visualizar de maneira clara o escritor das cartas de Elliot. Ele era, provavelmente, da idade dela. Tímido e desengonçado, dentes desnivelados na frente, uma testa alta cheia de sardas, óculos redondos, um jeito deselegante de rir, sempre na hora errada. Ou uma risada que parecia um

ronco, sempre fazendo-o corar. “Elliot Baranski” era seu *alter ego* – um avatar, uma fuga.

Ninguém seria prejudicado, afinal de contas, se ela fingisse acreditar na história dele.

Uma coisa a respeito disso tudo: a correspondência com “Elliot”, o romance com Jack – ambos pareciam mais verdadeiros a seu eu anterior.

Ela nunca havia sequer suspeitado de que Jack gostasse dela, até a noite em que ele a tinha beijado no telhado, mas, logo que ele a beijou, fez sentido.

Porque era assim que costumava ser. Em sua vida anterior, havia sempre olhos sobre ela. Pessoas querendo sua atenção, só porque ela era rica e bonita. E, principalmente, ela tinha andado com seus amigos, mas algumas vezes gostava de conhecer outras pessoas, responder às perguntas delas, fazer perguntas a *elas* sobre elas mesmas.

E, agora que vinha acontecendo de novo, ela estava se divertindo.

Gostava de ambos, de Jack e do escritor das cartas, mas, mais ainda, gostava dos *alter egos*: Lorde Byron e Elliot Baranski.

Por essa época, Darshana Charan pediu a Jack e Madeleine que começassem mais cedo a tarefa de babás.

Darshana era a professora de Ciências e Matemática, a ex-microbióloga que agora faxinava quartos de estudantes.

As filhas dela tinham quatro e três anos: Rhani, a mais velha, era selvagem, barulhenta e apaixonada por robôs e alienígenas; Chakiki, a mais jovem, era doce, prestativa e adorava asas de fada e coroas de princesa.

– Você não pode ser minha filha! – Darshana dizia com frequência para a pequena Chakiki.

Nesse dia, Jack e Madeleine chegaram ao mesmo tempo. Podiam ouvir os sons de Darshana e da filha mais velha imitando rugidos de monstros, e a voz

alta de Chakiki explicando que aqueles ruídos magoavam seus sentimentos.

– Lembre-me de que tenho algo para lhe contar – Jack disse enquanto batia na porta.

– Conte-me agora – falou Madeleine.

Mas a porta se abriu com tudo, e houve uma confusão de mãozinhas puxando-os para dentro, enquanto Darshana gritava instruções para todos ao mesmo tempo e em seguida partia.

Algum tempo depois, as garotas assistiam à TV uma ao lado da outra no carpete, e Madeleine e Jack estavam sentados no sofá. Havia um espaço cauteloso entre eles; os dedos se entrelaçaram uma vez, depois se afastaram.

– É isso que eu tenho para lhe dizer – Jack falou para Madeleine. – No final das contas, *não sou* Byron.

Na TV, um dinossauro rugia, um som de água do chuveiro escorrendo pelo ralo.

– Descobri isso – Jack continuou. – Não sou ele, mas o conheci uma vez. Em uma das minhas vidas passadas. É por isso que me sinto como se *fosse* ele: porque o conheço muito bem. Costumávamos tagarelar bastante, Byron e eu.

Madeleine se voltou de novo para a TV.

– Oh, sim – ela respondeu. – Eu também. Nós nos divertíamos demais, hein? Você, eu e Byron.

– Sabia que você não ia me levar a sério. Eu o conheci! Conheci Byron. E não é só isso; eu era uma galinha-d’angola na ocasião.

Madeleine riu, e as duas pequenas garotas se viraram e seguraram os dedos em frente aos lábios num forte *shhh*.

De modo obediente, permaneceram em silêncio por um tempo, até que Madeleine torceu o pé e se virou para Jack.

– Você realmente acredita em reencarnação?

– É claro que acredito. Não ouviu uma única palavra do que eu disse? Todos nós somos seres reencarnados. Voltamos sob os doze diferentes signos do zodíaco para poder usar os doze diferentes elementos da nossa personalidade, e aconteceu de eu ser Escorpião enquanto andava com Byron.

– Pensei que você tivesse dito que era uma galinha-d'angola.

– Não um *escorpião*, mas *de* Escorpião. Uma galinha-d'angola de Escorpião, e não há nada de engraçado nisso. Uma galinha-d'angola é uma criatura nobre, e mantive minha cabeça erguida quando era uma. É verdade que não tenho memórias *exatas* de minhas vidas passadas, mas tenho vislumbres e sensações, coisas desse tipo, e, se alguma vez você tentar ouvir seu coração, pode conseguir vislumbres das próprias vidas passadas. Pode até se *conhecer* em uma vida passada, então, esteja pronta para ser educada.

– Ok, essa parte não faz sentido.

– Claro que faz – falou Jack. – Você nunca escuta quando eu falo, escuta? O tempo é compacto, entenda isso. Eu lhe falei a respeito antes. Ele é meio que dobrado em partes – na verdade, só há um tempo, que é o agora, e o peixinho dourado de Rhani ali pode facilmente ser você de uma vida passada ou mesmo futura.

Eles encararam o peixe. O peixe os ignorou, perdido em pensamentos.

– Não é um peixinho dourado – falou Madeleine. – É azul. É um Beta.

– Isso não vem ao caso.

– Bem, não deixe que esqueçam de me alimentar – falou Madeleine. – E talvez você pudesse arranjar um castelo ou algo assim para o meu aquário.

O desenho de dinossauro terminou, e começou *Vila Sésamo*.

– Ah, *Vila Sésamo* – falou Rhani, virando-se para Jack e Madeleine. – Sempre ganhamos um biscoito de chocolate quando passa isso.

Chakiki também se virou.

– Sim, ganhamos. Ganhamos aquele com recheio branco, dois para cada

uma.

A única coisa que as garotinhas tinham em comum era uma habilidade ágil para mentir.

– Pode me olhar nos olhos – Jack falou – e me dizer que sua mãe voa para a cozinha para pegar biscoitos de chocolate com recheio branco para vocês *toda vez que Vila Sésamo* começa?

– Ela não voa para a cozinha – Rhani se encolheu. – Ela meio que passeia até lá.

– Eu posso olhá-lo nos olhos – ofereceu Chakiki.

– Vou ligar para ela e conferir, tudo bem? – Madeleine sugeriu, e as garotas suspiraram alto e se viraram de novo para a TV.

Os quatro assistiram a *Vila Sésamo* por um tempo, então Madeleine perguntou:

– Como você sabe que era uma galinha-d’angola? Na sua vida passada com Byron, quero dizer. Uma galinha-d’angola *sabe* que é uma galinha-d’angola?

– Bem – Jack contemporizou –, não tenho total certeza. Eu meio que juntei as peças. Veja, descobri que era um pequeno animal doméstico em *todas* as minhas vidas passadas. Como um gato ou um gambá. E, certa vez, fui um diabo-da-tasmânia num zoológico de animais domésticos, estando ao lado de um cuidador que me amava.

– Certo.

– Eu me lembro de ser mais baixo do que as outras pessoas... havia sempre joelhos ao redor, entende? Além disso, lembro que costumavam me pegar de vez em quando e me fazer um carinho. Por isso, concluí que era um pequeno animal doméstico.

Madeleine refletiu a respeito.

– Acho que está se lembrando de quando era um bebê – ela respondeu.

– Não. – Jack balançou a cabeça negativamente. – Eu me lembro de

perseguir pombos. Lembro de me arrastar para longe quando seres humanos tentavam me acariciar. Lembro da sensação de ser indefeso e *querer* as coisas que os humanos tinham, e também lembro dos barulhos que eu fazia. Eram ruídos de animais, como guinchos e coisas assim, e eu me sentia bem quando fazia isso, mas também meio que me assustava um pouco. Além disso, lembro de ser um filhote de urso num fosso em algum lugar em Florença, no século XV.

– Certo.

– Era solitário. No fosso, quero dizer.

– Aposto que sim. E você lembra de ter conhecido Byron em sua existência como galinha-d’angola?

– Mais ou menos isso – Jack falou. – Estava lendo sobre Byron outro dia, e você sabe que ele viveu na Itália por um tempo? De qualquer maneira, ele tinha cavalos, cachorros, macacos, gatos, uma águia, um corvo, um falcão, pavões, galinhas-d’angola e uma garça egípcia. Estava lendo isso, e as palavras *galinhas-d’angola* meio que me prenderam e disseram: *Jack!*

– Ah, entendi... – respondeu Madeleine.

– Ele deixava todos os animais viverem na casa dele. Pavões e macacos subindo e descendo as escadas a seu bel-prazer. Bem, exceto os cavalos. Ele não deixava os cavalos entrarem.

– Pobres cavalos – falou Madeleine. As garotas estavam hipnotizadas pela TV, então ela se inclinou e beijou a bochecha de Jack. – Gostava mais quando você era Byron – ela murmurou. – Tão sexy quanto uma galinha-d’angola pode ser.

Jack se virou de novo para a TV e suspirou profundamente.

– Na verdade, agora que estou pensando nisso, parece tudo bobagem. Tudo que acabei de dizer. Nunca fui uma galinha-d’angola. Eu *sou* Lorde Byron.

Ele tocou a coxa dela com um punho cerrado, e ela se inclinou para ele.

– A letra do dia é *J* – ambas as garotas gritaram, virando-se de repente e os surpreendendo, fazendo com que se endireitassem com rapidez.

Uma chave girou na porta da frente e uma voz gritou:

– A letra do dia é *J*, é? Mas qual é o nome do dia? VOCÊS NÃO SABEM, SABEM?

As garotas dispararam pelo corredor, e Jack e Madeleine se ajeitaram e se levantaram do sofá.

Ouvia-se a voz de Darshana na porta, mas também outra, uma voz extra e risonha.

– Olha quem eu encontrei. Ela veio tomar um chá com a gente – gritou Darshana.

Holly Tully moveu-se para a luz do corredor, sorrindo.

– Deixaremos a aula de Ciências para mais tarde – Darshana disse. – Ou para outro dia. Quem se importa? Mas vocês, pessoinhas que vivem nesta casa comigo, vocês ainda não me disseram o nome desse dia!

– Sábado? – arriscou Rhani.

– Sexta – afirmou Chakiki, confiante.

– Ah! Vocês não podem ser minhas filhas!

Madeleine olhou para Jack ao lado dela, o sorriso e a bochecha dele iluminados pelo sol que escapava pela cortina. Olhou para o corredor, observando Darshana, ainda na porta da frente, toda reluzente; para as duas garotinhas, saltando de uma alegria a outra como se fossem brinquedos num parquinho; e, por fim, para a mãe, ereta e alegre, faíscas saindo do olhar, enquanto sussurrava alto para as garotas com o canto da boca:

– É *terça*.

Houve aquela agitação de novo, aquele ímpeto de *férias*, de céu azul – aquela certeza de que tudo acabaria bem –, e em seguida um som curioso, como um punhado de pedrinhas se despejando no chão.

Enquanto Madeleine observava, um tremor muito estranho percorreu os ombros da mãe, descendo pelo braço direito dela, e Holly Tully tombou no chão.

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

9

Era um pôr-de-sol de outono em Fogueira, as sombras se fechando em si mesmas no pátio vazio do colégio.

Elliot estava parado ao lado da escultura, lendo a carta mais recente da Garota do Mundo:

Caro Elliot,
Dia estranho.

Minha mãe desmaiou esta manhã. Estava na casa da minha professora de Ciências e ouvimos um barulho de pedrinhas caindo, o que acabou se revelando ser exatamente o que parecia.

Ainda não descobri por que mamãe entrou na casa com a mão cheia de pedregulhos.

De qualquer forma, foi ruim. Ali estava minha mãe no chão, e as garotinhas da professora achando que ela fazia uma brincadeira, então CAÍRAM na risada, pulando sobre ela e gritando. A TV contava hipopótamos azuis atrás de mim. O rosto de Darshana parecia paralisado de surpresa; ela só ficou parada, os olhos arregalados (o que com certeza me assustou – em geral, ela é uma rocha), e meu amigo Jack começou a chamar minha mãe pelo nome repetidas vezes, em um tom de voz assustador e temeroso, cada vez mais alto: *Holly? Holly? HOLLY?*, como um pai prestes a dar uma bronca num filho.

E eu fiquei parada ali, contando hipopótamos azuis.

DE QUALQUER MANEIRA, ela está bem.

Quando Chakiki (a mais nova das garotas) percebeu que mamãe não se levantava, ela esvaziou um jarro de flores sobre o rosto dela. (Para dizer a verdade, ela ainda tem pétalas meio mortas de tulipas presas no cabelo.) Na mesma hora, mamãe engasgou, abriu os olhos e disse uma palavra que quase fez as garotinhas virarem estátuas devido ao choque. Ainda gritavam essa palavra uma para a outra uma hora depois, usando-a como desfecho de piadas e refrão de canções. (Darshana continuava nos dizendo: *Ignore-as e elas vão parar*, e para as garotas: *Não estou impressionada, sabem disso, não sabem? Nem estou incomodada! Vou ignorar vocês, e vocês vão parar!* (Mas elas não paravam.)

Mamãe explicou que havia se esquecido de tomar o café da manhã, depois lembrou que TAMBÉM tinha se esquecido de jantar na noite anterior (eu estava comendo macarrão na casa de Jack, por isso não percebi esse detalhe), e todo mundo estava, tipo: NÃO É DE ESPANTAR QUE VOCÊ TENHA DESMAIADO, SUA IDIOTA ESTÚPIDA.

Então todos nós comemos *masala dosa* e bebemos chá, e minha mãe começou a se parecer menos com um cadáver.

Agora estou em casa e acabei de fazer uma fritada de tofu, que estava ótima. E ela voltou à máquina de costura.

De qualquer forma, escute: estou pensando que você deveria escolher algo para seus “vilões” (ou “monstros”, ou seja lá como eles se chamam) em seu Reino de Cello. Alguma coisa além de Cores, quero dizer. Por que, sério: *uma onda de ataques Vermelhos está a caminho?* Percebe o quanto isso soa racista? (Estou pensando na história dos índios americanos.) Mesmo a palavra “Cores” soa próxima demais a outra palavra, também da história americana, certo?

Ou você está fazendo isso de propósito? Como se fosse uma referência cultural irônica? Bem, seja como for, eu não gosto.

Imagino, no entanto, que, se você mantiver esse lance de cores, é meio

engraçado que a cor Vermelha viaje em “ondas”. Porque todas as cores fazem isso, certo? Viajar em ondas, quero dizer.

Sei disso porque venho lendo sobre cores. Você não imagina como Isaac Newton era ligado nelas.

Já pesquisou o assunto? Quero dizer: entendeu essa ciência das cores direito? Porque, segundo eu entendi, há dois tipos diferentes de cor, e eu queria saber qual você tinha em mente.

Existem as cores verdadeiras, e aquelas feitas de luz. Elas vêm do sol, e, se ele acertar a chuva de determinada maneira, ocorre um arco-íris. Se você pudesse pegar a luz em ambas as mãos e fazer um leque com ela, veria as cores verdadeiras se alinhando, misturando-se nas extremidades entre uma e outra. (Você pode fazer o próprio arco-íris. Apenas deixe o sol brilhar através da água ou de um vidro. Sabia disso?)

Então, há o que chamamos de cores planas. Elas são o tipo que vemos ao redor. Como aquela bolsa logo ali que tem faixas vermelhas e brancas, e essa banana que é (em parte) amarela (na maior parte negra), e os azulejos da cozinha, que são de um rosa cheio de manchas nojentas, como um salmão que ficou velho, morreu e depois comeu uma beterraba cozida.

Agora, se entendi isso corretamente, as cores planas são apenas uma conversa com a luz. Porque, quando a luz acerta um objeto, é como se ela oferecesse a ele um punhado de cores verdadeiras, e o objeto diz sim para algumas e não para o resto. Por isso, algumas ele absorve (devora, recebe, ama, seja como for), e outras ele devolve na mesma hora.

As cores que ele devolve são as que nós vemos. A banana é amarela porque a banana comeu todas as outras cores, mas não quis o amarelo.

Bem irônico, não acha?

Vou terminar esta carta compartilhando com você algo que não consigo tirar da cabeça. Isaac Newton uma vez disse isto sobre o fogo:

“A chama é de várias cores, como o azul do enxofre, o verde declarado

do zinabre sob o cobre, o amarelo do sebo, o branco das flores de hena. A fumaça que passa pela chama não pode evitar de se tornar vermelho-vivo, e a fumaça vermelho-vivo não pode ter outra aparência que não a da chama”.

Por que será que não consigo parar de pensar nisso? Acho que é meio poético – azul de enxofre, verde de zinabre, amarelo de sebo –, mas penso principalmente na maneira como ele fala de fumaça e chama. A fumaça passa pela chama e se torna vermelho-vivo, e a fumaça vermelho-vivo parece chama. Você pode virar isso do avesso. Pode dizer: a fumaça faz a chama, que faz a fumaça fazer a chama. Portanto, o que é fumaça e o que é chama? Elas se dobram uma dentro da outra, separadas mas ao mesmo tempo sendo a mesma coisa.

Como eu disse, essa é minha reflexão final para esta carta. Mas quero saber mais sobre você. Tipo: o que você faz para se divertir, Elliot? Tem namorada? Alguma opinião sobre fumaça e chamas?

Saudações,

M. T.

Elliot dobrou a carta, sentindo-se estranho. Sentia-se livre, mas desajeitado; alto, mas como um bebê ao dar os primeiros passos: era seu primeiro dia sem muletas. O gesso havia sido tirado do tornozelo alguns dias atrás, mas só hoje o médico havia dito que ele devia tentar caminhar apoiando o peso sobre ele. A névoa vermelha do pôr-do-sol parecia ecoar a pequena labareda, a centelha de agitação em seu peito.

Exceto pelo fato de que, ele via agora, a névoa vermelha não era o pôr-do-sol de forma nenhuma. Era o primeiro deles, o primeiro dos que estavam a caminho, e Elliot já enfiava a carta no bolso, meio correndo, meio trotando, outro tanto mancando e tropeçando, enquanto os sinos de aviso disseminavam seu som pelo ar.

No caso da maioria dos ataques de Cores, os sinos de aviso pareciam sugar as pessoas para dentro das casas, ou para o abrigo ou loja mais próximos – qualquer lugar com uma porta e persianas fechadas.

Mas um ataque Vermelho de segundo nível (gradação 2b) tinha o efeito oposto. Portas e janelas se abriam uma após a outra, e pessoas vertiam pelas ruas.

Era a mais luminosa de todas as Cores, e preenchia o céu de Fogueira naquela noite como uma exibição estonteante de fogos de artifício. Quase ao mesmo tempo, ruas, a praça e os telhados ficaram lotados de gente. O xerife estava em pleno banho, e meio que correria para a rua, cambaleando descalço pela calçada, ainda com roupão de banho. Um grupo de pequenos fantasmas e esqueletos enxameou a praça (crianças de uma festa à fantasia); e depois apareceu a prefeita – ela havia acabado de pintar o cabelo e vestia o avental preto do salão, o cabelo dobrado em papel-alumínio.

Acima da cidade, o ataque Vermelho explodiu de novo e de novo – uma mão esmagando uma framboesa gigante ou enormes luzes de semáforo sendo estilhaçadas. A luminosidade seguia cada explosão, rabiscando o céu e se espalhando em todas as direções.

A parte difícil, para as pessoas de Fogueira, era tirar os olhos da beleza do céu para se concentrar no que tinham que fazer. Precisavam encontrar mangueiras, baldes e regadores. Precisavam arrastar lonas de segurança sobre unidades elétricas e bombas de combustível. Precisavam juntar extintores, cobertores e casacos, e colocar botas; em seguida, espalhar-se pela cidade, por seus jardins, parques e campos, e observar.

Depois de instantes após as primeiras explosões do Vermelho, as faíscas começaram a chover. O outono vinha pairando sobre Fogueira por quinze dias ou mais, tempo suficiente para as folhas vermelho-douradas se acomodarem em depósitos e pilhas, e elas foram as primeiras a pegar fogo.

As faíscas caíram, as chamas saltaram, e os habitantes de Fogueira se moveram. Os bombeiros locais se posicionaram nas esquinas e berraram ordens. O caminhão do corpo de bombeiros seguiu rua afora, para lidar com consequências maiores, mas a cidade toda – crianças, idosos, doentes – precisava trabalhar.

Elliot Baranski pisoteou algumas faíscas com a perna boa, enquanto tropeçava rua afora. Viu uma turma de balé em roupa de malha passando baldes de mão em mão, da fonte até os Jardins de Fogueira. Ali também estavam Gabe e Cody, correndo pelos telhados, extinguindo fogos em canaletas e calhas. Jornais recém-entregues incendiavam-se um atrás do outro, e a pequena Corrie-Lynn corria de um para outro, sua amiga Derrin Twickleham a seu lado, ambas abafando o fogo com os casacos. Derrin era mais metódica, mas também mais caprichosa, e algumas vezes distraía-se e parava de combater o fogo completamente. Corrie-Lynn intervinha nesse ponto. Formavam uma boa equipe.

O lixo na rua pegava fogo – xícaras de café de papelão e papéis de bala –, e também pedaços de grama não cortada, cascas secas, uma pilha de listas telefônicas descartadas e cantos de cercas de paliçadas de madeira. Uma faixa na Rua Principal anunciava a Feira de Artesanato que estava por vir, e Elliot viu como ela se acendeu num crepitar, embora, antes que pudesse chegar até ela, Jimmy Hawthorn já subisse num poste e a arrancasse. Na rua seguinte, Isabella Tamborlaine já estava pronta com uma lata cheia de água. Ela e Jimmy fizeram um sinal de positivo um para o outro.

Elliot disparava de uma faísca para outra, e era perigosa a tarefa, mas, mesmo assim, ficava difícil não deixar o coração enlouquecer diante da beleza. Havia explosões de vermelho-ferrugem, vermelho-páprica, vermelho-canela, e Elliot tinha a impressão de que, conforme as faíscas caíam, formavam outras cores – azul de enxofre, verde de zinabre, amarelo de sebo.

Elas oscilavam e avançavam como caudas de cometa, explosões de estrelas, tifas, choupos, ou como pontas de feno. Ele chutava cinzas e carvão, alegre pela travessura das faíscas; as pontas de seu cabelo estavam chamuscadas, e sentia o aroma acre dos fios queimados, de fumaça e chama, de folhas úmidas incineradas, além do calor nas bochechas.

Próximo dele, o jeans gasto de uma mulher pegou fogo, e Elliot pressionou os próprios tornozelos contra as pernas dela, extinguindo-o. Ela sorriu em agradecimento, depois usou as mãos nuas para apagar o fogo na gola do casaco de Elliot com tapinhas.

Ele olhou para as pontas dourado-prateadas das faíscas, e teve a sensação de que não estavam inteiramente lá, sendo apenas vaga-lumes em queda. Ouviu o crepitar das chamas, gritos e avisos, passos esmagadores de centelhas e um riso assustado; e entreviu, em meio a tudo aquilo, a imagem do pai soldando, o visor abaixado, uma chuva incontrollável de faíscas.

E então, de repente, fez-se a quietude.

O ataque Vermelho havia acabado. O céu era de um cinza de almíscar esfumaçado, mas enegrecendo a cada segundo, brilhante, conforme a fumaça pairava e as estrelas bordavam o céu, ocupando seu lugar.

Ouviam-se berros e o som ocasional de passos apressados, conforme os últimos focos de fogo eram descobertos e apagados, e depois o ruído do motor de um avião pulverizador – a pequena máquina flutuante voando para baixo e para o alto, depois para baixo e para o alto de novo – dando rasantes sobre Fogueira.

Era Shelby, a amiga de Elliot, espalhando chuva pela cidade e pelos campos que a rodeavam, dando um banho nas últimas fagulhas.

O odor de fumaça permanecia bem dentro do nariz de Elliot, e na visão periférica a pós-imagem de chamas parecendo plumas. As palavras da Garota do Mundo lhe vieram à mente: *A fumaça passa pela chama e se torna*

vermelho-vivo, e a fumaça vermelho-vivo parece chama. Portanto, o que é fumaça e o que é chama?

Era uma estranha coincidência ele ter lido aquelas palavras – ou ela tê-las escrito – logo antes de o ataque Vermelho chegar.

Ao redor dele, os habitantes de Fogueira se entreolhavam, soltando um riso ofegante, o alívio chispando dos olhos arregalados, assustados e orgulhosos. Tinham conseguido; haviam salvo umas às outras e também à cidade. Elliot sacudiu a cabeça, removendo as palavras da garota da mente, e sorriu como os demais.

No dia seguinte, ele respondeu à carta.

Cara M. T.,

Lamento saber sobre o desmaio de sua mãe. Deve ter sido assustador para você. Mas gosto de como essa garotinha foi criativa com o vaso de flores.

Ela tem que comer melhor, sua mãe. Você está certa quanto a isso.

Ah, você perguntou sobre as Cores.

Bem, não tenho tanta certeza sobre essa sua divisão entre “verdadeira” e “plana”, mas meio que funciona. Temos cores comuns aqui, que eu acho que você chamaria de “planas”. Quero dizer, meu cabelo é loiro-escuro e meu jeans é de um azul-sujo – mas TAMBÉM temos Cores com “C” maiúsculo, e sim, não vou mentir, acho que elas são verdadeiras.

Não; nem todas as cores viajam em ondas. Só a Cor Vermelha.

Recebemos a primeira onda do ataque ontem à noite, e vou lhe contar a verdade: foi incrível. É um ataque de Cores originais o Vermelho (além do Azul e do Verde), e há algo um tanto mágico – e forte e perigoso – nesses três tipos de ataque. Você não pode dobrar Cores originais – jaquetas de segurança e persianas fechadas são inúteis contra elas.

Para ser sincero, não acho que poderia mudar o nome das Cores também. Não parece provável que possa impedir VOCÊ de tentar, no entanto, porque você tem um gosto por mudança de nomes. Por que acha que faz isso?

Acabou de me ocorrer que você não deve saber o que é *dobrar Cores*. Há dobradores de Cores na Faixa da Natureza e alguns no Pântano da Costa Dourada, e é isto o que fazem: vão a tocas (cavernas, buracos ou tocos de árvores, seja lá qual for o local de preferência da Cor), roubam as Cores mais novas – os bebês – e as dobram. Se você dobrar uma cor agradável, como Laranja, digamos, e dobrar uma Cor perigosa, como Roxo ou Cinza, e transplantá-las juntas, você obtém uma vacina. Estas são injetadas em roupas e persianas protetoras. Contudo, não duram mais que alguns anos, por isso estamos sempre tendo de substituí-las.

Bem, isso se você não usá-las. Utilize o equipamento de segurança em um ataque, no entanto, e ele vai se desgastar mais rápido que o jato de uma torneira aberta.

Vamos deixar de lado esse assunto das Cores.

Você perguntou se tenho uma namorada.

O nome dela é Kala, e ela é a garota mais inteligente que conheço. Ultimamente, ela tem pensado em tentar uma bolsa para algum internato em Velhus Excentricus – eles são os melhores em Cello, e, se você entrar num deles, há uma boa chance de ingressar na Universidade de Brellidge.

A família dela se mudou para cá, vindo de Ponta Serrilhada, quando ela tinha nove anos, e começaram uma fazenda de macadâmias. Não muito depois de terem chegado, Gabe pedalava por perto de um dos campos deles, e parou para avisar Kala de que ela arava na direção errada. Eles começaram a discutir, porque Kala havia pesquisado muito o cultivo em Fazendas e estava convicta de que SABIA a direção certa; mas Gabe sempre teve excelente instinto para a agricultura – poderia plantar e cultivar um chuveiro numa pia de cozinha, se precisasse de um. Acabaram se tornando amigos, apesar da briga, e agora ela é uma de nós.

Ela tem duas irmãs pequenas que estão sempre dançando balé. Toca saxofone e confecciona as próprias joias, e você pode ver sempre essas duas coisas nas mãos dela – ela tem mãos que se movem de um modo gentil e gracioso, suave e livre. E, quando essas mãos empurram seu longo cabelo escuro e lustroso, ou pressionam as teclas do saxofone, bem... só se pode chamar de arte,

porque é exatamente o que é.

Quanto a fumaça e chamas, não, não tenho nenhuma opinião específica a respeito.

Espero que sua mãe esteja se sentindo melhor.

Cuide-se,

Elliot

Ela dormia de novo, a Criança-Borboleta.

O clima era de inverno agora, e Elliot a observou na casa de boneca por um momento, perguntando-se se não estaria com frio. O fogo estava brando, por isso acrescentou mais uma tora, empurrou-a um pouco lareira adentro, faíscas e fumaça aumentando, até as chamas se tornarem altas e agitadas. Um par de suas meias de lã cinza estava pendurado na lareira. Fechou as mãos ao redor delas. Pareciam quentinhas como pão, talvez um pouco úmidas ao toque, mas secas o suficiente. Dobrou uma pela metade e gentilmente a estendeu sobre a Criança-Borboleta. Ela se mexeu em seu sono, virando-se duas vezes, e a meia caiu.

Ele a colocou de volta no lugar, ajeitando-a para que seu pequeno rosto e ombros ficassem livres, e, de novo, sentiu aquele nó na garganta. Ela era tão minúscula!

Pensou em flocos de coco e chocolate, grânulos de açúcar, canela ou cravos-da-índia em pó.

Pensou de repente em como seu pai costumava cortar seu cabelo. Elliot sentava-se à mesa da cozinha e o pai começava de maneira espalhafatosa com as tesouras, mas depois ia cortando cada vez mais devagar, parecendo nunca terminar. “Estou *quase* no fim”, murmurava, “quase...”. E então se concentrava, inclinando-se para frente e alisando as pontas, cortando tão pouco que quase não era um corte, o toque da ponta da tesoura sendo momentos breves e gelados contra o pescoço de Elliot, a sensação real dos

fios finos caindo pelas bochechas e indo até o chão.

Na mochila de Elliot havia um livro que ele tinha emprestado da biblioteca naquela manhã. Era sábado, e já terminara o trabalho na fazenda. Afastou-se da casa de boneca e se sentou no sofá próximo ao fogo, o livro nas mãos.

A capa era de um rosa-acinzentado. O título, em cor violeta, era: *A Criança-Borboleta: um tesouro celliano*.

Sob o título havia uma litografia roxo-escura de uma Criança-Borboleta abraçando uma rosa. Era bem possível que dançasse uma valsa com a flor. E, cobrindo a parte inferior da capa, havia o nome do autor, Narciso A. Hazel, em fonte metálico-brilhante.

Elliot encarou a capa por um tempo.

Ah, o que eu tenho a perder?, deu de ombros. Era o único livro na biblioteca sobre o assunto.

Abriu e examinou por alto o sumário. As frases também o levaram a uma pausa.

- *De onde vem esse anjo frágil? Divagações sobre sua origem.*
- *Amizade especial: contos sobre o elo entre a Criança e seu descobridor.*
- *Seus gostos mais doces: hábitos alimentares e hobbies.*
- *Tudo isso de alguém tão pequeno? Mitos relacionados a habilidades mágicas.*

E assim por diante.

Elliot procurava mais por algo como “Como lidar com uma Criança-Borboleta defeituosa”.

Encontrou o índice remissivo, no qual havia cerca de vinte referências para “Efeito sobre as plantações”, mas cada uma delas contava histórias de arregalar os olhos de espanto sobre galhos se quebrando sob o peso de maçãs, campos de trigo crescendo até a altura de prédios e mel praticamente jorrando pelas ruas.

“O efeito sobre as plantações começa dentro de alguns dias após a chegada da Criança-Borboleta”, dizia o autor de maneira confiante, “embora possa levar até quatro semanas”.

Bem, esse prazo já havia passado.

Elliot voltou ao índice remissivo de novo, mas não havia um verbete para *Sono* ou *Descanso da Criança-Borboleta*. Também nada para *Excesso*, fosse relacionado a sono ou descanso, ou a ficar deitada sem fazer nada.

Havia um verbete para *Doença*, que o animou por um instante, mas apenas o conduziu a um capítulo sobre “Mitos relacionados a habilidades mágicas” e à lenda de como, séculos atrás, a Criança-Borboleta criava contas de cura que supostamente curavam doenças humanas.

Folheou as páginas de maneira aleatória, e frases ocasionais lhe saltaram aos olhos: “Alguns acham que a fábula de um gênio numa garrafa tenha surgido das primeiras Crianças-Borboletas” e “De certa maneira, ela realiza desejos – apenas não são, necessariamente, os que você quer”.

Quanto aos hábitos alimentares, havia uma afirmação de que a casca de plátano era uma iguaria apreciada pela Criança-Borboleta.

“Ela gosta de ler sobre assuntos atuais”, afirmou a seção de *hobbies*. “Um descobridor atencioso vai deixar jornais espalhados de maneira casual perto da casa de boneca dela. Como toca o coração observar essa coisinha doce lutando para virar as enormes páginas com suas mãozinhas! (Uma pitada de néctar é excelente para tirar as manchas de tinta.)”.

O livro era um desperdício de tempo.

Fechou-o com um estalo seco, e ouviu um som baixinho vindo da casa de boneca. Em seguida, de novo o silêncio.

Ele encarou a minúscula forma e, enquanto o fazia, as palavras da Garota do Mundo chegaram até ele:

Eu mantenho o tema o tempo todo na mente, diante

*de mim, e espero as primeiras luzes do nascer do sol se
abrirem lentamente, pouco a pouco, até se tornarem
uma luminosidade grande e clara.*

Certo, pensou, e continuou observando.

Sentou-se e encarou a Criança-Borboleta por meia hora, e, bem quando seu pescoço já ficava dolorido e as pernas dormentes – bem nesse instante – chegou até ele.

Como uma cortina se abrindo. “Pouco a pouco, até se tornarem uma luminosidade grande e clara.”

Uma sensação de sonho o envolveu.

Eram as palavras que havia lido sobre a Criança-Borboleta no guia celliano – quando Corrie-Lynn o havia mostrado a ele. Elas se postaram diante de seus olhos, lenta e graciosamente.

“Quando uma Criança-Borboleta está feliz, as plantações na área que a rodeiam vão florescer.”

Ele arregalou bem os olhos.

– Você não está *feliz*? – perguntou para o silêncio. – É esse o problema?

A Criança-Borboleta continuou deitada, imóvel.

O que falta para você ser feliz?, pensou, irritado de repente. O que se fazia com uma Criança-Borboleta deprimida? Arranjava-se um terapeuta, como a Garota do Mundo costumava ter?

Recostou-se no sofá e arqueou as sobrancelhas.

Inclinou-se para frente, atçou o fogo, e sentou-se de novo.

Aquilo era estranho.

O calor daquele fogo corria por sua espinha e, mais que isso, estava *dentro* dele. Como mãos em volta de uma caneca com algo quente dentro, só que as mãos estavam em seu peito, em seu coração – aquecendo-lhe o coração.

De alguma maneira, queria chorar por causa daquilo, daquele calor. Não

tinha sido apenas um instante atrás que ficara tão irritado com aquele livro meigo demais e aquela Criança-Borboleta infeliz que não parava de dormir? Agora, a ponta de seus dedos roçava a capa do livro, e ele sorria de modo gentil para o nome do autor: *Narciso*. Ouviu um som de respiração: inspiração, expiração – o cômodo respirava, o mundo respirava –, e percebeu que não... não era ele quem respirava. *Era* o mundo.

Ah, essa Criança-Borboleta, pensou, e sentiu lágrimas chegarem aos olhos. Olhou para a casa de boneca e percebeu que seu erro era compará-la a objetos físicos: nenhum objeto poderia ser pequeno o suficiente para descrever aqueles cílios adormecidos! Ela era tão pequena quanto aquele som – era um som que podia mesmo ouvir? Aquela Criança-Borboleta, ela era tão pequena quanto o ruído de uma página virando em um quarto distante numa casa.

Elliot mudou de posição ligeiramente, só para que aquele calor reconfortante pudesse encontrar outra parte de seu coração. Seus pensamentos pareciam descobrir caminho por entre suspiros, e então uma única palavra emergiu. Kala! Ah, Kala. Agora o calor parecia mesmo uma força física real, pressionando-se contra ele de maneira que seus olhos ardiam com o cair de lágrimas, e o calor dessas lágrimas sobre as bochechas eram um eco da maravilha que ia em seu coração.

Ter Kala em sua vida, poder beijá-la, segurá-la, tocá-la, ouvir sua voz e fixar seus olhos nos dela. Era tudo que havia de melhor. Essa era a essência daquilo.

Observou a lareira e pensou em sentar lado a lado com Kala no telhado do celeiro, segurando sua mão. Pensou na essência da própria Kala, e teve a ideia maluca de que ela era como um desses cartões-postais dobráveis, do tipo que você tem dez cartões-postais de fotos todos juntos, mas, dobrados, mostram apenas uma. Ele podia dobrá-la, desemaranhá-la, dobrá-la de novo, as pernas balançando lado a lado no velho telhado de latão.

Deixou o livro da Criança-Borboleta cair ao chão e em seu lugar pegou um caderno e uma caneta na mochila.

Kala: (ele escreveu)

Seu rosto,
sua mente,
seu coração,
suas belas mãos

Depois desenhou um pequeno esboço das mãos de Kala e, embaixo dele: “Eu te amo. Elliot”.

Olhou para o papel e sabia que tinha de entregá-lo para Kala imediatamente.

Lá fora, havia o ataque Vermelho de quinto nível e o som dos sinos de alerta. Assentiu com a cabeça, sem nenhuma surpresa. Aquele Vermelho era rico e quente, um vermelho um pouco mais leve, quase laranja, e cobria o céu com uma neblina à altura das árvores mais altas, pairando em formas largas semelhante a barcos.

Era o Vermelho que estava fazendo seu coração se aquecer, sabia disso agora, mas, ainda assim, não hesitou.

Pode ser o Vermelho, considerou, mas também é a verdade. O Vermelho está apenas iluminando a verdade.

Pegou a bicicleta e pedalou lentamente rumo à cidade – a caminhonete seria barulhenta demais para seu estado de espírito –, colocando o bilhete na caixa de correio de Kala.

Enquanto isso, por toda a cidade, o ataque Vermelho de quinto nível se espalhava pelo ar, e as pessoas paravam de respirar por um instante, colocando as mãos sobre o peito, as palmas viradas para o coração. Mulheres subiam até sótãos para encontrar velhos chapéus, velhas pinturas, velhas

cartas de amor. Homens choravam baixinho, de maneira terna. Crianças encaravam os campos através das janelas ou corriam para fora para acariciar coelhos de estimação. A pequena Corrie-Lynn começou a trabalhar num novo fantoche de madeira para sua melhor amiga, Derrin Twickleham.

Jimmy Hawthorn saiu pela porta da frente, seguiu pela rua, atravessou o portão da vizinha e bateu uma, duas, três vezes na porta dela. Quando Isabella Tamborlaine abriu, ele falou:

– Acho que você devia saber... bem...

E caíram nos braços um do outro.

Na delegacia do xerife, Hector Samuels estava sentado no chão atrás do balcão. Seu rosto era uma profusão de cicatrizes, rugas e lágrimas. Ele segurava um anel de ouro com tanta força, que uma marca latejava na palma da mão. *Ah, Simon*, disse numa voz rouca, que lamentava o amor perdido, sua primeira paixão, morto por uma doença vinte anos atrás. Mal tinha pensado em Simon na última década, talvez até mais, mas ali estava ele de novo, presente no coração de Hector.

De volta à casa de Elliot, Petra Baranski estava enrolada na cama, virando as páginas do álbum de fotografias da família, tocando as fotos do marido desaparecido. *Seu rosto, sua mente, seu coração, suas belas mãos*. De novo e de novo, ela murmurava as palavras, o rosto encharcado e marcado pelo choro.

No dia seguinte, o ataque Vermelho de quinto nível havia partido.

Os residentes de Fogueira locomoveram-se pela cidade de maneira mecânica e desajeitada, curvando a cabeça para esconder os olhos vermelhos.

Era um domingo, e Elliot começou o dia consertando a trava da porta do galpão. Imaginou que a mãe a havia quebrado enquanto tentava entrar – talvez querendo ver as coisas velhas do pai, armazenadas ali, para poder tocá-las e chorar sua ausência.

Depois se dirigiu à praça para encontrar os amigos, mas primeiro fez um desvio pelo pátio do colégio, para conferir se havia chegado alguma carta na escultura.

Tinha uma nova ali. Olhou ao redor – algumas vezes, esquecia que aquilo era ilegal –, mas o pátio estava silencioso e vazio, então a abriu e leu.

Caro Elliot,

Certo, você venceu: as Cores são os vilões por aí.

(Mas elas TODAS viajam em ondas. Você está errado quanto a isso.)

É engraçado o jeito como você fala do vermelho, azul e verde, como cores “originais”, porque elas são cores primárias, certo?

Tenho pensado nisso; no entanto, quer saber?

ELAS NÃO SÃO REAIS.

Agora, escute: ciência nunca foi mesmo meu lance, então pode ignorar tudo isso se quiser, mas eu ACHO que o que os livros vêm tentando me dizer é, como falei, que elas não são reais. As cores não existem de verdade. Por dois motivos.

O primeiro é este: elas são feitas só de luz. Você sabe... No escuro, elas somem. Desligue a luz ou coloque uma cortina preta, e elas somem. Objetos não têm cor no escuro, já percebeu isso? É só a luz que, ao atingi-los, inicia essa reação química com os pigmentos, ou seja lá com o que for, transformando isso numa cor específica. Sendo assim, é, tipo: Se uma árvore cai numa floresta e ninguém vê, ela realmente caiu?

Bem, quanto à árvore, com certeza ela caiu. Mas com as cores...? Se um violino vermelho está guardado no escuro, ele é realmente vermelho?

Não. No escuro, não é não.

Portanto, esse é o primeiro motivo.

O segundo motivo é este: nosso cérebro inventa a cor. É esse lance complicado que os olhos fazem, sobre o qual não vou entrar em detalhes, exceto para dizer que nossos olhos tem coisas superminúsculas chamadas

“cones” e “bastonetes”. Os cones enxergam o vermelho, azul e verde, e os bastonetes interpretam as formas. Sendo assim, os cones e bastonetes enviam pequenas mensagens eletroquímicas para o cérebro, e o cérebro as junta e inventa a cor.

Quem sabe se nosso cérebro está inventando a mesma coisa? Quero dizer, como saberemos que a coisa que os SEUS olhos enxergam e chamam de “vermelho” é a mesma coisa que eu chamo de “vermelho”?

Em vez de dizer: “Olhe como a grama está verde”, devíamos dizer uns para os outros: “Veja, esta grama absorve raios de luz com comprimentos de onda de blá-blá-blá nanômetros e reflete raios de luz com comprimentos de onda de blá-blá-blá nanômetros, que os cones e receptores em MEUS olhos veem como um certo tom que escolhemos rotular de VERDE, e percebo que seu cérebro aceita o rótulo VERDE, mas me pergunto: o que você na verdade acha que é o VERDE?”.

De uma forma ou de outra, tudo isso leva à minha sugestão para lidar com as Cores perigosas do seu reino.

E é esta:

FECHE OS OLHOS.

E as Cores não vão estar mais lá.

Minha mãe parece bem no momento. Eu meio que gostaria que ela consultasse um médico, mas ela fica confusa ou irritada quando sugiro isso, e lembra que tem algum trabalho de costura que esqueceu ou algo que queria perguntar ao cara do computador no andar de baixo. Não estou muito preocupada, porque meu pai deve chegar aqui logo para nos pegar, e ele faz o estilo de pessoa que sabe como consertar as coisas. Tipo, ele vai dar uma olhada na minha mãe e SABER exatamente do que ela precisa e como conseguir isso.

Já eu sou mais do tipo, num dia: OH, MEU DEUS, ELA ESTÁ DOENTE MESMO, e no dia seguinte: hum, é minha imaginação ou ela

está um pouco exausta? E, se ela ESTIVER mesmo doente, vai melhorar sozinha ou vai precisar de antibióticos? Ou é só comer melhor e tudo vai ficar bem?

Assim por diante.

Quando meu pai chegar aqui e nos levar de volta para nossa vida de antes, vou poder rever meus verdadeiros amigos – Tinsels, Corrigan e o pequeno Warlock.

De qualquer forma, gostei da sua carta, mas não tenho certeza de que tenha entendido direito o lance dessa garota, “Kala”.

Ela não é um pouco demais? Se é que entende o que quero dizer. Todo esse negócio de ser artista e musicista – ela não pode ser só uma coisa ou outra? Além do mais, ela sabe também como cultivar um campo! E é tão inteligente! Estou descobrindo que não gosto muito dela. E ela tem que ter um longo cabelo lustroso e aquelas outras coisas que você disse? Da próxima vez, vai me dizer que os olhos dela brilham como o orvalho.

Arranje uma nova namorada.

E mande a resposta logo. Como eu disse, não sei por quanto tempo ainda vou estar aqui.

Cuide-se,

M. T.

Quando terminou de ler a carta, Elliot levantou os olhos e lá estava Kala, andando em sua direção pelo pátio do colégio.

Não a tinha visto desde que deixara o bilhete para ela no dia anterior, e, agora, enquanto a observava se aproximar, viu que o rosto dela – especialmente os olhos – enviava uma mensagem complicada para ele. Ela sorria, mas o sorriso tinha uma inclinação que lhe dizia a opinião dela sobre o bilhete: ele havia sido causado pelo ataque Vermelho de quinto nível. Os olhos riam disso, mas havia um carinho neles também, além de algo mais profundo que dizia: “*Mesmo que tenha sido por causa do Vermelho, foi*

especial, Elliot, e meio que transcendeu a Cor”.

Ela queria dizer que não levaria aquilo tão a sério, mas que havia gostado mesmo assim.

Ah, pensou Elliot ao interpretar tudo aquilo, ela é incrível... e, lamento: seus olhos brilham mesmo como o orvalho.

No decorrer dos próximos dias, sopraram nevascas de inverno.

Depois, em certa noite, bem tarde, surgiu um verão repentino.

Elliot estava sentado no chão do quarto, folhas e livros espalhados ao redor. A janela encontrava-se aberta para deixar entrar a brisa quente, e ele estava sem camisa. Lá fora, a neve vivia um frenesi de derretimento.

Em algum momento, a Criança-Borboleta voaria para longe de uma vez – talvez mais cedo do que o esperado, visto que parecia tão triste –, e, no instante em que o fizesse, Elliot voaria para longe também. Mas, nos últimos tempos, vinha se perguntando exatamente aonde iria. A ideia de ir ao Lago de Feitiços para pescar um Feitiço Localizador começava a se desgastar, como pontas de tecido que começam a desfiar – chegava mesmo a parecer infantil e improvável agora.

Ele havia encomendado alguns livros novos sobre Cores, que se encontravam empilhados a seu lado agora, reunidos ao material de pesquisa habitual.

Táticas de caça de Roxos de terceiro nível era o título do primeiro livro. O seguinte perguntava: *Tudo Azul? Recriando as Cores mais frias de Cello*. E: *A palheta de Cello ou como pintar o céu*, e assim por diante.

Examinou os livros e se perguntou por que os havia encomendado afinal – nenhum deles parecia, nem de longe, útil. Um livro fino chamado *Guia abrangente de Thrupp para localizar e abrir fendas de cavernas de Roxos* era seguido por um volume ainda mais fino, que afirmava ser falsa – e demonstrava como – cada palavra que Thrupp havia escrito.

Tinha um artigo longo e entusiasmado escrito por um observador de Cores (alguém cujo *hobby* é rastrear Cores, tirar fotografias e ticá-las em uma lista – uma espécie de versão radical de um observador de pássaros, por exemplo) que afirmava ter visto uma concentração de terceiro nível de cavernas de Roxos na costa do Mar Interior. Perto havia um manual criado por um dobrador de Cores, em que afirmava não haver um único traço de Cor em todo o Mar Interior.

E, agora que Elliot observava com mais atenção, *A palheta de Cello* era na verdade um manual de arte. Nada a ver com Cores sob nenhum aspecto.

Ele deixou a pilha de livros de lado e voltou aos documentos oficiais. Havia o relatório da legista sobre seu tio Jon, o relatório de pessoas desaparecidas sobre seu pai, e o outro, sobre Mischka Tegan.

Empurrou os dois primeiros de lado, ficando com o último.

Relatório sobre pessoas desaparecidas: Mischka Elizabeth Tegan

Tocou os papéis de pontas afiadas e olhou firme para o nome por um momento: Mischka Elizabeth Tegan.

Folheou os papéis. Ali estavam listas de detalhes sobre Mischka: idade, altura, peso, tipo físico, compleição, ocupação, endereço.

Seu cabelo era castanho-escuro, dizia, e chegava até os ombros.

O endereço era Apartamento 4 (em cima da padaria), Praça da Cidade, Fogueira. Sua colega de quarto era Olivia Hattoway, professora do segundo ano da Escola Primária de Fogueira. Era a professora de Corrie-Lynn naquele ano.

Havia páginas e páginas de interrogatórios também, a maior parte de pessoas que tinham sido interrogadas sobre seu pai, embora ali se encontrasse o interrogatório de Olivia Hattoway e de vários outros professores da escola secundária.

Sempre as mesmas perguntas. Fale-me seu nome completo. Diga-me

quando a viu pela última vez. Conte-me o que ela vestia. O que ela disse para você antes de ir embora? Teve notícias dela? Ela ligou? Onde acha que ela pode ter ido? Ela disse alguma coisa sobre para onde ia ou por quê? Levou algo especial?

Dava a impressão de que poderiam continuar para sempre, o xerife suspirando em certo ponto, bufando em outro. As perguntas perdiam o rumo, mas em seguida recomeçavam.

Seus olhos caíram sobre as frases:

“Nada especial faltando”.

“Sem evidência de ter utilizado a conta bancária desde o desaparecimento.”

“Seu comportamento nos dias que antecederam o desaparecimento era alegre, talvez um pouco distraído.”

“Vista pela última vez no Pub Cogumelo com Jon Baranski (falecido) e Abel Baranski (desaparecido).”

Parou de ler.

Pelo corredor, podia ouvir o som da mãe tomando um banho frio, tentando minimizar os efeitos do calor.

O texto clássico sobre Cores – *Origem das Cores cellianas*, de Enid Thurgood – mantinha-se sempre em sua estante, um tanto desfigurado com suas anotações e *post-its*.

Ele praticamente abriu sozinho na página que conhecia tão bem – o capítulo sobre ataques Roxos de terceiro nível –, e lá, numa fonte pequena, a nota de rodapé número 7, que o havia motivado a se lançar por todo o Reino de Cello:

7. Há indícios casuais de que um ataque Roxo de terceiro nível uma vez conduziu a vítima até sua caverna, mas, em vez de abatê-la de imediato – o costume dos Roxos –, a manteve prisioneira por quase doze meses (a exata duração de tempo varia entre as pessoas que relataram a história).

Ali estava, mais uma vez. A pequena e frágil possibilidade, tão pequena quanto um cílio de uma Criança-Borboleta, de que o pai – e talvez também

Mischka – pudesse estar vivo em algum lugar.

Mas o que Elliot poderia fazer, preso ali em Fogueira?

Sem ter o apoio de *ninguém* quanto a continuar procurando; sem ninguém a quem se voltar em busca de conselhos.

Lá fora, a neve parecia quase violenta ao derreter, jorrando e empurrando flocos e fragmentos, além de estacas meio derretidas de gelo, pelo chão, através da janela aberta.

Bem, pensou com um sorriso repentino, *há UMA pessoa que parece gostar de dar conselhos*. Havia se lembrado da Garota do Mundo.

A sugestão dela até que tinha funcionado até certo ponto com a Criança-Borboleta – pelo menos, havia lhe dado um ponto de partida.

Mantenha o tema o tempo todo na mente.

Bem, ele estava fazendo isso com seu pai desaparecido há quase um ano agora.

Talvez pudesse tentar a outra sugestão – a da terapeuta dela.

Parar de pensar no assunto. Ir para a cama e dizer para a mente sonhadora encontrar a resposta.

Chutou os livros e papéis sem muita convicção para o outro lado do quarto, arrancou os cobertores da cama, deitou sobre o lençol e caiu no sono.

Duas coisas o despertaram na manhã seguinte – o som de um martelar e um grito vindo de algum lugar bem fundo em sua mente.

Vá até a Pousada Melancia e coloque aqueles ganchos para capas!, berrou sua cabeça.

Esforçou-se para sair da cama, o coração gritando tão alto e rápido quanto a voz em sua mente.

Escreva uma carta para a Garota do Mundo!, ela berrou em seguida. *Por que você não fez sua lição de química ainda?* E depois: *A primeira coisa que você tem que fazer é ligar para o pessoal que faz reparos em vidro em*

Carrinho de Maçã e mandar arrumar aquela rachadura na estufa!

Flutuava pelo quarto em meio a esses gritos, vestindo a roupa, calçando o tênis, passando os dedos pelo cabelo, e durante todo o tempo sentia um estranho senso de familiaridade. Outra voz, em algum lugar mais quieto e distante, disse: *Você sabe o que é isso.*

Ah, sim. Ele sabia. Lá estava, lá fora. O ar tomado por hastes de um Vermelho de quarto nível, que entrava pela janela aberta do quarto também. Voava na altura de sua da cintura em longas barras retas, mais ou menos do tamanho de seu braço. Parecia ter uma gradação 6d, mas um Vermelho de quarto nível podia mudar de gradação a qualquer momento.

Sem sinos de alerta – provavelmente ele não os percebera porque dormia.

Avançou com rapidez pelo corredor e desceu a escada aos saltos. Na cozinha, notou de onde vinha o ruído semelhante a um martelar. Era sua mãe, vestida com uma calça esportiva, correndo sem sair do lugar, pesos em ambas as mãos.

– Por que não tenho me exercitado? – ela berrou.

– É um ataque Vermelho de quarto nível! – ele gritou em resposta, agarrando uma faca e fatiando um pão de maneira selvagem.

– Eu sei! Por que não tenho me exercitado?

– Bem, por que eu não fui à Melancia pendurar os novos ganchos de capa ainda? – Elliot gritou. – Prometi a Alanna que faria isso *semanas* atrás!

Trocaram um sorriso enlouquecido. O suor se derramava das têmporas de Petra, pingando no chão. Elliot jogou um pão na torradeira, cortou laranjas e espremeu um suco, fez a lição de Química, telefonou para o lugar que consertava vidros e escreveu uma carta para a Garota do Mundo. Tudo em cinco minutos.

M. T.,

Você tem que passar alecrim e sálvia na tampa de massa das suas tortas! Tem que ficar de pé no assento do trator de vez em quando! E raspar caramelo das maçãs nas árvores! Tem que pegar lava e pinhas de árvores tombadas na floresta, e tem também de tocar violino Ele é vermelho, e, se está só aguardando para ser vermelho, se está pronto para ser vermelho, é porque é VERMELHO; só é melhor em se esconder do que a maioria. E quer saber de uma coisa? É VOCÊ QUEM ESTÁ DE OLHOS FECHADOS!

Porque sua obsessão com Cores e golas e agitações, e em me dizer o que é o quê...

Eu até que gosto. Tenho que dizer que você é uma figura e tanto.

Tchau,
Elliot

– Tem certeza de que quer enviar isso? – gritou sua mãe, conseguindo ler um pouco sobre o ombro.

Ela havia parado de se exercitar e escancarado todas as gavetas da cozinha, jogando o conteúdo delas no chão. (*Tenho que polir os talheres! Arrumar a papelada! No que será que tenho pensado?*)

– Pode apostar que vou mandar! Agora mesmo! Mas *primeiro* tenho que animar a Criança-Borboleta!

Ele correu até a sala de estar berrando:

– Anime-se! O que você tem para estar tão deprimida?

Deu alguns saltos e rodopiou um pouco, depois parou por um instante, observando-a. Não tinha certeza, mas teve a impressão de que a Criança-

Borboleta apertava os olhinhos.

– Ah, bem que eu tentei.

Elliot deu de ombros, depois saiu correndo de casa, batendo a porta. Um assovio inquietante fez menção de tocar em sua cabeça, mas ele o afastou.

Passou direto pela caminhonete e pela bicicleta.

Quem precisava delas? Podia enfrentar o mundo! Podia *voar* se quisesse! Por que não? Levantou os braços, e ondas de Vermelho passaram por cima e por baixo dele, e ele bateu os braços, esperando voar, enquanto uma voz tranquila em sua mente dizia: *Não dá*.

Certo, não dava para voar, mas ele podia correr!

O tornozelo deu uma breve físgada de dor. *Vou lhe dar uma lição, tornozelo!*, gritou enquanto corria. *Isso vai lhe ensinar a não quebrar mais!* E correu ainda mais rápido.

Centro da cidade; todos fora de casa.

Escadas se inclinavam em direção a prédios e pessoas berravam instruções umas para as outras, e também para si mesmas. Latas de tinta eram abertas, pregos martelados, estruturas de madeira eram levantadas sobre o gramado das casas.

– Sempre quisemos uma garagem! Por que não *construir* uma agora?

– Olhem, crianças! Não precisam mais viver em nossa casa! Aqui está uma casinha para vocês!

Clover Mackie, a costureira da cidade, estava sentada num banco de parque rodeada de papéis.

– Estou fazendo minha declaração de imposto de renda! – contou a Elliot, pressionando de maneira furiosa os botões da calculadora. – Não faço isso há vinte anos ou mais!

O ataque Vermelho executava suas ondas para cima e para baixo, dando voos rasantes em esquinas.

Isabella Tamborlaine passou correndo por Elliot, o corpo oscilando sobre os patins de gelo.

– O lago não vai estar congelado! – Elliot gritou. – É verão, você não notou? – E apontou para o céu azul e quente.

– Sou professora de Ciências! Com certeza, posso congelá-lo eu mesma! – disse apertando o passo.

Elliot saltou a cerca da escola, passou por um aglomerado de professores – eles corrigiam provas com urgência ao mesmo tempo que discutiam uma *reforma completa* do plano de estudos da escola – e correu para colocar a carta na escultura. Todos estavam envolvidos com as respectivas atividade, e ninguém prestou atenção no que ele fazia.

Uma onda de Vermelho roçou seu braço, e ele se virou e correu para longe da escola, rumo à cidade.

Na Pousada Melancia, o estacionamento estava lotado de gente pintando carros com *spray* (*Quem escolheu este branco, afinal? Sempre quis um carro de faixas pretas e laranja! Igual a um tigre!*), retirando motores (*Com certeza eu mesmo posso consertar esta coisa!*) ou se movimentando em torno de vasos de plantas, ajustando os *sprinklers*.

Na sala da frente, Alanna estava parada em meio a pilhas e pilhas de lençóis.

– Vou dobrá-los todos de novo! – disse sorrindo para Elliot.

Hóspedes e visitantes encontravam-se em um frenesi, as barras do ataque Vermelho entrelaçando-se com eles. Alguns trocavam de posição no sofá; outros se ocupavam em desfazer a costura dos casacos. Viu os Twickleham reclinados próximo à lareira, falando sem parar.

– Como uma surucucu numa pitada de azeite de oliva! – o sr. Twickleham tagarelou.

E a esposa respondeu:

– Pode se chamar de coquetel e continue viva!

Perto deles, a pequena Derrin Twickleham brincava de bater palmas com Corrie-Lynn, as mãos de ambas batendo uma na outra tão rápido que o ar parecia vibrar ao redor delas.

Então, de repente, houve uma mudança. O ataque Vermelho escureceu muito levemente, e a atmosfera se transformou ao mesmo tempo. Ondas de raiva atingiram a sala. Sofás foram chutados, cenhos se franziram e bocas se contorceram em caretas de ódio.

– Foi a ideia de um frangote numa cervejaria! – gritou o sr. Twickleham.

– E você pensaria em algo melhor? – ela respondeu.

Corrie-Lynn e Derrin continuavam a bater palmas juntas, mas agora eram quase como golpes, e Corrie-Lynn berrava:

– APENAS FALE! SÓ NÃO PARE DE FALAR!

Um som como de alguém rasgando papel-alumínio pareceu ser arrancado da boca de Derrin.

– SE PODE FAZER ESSE BARULHO, PODE FALAR TAMBÉM! – Corrie-Lynn gritou.

Elliot se descobriu atravessando a sala. O rosto estava vermelho com o calor, o sangue pulsando violentamente nas têmporas. Aqueles Twickleham... Ia matá-los. Ia pegá-los pelo cabelo. Ia lançá-los pelo ar, e eles se chocariam contra a janela panorâmica.

Aqueles Twickleham...

Saltou sobre dois homens idosos engajados em luta livre no chão.

Aqueles Twickleham...

Na oficina de seu pai.

Roubando o negócio do meu pai. Seus clientes. Seu lugar em Fogueira. Seu lugar em seu...

De repente, Elliot se deteve.

A gradação do ataque Vermelho havia mudado de novo. O tom se acentuara e escurecera ainda mais. A fúria desceu sobre a sala como uma toalha jogada no chão.

Estabeleceu-se um silêncio profundo e penetrante. Olhos se arregalaram e se entreolharam. Os homens que lutavam se separaram e se afastaram num piscar de olhos. O Vermelho de quarto nível agora estava na gradação 9d, e tudo, cada pensamento, cada objeto, havia se *intensificado*.

Elliot se descobriu virando-se e se afastando da sala. Movia-se com uma clareza cuidadosa em direção à entrada.

Tudo que ele via eram contornos resdesenhados – contornos redesenhados *intensamente*.

Ali estava a entrada.

Sabia agora com uma certeza feroz, ele colocaria os novos ganchos para casaco que prometera a Alanna.

Os objetos falavam por si próprios. O registro de hóspedes. Uma caneta. Uma xícara de café vazia.

Atrás da mesa, folhetos e recados em um quadro de cortiça. Horário do Café da Manhã. *Tours* das Fazendas. Mapas de Fogueira. Uma pequena anotação escrita à mão no canto interior.

Pregaria os ganchos para casaco ao lado do quadro de cortiça.

Seu olhar pareceu se levantar com firmeza, tal como a própria certeza, e se moveu, um movimento cuidadoso, e depois outro, até parar. Estava fixo no quadro de novo. A visão mirou diretamente a anotação escrita à mão no canto.

Aquela era a caligrafia de seu tio.

Era a letra minúscula de seu tio Jon:

Aquecedores dos quartos de hóspedes: Pino 1: +12, Pinos 72 e 13: Terra.

Elliot estacou. Em algum lugar em sua mente, tinha consciência de uma nova mudança: a gradação do Vermelho voltara a ser 6d, e as pessoas se sentiam inquietas mais uma vez com os planos não realizados.

Mas Elliot permaneceu parado, deixando o coração bater sem sua presença, palavras e números continuando a tomar forma, o foco se ajustando e reajustando, até parecer uma luz tão brilhante que fez seus olhos arderem.

Na delegacia do xerife, Hector subia na mobília.

– Tenho de trocar *todas* as lâmpadas! Tenho de fazer essa delegacia brilhar!

Jimmy se arrastava na cadeira de rodinhas, espalhando papéis pela mesa ao fazer esse movimento.

– Vou resolver todos eles – murmurou de maneira febril. – Os cinco. Agora mesmo!

– Não! – o xerife ficou em pé de um salto, batendo um dos joelhos na mesa, e estendeu a mão para arrancar os papéis que estavam na mão de Jimmy.

Jimmy desviou do golpe, continuando a ler com avidez.

– Rasgue-os – ordenou Hector, e ele se arrastou na própria cadeira, puxando a máquina de escrever para a mesa. – Vou mandar um comunicado urgente! *Chega de relatórios de pessoas desaparecidas para meu assistente! Basta! Estou farto!*

– Foi *you* quem pediu. – Jimmy franziu o cenho de maneira intensa para os papéis. – Qual é a ligação? *Sei* que há uma ligação; posso quase *ver* a ligação! Só não consigo pegá-la!

– Nunca pedi nenhum destes! Eles são da Inteligência Central Celliana! É sua culpa, Jimmy: você é bom demais! Ouviram falar de você e mandaram *cinco* dos que não conseguiram resolver! – Hector datilografava enquanto extravasava sua raiva. – Pois vou lhes dizer agora: *Resolvam os próprios casos de gente desaparecida! Temos coisas melhores para fazer! Estou escrevendo: Supostamente vocês são os melhores, não são? Pelo menos, são*

os que trabalham na Central!

– Qual é a ligação?

Os olhos de Jimmy pulavam de um relatório para o outro.

– *Não há* ligação! – Hector puxou a carta da máquina de escrever e rapidamente a transformou num avião de papel. – São cinco pessoas *diferentes*, desaparecidas em qualquer canto de *todo* o Reino! Elas não têm nada a ver uma com a outra! Nada a ver conosco. Mais ainda: nada a ver com você!

Ele olhou para o avião em sua mão e franziu o cenho, consternado. Depois, lançou-o pela sala.

A porta da delegacia se abriu e Elliot deslizou para dentro. O avião de papel voou em direção a seu nariz.

– *É igual!* – Elliot gritou, pegando o avião e o arremessando de volta. – Hector, *é igual!* Há uma conexão!

O xerife levantou os olhos. Jimmy levantou os olhos.

Houve uma pausa e, durante esse instante, tudo pareceu se afastar para longe.

Eram as barras do ataque Vermelho: estavam desaparecendo.

Mas a voz de Elliot ainda clamava:

– Estava na oficina de papai! Uma anotação no quadro que dizia que conectores periféricos são pino 1 mais 12, algo assim, seja lá o que for. E eu acabei de ver a mesma coisa na Pousada Melancia! Tio Jon usou a sequência *exata*, só que para os aquecedores. Os aquecedores dos quartos de hóspedes! Tem de significar algo! Deve estar ligado à noite em que aquilo aconteceu. Quem sabe não pode nos dizer até onde ele está!

Hector e Jimmy encararam Elliot.

Ele narrou aos berros a história das duas anotações de novo e depois mais uma vez, até que os dois entenderam.

– O que acha que isso significa, Elliot? – Hector arriscou.

– Não sei! Mas...

Só então Elliot se deu conta do volume de sua voz em meio ao silêncio ao redor.

– Pode ser o que você chama de coincidência – sugeriu Hector. – Ou não. É mais provável que seu pai tenha consertado os aquecedores uma vez para seu tio Jon e anotado a sequência para si mesmo e para Jon, por motivos técnicos. Ou, talvez, como falei, seja uma simples coincidência.

Jimmy percorria a delegacia com o olhar. Correntes de papel pendiam do peitoril da janela e lanternas de papel se espalhavam pelas mesas.

– Parece que decidimos redecorar – falou melancólico.

– Ah – suspirou Hector, olhando com atenção uma das lanternas. – Usamos a papelada para fazer isso.

Seu silêncio espantado e constrangido pareceu se espalhar pela delegacia, descer as escadas e atravessar a cidade.

– São as ondas do Vermelho de quarto nível – falou Jimmy, os olhos pousados em Elliot. – Eles o levam a fazer coisas loucas. Eles o levam a ver coisas que não estão lá.

– Mas estava lá – suspirou Elliot.

– Você sabe o que quero dizer. Uma ligação que não está lá.

O silêncio continuou pairando, depois foi preenchido pelo som de sinos tocando.

– Está tudo bem – Jimmy comentou. – Não, é mais que isso. Esse é o código que avisa que a onda Vermelho já passou.

– Acabou – Hector murmurou, e Elliot ficou postado no centro da delegacia, a testa se franzindo com tanta força que teve de fechar os olhos.

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

Em uma manhã de sexta-feira da primeira semana de julho, Belle voltou.

Ela veio ao apartamento de Madeleine para a aula com Holly, e parecia ser exatamente ela mesma, a não ser pela voz, que estava seca e rouca.

Lá fora chovia baixinho e com eficiência, e dentro as luzes elétricas e lâmpadas lançavam um brilho suave no ambiente. De início, eles se levantaram, dando as boas-vindas a Belle, e houve uma estranha percepção física – uma conscientização da forma e da proximidade dos corpos no pequeno espaço dourado que rodeava Belle.

Belle assumiu o personagem de sua voz grave e seca, os olhos quase febris, as palavras arrastadas.

– A única coisa é que falar machuca a garganta – ela comentou. – Fora isso, estou melhor. – Então, com um dar de ombros e um rápido arquear das sobrancelhas, acrescentou: – É claro que, se vocês aprendessem a ler auras, *não* precisaríamos falar. Poderíamos, tipo, olhar a aura de cada um e saber tudo que vai na cabeça.

Enquanto ela falava, os olhos passaram de Holly para Jack, e deste para Madeleine, estudando o ar acima da cabeça de cada um.

– Ou poderíamos aprender telepatia – sugeriu Holly. – Não ia ser preciso interpretar as cores. Poderíamos ir direto ao ponto.

Ela se dirigiu à cozinha, anunciando que faria um chá de limão com gengibre e mel para Belle.

– Se todos ouvissem seu horóscopo – Jack disse –, não precisaríamos nem nos *encontrar*. Diríamos: *certo, é isso que vai acontecer*, e poderíamos dormir enquanto as coisas aconteciam.

Madeleine riu, mas teve a curiosa sensação de que seu corpo era pequeno demais. Organizado e rígido demais em comparação com o de Belle, que de

alguma maneira estava mais presente e à vontade na sala. Mas aquele era o apartamento de Madeleine, e aquele era o namorado de Madeleine a seu lado. A sensação não tinha razão de ser. Tentou balançar a cabeça para tirar aquilo da mente, mas, em vez disso, olhando de soslaio para Jack e Belle, sentiu um súbito e intenso constrangimento.

Sentia como se tivesse passado as últimas semanas usando acidentalmente o casaco de outra pessoa. Agora, a dona havia retornado e a encarava com um ar de riso, perspicaz e irônico, espantada que ela nunca houvesse percebido aquele seu erro, mas pronta para perdoá-la se ela pedisse desculpas.

Ao mesmo tempo, ao observar Jack brincar com Belle – ele tocava o centro da testa de Belle, dizendo-lhe que ela devia *fechar* o terceiro olho de vez em quando, por respeito à privacidade dos outros –, ao perceber aquilo, ela o viu.

De repente, e pela primeira vez, ela viu realmente Jack.

E o que ela viu foi isto: que ele era complexo, imaginativo, engraçado e gentil, e que tinha, além do belo nariz, olhos de um verde-dourado, como os de um tigre. Que ele era mais esperto do que os outros percebiam e que, por trás dos olhos de tigre, ele era Byron.

Ele *era* Byron, exatamente como afirmava. Era impulsivo, apaixonado, temeroso, esperançoso e, lá no fundo da alma, um poeta.

A impotência tomou conta dela; queria tirar Jack dali, ficar sozinha com ele. Queria lhe dizer o que havia visto, falar numa voz urgente, ou escrever uma carta para ele. Queria elogiá-lo e depois elogiá-lo de novo. Havia um anseio de que ele a tocasse e olhasse para ela com assombro, só que daquela vez ela queria responder ao olhar do mesmo jeito. Mas, ao mesmo tempo que tinha todos esses pensamentos, sabia que era tarde demais. Ela havia tido sua chance e perdido.

O retorno de Belle sinalizava o fim do romance de verão, e era culpa da própria Madeleine. Ela havia planejado aquele relacionamento *como* um

romance de verão, e Belle, vendo aquilo, faria Jack enxergar também. Ia acabar.

Holly entregou a Belle o chá e voltou para a cozinha.

Ela ligou a chaleira.

– Estou só fazendo uma xícara de chá de limão com gengibre para Belle – gritou.

Jack e Madeleine se viraram para ela. Belle sorveu um gole da caneca em sua mão e encarou a janela.

– Você já fez uma – avisou Jack.

Holly sorriu.

Então, pressionou os dedos contra a testa, de maneira muito cuidadosa e metódica, como se procurasse por algo que havia deixado lá dentro.

– Dor de cabeça sinusal – comentou. – São ruins pela manhã, embora *normalmente* melhorem depois que eu ando um pouco. – Ela pegou a chaleira. – Só vou fazer um chá para Belle...

De repente, ela a soltou.

– Quer saber? – falou com certa surpresa na voz. – Acho que vou deitar por alguns minutos.

Jack, Belle e Madeleine falaram todos ao mesmo tempo, sugerindo analgésicos, remédios de ervas, antibióticos, e prometendo deixá-la sozinha, mas Holly acenou com as mãos negativamente.

– Permaneçam aqui – ela disse. – Tudo de que preciso são dez minutos... e seria bom ouvir vocês conversando enquanto cochilo. Depois, assim que me levantar, vou *ensinar* algo para vocês.

Caminhou pela sala até a cama. Os três estavam em silêncio, observando-a. Holly abraçou um travesseiro, colocou a cabeça em outro e fechou os olhos.

– Devia vestir um pijama – Belle disse. – Detesto deitar de jeans. Podemos olhar para o outro lado enquanto você se troca.

Holly sorriu sem abrir os olhos e se aninhou no colchão feito uma criança. Jack e Belle se sentaram no sofá, e Madeleine escolheu a cadeira da mesa de costura.

Levantaram as sobrancelhas um para o outro.

– Acho melhor sairmos daqui – Jack disse para Holly de longe. – Você precisa de silêncio.

De novo, Holly sorriu, os olhos fechados.

– Falei para ficarem – ela murmurou. – Teria *dito* se quisesse que fossem embora. Vocês não têm *lição de casa* ou algo assim?

As palavras terminaram num bocejo, e dentro de instantes sua respiração se tranquilizou, tornando-se mais profunda.

– Ela dormiu – comentou Belle.

– Devemos ir embora? – perguntou Jack.

Madeleine olhou para a pequena forma encolhida da mãe na cama.

– Quero ficar com ela – ela disse.

– Bem, ela nos disse para estudar – Jack sussurrou. – Eu tenho coisas para fazer do meu projeto de turismo para Denny. Talvez desça lá e imprima. Querem que eu faça algo pra vocês duas?

Madeleine lhe pediu para imprimir um anexo de um de seus e-mails, dando a ele sua senha para fazer isso, e Belle explicou que estava tão atrasada em tudo na escola que não fazia sentido correr para tentar alcançá-los. Só ficaria com eles enquanto fizessem a lição.

Elas ouviram os passos de Jack, ele batendo à porta no andar de baixo, a porta se abrindo, a voz de Denny.

Olharam uma para a outra.

– Você tem mononucleose com frequência? – Madeleine perguntou, embora já tivessem tratado do assunto antes.

Belle fungou, ignorando a pergunta. Os olhos se moviam pelo apartamento,

o pé batendo devagar.

– Então... – ela começou, virando-se para Madeleine. – Você e Jack, hein?

Desta vez, foi Madeleine quem não respondeu. Sentiu algo surgir, uma onda – do próprio orgulho, do próprio passado –, e se descobriu sustentando o olhar de Belle. Ela faria o que pudesse para ficar com Jack.

Belle percebeu isso, e torceu o lábio inferior de maneira pensativa.

Fez-se um longo silêncio – suspiros súbitos de Holly; a chuva lá fora; o tráfego, uma motocicleta acelerando... e mais silêncio.

Então, vozes no andar de baixo, e o som de Jack correndo escada acima.

Os passos ressoaram com rapidez, mas depois desaceleraram mais e mais, uma desaceleração quase cômica, como uma máquina que perdesse a corda.

Silêncio na escada.

Belle e Madeleine olharam para a porta, depois uma para a outra, e arregalaram os olhos. O silêncio lá fora continuou.

– O que ele está *fazendo*? – perguntou Belle. – Vestindo a roupa do Super-Homem?

E ocorreu a Madeleine que tudo poderia ficar bem entre elas. De alguma maneira, havia passado no teste de Belle.

A porta se abriu devagar e Jack entrou.

De início, Madeleine não notou a mudança. O foco estava nos papéis em suas mãos, e no fato de que ele se movia em direção a ela segurando uma única folha.

– Imprimi isso para você – ele disse, a voz um murmúrio calmo, os olhos em Holly, adormecida do outro lado da sala. – Percebi isso na caixa de entrada, e sabia que ia querer na mesma hora. Vi o nome Tinsels, então...

Madeleine agarrou o papel.

E, quando olhou para baixo, havia só três linhas.

Oi, acabei de encontrar isso na minha caixa de spam, e não te conheço, então você deve estar procurando outra Tinsels (quem diria que há mais de uma?). Estou avisando, assim você poder encontrar a certa. T.

Na cabeça de Madeleine havia um nó de confusão (como ela poderia ter se lembrado de um endereço incorreto?) e desapontamento (seu coração havia saltado no peito quando Jack mencionara o nome de Tinsels), além de raiva (por *aquela* Tinsels, pelo fato de ser a errada), e depois confusão de novo (tinha *certeza* de que o endereço de e-mail era aquele). Por fim, notou que algo mais não estava certo.

Levantou os olhos. Jack estava encostado no balcão da cozinha, os papéis numa das mãos e uma expressão curiosa no rosto.

Madeleine sentiu os batimentos cardíacos aumentarem em um ritmo de pânico enquanto a mente buscava uma explicação – e, quase no mesmo instante, descobriu o que era.

Seu e-mail para Tinsels estava logo abaixo da resposta.

Os olhos pousaram sobre as frases que ela havia escrito semanas atrás, e, enquanto fazia isso, soube que Jack as tinha visto.

Parado na escada lá fora, ele havia lido.

Desculpe ter demorado tanto tempo!, ela havia escrito para Tinsels. *Tem sido completamente BIZARRO!* Depois tinha reclamado da chuva, da umidade, do frio e dos feijões. Tinha contado que a vida ali era uma aventura de sobrevivência. Dissera também: *é como se estivéssemos num conto de fadas, presas numa porcaria de uma torre tentando transformar palha em ouro – só que, se fosse mesmo um conto de fadas, imagino que eu não diria porcaria, e saberia AO MENOS como usar uma roda de fiar, ou uma máquina de costura.*

Tinha acrescentado:

Devia ver só o que estou vestindo – combinações malucas de cores. É como

se estivesse VICIADA em cores, e sabe por quê? Porque estou desesperada por elas. Honestamente, não há cores aqui! Há uma melancolia – ela lembra as pinturas que Warlock costumava fazer quando tinha três ou quatro anos e usava qualquer tinta seca que tivesse sobrado no pincel e bastante água. Só saíam tons de cinza desbotado. É exatamente como é aqui. E isso inclui as pessoas – tipo, eu tenho aulas particulares com pessoas chamadas Jack e Belle, e eles são legais, claro, mas... sério, os dois são meio que vazios e sem colorido.

Suas mãos arrancaram o papel das mãos de Jack, como se pudesse deter as palavras com aquele gesto. Olhou para ele, balançando a cabeça.

– Não fiz por... – ela começou. – Não queria...

– Sim, você fez – falou Jack com um pequeno sorriso.

– Não era para você ver isso. Eu não...

Era ainda pior porque tinham de manter a voz baixa, contendo a conversa no nível dos sussurros.

– O que aconteceu? – perguntou Belle.

Seus olhos passaram de Jack para Madeleine, e dela para o papel na mão da garota. Ela o agarrou antes que Madeleine pudesse impedi-la.

Belle esquadrinhou a carta.

Depois a abaixou.

– Agora entendo – falou, quase para si mesma. Em seguida, sorriu para Madeleine: – Você se muda para a Inglaterra, então fica por aí sentindo pena de si mesma e xingando o lugar. É engraçado: nunca ocorreu a você que há pessoas neste mundo que podem achar Cambridge um lugar especial, talvez até *mais* especial do que uma princesa como você?

– Sei disso – sussurrou Madeleine com um tom de urgência. – Não sei nem o que dizer. Estou tão...

Uma expressão horrível, uma manifestação selvagem de ironia, substituiu o

sorriso de Belle, e ela falou num tom de voz quase tranquilo:

– Eu sei o que dizer. E é isto: todo esse tempo, achei que você era uma farsa e muito cheia de si, mas também acreditava que você era mesmo nossa amiga... amiga minha e de Jack. Que estúpida eu fui! Quer saber por que nunca li sua aura, Madeleine? Quer saber por que sempre dou desculpas para não fazer isso?

Ela vasculhava a mochila enquanto falava, movendo-se em direção à porta. A cabeça se inclinou para Jack, e ele largou os papéis na mesa de costura e agarrou a própria mochila.

Belle abriu a porta.

– É por causa da aparência dela – continuou Belle. – Ela nunca mudou uma única vez desde que a conheci, Madeleine, e quer saber como ela é?

Fez uma pausa.

– Ela é negra – completou. – Posso dizer honestamente que nunca tinha visto uma aura tão cheia de falsidade.

Depois, saiu porta afora.

Jack lançou um olhar para trás.

– Você não tem que comer feijão todo dia, sabia? – ele comentou. – Eles têm tortinhas congeladas de linguiça bem baratas no Sainsbury.

Sustentou o olhar por um instante, depois fechou a porta atrás de si.

O som dos passos foi sumindo pela escada e, à distância, a porta da frente se abriu e se fechou.

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

Na delegacia do xerife, Hector datilografava. A cada conjunto de *claques*,

parava e pressionava a palma das mãos contra a mesa, de maneira que a cadeira rolava para trás. A certa distância dela, girava de um lado para o outro, mascarando chiclete e refletindo. Depois sorria, impulsionava-se para frente com os pés e datilografava mais um pouco.

Em sua mesa, Jimmy sorvia goles de café, assoviando e folheando papéis.

O sol brilhava forte pelas janelas, iluminando a poeira e provocando um estado de espírito alegre.

Um *claque* final, e Hector removeu o papel da máquina, acrescentando-o à pequena pilha na mesa.

Arrastou as rodinhas da cadeira para o lado agora, deslizando até Jimmy e lhe entregando todo o conjunto.

– Divirta-se – recomendou, e se afastou com um sorriso.

– É *isto* que você estava fazendo? – Jimmy balançou a cabeça negativamente, folheando as páginas. – Isso não tem fim, Hector. Tem certeza de que não tem nenhum resquício de Vermelho preso na manga?

Hector o ignorou.

– Leia – ele disse. – É uma carta.

– Estou vendo o que é.

Jimmy podia ser áspero como uma casca de árvore de vez em quando. Suspirou e começou a ler.

Para o justo, honorável, esplêndido e harmonioso

Comitê de Seleção do *Tour* Real

Caros senhores e senhoras

Bem, é verdade que há poucas semanas restantes do *tour* das Princesas Irmãs pelo Reino.

Também é verdade que o que estou prestes a pedir não é algo tão comum assim.

No entanto, aqui estou eu, pedindo.

E se as Princesas Irmãs pulassem a parte do *tour* em Ponta Serrilhada e, em substituição, voltassem às Fazendas, para visitar outra cidade daqui?

A cidade que eu sugiro obter essa honra é: Fogueira.

Por mera coincidência, Fogueira é também minha cidade.

Talvez vocês reconheçam o nome, pelo fato de que já nos candidatamos para a seleção. Talvez também se lembrem de que não tiveram a chance de parar aqui, já que um ataque Cinza de quinto nível chegou na mesma hora que vocês.

Mas acho que deviam reconsiderar e voltar mais uma vez!

Os motivos pelos quais sugiro tal coisa são convincentes. Ei-los:

1. Sem ofensa, mas os ponta-serrilhanos podem ser bastante sarcásticos em relação à Família Real. Não estou falando apenas dos Hostis; todo o pessoal da cidade se acha melhor que a Realeza, mesmo pessoas que são, a princípio, bem legais. Sem desrespeito aos serrilhanos, mas eles têm excesso de educação formal, e isso mexe com a cabeça deles.

2. Portanto, por que colocar as Princesas Irmãs frente a frente com esse tipo de atitude? Por que não desviar o itinerário oficial, uma vez que tenho certeza de que nossas queridinhas reais vão ficar ATÉ AQUI com a zombaria, e então passar nas Fazendas para nos visitar?

3. Por mais charmosa que Carrinho de Maçã seja, de jeito nenhum alguém em Fogueira ia queimar uma torta de batata-doce. Ao saber o que aconteceu quando a Família Real passou por lá, quase fiquei de cama por uma semana (quase... mas não fiquei, na verdade). Parece-me que as Fazendas merecem uma chance de se redimir. (Talvez seja demais chamar uma crosta de torta queimada uma catástrofe, mas aqui nas Fazendas há pouca coisa que temos

em mais alta conta do que quitutes assados). (Exceto o cultivo agrícola, imagino.) (E a Família Real. Mas isso nem é preciso mencionar.)

4. As Princesas Irmãs queriam ver nossa pirâmide de abóboras! Eu li na coluna real!

5. É verdade que nossa pirâmide de abóboras se desmantelou desde então (condições climáticas; o processo de decomposição costumeiro da natureza etc.); no entanto, agora temos outra novidade aqui e podemos dizer que é ainda melhor. Vou dar às Princesas Irmãs uma nova atração.

6. A Criança-Borboleta!

7. Sim, como vocês podem ter lido nos jornais e tudo o mais, a Criança-Borboleta está BEM AQUI em Fogueira.

8. Nossa Criança-Borboleta foi capturada em seu jarro por um habitante de nome Elliot Baranski.

9. Por que menciono isso? Bem, porque Elliot Baranski pode ter apenas quinze anos, mas é uma lenda por esses lados, e alguns poderiam até dizer que ELE é um motivo adicional para as Princesas Irmãs nos visitarem.

10. Eis por que Elliot já alcançou tanta fama, apesar da pouca idade, além de ser conhecido como um belíssimo jovem e detentor de um coração gentil, embora sensato, e de ter um excelente senso de humor, e fazer uma das melhores tortas de noz-pecã e o mais saboroso *muffin* de mirtilo da província – o que mais ele realizou? Bem, ele tem sido o capitão da equipe de destrobol local, levando-os até a final das províncias deste ano (eles não ganharam, mas

vocês não podem botar a culpa em Elliot por isso); suas notas, ouço dizer, vão de boas a excelentes, com deslizes ocasionais para medianas, mas estas podem ser perdoadas. Além disso, ele sofreu uma séria tragédia pessoal um ano atrás, na qual perdeu o tio e o pai (além da professora de Física da escola secundária – embora deva dizer que não acho que Mischka Tegan fosse na verdade professora de Elliot; ela dava aula para séries mais graduadas. No entanto, a perda de QUALQUER professora repercute na escola toda) num ataque Roxo de terceiro nível, mas mesmo assim continuou a ser um garoto bem bacana; e, como mencionei, pegou a Criança-Borboleta, mas não mencionei ainda que ele quebrou o tornozelo ao se assegurar de pegá-la, o que mostra bem quem ele é. Esse é o tipo de sacrifício pessoal que Elliot Baranski pode fazer se necessário, quero dizer.

11. Portanto, acredito que as Princesas Irmãs iriam gostar de conhecê-lo e lhe dar uma medalha, talvez, ou ao menos um tapinha nas costas por ser um ótimo cidadão celliano. A melhor maneira de fazer isso seria, é claro, vir até Fogueira.

Os onze pontos acima me parecem excelentes.

Os fatos são: somos uma cidade de vida boa, organizada e limpa, com pessoas humildes e trabalhadoras; este último ano foi duro para nós devido ao fracasso das plantações (como foi para a maioria das Fazendas, é verdade, mas tenho a sensação de que foi especialmente duro para Fogueira, e a Criança-Borboleta não reverteu ainda o problema, o que é estranho, mas todos temos mantido a calma e a paciência quanto a isso, e, apesar de seu excesso de sono e da lentidão quanto ao efeito sobre as plantações, as Princesas Irmãs vão AMÁ-LA!).

Por fim, vocês devem ter ouvido que eu mesmo fui pego em pleno ataque

Cinza de quinto nível, aquele que os impediu de parar em nossa cidade, mas asseguro que isso não prejudicou em nada minha capacidade de atuar como xerife; que, como resultado, as coisas não sofreram deslize nenhum aqui em Fogueira. Pelo contrário, isso apenas serviu para ampliar minha percepção do perigo, o que, quando se pensa a respeito, é algo muito bom para um xerife.

Bem, obrigado por dispor de seu tempo ao ler esta carta.

Aguardo a resposta com ansiedade.

Com grande afeição e esperança,

Hector Samuels,

Xerife do condado

Fogueira, Fazendas

Jimmy levantou os olhos da carta como alguém que olhasse por sobre os óculos para uma criança bem-intencionada, mas de temperamento difícil.

– Isso vai convencê-las, não vai? – Hector perguntou.

– Não – respondeu Jimmy. – Duvido.

Ele ignorou os gritos de protesto de Hector, passando os olhos pelas páginas de novo. Por fim, levantou os olhos mais uma vez.

– É uma boa carta, Hector, embora não saiba se “nossas queridinhas reais” é uma expressão adequada – falou. Depois, coçou a nuca. – Você não acha que seria melhor tirar esse pedaço sobre Elliot? Não é... como se tirasse vantagem da situação dele?

– Não. – Hector pegou de volta a carta e arrastou a cadeira de volta à sua mesa. – Elliot vai *amar* quando a família real estiver na cidade!

Jimmy riu e voltou para seu trabalho. Esticou a mão para pegar uma mexerica e fincou as unhas nela para tirar a casca.

– Sabe no que estou trabalhando de novo? – ele comentou com Hector. – Naqueles cinco relatórios de pessoas desaparecidas. Aqueles que a Inteligência Central enviou. Ainda me deixam perplexo. Os cinco.

– Hum... – Hector ficou pensativo. – Eu escrevendo cartas para comitês do *Tour Real*, você analisando casos de pessoas desaparecidas para a Inteligência Central. É de perguntar: como conseguimos fazer *algum* trabalho policial de verdade por aqui, não é mesmo?

Jimmy fez uma pausa e cuspiu uma semente de mexerica, parecendo igualmente pensativo.

– Bom, é sábado – ele começou, mas nesse momento a porta se abriu com um ruído estridente e ambos se endireitaram nos assentos.

– Aqui vamos nós – falou Hector, esfregando as mãos uma na outra. – Trabalho policial.

Mas era apenas uma visita dos Twickleham, que tinham vindo se inscrever para receber dinheiro do Fundo de Danos do Ataque Vermelho.

A placa da oficina deles havia sido chamuscada quando o ataque Vermelho de segundo nível (gradação 2b) tinha passado, disseram eles, e duas janelas haviam se quebrado quando alguns passantes, enfurecidos pelo Vermelho de quarto nível (gradação 8a), tinham arremessado martelos uns nos outros e errado o alvo.

Hector passou a discutir os detalhes com os Twickleham adultos, enquanto Derrin se sentava no carpete. Ela sempre usava uma bolsa de couro no ombro com uma borboleta na frente, a qual ela abriu, tirando de dentro um estojo de lápis. Nele havia uma fileira de quadradinhos de plástico que soletravam seu nome: D E R R I N, e era decorado com adesivos de borboleta. Ela tirou também um caderno da bolsa e um marca-texto verde do estojo, e começou a desenhar.

O formulário foi preenchido em alguns minutos, e Hector o acrescentou à pilha, saindo de trás da mesa para se despedir. Jimmy também se levantou de maneira educada.

– Jimmy ou eu passaremos em um dia ou dois para conferir os danos –

Hector avisou. – Mas me parece que está tudo certo. Ainda assim, o que estão achando de Fogueira? Fora as chamas voadoras e os martelos arremessados, quero dizer!

Os Twickleham riram, e Derrin levantou os olhos do desenho.

– Ah, bem, é como uma foto de uma cidade! – exclamou a sra. Twickleham.

– A praça é de excelentes proporções – concordou o marido. – E os Jardins são um lenço para a alma.

– Os moradores têm tratado vocês bem? – continuou Hector. – Eles lhes deram as boas-vindas adequadas a Fogueira?

– Sim, com certeza! – começou a sra. Twickleham. – Com frequência tomamos chá com a professora da escola primária de Derrin! Olivia Hattoway, ela é uma pombinha! Talvez você nos tenha visto juntos na praça. Quanto a...

– Se quer mesmo saber – disse o sr. Twickleham, a voz rude.

A esposa tocou-lhe o ombro.

– Não agora – ela murmurou gentilmente. – Não vamos incomodar essa boa gente com essas coisas.

Derrin continuou desenhando. A imagem era completamente verde: um vento verde soprando por um campo verde, um homem verde e uma mulher verde, cada um com lágrimas verdes e bocas verdes em uma linha triste.

– As pessoas aqui *não* estão tratando vocês bem?

– Ah, você nos avisou – suspirou o sr. Twickleham. – São os jovens, os amigos de Elliot Baranski. Eles encontram maneiras de nos afastar. Nada de que possamos reclamar *de verdade*, mas ao menos em uma dúzia de ocasiões eu os vi abordar clientes prestes a entrar em nossa loja.

– E os panfletos que fazemos – acrescentou a sra. Twickleham, olhando para o marido. – Para anunciar nossas ofertas especiais e coisas assim. Nós os

colocamos embaixo dos para-brisas dos carros, mas toda vez, dentro de meia hora, eles sumiam. Surrupitados pela brisa, pensei de início, e estava maluca, mas então vi um desses jovens... acho que era Cody... juntando todos e jogando-os fora!

– Coisas deste tipo – concordou com a cabeça o sr. Twickleham. – Poderíamos dar uma revoada de exemplos, mas ia parecer mesquinha! Quanto ao pobre jovem Elliot Baranski... por que ele está ali agora?

Ele apontou em direção à janela, e tanto Hector como Jimmy se assustaram. Em seguida, todos os olhares se voltaram ao outro lado da rua, para o pátio do colégio. Estava vazio, pois era sábado, mas lá, realmente, encontrava-se Elliot Baranski.

– O que é esse estranho e desastroso dispositivo que ele investiga? – exclamou o sr. Twickleham.

– É uma escultura – Jimmy sorriu. – Foi Cody quem fez. É minha TV velha em cima dela. Ela estava quebrada, então Cody a usou para a escultura.

– Uma máquina televisual quebrada – suspirou a sra. Twickleham. – *Poderíamos* ter consertado para você, Jimmy. Somos bons com eletrônicos, você sabe. Quanto a...

Mas a voz dela sumiu, e ela voltou a atenção para Derrin, ainda no chão.

– É claro que são bons com eletrônicos – Hector concordou com vigor. – É por isso que têm uma oficina de aparelhos eletrônicos!

– Ah, minha pequena Derrin. – A sra. Twickleham estava agachando. – Não somos tão tristes quanto esta sua imagem representa, meu caracol açucarado. Vai dar tudo certo, eu prometo.

Derrin ajeitou o cabelo atrás da orelha. Em seu rosto de fada, os olhos eram grandes e não piscavam. Ela os moveu pela sala, de pessoa para pessoa, até pararem em Hector. Entregou a ele a imagem em verde.

– É para mim? – ele exclamou. – Nossa, é tão bonito! Vou colocar aqui na

parede. Espere! Não vou não. – Com um floreado, esticou a mão para a própria mochila, que estava no chão, encostada à mesa, e apontou um quadrado de plástico na frente dela. – Tenho um espaço bem aqui, como aquele em que você colocou seu nome no estojo de lápis! Mas o meu é do tamanho certo para esta imagem! – Ele enfiou a imagem de Derrin dentro da capa plástica. – Agora posso carregar sua obra de arte para qualquer lugar aonde eu for!

Derrin parecia genuinamente ter esquecido Hector enquanto ele falava com entusiasmo sobre a obra de arte dela e onde colocá-la. Ela já havia guardado o estojo, e agora estava de pé, ajustando as correias da bolsa no ombro.

Os Twickleham sorriram de maneira agradecida e um tanto constrangidos para Hector e Jimmy.

– Os negócios vão melhorar – a sra. Twickleham disse. – Tem a Feira de Negócios de Fogueira chegando, e temos planos para uma barraca, que vamos construir no formato de um *aparelho eletrônico* de algum tipo! Seja como for o vento, vamos deixá-la bem bonita. E faremos assados deliciosos para ofertá-los de graça, junto com cupons para um “conserto grátis”. São as ideias aladas que temos! E vão nos salvar. A feira vai nos salvar.

– A feira vai nos salvar – concordou o sr. Twickleham. – E, enquanto isso, Jimmy – ele apontou de novo para o pátio do colégio e para a escultura; Elliot parecia estar inclinado sobre ela –, e se eu pegasse sua TV quebrada e a consertasse para você?

Jimmy inspirou pelo nariz e estalou a língua.

– Sabe o que eu acho? Talvez essa *não* seja a solução para os seus problemas na cidade – ele disse.

– Ah, os garotos vão parar com isso – Hector completou. – Dê tempo a eles. São leais demais, esse é o problema, mas nesse caso estão um pouco confusos sobre o que é lealdade. Vou falar com eles a respeito, pode deixar.

Os Twickleham agradeceram, ao mesmo tempo exclamando que não devia se preocupar em fazer tal coisa, depois abriram seus sorrisos gentis, e a porta para a delegacia se fechou atrás deles.

Jimmy e Hector os observaram pela janela por um instante.

– Triste – murmurou Hector.

Jimmy deu de ombros.

– A feira *pode* salvá-los – ele disse. – Mas, enquanto isso, querem deixar a escultura de Cody em pedaços? *Com certeza* isso não vai ajudar a melhorar a situação.

Hector riu, e ambos voltaram para as respectivas mesas.

No pátio vazio, Elliot encontrou outra carta da Garota do Mundo. Sentou-se num banco para lê-la ao sol.

Caro Elliot Baranski,

Sua última carta foi doida e gostei disso, então lembrei que você me avisou sobre o fato de um “Vermelho” poder bagunçar a mente das pessoas – o que me fez gostar dela ainda mais.

Porque foi muito inteligente.

Sei que sua carta não deveria fazer sentido – a lava, as pinhas e coisas do tipo –, mas quer saber? Uma coisa que você disse, você acertou em cheio: “É você quem está de olhos fechados!”.

Você colocou em letras maiúsculas na verdade, talvez pensando que seria uma mensagem do universo boa o suficiente para eu notar. Mas não. Apenas continuei fechando os olhos, e agora é tarde demais.

Acho que há coisas que uma pessoa não vê, mesmo com os olhos abertos. Tipo, você notou que há mais cores do que percebemos? Temos o punhado que vem do arco-íris, mas, fora essa gama, há outras. Logo além do violeta, há o ultravioleta, e, na outra direção, além do vermelho, o infravermelho, e eles ESTÃO lá, mas nossos olhos não podem vê-los.

Cascavéis conseguem enxergar o infravermelho, e pássaros podem ver o ultravioleta. Alguns pássaros têm até desenhos nas penas que só outros pássaros podem ver, porque estão em ultravioleta.

É para fazer a gente pensar, não é?

Isso me faz pensar especificamente em como você pode andar com outra pessoa por semanas e meses sem ver os desenhos lindos que ela tem nas penas, e, quando finalmente os vê, percebe que as retalhou em pedacinhos.

Então, ela voa para longe com suas penas em frangalhos.

Isso foi meio mórbido, eu sei, mas é que a minha metáfora ficou um pouco estragada também, então vamos deixar por isso mesmo.

Embora esse lance todo de cor me faça pensar: vocês têm “Cores” invisíveis no seu Reino também? Cores além da capacidade da visão, de maneira que elas atacam, mas vocês não conseguem vê-las chegando? Tipo: Cores que podem fazer pedacinhos de alguém no meio da noite? Você devia pensar em inventar alguma coisa assim.

Tchau.

M. T.

P.S.: O lance UV me fez me perguntar: os observadores de pássaros têm visão UV? (Fico muito confusa pensando sobre como o ultravioleta pode ser uma cor e queimar a pele da gente.) (Será que os desenhos em UV na asa dos pássaros queimam o céu?)

P.S. do P.S.: Estou perguntando isso porque você parece ser alguém que saberia a resposta para perguntas relacionadas a observação de pássaros.

P.S. do P.S. do P.S.: Certo, tive uma ideia. Quer se encontrar comigo? Sei que você pode ser um velho louco; não se encontre comigo se for. Ou, para o caso de SER, o encontro pode ser num local movimentado e em público. Mas ACHO que você é jovem e normal, não é?

Elliot respondeu mais tarde naquele mesmo dia.

Cara M. T.,

Veja, o lance é: não posso me encontrar com você, porque não posso ir até o seu Mundo, porque estou aqui no Reino de Cello.

Devo ter mencionado esse fato uma ou duas vezes antes.

E é verdade que há uma fenda que permite a passagem de nossas cartas, mas com certeza ela não é grande o suficiente para pessoas. Não houve mais nenhuma fenda tão grande assim em mais de trezentos anos.

Queria poder ajudá-la, porque você parece triste com esse negócio de penas retalhadas dos seus amigos e de querer ver cores que não estão lá, e de ler mensagens “do universo” na minha carta sobre um ataque Vermelho de quarto nível.

Desculpe por essa carta. Posso garantir: não havia nenhuma “mensagem” ali, só loucura.

Tenho certeza de que seus olhos ficam abertos em todos os momentos certos.

Que mais?

Certo. Parece, para mim, se é que estou lendo direito, que há um garoto de quem você gosta, e você não percebeu o quanto gostava dele até agora, mas no momento é tarde demais porque você fez algo que o machucou e ele caiu fora?

Ah, é só dizer a ele que você lamenta, e ele vai voltar

atrás. É bem provável até que ele já tenha se esquecido do problema – as garotas estão sempre imaginando coisas que passam na cabeça dos garotos, mas na verdade elas já foram embora há muito tempo. Somos mais durões do que vocês pensam – e mais esquecidos também.

Falando por mim mesmo, se você estivesse toda arrumada, com o cabelo reluzente, e houvesse um brilho em seus olhos e você dissesse *desculpe*, e soasse como verdadeiro, e depois me beijasse na boca e deixasse a mão escorregar para baixo da minha camiseta, de maneira que ficasse nas minhas costas, bem... tenho certeza de que perdoaria e esqueceria.

(E, se interpretei mal o que li na carta e estou completamente enganado a respeito disso tudo, a culpa é sua. Você é enigmática demais.)

De qualquer forma, como falei, não há um jeito de atravessar a fenda. E, para ser sincero com você, não estou muito a fim de me arriscar e contrair a peste.

Mais uma coisa.

M. T.: É ótimo me corresponder com você, mas talvez você pudesse dar um tempo nesse papo sobre Cores.

Fique bem,

Elliot

P.S.: Não posso ajudá-la com essa sua pergunta sobre observação de pássaros, principalmente porque não faço

a mínima ideia do que está falando. Sem ofensa.

Clover Mackie, costureira da cidade, estava sentada na varanda preenchendo palavras cruzadas. De tempos em tempos, ela se remexia para pensar numa resposta, os olhos examinando a praça.

Lá estava Elliot Baranski, ao sol de uma quinta-feira à tarde, à porta do restaurante Le Petit, entregando uma grande caixa de papelão. Ele correu pela praça até onde a caminhonete estava parada e saiu com outra caixa, desta vez entregando-a na mercearia. Pela terceira vez, apressou-se para a caminhonete, gritando um *Oi* para um amigo na padaria e saltando no caminho para tocar a calha do Pub Cogumelo com os dedos enquanto passava.

Agora, estava na praça de novo, uma caixa menor embaixo do braço esquerdo, e contornava a cerca de paliçada de Clover, abrindo o portão e pulando pelos degraus da escada, até chegar à varanda.

– Você parece feliz – Clover comentou. – Mas primeiro me diga: que palavra de oito letras é sinônimo de *tímido*? E depois me diga se tem tempo de se sentar, tomar um café e comer um *croissant* saído do forno para compartilhar um pouco dessa alegria comigo.

– Sinônimo de *tímido*? Não faço ideia – respondeu Elliot. – Espere aí, oito letras? *Acanhado*. Morreria por um dos seus *croissants*, Clover, mas vou me encontrar com Kala a qualquer instante.

– Ah, isso explica o bom humor – falou Clover. – Ela é uma garota gentil, sua Kala, não é?

– É sim – concordou Elliot. – Muito mais que isso, pra falar a verdade. Só estou fazendo umas entregas de framboesas, e temos algumas extras para você.

Ele colocou a caixa de papelão sobre a mesa.

– Ali está ela – falou Clover, apontando para o outro lado da praça com uma das mãos e segurando uma framboesa com a outra – Parecem deliciosas!

Como vão as coisas com você, Kala? – ela gritou.

Ambos observaram Kala se aproximar do portão, sorrindo para os dois.

– Na verdade, as coisas estão meio que ótimas, Clover. Acabei de receber a notícia. – Kala voltou seu sorriso para Elliot, as mãos roçando as madeiras da cerca. – Adivinha o que aconteceu?

– Não consigo adivinhar.

– Ganhei a bolsa para o Colégio Demshield.

Elliot esticou a mão até a caixa de framboesas.

– O colégio interno em Velhus Excentricus?

– É o melhor colégio de lá.

– Não sabia que tinha feito a inscrição.

Elliot examinava um punhado de framboesas.

– Sabia sim. – Kala sorriu de volta. – Bem, você sabia que esse era meu plano, pelo menos.

– Verdade – ele concordou. – Quando começa?

– Daqui a algumas semanas! É uma oferta de terceira chamada, por isso é tão de última hora. Não fui inteligente o suficiente para entrar nas duas primeiras. Mas mesmo assim está bom; é uma bolsa integral.

– Veja só... – disse Elliot, a voz baixa e calma, devolvendo as framboesas à caixa. Acenou com a cabeça para Clover, saltou os degraus e colocou um braço em volta do pescoço de Kala, beijando-lhe o topo da cabeça. – Não foi inteligente o suficiente... – murmurou. – A garota mais inteligente de todo o Reino, isso é o que você é.

Alguns dias depois, a Garota do Mundo escreveu de novo.

Ei, Elliot,

Você conhece o poeta Byron? Ele saiu para andar a cavalo na chuva, mas estava gripado e acabou morto.

De qualquer maneira, havia um outro poeta. Tennyson era o nome dele,

e ele só tinha quinze anos na ocasião. Era um grande fã de Byron – imagino que os poetas eram os astros de rock da época –, e o dia em que soube que ele havia morrido, perdeu totalmente o controle.

Ele falou sobre isso depois. “Byron tinha morrido!”, ele disse. “Pensei que o mundo todo fosse acabar. Achei que tudo estivesse encerrado e terminado para todos – que nada mais importava. Lembro que andei sozinho e esculpi ‘Byron está morto’ no arenito.”

Vou lhe dizer o que vi nos olhos do meu amigo Jack, quando ele saiu pela porta do meu apartamento depois de eu tê-lo magoado.

Vi que algo havia morrido.

Sua imprudência, sua esperança, a poesia dentro dele.

“Byron está morto”, pensei, “e tudo está encerrado e terminado”. Acho que o que quero dizer é: não acredito que pentear meu cabelo e deixá-lo reluzente vá consertar isso.

Por que você não me insere na sua história? Dê um papel para eu representar no Reino de Cello, porque pareço ser inútil por aqui.

M. T.

Ei, M. T.,

Vocês aí morrem se montam a cavalo e estão com gripe?

Precisam arrumar médicos melhores.

Triste essa história, mas acho que não é tão ruim quanto parece, garota. Aposto um dos nossos marmeleiros que vai ficar tudo bem se você se desculpar.

Elliot

Caro Elliot Baranski,

Você se lembra de uma vez em que falei sobre como resolver

problemas?

Eu comentei que era muito fácil e lhe dei, tipo, sugestões?

Há-há.

Hoje eu estava lendo sobre Isaac Newton (de novo), e acontece que eu estava totalmente errada.

Certo, Newton tinha essa obsessão com luzes e cores – como elas funcionam, como seus olhos percebem o colorido, esse tipo de coisa – e queria entendê-las. (Sei que me pediu para parar de falar sobre cores, mas por quê? Gosto delas.)

Bem, ele fez todas essas coisas simples para solucionar problemas – ele pensou a respeito, anotou, provavelmente até disse à mente sonhadora dele que decifrasse as coisas.

Mas você sabe o que mais ele fez?

Ele encarou o sol.

Olhou diretamente para ele.

Ele o encarou por tanto tempo, que quase ficou cego. Teve de se sentar num quarto escuro por três dias para curar a visão. Essa história é real.

Além disso:

Ele enfiou uma AGULHA na lateral do olho. Uma agulha gigantesca – era chamada de punção –, e na verdade a enfiou na extremidade do olho e a moveu para ver que efeito teria na visão.

Entende o que estou querendo dizer aqui?

Acaba sendo que, se você realmente quer entender as coisas, você tem que olhar direto para o sol e enfiar uma agulha no olho.

Isso pode deixá-lo cego, e doer pra caramba, mas ao menos vai ser a verdade.

Tipo, talvez, se você não consegue entrar em contato com sua família ou amigos, é porque eles não QUEREM saber de você; e, se você tiver perdido as pessoas que ama, talvez tenha sido sua culpa.

M. T.

No final da tarde, a mãe de Elliot o observou chegar pedalando à entrada, estacionar a bicicleta e se juntar a ela na varanda.

Ela estava sentada no degrau de cima debulhando ervilhas e inclinou o chapéu de palha para Elliot como cumprimento.

Elliot sentou-se ao lado dela, agarrando uma vagem e começando a trabalhar.

– Recebi outra carta – ele disse.

– Posso ler?

– Ah. – Elliot ajustou a posição do balde de vagens um pouco. – São só palavras.

A mãe aceitou a resposta. Estalou a ponta de uma vagem.

– Ainda está sendo cuidadoso, não está? – ela perguntou. – Vendo direitinho se não tem ninguém por perto quando procura as cartas dela?

– É sábado. Não tinha ninguém por perto.

– A delegacia do xerife é logo do outro lado da rua. Tudo que ele precisa fazer é olhar pela janela.

Elliot segurou um punhado de ervilhas embaixo da luz.

– Algumas destas parecem perfeitas – respondeu. Então, depois de um momento: – Realmente acha que Hector me entregaria?

– Elliot, meu belo garoto, não tenho certeza de que você entenda a seriedade desse tipo de coisa. Hector seria *obrigado* a entregá-lo; ele não teria escolha.

Elliot deu de ombros.

– Acho que nossa troca de cartas está no fim. Pode parar de se preocupar. – Esboçou um sorriso. – Se Hector me vir no pátio da escola da janela dele, o que ele pode fazer? Vai me prender por ter um interesse anormal por esculturas?

Petra lhe devolveu um meio sorriso, mas fez um ruído de desaprovação ao

mesmo tempo.

– Viu Kala hoje? – ela perguntou.

Elliot fez que sim com a cabeça.

– Quando ela vai embora, afinal?

– Semana que vem.

– Parece tão repentino – a mãe comentou. – Vai sentir falta dela, não vai?

Elliot coçou a nuca. Levantou-se, indo da varanda para a janela da frente.

– Acho que vou entrar por um instante. – Ele pegou a mochila. – Recolhi um pouco de casca de plátano para tentar animar a Criança-Borboleta. Parece que tem um gosto bom. Quem poderia imaginar? Ela está lá dentro agora?

Olhou para a penumbra na sala de estar. Havia a lareira, os sofás, a casa de boneca – mas algo estava estranho. Havia uma cadeira de cozinha ao lado da casa de boneca, e – pressionou o rosto contra a janela – uma pessoa estava sentada na cadeira.

– É Corrie-Lynn – disse a mãe, ainda debulhando ervilhas. – Ela aparece de vez em quando. Só fica ali sentada ao lado da Criança-Borboleta.

– Não sabia disso.

Elliot bateu no vidro. Lá dentro, Corrie-Lynn mudou de posição na cadeira e se virou para ele.

Mas voltou à posição anterior quase no mesmo instante.

Elliot arqueou uma das sobrancelhas.

– Ela não está falando comigo?

Ele se sentou ao lado da mãe de novo e esticou a mão para o balde de vagens.

O sol deslizava céu abaixo, a luz cintilante em sua direção. Petra levantou a cabeça, piscou e a abaixou de novo.

– São seus amigos. Corrie-Lynn está brava com você por causa do que eles têm feito com os Twickleham.

Elliot levantou a cabeça e foi atingido pelos raios de sol. Protegeu os olhos com a mão.

– Meus amigos não estão fazendo nada com os Twickleham – ele disse.

– Ah, você sabe exatamente o que quero dizer. Eles os estão levando à falência, Elliot. Com as coisas do jeito que estão, ninguém tem dinheiro sobrando para consertar aparelhos eletrônicos, então eles já começaram com o pé errado. Os Twickleham podem acabar deixando a cidade. Perderemos o aluguel da oficina, o que já é preocupante, mas, mais importante que isso: Corrie-Lynn vai perder sua amiguinha.

Elliot apertou os olhos. Os campos se iluminavam em tons prateados e dourados, as cercas se tornando tímidas e escuras em meio a toda aquela luz mágica. À distância, a estufa parecia praticamente uma explosão estelar.

– Uma pena ela perder a amiga – ele comentou. – Mas, se tiverem que partir, bem... – deu de ombros

– Elliot – Petra parou, serenou o semblante e tentou de novo. – Elliot, não é culpa dos Twickleham ocuparem a oficina do seu pai.

– Com certeza é culpa deles – Elliot respondeu com calma.

Petra depositou as ervilhas no balde de vagens, depois as colocou de novo na vasilha de ervilhas.

– Certo – ela falou, a voz adquirindo uma nova entonação. – Certo, eis a situação como eu a vejo. Sobre seu pai, quero dizer...

Elliot ficou imóvel. Fechou os olhos.

Sua mãe continuou:

– Na minha opinião, há duas possibilidades. Uma é que os três estavam na caminhonete branca, e o ataque Roxo matou seu tio Jon e levou seu pai e Mischka Tegan.

Havia uma vagem na palma da mão de Elliot.

– Quanto a essa versão – prosseguiu a mãe –, sei que o xerife acredita nela,

mas, escute: o que os três estavam *fazendo* na caminhonete? Atravessando a Rua dos Acres para vir para cá? No meio da noite? E por que iam querer vir para cá? Como não encontraram nenhum... vestígio do seu pai ou da professora, o que seria o mais comum numa situação dessas?

Ela sentiu que Elliot voltava a se mover e falou ainda mais rápido:

– Eu sei, Elliot, eu sei... O ataque Roxo os arrastou para uma caverna em algum lugar e os mantém prisioneiros agora. Mas, querido, o Roxo que pegou seu tio Jon, ele parecia paciente para você? É cruel de minha parte perguntar isso, você tendo visto o que viu. Mas é a verdade. As chances de aquele Roxo em particular carregar alguém por todo o caminho até a caverna, bem... as chances me parecem tão pequenas quanto...

Ela esticou a mão para pegar uma vagem que não estava madura e a esmagou, segurando as sementes que mal haviam se formado.

– São mínimas – ela disse.

Elliot protegeu os olhos com a mão de novo. O vento varria as folhas. Ao longe, o vulto de um cervo passou por uma árvore.

– A segunda possibilidade é que seu pai e a professora tenham fugido juntos, e Jon trazia a caminhonete para casa para nos avisar, quando o Roxo o pegou – Petra continuou, debulhando as vagens rápida e cadenciadamente. A voz havia mudado de novo, e fez Elliot se lembrar de como ele mesmo lia os relatórios da legista. Ela se afastava dela mesma, como se falasse ao lado, como se não estivesse realmente ali. – Quanto a essa possibilidade, bem, sei que não fizeram malas nem planos – ela falou. – Nem levaram nada de especial. Também não movimentaram a conta bancária. Mas, escute, Elliot.

A brisa da noite se intensificou. À distância, uma caminhonete mudou de marcha.

– Seu pai era uma pessoa incrível, ambos sabemos disso. Mas também sabemos que ele sempre foi um... aventureiro. Ele e Jon fugiram para

conhecer Cello quando ainda estavam na escola! Quase mataram os pais de preocupação. E ele sempre foi alguém que partia corações também. Ninguém acreditou, nem por um instante, que ele fosse ficar comigo tanto tempo; eu mesma estou entre essas pessoas.

Elliot encarou a mãe.

Ela mantinha a cabeça curvada, desviando dos raios de sol.

– Sim, estou entre essas pessoas. Sabia que ele não ficaria, Elliot. Ele flertava com outras quando a gente se casou. Parou quando você nasceu, mas foi por sua causa. Nos últimos tempos, no entanto, você estava crescendo, então imagino...

Ela se mexia um pouco enquanto falava, mudando de posição e ajustando o chapéu, ora inclinando-o para a frente, ora levantando-o, conforme a posição do sol.

– Aquela professora, aquela professora de Física, ela era muito bonita, além de brilhante. Era interessada no tipo de assunto que seu pai gostava: aparelhos eletrônicos e coisas assim. Eles iam ao *pub* juntos praticamente todas as noites, e ele chegava em casa cada vez mais tarde. A cidade toda estava falando, Elliot. Era só...

Ela reteve a respiração, lutando com uma vagem por um momento, mas depois a quebrou com força.

– Era só uma questão de tempo. Quanto a ele não fazer as malas, bem, ser espontâneo é bem o jeito do seu pai, Elliot. Você sabe disso também.

Ela parou e soltou uma risada leve.

– Ele *levou* a lupa.

– Você sabia disso? – Elliot perguntou.

– E, quanto a não movimentar a conta bancária – ela continuou –, Elliot, se uma pessoa quer começar do zero, se a pessoa não quer ser encontrada... essa pessoa vai achar um jeito.

Fez-se um silêncio poderoso. A voz de Petra ganhou um vigor urgente.

– Você tem que parar de fazer essas viagens – ela disse. – Sei que só está esperando a Criança-Borboleta partir para ir embora de novo. Deixei você ir porque sabia que era algo que precisava fazer... para si mesmo. Bem, talvez eu tivesse esperança também... Queria que essa minúscula chance fosse verdade. Mas você *não pode* colocar sua vida em risco de novo. Nem mais uma vez.

Ela estava à beira das lágrimas.

– Ele o amava muito, Elliot. Você sabe que ele é um maluco, não sabe? Que *ele* cometeu um erro terrível ao deixá-lo para trás; que, esteja onde estiver, ele sente uma saudade enlouquecedora de você, e que nada disso é sua culpa, porque...

Porém, Elliot não a ouvia mais.

Encarava com firmeza o brilho do sol. A mão estava no bolso, torcendo a carta da Garota do Mundo.

Dois dias depois, outra carta chegou.

Ei, Elliot,

Você não respondeu a minha última carta, algo pelo que não o culpo, porque foi um tanto melodramática, não foi?

Estava pensando agora, falando sério: por que você tem medo de se encontrar comigo? Deve ser porque é um velho louco ou porque é tímido, certo?

Então, decidi não lhe dar nenhuma escolha. Vou estar em Parker's Piece, parada embaixo do poste de luz, neste domingo, às duas da tarde.

Sinceramente, não me importo com a sua aparência – apenas seria legal conversar, porque gosto das suas histórias. Pode parecer muito estranho, mas o fato é que você, tipo, é meu único amigo.

Meu amigo imaginário é meu único amigo. Há-há.

Bem, vou estar segurando um livro sobre Isaac Newton e usando uma faixa de cabeça preta e branca. Não vai ter como não me notar.

Vejo você lá,

M. T.

M. T.,

Faça como quiser.

Elliot

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

12

Parker's Piece é uma enorme praça com muito verde, próxima do centro de Cambridge.

Ela é rodeada por árvores e cercas, mas logo além é possível ver prédios: as pequenas torres do hotel University Arms, os campanários da Igreja Católica Romana, casas e lojas.

Dois caminhos cortam diagonalmente Parker's Piece, formando um "X" gigante, e no centro do "X" há um poste de luz.

Naquela tarde de domingo em particular, o céu sobre Parker's Piece estava nublado. No canto nordeste, ocorria um jogo desordenado de críquete. No lado oposto estavam dois grupos de pessoas fazendo piquenique, um dos quais tocava *reggae*. Duas garotas estavam sentadas, as pernas cruzadas, observando fotos num iPhone. Próximo, um garoto lia um jornal, a bicicleta deitada na grama.

Apoiada contra o poste de luz havia uma garota. Seu cabelo escuro caía até os ombros, mas tinha sido afastado da testa por uma faixa de cabeça preta e branca. Tinha uma espinha bem proeminente na bochecha, próximo da

orelha, e ela a havia disfarçado com maquiagem. Embaixo do braço dela havia um livro (*A vida de Isaac Newton*), e sobre o ombro, uma mochila com a alça quebrada. Em seus olhos cintilava uma luminosidade desafiadora, irônica, determinada, defensiva, temerosa e esperançosa, tudo ao mesmo tempo.

De vez em quando, ela encarava o garoto com o jornal, e, quando ele levantou os olhos, ela levantou o queixo bem de leve. O garoto voltou ao jornal. A garota olhou para o poste de luz. Nele, havia quatro pontos de luz e, arranhada em sua base, encontrava-se a palavra *Realidade*. Um sorriso lento se formou em seu rosto.

A garota se lembrou de que o poste era conhecido em Cambridge como “Ponto de verificação da realidade”. *Lugar engraçado para se encontrar com uma pessoa imaginária*, pensou.

Então, ocorreu a ela que aquele poste de luz fosse o primeiro com lâmpadas elétricas em toda a Cambridge; que Parker’s Piece recebera esse nome por causa de Edward Parker, um cozinheiro da faculdade que costumava cultivar coisas naquela praça; e que ela compartilharia esses fatos com seu amigo imaginário.

Franziu a testa por um instante. Estava mudando de ideia sobre compartilhar esses fatos.

Lembrou a si mesma que costumava ser bem descolada.

Andando a passos largos em direção à garota veio um homem com uma testa enrugada, usando uma camiseta que dizia *Barriga de cerveja em construção*.

O pânico cruzou o rosto dela. Mas ele seguiu em frente sem olhá-la.

A garota olhou para baixo, para a palma das mãos, e viu uma lembrança dentro da lembrança.

A lembrança exterior era dela sob as macieiras de Grantchester, comendo

bolinhos com geleia e creme, e conversando com Jack e Belle.

Dentro, havia a lembrança dela mesma perdendo o controle da prancha de skate: uma avenida logo à frente, o pai observando da rua.

Mas qual era o lance daquela lembrança?

Que ela costumava ter verões em Gênova? Que costumava descer colinas voando e causar colisões?

Que o pai dela havia observado e esperado para ter certeza de que ela ficaria bem?

Deixou as palmas penderem ao lado do corpo e percebeu o que a lembrança significava.

Era a linha que seu pai havia traçado no ar com os punhos, aquele gesto que, ela brincava com ela mesma, era para mostrar o tamanho que a barba ia ficar.

Ele queria que ela se lembrasse do discurso que costumava dar toda vez que ela fugia de casa.

– Temos que pensar além de *nós mesmos*, Madeleine – ele dizia, e agitava as mãos sobre o espaço ao redor do corpo. – Viver para os *outros*, não só para si mesmo.

Mas ela havia acelerado pela rua com seu skate sem pensar em nada. Poderia ter se matado, ou pior, matado outra pessoa. Carros desviaram, bateram e derraparam pelo acostamento.

– Se você não aprender isso – seu pai costumava dizer –, as pessoas vão desistir de você. Uma hora, as chances acabam.

Ele queria dizer: *Um dia, vou desistir de você.*

Minha carta está demorando para chegar às mãos dele, afirmou a si mesma com intensidade. *Ele não desistiu de mim.*

Seu corpo tremia. Ela o acalmou, comprimindo os lábios. *Tudo que tenho de fazer é esperar.*

O jogo de críquete se encerrou.

Várias pessoas pedalarão ainda pelo caminho, algumas com cestas de arame ou de vime nas bicicletas, outras com o guidão cheio de sacolas de compras penduradas. Algumas chamaram sua atenção, a maioria a ignorou, todas seguiram em frente.

A chuva que começou não era convincente a princípio. Mesmo assim, o pessoal que fazia piquenique reuniu as coisas devagar. Ciclistas pedalarão um pouco mais rápido, inclinando-se para frente. O garoto dobrou o jornal e pedalou para longe. A mulher que empurrava um carrinho de bebê parou para afixar nele uma capa de chuva de plástico e seguiu adiante.

A chuva tornou-se mais persuasiva. A água escorria pelo poste de luz e se derramava sobre o pescoço da garota. Ela pressionou o livro com mais firmeza embaixo do braço e esperou.

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

13

A família de Kala havia parado no centro para pegar cafés para viagem.

Agora, estavam de pé em volta das portas abertas do carro em uma manhã congelante, tendo uma última conversa com Elliot e seus amigos.

– Boa hora para partir – Shelby disse, olhando para o céu que escurecia.

– Não é perfeito? – o pai de Kala concordou com uma animação amarga. Inclinou a cabeça em direção às irmãs de Kala. – Elas não podiam perder a aula de balé, podiam?

Na mesma hora as irmãs começaram a dançar na rua. A mãe deu uma bronca em uma delas por não vestir casaco naquele clima, e na outra por as piruetas parecerem uma bolha de sabão enganchada num cano de

escoamento.

Kala se recostou no carro, examinando as pulseiras entrelaçadas em seu pulso.

– Venda suas joias para aqueles garotos ricos de Demshield – Gabe aconselhou. – Vai ganhar uma fortuna.

– Você vai voltar para os feriados, certo?

Cody apertou os olhos em meio à fumaça do cigarro.

– Se apagar esse cigarro, eu vou.

Cody deu outra tragada.

– Ah – ele disse. – Está frio demais.

– Temos que ir.

A mãe de Kala estendeu a mão para Elliot, como se pensasse em abraçá-lo, mas depois a abaixou. Em vez disso, sorriu. Em seguida, resmungou com as garotinhas para entrarem no carro.

Nikki puxou a corda que prendia as malas ao bagageiro.

– Você se importa se eu amarrar de novo isso para você? – ela perguntou. – Parece meio solto.

O pai de Kala concordou com a cabeça:

– Vá em frente.

Kala se aproximou de Elliot. Inclinou a cabeça, e seu cabelo, que estava solto, refletiu a luz da rua.

Elliot tocou a luz no cabelo dela. Pegou a mão direita dela, virou ao contrário, estudou-a um pouco e depois a soltou. Arqueou as sobrancelhas e recuou um passo.

Kala e a família dela entraram no carro.

No cruzamento à frente, o carro parou atrás de uma picape, e Kala e as irmãs abaixaram as janelas, inclinando-se para fora de ambos os lados do carro para acenar.

Então o farol mudou, a picape acelerou e o carro desapareceu numa nuvem provocada pelo escapamento, as janelas se fechando a todo vapor.

Shelby enroscou o braço em volta do pescoço de Elliot.

– Vamos explodir algo – ela sugeriu.

Dois quarteirões a leste, na Rua Larga, Jimmy Hawthorn, o vice-xerife, abria a porta da frente de sua casa.

Isabella estava com uma das mãos levantada; com a ponta dos dedos da outra, escrevia seu nome no orvalho da porta da frente.

– Pronto? – ele perguntou.

– É um nome comprido – ela explicou.

As bochechas dela estavam geladas quando ele a beijou.

Eram um casal agora, Jimmy e Isabella. O ataque Vermelho os havia unido, e tinham permanecido juntos.

Na sala de estar, a lareira brilhava, e a mesinha de centro estava coberta de papéis.

– Está trabalhando de novo?

Ela ficou em pé com as costas para o fogo, segurando as mãos às costas para esquentá-las.

Jimmy abriu uma garrafa de vinho e serviu duas taças.

– São esses relatórios de pessoas desaparecidas, os que a Inteligência Central mandou. – Ele pegou alguns papéis. – Olhe isto – disse, enquanto os folheava. – Um homem que desapareceu na Costa Dourada. Há uma mulher na Costa Dourada também. Um adolescente na Faixa da Natureza. Uma adolescente, Costa Dourada de novo. E um garotinho no Norte Mágico. Um monte de declarações de testemunhas, e percorri cada caminho que podia, sem encontrar nenhuma saída. Cinco pessoas desaparecidas... Era de esperar que eu tivesse encontrado pelo menos *uma* até agora. – Ele a encarou. – Em geral, sou razoável nesse tipo de coisa.

– Eu sei. – Isabella sorriu. Ela se sentou, sorveu um gole do vinho, fechou os olhos. – Bem, se a Inteligência Central mandou esses relatórios para você, significa que eles também não conseguiram decifrar nada, não é? – ela disse. – E, se *eles* não conseguiram fazer isso, talvez não possam mesmo ser solucionados. Aliás, como foram parar na Inteligência Central?

– Esse é o lance. – Jimmy sentou-se ao lado dela, devolvendo os papéis organizadamente à mesinha de centro. – Tem de haver alguma razão... sejam drogas, proteção de testemunha, relações exteriores ou algo assim. E não consigo descobrir por que um garoto de sete anos de idade no Norte Mágico estaria conectado a qualquer coisa assim.

– Não é de *espantar* que você não consiga solucioná-los – Isabella exclamou. – Você não possui informações vitais. Se os desaparecimentos tiverem relação com drogas, ou algo do gênero, essas são informações fundamentais. Eles estão fazendo você desperdiçar seu tempo! Posso dar uma olhada?

– Vá em frente.

Isabella folheou os arquivos.

– Entendo por que você continua tentando mesmo assim – ela murmurou. – Essa criança de treze anos, e o garoto de sete... imagino que eles tenham pais.

Jimmy se levantou.

– Consegui queijo e pão dos bons – ele falou, dirigindo-se à cozinha. – Me avise se resolvê-los enquanto eu estiver aqui – gritou.

– O que eu quero saber – Isabella berrou de volta, dando uma rápida lida nos papéis – é se a garçonete encontrou seu brinco. E por que ela achou que devia incluir isso em sua declaração.

– É do garoto de dezessete? Ele desapareceu num restaurante na Faixa da Natureza, não foi? Sim. A garçonete diz algo sobre o brinco ter caído e ela estar ajoelhada procurando por ele. – Jimmy apareceu à porta da cozinha. –

Eles incluem o menor detalhe porque você nunca sabe o que pode ser relevante. Mas o brinco, isso é o que chamo de *irrelevante*.

Voltou da cozinha com uma tábua e passou a fatiar o pão. Ele era macio por dentro e dourado e crocante por fora, os flocos da casquinha se espalhando enquanto o cortava.

Então, colocou a faca sobre a mesa.

Passou a andar pela sala de estar.

– Acha que vai nevar hoje à noite? – Isabella perguntou. Estava sentada no sofá de novo, os arquivos no colo. – Porque, se for, tenho aquele experimento no qual estou trabalhando na escola e...

– Espere um instante – falou Jimmy.

Pegou os arquivos da mão dela.

Folheou um, parou, colocou na mesinha.

Folheou um segundo, fez uma pausa com os mesmos olhos apertados, depois o recolocou na mesinha também.

Então, o terceiro.

O quarto.

O quinto – e de novo o primeiro.

Olhou para Isabella.

– Sei onde eles estão – respondeu.

Já era tarde e estava frio, e os bancos da Represa Pão Doce estavam cobertos de bitucas de cigarro, além de restos incinerados de explosivos. O campo próximo estava devastado com marcas de pneu de bicicletas motorizadas que apostavam corrida ali.

Os outros haviam ido para casa agora, mas Elliot e Nikki continuavam sentados na grama já escura pela penumbra. Rolavam uma garrafa vazia de um lado para o outro entre os pés, num movimento lento e distraído, encostados um ao outro para resistir ao frio.

– O que acontece com a sua Criança-Borboleta, afinal? – Nikki perguntou.
– A casca de plátano não a animou?

– Não – respondeu Elliot. – Ainda assim, ela comeu tudo. – Olhou para a água da represa. – O que é bem estranho, não acha? – ele acrescentou.

– É – Nikki concordou. – Mas ela tem que fazer mais do que ficar comendo casca.

– Bem, ela sai com os amigos insetos de vez em quando.

– Certo. Tem que fazer mais que isso também. Ela tem que consertar a situação aqui em Fogueira, quero dizer. Fazer as plantações se desenvolverem, esse tipo de coisa. Não é esse o trabalho dela?

– É o que ouço dizer – Elliot concordou.

– Porque todos nós estamos por um fio. Sabia que o banco tomou a propriedade dos Whittaker semana passada? E ouvi que a Marcy Tam está fechando as portas e se mudando.

– Com certeza você está ajudando bastante a melhorar meu estado de espírito, Nikki – falou Elliot.

Nikki soltou uma risada grave e inesperada, que rolou no ar entre eles como bolas de gude.

– Ah – ela disse –, vai ficar tudo bem. As Fazendas vão melhorar em algum momento, com ou sem a ajuda da Criança-Borboleta. Talvez as plantações não sejam o lance dela. Quem disse que todas têm de ter os mesmos truques?

Elliot olhou para Nikki com o canto dos olhos, soprando as mãos. Estava ficando mais frio.

Nikki estendeu as mãos para ele.

– Sobre estas também.

Ela se aproximou ainda mais, e Elliot segurou as duas mãos dela entre as suas e as esfregou com força.

– Bem, se é que ela *pode* mesmo fazer algo... – Nikki acrescentou,

pensativa. – Mas, se ela não faz porque está deprimida, então acho que devemos animá-la. Você já tentou contar piadas?

Ele riu, e sua expiração desenhou uma névoa no ar.

– Do que será que ela precisa? – O rosto de Nikki era pura determinação. – Uma fita de áudio de autoajuda? Ou talvez seja um problema mais prático. Vamos entrar em férias escolares em algumas semanas... você e eu podíamos passar um tempo renovando a casa de boneca dela. Uma nova mão de tinta pode fazer maravilhas para o humor de qualquer um, é o que ouço dizer.

Elliot enroscou um dedo entre os cabelos de Nikki. Era tão pálido que brilhava feito leite sob a luz da lua.

– Ou será que são problemas com o namorado?

Ela se inclinou para frente, e a mecha escapou dos dedos de Elliot.

– Problemas com o namorado? – Elliot repetiu. – Você nunca notou a parte da *criança* no nome *Criança-Borboleta*?

– Como sabemos que ela é uma criança? As pessoas só a chamam assim porque ela é pequena, certo? Ou talvez porque deveria ser uma *criança* nascida de uma borboleta. Mas você já perguntou a ela qual é sua idade? Agora que estou pensando, você já perguntou *por que* ela não está feliz?

– Ela não fala.

– Bem, da última vez que a vi, ela não parecia uma criança. Parecia mais uma jovem, talvez. Só que bizarramente pequena. Talvez seja isso que a deixe para baixo... a própria bizarra pequenez. – Nikki se reclinou, descansando a cabeça no ombro de Elliot. – Ou, como eu disse, problemas com o namorado.

– Ela sai bastante – Elliot falou. – Pode ser que ela tenha amantes por toda a província. Nunca pensei nisso.

– Ah – Nikki concordou com a cabeça, o cabelo roçando a jaqueta de Elliot com o movimento. – Ela tenta fazer malabarismos para manter todos eles. É

complicado.

As mãos estavam entrelaçadas agora, os rostos tão próximos que as bochechas se tocavam. Uma coruja murmurou por perto, e à distância se ouvia música. Alguém em Pão Doce dava uma festa. Por trás da música, havia o som agudo do motor de um veículo quatro por quatro, e, atrás dele, *aquele* som que Elliot continuava ouvindo, aquela flauta sutil e baixa. As pessoas sempre davam de ombros quando ele o mencionava, por isso havia parado de perguntar. Devia estar em sua cabeça – talvez um efeito colateral de um ataque de Cores nos canais auditivos.

Uma carícia de vento gelado, e ele e Nikki tentaram se aproximar ainda mais, os casacos pressionados um contra o outro, e então se beijaram.

Parecia um desfecho tão natural da maneira como vinham aproximando um corpo do outro – como se fosse o próximo trecho de uma conversa, ou uma defesa contra a noite fria e escura –, que quase não perceberam o que faziam. E, quando perceberam, a sensação era tão boa que as mãos dele alcançaram a cintura dela, atraindo-a para ele, e ela seguiu a trajetória que ele traçou, sentando-se em seu colo. Mas, abruptamente, ela ficou imóvel.

Com rapidez, desceu do colo dele e se sentou a uma boa distância.

– O que estamos fazendo? Ela nem sequer deve ter saído da província ainda – falou.

Elliot coçou a cabeça.

– Estamos meio bêbados, eu acho.

– Estamos.

Nikki ficou de pé em um salto, oferecendo a mão para puxá-lo e ajudá-lo a se levantar, mas ele permaneceu sentado. Olhou para o relógio.

– Se não saíram da província ainda, dirigem devagar demais – ele comentou.

Nikki o puxou para cima, e, quando ele ficou de pé, buscou o próprio

reflexo na água. Não conseguiu vê-lo ali; a água estava escura demais. A lua devia ter deslizado para trás de uma nuvem.

O telefone tocou e o xerife o encarou por um momento.

Estava trabalhando até tarde na delegacia, tentando processar as aplicações para o Fundo de Danos do Ataque Vermelho.

Bebendo uísque e comendo bolachas, perdido em meio à papelada, aquele barulho estridente e repetitivo o pegou de surpresa.

Atendeu mesmo assim.

– Você está aí? Tentei na sua casa primeiro. – Era Jimmy.

– Estou aqui – confirmou Hector, concordando com a cabeça.

– Bem, sei onde eles estão.

Hector esperou um instante.

– Quem? – acabou por perguntar.

– Aquelas cinco pessoas desaparecidas. Os relatórios da Inteligência Central? *Existe* uma conexão, Hector. Adivinhe onde elas estão? Adivinhe onde todas elas estão?

Hector esperou de novo.

Jimmy queria mesmo prolongar o suspense.

– Onde?

– *Elas estão no Mundo*. Todas elas. As cinco... elas foram para o Mundo.

Hector girou a si mesmo na cadeira, segurando o telefone um pouco mais próximo do queixo. Ele sorria.

– Como descobriu isso?

– Eu me lembrei das aulas de Estudos do Mundo na escola... algo que Isabella me disse me fez lembrar. Na época das fendas grandes o suficiente para pessoas passarem por elas, havia um tipo de desvio quando as atravessavam. Um tremor no ar. Um ajuste de realidade. Pequenas coisas podiam dar errado. Uma foto caía da beirada da lareira. Ou um ramo mudava

de posição numa árvore. Isso permaneceu em minha mente porque eu gostava da ideia.

– Parece familiar, eu acho. Sim. E...?

– Bem, os relatórios, separadamente, não estavam me levando a lugar nenhum. Nunca vi uma série de becos sem saída como esses. Não há *nenhuma* explicação. Ou não havia. Mas hoje percebi que em *cada* relatório há algo. Uma garçonete perde o brinco. Um sujeito tem de amarrar os cadarços de novo. Uma outra diz que o rádio ligou sozinho, por isso ela teve de desligá-lo. Há até um sujeito que diz que as vírgulas na carta que ele datilografava de repente desceram uma linha. Essa informação eu havia descartado e considerado pura loucura; no resto não tinha prestado atenção, achando que eram só apartes – detalhes irrelevantes que as pessoas examinam enquanto percorrem o caminho para o ponto principal.

– Certo. – O xerife arranhou um pouco de tinta seca na beirada da cadeira para tirar a mancha. – Mas parece que você está tirando conclusões exageradas com base na pouca informação que tem. Não houve fendas grandes o suficiente para a passagem de pessoas em centenas de anos. Apenas um punhado de fendas *minúsculas*, e estas são fechadas antes mesmo que você solte um suspiro. A pena para quem não reporta uma fenda é a morte. A pena por *suspeitar* de uma fenda e não reportar é o exílio. Quais são as chances de haver cinco fendas capazes de fazer desaparecer pessoas no Reino sem que ninguém saiba da existência delas?

– Tão pequenas quanto a unha do pé de uma Criança-Borboleta – Jimmy concordou na mesma hora. – Mas deve haver, porque é onde essas pessoas desaparecidas estão.

– Além do mais – Hector prosseguiu –, se essas pessoas passaram pelas fendas, por que não deram meia-volta e retornaram em seguida?

– Acho que alguém as *moveu* pelas fendas. Sem que tivessem escolha,

quero dizer. Talvez as tenham fechado logo depois de essas pessoas terem passado.

Hector suspirou.

– Vou reportar sua teoria para a Central.

– Não é uma teoria – respondeu Jimmy. – É um fato.

– Também vou falar para a Central resolver ela mesma a porcaria dos casos de pessoas desaparecidas daqui por diante – Hector continuou. – Na verdade, vou dizer isso aos departamentos de polícia de todo o Reino: quero meu assistente de volta. Estou na delegacia trabalhando e é quase meia-noite!

Havia um sorriso na voz de Jimmy.

– Não quero ser eu a dizer isso, Hector, mas...

– Eu sei, eu sei. – Hector suspirou de novo. – Em primeiro lugar, eu pedi esses casos. Você tem sido paciente com tudo isso, Jimmy, o que me faz sentir ainda pior sobre a verdade da questão. Estou prestes a admitir a verdade, Jimmy, mas, antes de fazê-lo, você pode me prometer que não fará barulho demais? Quando ouvir? Estou cansado demais para esse tipo de barulho.

– Não posso prometer nada – Jimmy sorriu. – Mas vou tentar ao máximo.

– Quando pedi a eles para mandarem os relatórios de pessoas desaparecidas, só queria um tipo *específico*. Queria pessoas desaparecidas no campo da eletrônica. Lembra dos primeiros? O engenheiro elétrico? O técnico de som? Meu erro foi que... Bem, eu não contava com o fato de que você fosse resolvê-los rápido demais. Com isso, espalhou-se por aí que você era um gênio nesse tipo de investigação. Aí, começaram a mandar de tudo.

– Certo – falou Jimmy. – Por que você pediu relatórios de pessoas desaparecidas na área de eletrônica?

– Por causa de Abel Baranski.

– Ah, Hector...

– Bem, agora, quase teria preferido que você fizesse bastante barulho em vez de ficar com uma voz toda piedosa como essa.

Jimmy soprou o ar das bochechas e, pelo telefone, pareceu o ruído de uma brisa.

– Sabia que não era um ataque Roxo – Hector admitiu. – O Roxo pegou Jon, com certeza, mas não os outros dois. Mas eu não queria que a alternativa fosse... bem, aqueles dois fugindo juntos, Abel largando a mulher e o filho, deixando o irmão para contar a verdade e causando a morte dele por isso. Não que tenha sido intencional, é claro, mas mesmo assim... Que coisa vergonhosa para um homem fazer, e eu *gostava* de Abel. Ele era meu amigo.

– Eu gostava dele também – Jimmy comentou.

– Por isso, botei tudo nas costas do Roxo... a ideia de que haviam sido levados vivos e que no final encontrariam o caminho de volta. Ao mesmo tempo, procurei por uma terceira explicação. Comecei a pensar no fato de que Abel estava na área de eletrônica e Mischka na de Física – tem um pouco de relação, certo? Talvez algum grupo hostil estivesse raptando pessoas com essas habilidades. Talvez pudéssemos encontrar um padrão se examinássemos casos nessa área não resolvidos por todo o Reino. Foi por isso que pedi os relatórios. O problema é que, como eu disse, você solucionou os casos, e eles *não* foram raptados por Hostis no final das contas. Nenhuma grande conspiração. Eu estava errado.

– Ah, Hector... – Jimmy repetiu.

– O pior – Hector continuou –, o pior é que minha história sobre o ataque Roxo deu falsas esperanças a Elliot. Jamais deveria ter agido assim. É por minha causa que ele tem atravessado todo o Reino, colocando-se em perigo a cada instante. Nunca imaginei que ele fosse fazer isso.

– Você sabe... se Abel e Mischka partiram por vontade própria, tecnicamente nem estão desaparecidos, Hector. Não é um caso de polícia.

– Eu sei.

– Estou pensando – Jimmy falou – que devemos considerar *quaisquer* desaparecimentos estranhos daqui em diante como de pessoas que foram mandadas para o Mundo, como essas cinco que tenho aqui. Mas Abel e Mischka? O desaparecimento deles não foi estranho. Eu já lhe disse isso antes, e vou dizer de novo. Na noite em que eles desapareceram, vi Abel e Mischka saindo do Pub Cogumelo juntos. A alça do vestido dela caiu do ombro direito, e Abel estendeu a mão e a ajeitou. Sua mão se estendeu como um gesto de uma dança. A maneira como ele fez... a maneira como o olhar dele pousou sobre os ombros dela ao fazer aquilo... bem, me parece que não há nada estranho sobre aqueles dois terem partido no dia seguinte.

As últimas palavras de Jimmy desapareceram num acesso de tosse.

– Estou ficando gripado – explicou.

Hector esperou o acesso passar, depois falou lentamente:

– Bem, parte de mim ainda acha que Abel ajeitou a alça do vestido de Mischka porque ele é atencioso desse jeito – ele respondeu. – Mas uma parte maior está, enfim, inclinada a achar que você está certo. Vou falar com Elliot. Esse caso eu interpretei errado.

– Você se envolveu demais, Hector. Pode acontecer com o melhor dos policiais.

– Você é um bom homem, Jimmy. De vez em quando dá uma de doido... pessoas indo para o Mundo, por exemplo... mas, ainda assim, é um bom homem. Vou falar com a Central sobre sua teoria a respeito dessas cinco pessoas desaparecidas, e espero que isso os satisfaça e que não mandem mais relatório nenhum para você. Enquanto isso, prometo: se mais algum chegar, mando de volta para eles na mesma hora.

– Negócio fechado. Boa noite, Hector.

– Boa noite.

A máquina de fax começou a funcionar assim que Hector desligou o telefone.

Ele estendeu a mão para o uísque e observou página após página ser impressa em meio a zunidos. Por fim, pegou a folha de rosto.

“Para o bom xerife de Fogueira na pitoresca província das Fazendas,

Nós aqui de Gwent Cwlyd, na impressionante província de Velhus Excentricus, ouvimos que vocês aí em Fogueira têm um vice-xerife cujas habilidades em achar pessoas desaparecidas são como uma flor numa caixa de grampos. Portanto, temos aqui um relatório de pessoas desaparecidas – ou, se não **TECNICAMENTE** um relatório de pessoas desaparecidas, é, ao menos, um relatório de agulhas em palheiros –, e ficaríamos felizes além...”

– Oh, pelo amor de... – Hector murmurou.

Já amassava o fax, pronto para jogá-lo fora, quando percebeu um pós-escrito na carta.

“P.S.: Também estamos mandando outro caso não resolvido – uma criança que está desaparecida há algum tempo, e é nossa esperança que seu vice possa achá-la. Aqui está.”

Os ombros de Hector se curvaram para baixo. Folheou as páginas.

“A criança era de natureza gentil e animada”, dizia o relatório. “Não havia motivo nenhum para ela desaparecer.”

Alguns parágrafos depois:

“A mãe da criança era conhecida por seu assovio – ela ia muito alegremente, assoviando mais do que falando, e muitos eram os que caçoavam dela! Mas não agora; não desde que a garotinha partiu”.

Hector parou nessa linha.

Colocou o fax na pasta.

– Uma pena desperdiçar um talento como o de Jimmy – falou para si mesmo. – Só este último.

Engoliu o resto do uísque, apagou as luzes e foi para casa.

O relógio da torre soava a meia-noite, e Elliot Baranski batia numa porta.

Era o Apartamento 4 (em cima da padaria), Praça da Cidade, Fogueira.

A casa de Olivia Hattoway, professora do segundo ano; anteriormente, também o lar de Mischka Tegan.

Elliot bateu no instante em que o relógio soou, e depois bateu de novo em meio ao silêncio.

A quietude invadia o ar. Então, ouviu-se um baque abafado. Passos lentos. Uma pausa. Ela devia estar olhando pelo olho mágico.

A porta se abriu e lá estava ela, Olivia Hattoway, ajeitando algumas mechas do cabelo. O pijama de flanela tinha desenhos de balões de ar.

– Eu a acordei – falou Elliot.

– Como você adivinhou? – A srta. Hattoway sorriu, o que fez seus olhos desaparecerem ainda mais profundamente em linhas de sono. Ela tinha curvas nos lugares certos, como se um escultor a tivesse aplainado exatamente antes do ponto em que ter curvas significava ser gorda. – Entre, Elliot – ela convidou. – Nunca nos conhecemos de fato, mas com certeza sei quem você é.

– Você dá aula para minha prima, Corrie-Lynn.

Elliot a seguiu, esboçando um meio sorriso ao se lembrar da afirmação de Corrie-Lynn de que a senhorita Hattoway tinha um nome engraçado. Tentou pensar nela como Olivia, mas descobriu que não podia. Ela era a senhorita Hattoway.

Havia algo mais, algo de que Corrie-Lynn *não* tinha gostado sobre a professora, mas não conseguiu lembrar o que era.

– É pequeno – a srta. Hattoway dizia, ambos os braços levantados e

abrangendo o ar lentamente, para mostrar a sala de estar do apartamento. – Mas a localização é maravilhosa. Bem em cima da padaria. Você pode sentir o cheiro de pães e assados vinte e quatro horas por dia! Consegue sentir?

Ela inspirou fundo, fechando os olhos, e Elliot arqueou as sobrancelhas.

Na verdade, tudo que conseguia sentir era cheiro de café e queijo queimado, e algo que recendia vagamente a peixe, talvez sardinhas.

– Deixe-me pegar um copo de leite e uma fatia de torta de avelã; eu mesma assei uma hoje.

Ela se enfiou na cozinha e Elliot a observou abrir a geladeira. Perguntou-se, como todo bom garoto das Fazendas se perguntaria, por que pessoas de outras províncias achavam que deviam fazer tortas e bolos. A simples ideia da torta de avelã dela fazia seu peito se oprimir.

Percorreu a sala de estar com os olhos. Havia uma janela que dava vista para a praça, uma pequena mesa embaixo dela. Tapetes coloridos desenhavam cruzes sobre o carpete; três ou quatro almofadas que não combinavam estavam jogadas sobre um pequeno sofá bem estofado.

Na parede, via-se uma gigantesca pintura de um vaso, flores se derramando de sua extremidade. Havia algo de borrado e infantil naquela pintura, algo estranho na perspectiva da imagem, ou talvez as flores estivessem fora de proporção em relação ao tamanho do vaso.

– Mischka pintou isso – falou a srta. Hattoway. Ela estava de pé a seu lado, segurando uma bandeja, que colocou na mesinha de centro da sala. – Fizemos esse projeto de Arte juntas, como se tivéssemos voltado aos tempos de escola. Mischka dizia que isso estimularia nossa mente artística, ou qualquer outra bobagem dessa espécie. Tudo que pintamos era horrível! Mas ambas concordamos que *esta* merecia ficar na parede.

Fez um gesto chamando Elliot para se sentar ao lado dela no sofá.

– Embora, olhando-a de novo agora, bem... ela é horrível, não é? Aposto

que era isso que estava pensando.

Elliot esboçou um pequeno sorriso. Pensava em como a srta. Hattoway parecia gentil e acolhedora, brilhante e alegre, como uma professora de escola primária deveria ser, mas também havia algo muito perspicaz nela. Ela tinha conduzido a conversa direto para Mischka. A srta. Hattoway sabia, mesmo um tanto sonolenta ainda, que era por isso que ele estava ali, e tinha facilitado o caminho para que ele chegasse a esse ponto.

Ele se sentiu agradecido.

(Fora isso, ela havia adivinhado seus pensamentos sobre a pintura.)

– Foi onde vocês se conheceram? Na licenciatura?

– Sim, éramos colegas de quarto. E, quando nos inscrevemos para a primeira colocação, decidimos tentar a mesma cidade, o que era bem improvável. Mas conseguimos! É impressão minha, ou está congelante aqui?

Ela se levantou e ligou o aquecedor elétrico, dando-lhe dois tapinhas para fazê-lo funcionar.

Elliot deu uma mordida na torta de avelã. Não era tão ruim. Um pouco seca, talvez, mas o sabor da avelã era ao mesmo tempo tenro e sutil.

– Tenho que lhe dizer – ela continuou. – Essa é uma cidade incrível, é claro, mas era bom ter uma amiga já conhecida por perto. Você chegou a conhecer Mischka? Ela deu aula pra você? Não? Bem, o lance sobre ela era que Mischka parecia bastante tímida e reservada, mas podia ser irônica e espirituosa. Costumávamos jogar jogos de tabuleiro na maioria das noites; ela sempre ganhava, claro. Ou assistíamos a *Os Greenberg* juntas, comendo marzipã...

Sua voz perdeu a força e o olhar percorreu a sala.

Elliot também olhou e captou mais detalhes. Havia uma estante, e nela uma imagem emoldurada do Lago dos Feitiços na prateleira de cima. Pela porta, dava para entrever a geladeira na cozinha recoberta de ímãs, e ali havia um

recado escrito à mão: *Comidas saudáveis que você precisa TENTAR ingerir!*, com uma carinha sorridente desenhada depois. Na beirada da janela, havia uma jarra com estrelas douradas e, na mesa, uma porção de papéis, tesouras e cola espalhados.

– Experimento todas as minhas habilidades artísticas em casa – a srta. Hattoway explicou. – Mischka também era bem melhor que eu em artesanato. Tinha uma coordenação motora melhor.

Uma lembrança súbita chegou a Elliot. Na escola, tinha ouvido o nome Mischka Tegan, e devia tê-la visto por ali, mas, durante todo aquele tempo, não havia tido nenhuma lembrança clara dela. Agora, recordava-se de um anúncio que ela fizera certa vez durante uma assembleia. Algo sobre uma excursão de classe. Ela lia algo em um pequeno pedaço de papel. A maioria dos professores não faria aquilo; na maior parte das vezes, apenas se inclinavam para perto do microfone e falavam, lembrando o que tinham que dizer de cabeça e não se importando se confundissem algo.

O papel havia escapado dos dedos de Mischka Tegan enquanto ela falava. Ele flutuou lentamente pelo ar, e ela o observou voar por bastante tempo. Elliot se lembrou de ter pensado que o fato de tê-lo deixado cair deve tê-la chocado. Então, ela o agarrou no ar.

A lembrança acabava ali. Elliot devia ter se distraído depois.

– Imagino que sinta falta dela – ele falou por fim.

– De qualquer forma... – a srta. Hattoway continuou, pigarreando para trazer o tom correto à voz –, de qualquer forma, tivemos noites adoráveis. Embora, é claro, isso tenha acabado quando ela começou a sair com os irmãos Baranski. – Ela lançou um olhar para Elliot. – Eu me refiro a seu pai e seu tio, Jon.

– Como eles se tornaram amigos, afinal? – Elliot perguntou, como se conversassem sobre conhecidos da vizinhança.

– Ah, Mischka pegou emprestado um equipamento do seu pai para um experimento na escola. Não estou certa quanto aos detalhes. Eles foram com a cara um do outro e começaram a frequentar o Pub Cogumelo noite sim, noite não. Imagino que Jon apenas tenha entrado na deles também. Costumava observá-los daqui enquanto corrigia lições de casa.

Ela apontou para a janela e Elliot se levantou, aproximando-se a fim de poder olhar para fora.

Lá embaixo, a praça encontrava-se, na maior parte, escura e silenciosa, mas o Cogumelo ainda estava aberto. Havia grupos de pessoas amontoadas em torno das mesas, de casaco, a gola levantada. Ao olhar para fora, Elliot parecia querer pescar sons lá de baixo. Agora, podia ouvir pequenos murmúrios de riso, a voz irritada de uma mulher, a risada grave de um homem se dobrando de tanto rir de uma piada, outro riso leve.

Desviou o olhar do Pub Cogumelo, e do outro lado da praça estava Clover Mackie, envolvida em cobertores na varanda da frente, uma caneca azul ao lado dela, como de costume.

Elliot sorriu ao vê-la e se virou de novo para Olivia, sentindo-se mais forte.

– Eram sempre os três? – perguntou. – Papai, Jon e Mischka?

– Não, de vez em quando eram só seu pai e Mischka. Suponho que Jon tivesse trabalho para fazer na Melancia. Quando o Cogumelo fechava, eles vinham aqui de vez em quando. Normalmente eu já estava na cama, e eles escutavam música e falavam e falavam. Tinha que colocar protetor auricular para conseguir dormir.

Elliot se virou de costas para ela de novo, encarando a janela. A sala parecia imersa em perguntas não formuladas.

– Esteve bebendo hoje à noite, não esteve, Elliot?

Elliot se virou, assustado. Ali estava aquela perspicácia de novo. Mas ela sorria na sua maneira calorosa de professora primária.

– Você se parece com seu pai – acrescentou gentilmente.

Ele a encarou.

– A maioria das pessoas diz que eu pareço mais com minha mãe – ele falou.

– Não, não. Você tem os olhos dele. E as linhas na testa quando está pensando de modo compenetrado, quando há algo que você quer dizer, são as mesmas dele.

Ele perguntou então, e o esforço da pergunta era como arrancar a tampinha de uma gigantesca pia de água.

– Eles planejavam fugir juntos?

Olivia Hattoway não respondeu nada. Olhou para ele, e os olhos se enevoaram com lágrimas.

Por um instante, ele sentiu que cambaleava com o impacto da angústia, mas sentiu um latejar de irritação no peito. O que aquilo queria dizer? Silêncio e olhos lacrimejantes? O que ela queria dizer com aquilo?

Ele formulou uma nova pergunta:

– Não havia nada faltando nas coisas dela? Foi o que você disse na sua declaração como testemunha.

– É verdade – concordou a srta. Hattoway, e sorveu um gole do seu copo de leite. – Foi o que eu disse. Mas quer saber de uma coisa ridícula? Eu me esqueci completamente do ursinho de pelúcia dela.

– Ursinho de pelúcia?

– Sim, ela tinha aquele ursinho... desde a infância, você sabe. Costumava ficar na cama dela na faculdade, e a mesma coisa aqui. Jamais faria alguma brincadeira com isso, porque tenho meu coelhinho felpudo também. – Fez uma pausa, mas Elliot não riu. Então ela continuou: – Bem, alguns dias depois de eu conversar com o xerife, percebi que havia sumido. O urso de pelúcia havia sumido. Não achei que valesse a pena desperdiçar tempo da polícia com esse detalhe, para retificar meu testemunho ou fosse lá o que

fosse, porque era só um ursinho velho. Elegante em sua forma de ser, e meigo também, o que o torna muito parecido com Mischka, na verdade.

– É mesmo – Elliot falou, mas não pareceu uma pergunta. O olhar percorreu a sala mais uma vez. – Acho que vou para casa agora.

– Certo – ela concordou. – Fico feliz que tenha aparecido.

Ela caminhou em direção à porta, fez menção de estender a mão para a maçaneta, mas parou.

– Ah, mais uma coisa – ela disse. – Mischka sempre usou um bracelete. Parece um objeto comum, mas uma vez ela me contou que o pai dela tinha lhe dado no aniversário de dezesseis anos. As pedras dele vieram das Cavernas Escuras do Pântano da Costa Dourada. Valem uma fortuna pedras como essas. Ela estava com ele no pulso, claro. Quero dizer, não era algo que pudesse ter deixado para trás.

Elliot concordou com a cabeça e estendeu a mão para a maçaneta ele mesmo. Mas a mão da srta. Hattoway permaneceu no caminho, girando lentamente o puxador.

– O engraçado é que eu estava dando uma olhada na Rede Compra, aquela rede pela qual as pessoas compram e vendem coisas... Dei uma olhada depois do... desaparecimento, e alguém tinha colocado à venda um bracelete igual ao de Mischka. Pensei comigo mesma: *Se for mesmo Mischka quem está vendendo seu bracelete, ela está com a vida feita para o resto de sua existência.*

Ela tirou a mão da maçaneta e se voltou para Elliot.

– Imagino que deveria ter mencionado *isto* para o xerife, mas quem sabe quantos braceletes semelhantes existem no Reino? Podem ser centenas. E, se *era* mesmo ela, se *eram* eles, fica bem claro que não querem ser encontrados.

Elliot olhou de novo para ela, e ela o fitava com algo semelhante a compaixão, aquelas lágrimas brotando nos olhos mais uma vez.

De súbito, lembrou-se do que Corrie-Lynn dissera em relação à srta. Hattoway: ela não gostava do fato de sempre ela estar chorando.

Elliot não gostou muito disso também.

Fechou a porta atrás dele.

Guiou a caminhonete até em casa. Foi direto para o quarto, pegou o material de pesquisa sobre ataques Roxo, carregou-o para o andar de baixo e jogou tudo no lixo.

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

14

Madeleine esperou por quase duas horas na chuva em Parker's Piece.

Depois, foi para casa.

A mãe estava sentada de pernas cruzadas no sofá, bebericando um café. Havia um envelope no colo de Holly e, quando a porta se abriu, ela o pegou com ambas as mãos e o segurou no ar.

Mas, vendo o estado de Madeleine, baixou-o de novo.

A água escorria da testa da garota e desenhava riachos bochechas abaixo. Os cílios estavam molhados. A mochila estava tão encharcada que uma tinta preta havia manchado a camiseta dela.

Ela jogou a mochila no chão, e gotas de água voaram. Retirou o livro enfiado debaixo do braço, e este deixou no caminho uma trajetória respingante de água. A capa do livro estava manchada pela água, as páginas grudadas e se dissolvendo.

Mesmo assim, Holly Tully não podia esperar. Levantou o envelope de novo.

– Você escreveu pra ele?

Madeleine agarrou o envelope das mãos da mãe. Seu corpo tremia. Era de seu pai! Era seu endereço na frente numa letra tão fam...

Sua empolgação se desfez.

A letra era familiar porque era a dela mesma...

Era a carta do pai com um carimbo: *DEVOLVER AO REMETENTE*.

Ele a havia mandado de volta.

Madeleine deu de ombros.

– Escrevi. E aí?

Ela entrou no banheiro e voltou com uma toalha em torno do pescoço.

– Você saiu sem guarda-chuva – falou Holly.

– Não estava chovendo quando saí.

– Aqui é a Inglaterra, Madeleine. Escreveu para ele antes?

– Não – ela esfregou a cabeça com a toalha, depois a voz vibrou: – Também mandei um e-mail para Tinsels, mas ela fingiu ser outra pessoa. Tenho certeza de que o endereço estava certo: Tinsels33... Ela escolheu porque 33 era o número do cavalo de corrida favorito dela. – Pareceu refletir por alguns instantes. – Papai deve ter dito para ela fingir não me conhecer, por estar bravo comigo.

A mãe concordou com a cabeça.

– Ele deve receber muita correspondência indesejada – Madeleine continuou. – Para precisar de um carimbo que diz *Devolver ao remetente*, quero dizer. Normalmente, as pessoas apenas escrevem isso *com caneta*, não é?

O erro dela foi tentar sorrir naquele momento. O movimento da boca mandou um sinal falho para as bochechas e os olhos, e tudo desmoronou, e ela começou a chorar.

– Oh, querida.

A mãe estendeu a mão para confortá-la, mas Madeleine cobriu o rosto com

as mãos e soluçou:

– Eu *não* estou chorando!

– Certo.

– É só... – sua voz lutou para se manifestar em meio aos soluços. – Sou tão estúpida, e papai estava certo! Sobre a prancha de skate e a barba, e agora perdemos tudo! Nós o perdemos e perdemos Tinsels e os outros, e também nossa vida, e estamos presas aqui, fiando palha e transformando isso em uma *não* vida! E é tudo culpa minha! Sempre fui muito egoísta! Sempre fugindo! E trouxe você comigo, e trouxe *isto* comigo também, não foi? Meu egoísmo! Eu matei Byron! E Elliot Baranski não é real!

– Certo – murmurou a mãe, ficando de pé em um salto e tentando abraçá-la por trás, até que os soluços começaram a diminuir e, aos poucos, foram desaparecendo.

Em seguida, Madeleine se sentou no sofá. Limpou os olhos com as costas das mãos.

– Eu não estava chorando – ela explicou.

– Não, claro que não – a mãe concordou. – Você também não estava falando coisa com coisa. Uma prancha de skate, barba e a morte de Byron. Que Byron é esse?

– O poeta.

– Ah, você não o matou. Ele já está morto.

Madeleine caiu no choro de novo.

Holly esperou.

– *Explique-me* – ela disse por fim, exasperada.

Então, Madeleine virou o rosto para o sofá e começou a falar.

Contou tudo à mãe, começando com os avisos do pai sobre seu egoísmo; a maneira como ele ficou depois do incidente com o skate; que ela sabia que era culpa dela o fato de estarem ali porque, se ela não tivesse fugido naquele

final de semana, a mãe jamais teria partido.

Contou como Jack encontrou seu e-mail para Tinsels; que ela havia percebido que Jack era o poeta Lorde Byron; que ela vinha deixando cartas para um estranho num parquímetro; e que o estranho não havia aparecido em Parker's Piece.

Quando terminou, estava calma de novo. Acomodou-se no sofá.

– É isso. Você tem um fracasso completo como filha – ela disse. – Quem ia imaginar? – Coçou um dos cantos da boca. – Acho que papai já sabia.

– Pare agora – falou a mãe. – Estou tentando pensar. Preciso organizar meus pensamentos e apresentá-los de maneira objetiva e persuasiva. Porque *eu sou* a pessoa com as respostas hoje, o que nem sempre vai ser o caso. Se, por exemplo, você estivesse chorando por causa de um problema de Matemática, bem, eu não ia saber nada, e nós duas acabaríamos chorando. Não que você *estivesse* chorando antes, claro.

Holly estendeu o braço para pegar o café, que agora estava frio. Bebeu-o mesmo assim. Precisava de um corte de cabelo: a franja estava tão longa que alcançava a caneca de café. Colocou a caneca na mesa de novo.

– Certo, decidi começar de um modo simples e abrangente. Estou formalmente lhe dizendo, como sua mãe, que não quero que você se torne uma fumante, tenha uma motocicleta, mande tatuar um tabuleiro de xadrez na cara, e de maneira nenhuma, jamais, se corresponda com um amigo imaginário através de um parquímetro.

Madeleine sorriu.

– Tudo bem. Eu não quero mais saber dele mesmo. Ele me deixou na chuva por duas horas.

– Embora *pudéssemos* nos esconder na rua e observar até ele, ou ela, se esgueirar até o parquímetro e então a gente... mas não. É perigoso. Você sabe disso. Elliot Baranski é uma fantasia, mas quem escreve essas cartas não é.

Quando era pequena, você tinha *muitos* amigos imaginários. E seus amigos imaginários também tinham amigos imaginários. É isso. Apenas tome cuidado com essa sua tendência de sair do mundo real. Volte e se junte a nós aqui, está bem?

– Como eu disse, já estou de volta.

Holly a ignorou, franzindo o cenho, o olhar voltado para o teto.

– Jack e Belle! Isso é fácil também. É triste tê-los magoado, mas todos magoamos nossos amigos de vez em quando. E nos sentimos péssimos. E depois pedimos desculpas. Jack tem um coração tão grande quanto um planeta, e, mesmo com toda a sua esquisitice, Belle é uma boa pessoa. Eles vão perdoá-la, prometo.

Madeleine deu de ombros, mas Holly agarrou os ombros dela e a deteve.

– Essa *não* é uma questão sobre a qual você pode ou não ter alguma opinião! Quero ver seu rosto ser inundado com a revelação de que estou certa! E depois você vai concordar com um movimento de cabeça agradecido. O que me faz lembrar: *Jack não é Byron*. Ele é Jack.

Madeleine quase deu de ombros de novo, mas parou diante do olhar de alerta da mãe.

– E qual é o problema de você escrever para uma velha amiga e reclamar da vida? É uma mudança *gigantesca* essa com a qual você teve que lidar... Por que não levaria um tempo para perceber que é a mudança correta? Ou para ver que Jack não é só uma distração temporária, mas na verdade um grande garoto?

– Devia ter percebido isso logo – falou Madeleine.

– Quieta. Agora, quanto ao incidente de skate. Onde estava sua mãe?

– Como assim?

– Quando você tinha dez anos e acelerava numa colina rumo a uma estrada, onde estava sua mãe? Onde eu estava?

– Não faço ideia.

– Exato!

Então, Madeleine tirou os sapatos e torceu os pés no sofá.

– Você até que estava indo bem até aqui... – ela falou.

– Eu sei! Mas agora vou melhor ainda! Porque esse é meu brilhante ataque rasante retórico. Ouça, Madeleine, crianças em pranchas de skate não estão sendo *egoístas*; estão sendo apenas crianças. Você era jovem e um pouco doidinha. Era o seu lance. Eu provavelmente estava cortando o cabelo e fazendo as unhas. Ou tendo outra reunião daquelas onde descobríamos como ficar ainda mais ricos. Se você tivesse voado pelo tráfego e morrido, posso garantir que ninguém diria: “Que garotinha egocêntrica!”. Ao contrário, eles teriam dito: “Onde estão os pais dela?”.

Madeleine passou a roer uma unha.

– Bem, um dos pais estava lá. Papai estava lá. Na calçada.

Holly parou. Ela estudou o rosto de Madeleine, em seguida desviou o olhar. Tomava uma decisão.

Decidiu-se.

– Acho que tenho que lhe contar algo – ela começou. – Sobre seu pai. Sobre a noite em que você fugiu.

Os olhos de ambas se encontraram, e a expressão no rosto de Holly era intensa e incompreensível. Madeleine percebeu que ela tentava mandar um aviso: devia se preparar para o que ia ouvir.

– Na noite em que você fugiu – Holly prosseguiu –, estávamos na cobertura, e eu prestes a entrar no chuveiro, quando ficamos sabendo que você estava na estação comprando um bilhete para Londres. Bem, fiquei irritada, é claro. Evidente que fiquei. Seu pai já estava vestido e se olhava no espelho. Lembro que ele esfregou as abotoaduras e arrumou o cabelo, que havia se ajeitado do lado errado. Seja como for, eu comentei: “É melhor

irmos nós mesmos buscá-la”. E completei: “O que será isso? É a décima quinta vez que ela foge!”.

– Décima sétima e meia – Madeleine interpôs.

– Obrigada. De qualquer maneira, continuei: “Não acho que seria bom mandar outra pessoa buscá-la. Acho que devíamos faltar nessa festa e passar a noite com ela, e descobrir por que ela continua fazendo isso”. Nunca vou esquecer a expressão de seu pai quando eu falei essas palavras. Vi pelo espelho. Era como se ele estivesse à beira de um acesso de raiva, mas houvesse se controlado bem a tempo. A testa dele e a área ao redor da boca se enrugaram, e ele levantou o queixo com firmeza e respondeu: “Deixe-a ir”. O tom era quase o de um lamento, mas ele tentou fazê-lo soar como perfeitamente razoável. Ele disse... sabe o que ele disse?

Madeleine balançou a cabeça negativamente, devagar.

– Ele disse: “Eles vão servir o Château Latour Pauillac safra 1990 hoje à noite”.

A sala caiu em silêncio.

– Você me ouviu? – Holly repetiu.

– Sim, sim, ouvi. – Madeleine coçou o dente com o polegar. – É um bom vinho, certo? E o que tem isso?

– Ele estava falando sério, Madeleine. Nossa filha de treze anos estava prestes a fugir, e ele não queria resgatá-la porque a festa teria um bom vinho.

– E daí? – Madeleine deu de ombros. – Ele gosta de vinho. Ele sabia que eu ia ficar bem no Eurostar. E achou que ia me dar uma lição.

– Você tinha *treze* anos. Ninguém deixa crianças de treze anos fugirem para Londres para lhe dar uma lição! Você não arrisca a vida da própria filha porque *gosta* de vinho, e, se fizer isso, significa que tem um problema.

O polegar enganchou na gengiva de Madeleine e ela fez uma careta de dor.

– Está fazendo ele parecer um alcoólatra – ela respondeu. – Ele não tinha

problema nenhum! Nunca ficava de ressaca! Ele dirigia uma corporação; *como* podia ser um bêbado? Ele estava certo ao me deixar ir naquela noite. *Você* é que estava errada em me seguir. E agora é *minha* culpa por você estar aqui em vez de ainda estar com ele! *Eu acabei com o seu casamento!*

Ela chorava de novo, mas a mãe respondeu baixo e rápido:

– Só porque alguém não está desmaiado na sarjeta não significa que não seja um alcoólatra. Com certeza, ele estava no comando de tudo, mas você pode se safar de muitos erros numa corporação daquele tamanho. Especialmente se está sempre rodeado de pessoas tão bêbadas quanto você. – Holly respirou fundo e acelerou mais um pouco o ritmo das palavras: – E não era só o vinho, você sabe, era a droga das pílulas e a cocaína, e ele nunca tinha ressaca porque jamais parava por tempo suficiente para ter uma.

De maneira abrupta, os olhos de Madeleine pararam de produzir lágrimas.

– Isso é estúpido – ela resmungou. – Se era tão sério... se você realmente achava que ele tinha um problema... você devia ter *feito* algo a respeito, não apenas fugido! O que prova que você *sabia* que não havia um problema.

A expressão de Holly se suavizou, e havia tanta compaixão em seus olhos e na linha que sua boca havia formado, que Madeleine se sentiu estranhamente em pânico.

– Tentei um milhão de vezes fazê-lo diminuir a frequência ou a quantidade – Holly murmurou. – Eu gritei, chorei, conversei, conversei e conversei. Escrevi cartas para ele; cheguei a escrever um poema uma vez. Deixei livros sobre abuso de drogas pela casa toda. Mas ele sempre podia apontar outra pessoa que conhecíamos e dizer: “Você acha que eu tenho um problema? Olhe para ele; foi levado às pressas ao pronto-socorro por ter uma crise de abstinência de álcool na semana passada!”. Ou então ele fingia concordar que ia manear, mas um instante depois eu ouvia o *glub-glub-glub* do vinho sendo servido numa taça. Havia sempre mais uma balada, mais um bar de

jazz. Ele ficava irritado tão rápido, mas era mais que isso... Tinha uma inquietação, uma necessidade de movimento. Era como se tivesse perdido em algum lugar dentro dele. Acho que, se você se permitir, Madeleine, vai perceber que uma parte sua já sabia disso.

Madeleine balançava a cabeça negativamente.

– Sem chance, porque você está errada.

– Não é culpa sua estarmos aqui – Holly respondeu, ignorando-a. – É *minha* culpa não termos vindo para cá antes. Nós escapamos, Madeleine. – Holly escolhia as palavras, entregando-as um punhado por vez. – Não estamos presas aqui como estávamos lá. Com certeza, tudo brilhava e reluzia, e voamos pelo mundo afora, mas era só uma ilusão de voo. Estávamos presas na órbita de um homem que não estava mais lá realmente.

– Mas... – Madeleine abriu os braços, apontando para as paredes inclinadas, o chão rachado. – Olha onde estamos agora!

Os olhos haviam se embaçado com um novo fluxo de lágrimas, e a mãe estendeu as próprias mãos em busca das de Madeleine, puxando a garota para perto dela.

– Olhe, você deixou uma marca no sofá onde está sentada. Qualquer outra mãe teria feito você tirar essas roupas molhadas e trocá-las antes de conversarmos. Você precisa de um banho ou vai acabar com pneumonia e morrer, o que seria uma inesperada reviravolta no nosso roteiro de vida. Ou o sofá pode pegar pneumonia. Isso seria ainda mais inesperado.

Ela foi ao banheiro e emergiu de novo, falando acima do som da água da torneira, que jorrava.

– Isso é demais para você. Não pense em nada por um tempo. Em vez disso, vamos fazer como uma dessas histórias infantis em que você fica gelada, molhada e desarrumada, mas depois toma um banho. E nele você vai lavar todos os pensamentos terríveis sobre si mesma, e todos os pensamentos

confusos sobre seu pai, e ser apenas você. Depois, vamos beber chocolate quente e prosseguir com essa nossa vida novinha em folha.

Madeleine deu de ombros.

– Olha você com esse dar de ombros. Ouça, a Inglaterra é um lugar perfeito para nossa nova vida, e o motivo é o seguinte: é verão, mas está tão cinzento e chuvoso que toda essa ideia de banho e chocolate quente funciona. O que não é uma característica que muitos países oferecem.

A banheira era de um rosa esmaltado com uma rachadura na lateral que parecia uma linha de pipa desafiadora. Uma mancha de ferrugem nos azulejos delineava o lugar onde a saboneteira costumava ficar. A porta do armário estava fofa, e sempre ficava parcialmente aberta, exalando no ar um fraco cheiro de umidade.

Deitada na banheira, Madeleine olhou ao redor e esboçou um pequeno sorriso. Sua mãe estava errada sobre seu pai. Dizer que ele tinha um problema com álcool e drogas era ridículo. Ele só sabia como se divertir. Não era alguém “perdido em algum lugar dentro dele”. Era apenas um homem ocupado. E viria buscá-las algum dia, e com ele também viriam as cores, e os três voariam para longe juntos. Especificamente, voariam para banheiros luxuosos de hotéis cinco estrelas. No chão, estava a toalha que ela havia deixado em volta dos ombros enquanto conversava com a mãe. Além dela, descansando numa poça rasa, estava a carta que ela havia escrito para o pai. A tinta de DEVOLVER AO REMETENTE estava borrada.

Ela a encarou por um tempo, tentando lembrar o que ela havia dito a ele.

Espichou-se para fora da banheira, pegou-a, abriu e leu.

Querido papai,

Certo, primeira coisa: NÃO FAÇA ESSA CARTA EM PEDACINHOS. Ou, você sabe, leia antes de fazer isso. Obrigada.

Agora, faça uma profunda inspiração zen e vamos nos visualizar

conversando bem calmamente um com o outro.

Percebo que você deve estar com raiva de mim. A palavra “raiva” não chega nem perto, certo? Você está furioso, possesso, INJURIADO (essa é uma palavra que nunca usei antes, o que pode ajudá-lo a se acalmar um pouco, visto que você gostava de que eu ampliasse meu vocabulário). Você está com raiva feito um demônio saído do inferno!

(Embora talvez demônios saídos do inferno não tenham raiva, não é? Porque eles devem ficar felizes quando estão fora de lá...)

De qualquer modo, falando sério, estou muito, muito, mas muito arrependida mesmo de ter fugido de novo, principalmente porque desta vez, por acidente, trouxe minha mãe comigo.

Aprendi totalmente a lição, e NUNCA vou fugir de novo. Parei com isso. Prometo.

Acho que você deve estar com raiva da mamãe também por fugir de você, mas, ouça: o único motivo pelo qual mamãe está aqui é que ela me seguiu. Algo pelo que você não pode culpá-la, porque ela é, você sabe, minha mãe. Ela só queria me proteger. Então é TOTALMENTE injusto você pôr a culpa das minhas ações erradas nela.

Sendo assim, vou pedir bem educadamente: você pode, tipo, nos perdoar? Ou pelo menos nos perdoar temporariamente, enquanto vem aqui nos buscar? O endereço está no envelope. E você pode se divertir muito como turista quando estiver por aqui, porque há vários prédios históricos e flores, e coisas desse tipo, em Cambridge.

É uma loucura deixar sua família se desmanchar por causa do meu erro! Mamãe não está lá muito bem no momento, e é provável que esteja com medo da sua fúria, por isso ela não vai te telefonar, e essa situação pode continuar para sempre, de maneira totalmente desnecessária. Então, dá para você ser o adulto desta vez?

Sabe, tenho a estranha sensação de que você não está realmente me ouvindo, mesmo que TENHA colocado de lado toda a sua fúria. Mas

quero que me ouça, porque é a coisa mais importante do mundo você vir aqui nos buscar.

Vou tentar explicar o que quero dizer. Essa é a parte difícil da carta, então, por favor, não fique com raiva de novo quando for ler. O lance é: tenho a sensação de que você, nos últimos tempos, não consegue realmente ouvir. Não que seja tecnicamente surdo; é mais como se o seu eu real estivesse escondido em algum lugar dentro de você. Como se estivesse enrolado em camadas, ou embaixo de uma tampa de torta, ou algo assim. Quero dizer: não se ofenda, mas às vezes é como se o seu tempo de resposta funcionasse errado, ou como se você fosse um CD riscado e pulasse as partes importantes da música.

Sei que não está fazendo sentido, e nem eu sei o que quero dizer, para falar a verdade. Talvez: será que você não está trabalhando demais? Ou saindo um pouco demais? Não devia lhe contar isso, mas saí muito para baladas/bebi/usei drogas e coisas assim quando fiz treze anos, e é verdade que isso faz a pessoa se sentir ótima, mas meio que percebi que não era real. Eu não era mais realmente EU. Bem, provavelmente o estresse do trabalho esteja fazendo você não ser você mesmo. Quem sabe você não deva mudar a direção das coisas?

Tipo, venha aqui e nos busque, e mamãe podia começar o próprio negócio de design de moda, em vez de ficar consertando as roupas de outras pessoas, e você podia fazer trabalho promocional para ela, e seria tudo divertido e colorido, além de bem mais zen.

Sei com certeza que seu eu real, se você conseguir entrar em contato com ele de novo, vai pular no primeiro voo para Cambridge.

Mal posso esperar para ver você.

Com amor,
Madeleine

P.S.: Você pode vir logo? O que eu disse sobre minha mãe estar um pouco mal... na verdade, acho que ela precisa ir a um médico. Dá para você se apressar e vir aqui, para fazê-la consultar um? Obrigada.

Madeleine segurou a carta nas mãos e sentiu um frio percorrer seu corpo.

Estendeu a mão e abriu a torneira quente. Na mesma hora, ela soltou aquele gemido agudo que sempre dava, como se em um pânico descontrolado diante da obrigação de produzir água quente.

Fechou-a.

Saiu do banho, pegou uma toalha e se inclinou para a porta. A mãe estava sentada na máquina de costura.

– Preciso de um favor – falou Madeleine.

– Certo.

– Prometa que vai ver um médico.

Holly piscou, assustada.

– Algumas vezes, como hoje, você parece como sempre foi, e tudo o que diz faz sentido. Mais ou menos. Mas, outras vezes... não faz sentido algum. E tem as dores de cabeça. E o desmaio. E... esquecer coisas. Você tem que consultar um médico.

A mãe concordou com um aceno de cabeça, distraída.

– Tudo bem. Mas só se você for buscar um chocolate quente para mim quando sair do banho.

– Marque uma consulta agora, e temos um acordo.

A mãe pegou o telefone.

PARTE 7

ELLIOT BARANSKI

Cara Madeleine,

Algum tempo atrás, você revelou seu nome em uma carta. Foi uma piada que fez sobre quando quebrou o tornozelo, acho, e alguém dizendo a você “Madeleine...” alguma coisa.

É bonito o nome Madeleine. Eu gosto.

Ainda assim, continuei usando M. T. por respeito, porque achei que era isso que você queria.

Ah, não é verdade. Estava usando M. T. para tirar um sarrinho, eu acho.

Porque soa meio como nome nenhum.

Foi errado da minha parte. Assim como foi errado da minha parte dizer “Faça como quiser” quando disse que estava indo para um lugar para esperar por mim.

Você pode ter entendido que eu estaria lá, uma coisa que, espero, você *não* tenha feito.

Eu estava com raiva de você, Madeleine, e acho que devo explicar por quê.

Há algo que nunca lhe contei sobre mim. Estamos em férias escolares, por isso agora tenho um pouco mais de tempo para lhe contar.

Quase um ano e meio atrás, meu pai desapareceu, assim como uma professora do Ensino Médio.

Na noite em que eles desapareceram, encontrei meu tio Jon morto à beira de uma estrada.

A coisa sobre o meu pai ter ido embora...

Nunca soube como seria alguém desaparecer. Antes de isso acontecer, lembro de ter pensado algumas vezes que seria difícil – mas acontece que a distância entre o modo como você pensa que algo vai te afetar e como *realmente* afeta, bem...

Reinos e Impérios juntos não poderiam dar a dimensão disso.

Uma vez, anos atrás, participei de um jogo de destrobol júnior. Nessa época, minha prima Corrie-Lynn era apenas um bebê. Tio Jon e tia Alanna estavam ali com Corrie-Lynn na lateral do campo, assistindo. E a bola se desviou.

Ela voou – em excesso de velocidade – rápido e forte pelo ar, e todo mundo podia vê-la se dirigir para Corrie-Lynn em seu carrinho de bebê.

Jon e Alanna estavam um pouco longe dela, conversando com meus pais. Corrie-Lynn estava sentada, ereta e solene daquele jeito que sempre teve, e a bola se encaminhava direto para o seu rosto.

Eu estava no outro lado do campo.

Pude vê-la voar. Vi exatamente onde ela ia bater. E não havia nada que eu pudesse fazer.

No final, minha mãe a pegou. Ela virou bem na hora e se jogou no ar, agarrando a bola e caindo de bruços sobre a lama. Ela machucou a palma da mão, então não quero nem pensar no que poderia ter acontecido com a pequena Corrie-Lynn se a bola a tivesse atingido.

A questão é essa sensação que você experimenta na boca do estômago e na garganta – em todo o corpo, na verdade – quando vê uma bola rodopiar em direção a um bebê. O terror do ato, o suspense... Bem, é essa sensação que eu tenho pelo desaparecimento do meu pai.

A diferença é que, na vida real, ou alguém pega a bola ou ela bate, e você tem que lidar com as consequências.

Quando alguém desaparece, porém, a bola continua voando.

Mesmo nos meus melhores dias, nos dias em que sou distraído por amigos, que me divirto, mesmo assim, é como se tivesse deixado algo assando em um forno em algum lugar. Uma parte da minha mente pode sentir a coisa torrando em cada momento do dia.

É cansativo, também, porque posso mudar eternamente os fatos e as possibilidades na minha cabeça. Um ataque Roxo de terceiro nível matou Jon, e achamos que ele deve ter levado meu pai e também Mischka Tegan. Mas o corpo deles jamais apareceu. Quem sabe o Roxo não os tenha levado para a caverna dele e ainda os mantenha vivos?

Ou talvez meu pai tenha fugido com Mischka. Talvez tenha abandonado minha mãe, e a mim, como se nunca tivéssemos existido. Talvez meu pai tenha matado Jon antes de partir. Ou quem sabe lhe pediu que levasse a caminhonete de volta para casa.

Passei o último ano querendo acreditar que um Roxo mantinha meu pai em sua caverna, porque isso fazia os fatos se encaixarem e significava que eu poderia ir até lá e resgatá-lo.

Mas houve outros fatos também – como meu pai e Mischka bebendo juntos, a reputação dele –, e esses fatos continuaram a tomar forma.

Era como se, dentro da minha mente, eu tivesse construído para mim mesmo uma pirâmide de abóboras, mas, cada vez que eu virava as costas, o equilíbrio dela se desestabilizava – os engradados começavam a envergar, derramando sujeira de abóboras esmagadas, ou havia chuva escoando entre uma abóbora e outra. Daí eu limpava, reconstruía, e virava as costas novamente.

Com tudo isso acontecendo, também recebi cartas suas dizendo que eu não existo, e que familiares que desaparecem não querem ser encontrados, e que, se eles desaparecem, talvez seja culpa minha. Ao mesmo tempo, você não para de falar e falar sobre cores, feito uma ceifeira-debulhadora incontrolável.

Não é culpa sua, mas com certeza você tem o dom de dizer a coisa errada.

Seja como for, recentemente, essa pirâmide de abóboras na minha cabeça veio abaixo, e desta vez não vou reconstruí-la.

Traí minha namorada – Kala – no dia em que ela partiu da cidade, sabe, e imediatamente me ocorreu: se posso fazer isso, talvez meu pai tenha nos traído também. Talvez ele e eu sejamos parecidos.

Já sabia que ele tinha levado a lupa dele; descobri que *ela* tinha levado o ursinho de pelúcia, e eles tinham uma pulseira que ia gerar uma pilha de dinheiro para eles.

Meu pai fugiu com a professora, ele não está na caverna de um Roxo de jeito nenhum.

Olhei para o sol, acho, como você me disse, e isso dói, mas pelo menos é a verdade.

Ou, dito de outra forma, a bola bateu, mas pelo menos o suspense torturante não existe mais.

E ele não está morto – afinal, não encontraram o corpo dele retalhado em pedaços como o do meu tio Jon, o que seria um tipo diferente de golpe, mais selvagem e brutal, uma espécie de inferno – mas de alguma maneira mais simples e honrado. Não tão feio, complicado e pessoal.

E um dia desses posso encontrá-lo, meter a boca nele para reclamar e depois virar as costas.

Ah, mesmo sentado aqui na minha varanda, olhando para os campos, há uma parte de mim que o vê caminhar. Que constrói sua imagem usando a luz do sol

à distância. A forma do meu pai, quase posso vê-lo cruzando o campo em direção a mim. Vindo colocar o braço em volta do meus ombros e estendendo um braço em torno de minha mãe também. Fecho os olhos e apenas tento respirar.

Cuide-se,

Elliot

MADELEINE TULLY

Caro Elliot,

Olha, eu nem ia olhar mais para esse parquímetro.

Estava totalmente propensa a evitá-lo. Mesmo que o parquímetro estivesse, tipo, se afogando e gritando: “Madeleine! Salve-me!”, eu apenas ia dar de ombros e partir. “Dane-se.”

Mesmo que ele me pedisse para dançar.

E olha que eu amo dançar.

Porque você me deixou na chuva, amigo.

(Além disso, minha mãe me fez prometer nunca mais me comunicar com Elliot Baranski novamente.)

Mas aqui estou eu.

O que é *isto*, afinal?

Seu palpite é tão bom quanto o meu.

Bem, não, na verdade duvido disso. Meu palpite provavelmente é melhor que o seu.

O que aconteceu foi que eu estava caminhando, mantendo meus olhos longe do parquímetro, mas havia um carro estacionado em frente dele com seus dois assentos dianteiros inclinados para a frente. Como se os dois bancos tivessem acabado de receber más notícias. O banco do motorista descansava a cabeça no volante, tipo, como se estivesse

completamente acabado com a notícia.

E eu estava, tipo: “Oh, não, gente, o que há de errado, o que aconteceu?”. Mas os assentos não responderam nada. Então senti que deveria respeitar a privacidade deles, por isso me afastei, e lá estava o parquímetro. Bem na frente dos meus olhos.

Com um envelope REALMENTE gordo nele.

Tive de ARRANCÁ-LO da fenda.

Fiz isso. Eu o arranquei.

E o li.

A primeira coisa que quero dizer é que estou embaraçada por ter revelado meu nome a você. Tanto esforço para ser, tipo, uma garota superdescolada, superespiã, disfarçada, com um codinome.

Tanto esforço para proteger minha privacidade, acho.

(E nunca pensei em minhas iniciais como algo que soa como *nome nenhum*. Ótimo. Obrigada por isso.)

De qualquer maneira, li sua carta e comecei a escrever uma resposta na minha cabeça, mas então aconteceu uma coisa estranha. Algo deslizou do fundo da minha mente e me disse: “Acho que é real”.

E, por um momento, acreditei no Reino de Cello.

Mas foi apenas por um momento. Já superei isso.

Foi assim que aconteceu. Bem, estou voltando para casa e vejo dois gatos. Isso foi em um parque infantil. Parei na cerca para observá-los. Não pareciam mais gatinhos, pois já tinham bigode (há-há). Eram magros, olhos brilhantes, e corriam lado a lado, exatamente como se acompanhassem uma coreografia. Deslizaram em meio aos brinquedos do parque, separados por um momento, depois novamente juntos. Um encontrou uma chave antiga em um laço de corda, e ficaram brincando com ela por um tempo. O padrão da brincadeira era simétrico, e depois percebi que o padrão do pelo deles também era.

Um era preto, o outro cinza-escuro, mas ambos tinham uma espécie de brilho branco exatamente nas mesmas partes do corpo. Era como se um fosse o gato e o outro, a sombra do gato.

Estava observando os dois, e pensei na gente. Como éramos como sombras um do outro, ou talvez reflexos. Eu fugi do meu pai, seu pai fugiu de você, essas duas coisas acabaram tendo o mesmo significado. Nossos pais nos traíram. Eu traí Jack, você traiu Kala. Nós dois estamos, lá no fundo, com medo de que possa ter sido nossa culpa o fato de termos perdido a família e os amigos. Percebemos quantas falhas nossos pais têm, e agora pensamos que podemos ter também várias falhas.

É como se fôssemos cores complementares. (Desculpe estar falando sobre cores novamente.) Você sabe o que são, não sabe? Cores que fazem a outra desaparecer. Então, se você cruzar vermelho com verde – ou azul com laranja ou amarelo com roxo –, você obtém uma cor bem pálida, quase branca. (Newton chamou isso de “cor leve, anônima”.) (Não estou falando de pintura aqui – vermelho e verde na pintura não se anulam, apenas criam uma lama marrom.)

Curiosamente, no entanto, se você colocar cores complementares *próximas* uma da outra, elas aumentam o brilho mutuamente. (Reluzem com mais brilho que o natural; foi assim que Leonardo da Vinci se expressou a respeito.)

Eu me pergunto o que aconteceria se você e eu nos conhecêssemos. Será que iríamos nos matar, ou fazer o outro brilhar ainda mais? Talvez os dois.

A questão em relação a tudo isso é que, ainda que não consiga acreditar no Reino de Cello, acredito que há verdade nas suas palavras. Talvez a *sua* essência esteja por trás de suas histórias? Deve ser, tipo, as coisas que você descreve – ou algo parecido – *aconteceram* com você, e você as adapta agora em um lugar chamado Cello. Talvez seu pai tenha desaparecido, e isso esteja conectado à cor roxa de algum modo. Por isso

você criou um monstro roxo. Talvez ele estivesse vestindo uma jaqueta roxa quando foi embora?

(Se isso o faz se sentir melhor, eles costumavam fazer tintura roxa do muco glandular de um caracol do mar. Então, sabe, quem pode gostar de roxo? É um monte de gosma.)

Jack e Belle ainda não voltaram a falar comigo. Bem, eles dizem *palavras* para mim, mas é o tipo de palavra que você diria a uma tia-avó que veio visitá-lo e está dormindo em seu quarto e fritando fígado na sua cozinha todas as manhãs.

Enquanto isso, minha mãe enfim foi ao médico. Ela foi encaminhada para um neurologista em Addenbrooke, e eles já fizeram uma tomografia computadorizada, que aparentemente apresentou algum tipo de anormalidade no cérebro dela, mas quem *pode saber* do que se trata? (Bem, de acordo com minha mãe, essas foram as palavras do médico. Não estou muito certa de que seja possível confiar nela a esse respeito.) Ela agendou uma ressonância magnética para daqui a algumas semanas, para descobrir exatamente *do que se trata*.

Ela diz que eles apenas projetam luzes nos olhos dela e a fazem responder a testes como *quanto é dez mais dez*, ou lhe dizem para sorrir e em seguida franzir a testa, ou a fazem fechar os olhos e tocar coisas, e depois adivinhar o que elas são. Perguntei como ela estava indo nos testes, e ela disse que tirou um A+, e eu falei: “Será que o *doutor* diria isso?”, e ela respondeu: “Bem, não. Mas eu poderia dizer”.

Então, quem é que sabe?

Ela me disse que falou para o neurologista: “O que a ressonância magnética pode mostrar?”, e ele respondeu: “Essa é uma questão de múltipla escolha”.

Acho que vamos ter que esperar. É bom ter profissionais assumindo o comando. Acho que a tarefa estava um pouco além das minhas

habilidades. (E sinto que eles são realmente muito mais profissionais do que a minha mãe está pintando. Além disso, se há uma anormalidade no cérebro dela, eles vão apenas, tipo, operar e tirar a anormalidade, certo? Isso teria sido totalmente além das minhas capacidades. Cirurgia cerebral.)

Hum.

Entendeu tudo o que eu disse?

Alguma coisa se revirou na frente dos meus olhos, e foi novamente a crença de que o Reino de Cello é real.

(Agora vou partir novamente.)

Saudações,

Madeleine

PARTE 8

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

1

Folha Celliana

Queridíssimos, dulcíssimos e intrigantíssimos assuntos sublimes deste (!) nosso esplêndido e torrencial Reino de Cello!

Bem-vindos a esta nossa décima terceira (???) (quem sabe?!)¹ coluna para este jornal chato de galocha, a *Folha Celliana*!² Enormes desculpas, mas seremos adoravelmente rápidas nesta coluna – ah, o cansaço destas últimas semanas! Embora agora esteja quase tudo só no farelo, tal como nosso querido irmão, o Príncipe Chyba, nos deixa só o *farelo* às vezes! (Essa é uma gíria de Ponta Serrilhada para dizer que alguma coisa (ou pessoa) está no fim, acreditamos.).

Ah, Chybs, ele é o maior, e tem estado em conversas diplomáticas à distância com nosso vizinho, o Reino de Aldhibah, por *semanas* agora, o que é bom para ele (embora não surpreenda, considerando o quanto Chybs é capaz de falar – os aldhibanos provavelmente já fizeram as malas e foram para casa, e ele ainda está lá sentado diante do monitor, distraído, falando sem parar), mas às vezes desejamos que os aldhibanos prendam Chyba e o tranquem em um de seus calabouços pelo resto da vida.

Hum, colocado assim, soa um pouco cruel.

Desculpe, Chybs! Não queríamos dizer isso!

(Espero que nenhum aldhibano esteja lendo esta coluna!) (Não há muito com que se preocupar, já que ninguém em Aldhibah deve ler a *Folha Celliana*, certo? Por mais maravilhoso que o jornal seja.)³ Meus queridos, esta, como dissemos, vai ser uma coluna desordenada – apenas

para informá-los de que concluímos o *tour* por Velhus Excentricus (fomos surpreendidas por uma forte corrente enquanto estávamos na cidade marítima de Enfurecido, onde o café ficou um pouco amargo para o nosso gosto – fora esse detalhe, tudo de bom) e agora estamos nos embrenhando em Ponta Serrilhada – e *amando* o excesso de acontecimentos noturnos aqui, *mesmo* que ele tenha colocado nosso relógio biológico de cabeça para baixo! Mas... como dissemos... nosso passeio está quase no fim (no farelo).

Não vemos a hora de abraçar nosso irmão mais novo, o Príncipe Tippet, e fazer cócegas nele. Quanto à nossa Mãe Real (a Rainha Lyra, como é conhecida por todos vocês), ela escreve para nós de seu retiro, na fronteira entre Norte Mágico e a Província Não Revelada (onde foi para calcular as finanças do Reino); escreve para nos dizer que sente profundamente nossa falta, e que *ela* mal pode esperar para *nos* abraçar novamente!! (Ela não fez nenhuma menção a cócegas.)

Mas, ouçam: há uma coisa que interessa a todos em tudo isso!

É UM ANÚNCIO!!!

Um anúncio incrível, um chute no traseiro.⁴

E é isso!

DOIS dos três membros da Aliança da Juventude Real foram **ESCOLHIDOS!!!!**

Rufar de tambores!

Seleção número um: um menino chamado SAMUEL HORACE JURGEN, de Twy Eam Peck, em Velhus Excentricus!

Seleção número dois: uma menina chamada KEIRA J. PLATTER, de Tek, em Ponta Serrilhada!

Em relação a Samuel, ele *conseguiu* fazer nosso coração parar de bater! Estávamos na Carruagem Esmeralda, viajando pelos arredores de Twy Eam Peck, muito tranquila e respeitosa, sendo ela um Hostil Registrado. De repente, ouvimos um grito! Vários outros gritos. Os cavalos aumentaram a velocidade do galope! O que estaria acontecendo?

Aconteceu que um mero estudante de doze anos estava *correndo atrás da carruagem*!

Ele tinha preparado um pedido para aderir à Aliança da Juventude, vejam só, e queria entregá-lo pessoalmente!

Inacreditavelmente estúpido ou corajoso como um leão, esse Samuel... seja como for, ele chegou *tão perto* que poderia ter levado um tiro!!

No fim, ficamos muito impressionadas com sua valentia – e também com os óculos de aros de metal, gola enfeitada e calças de montaria; e com a elegante caligrafia do pedido; e com a genuína *simplicidade* de um menino de Twy Eam Peck (você têm ideia de *como* esse lugar é hostil?) *querer* se juntar à Aliança da Juventude Real (!?!?!?) – bem, por tudo isso, optamos por ele.

Então, Samuel, você está dentro!

A alegria dele diante de nossa decisão foi comovente.

Quanto a Keira, só a escolhemos hoje. Estávamos assistindo ao campeonato de motocross subterrâneo em Tek, aqui em Ponta Serrilhada, e Keira foi a vencedora.

Júpiter e eu ficamos encantadas. Ela foi selecionada no local.

A garota nos pareceu surpreendentemente impressionada, mas entendemos isso como modéstia natural da parte dela.

QUEM SERÁ O PRÓXIMO?!

Só falta escolher uma pessoa!

Pode ser alguém com quem vamos nos encontrar exatamente hoje!

Ou pode ser um certo menino que vive em determinada cidade nas Fazendas, e vamos, como dica, informar apenas que o nome da cidade é *quente*, e, pelo cheiro da coisa, é esse menino mesmo. Seu xerife nos escreveu sobre ele, que é adorável. De qualquer maneira, ele está queimando uma linha na *minha* listinha...

Ou pode ser *você*, doce leitor! (Supondo que você seja jovem. Acho que as pessoas mais velhas também leem esta coluna. Sim. Com certeza, elas leem.)

Não desistam; continuem com os pedidos...

... mas, por ora,
temos de voar!
mais do que já.

Com vigor real e pompa,

Sua Alteza Real, a Princesa Júpiter, e Sua Alteza Real, a Princesa Ko Beijos.

Hector Samuels girou a cadeira umas duas vezes; em seguida, três vezes no sentido oposto.

O jornal estava aberto sobre a mesa, e ele deslizou em direção a ele e o leu novamente, rindo em voz alta. Pegou o telefone.

– Jimmy? Viu isso?

– Viu o que, Hector?

Ouviu um estalido grave e uma fungada do outro lado, e Hector então se lembrou.

– Ah, desculpe, Jimmy. Ainda doente, não é? Acho que esqueci. Na verdade, estou *cansado* de vê-lo doente. Quanto tempo já faz, quase duas semanas? Vamos lá, tenha uma boa conversa com esse resfriado e fique bom agora. – disse rindo.

– É bom ouvi-lo com essa voz tão alegre – Jimmy respondeu asperamente, antes de se perder em um acesso de tosse. – Se eu vi o quê?

– A coluna sobre o *Tour* Real, das Princesas Irmãs! Elas estão falando sobre *nós*! Devem ter lido a minha carta, Jimmy, e estão *falando disso na coluna delas*!

– Sério? Elas falam sobre Fogueira?

– Bem, não é uma referência *específica*, mas o que mais poderia ser? Elas falam de uma cidade nas Fazendas com um nome que é *quente*. Fogueiras são quentes, não são? E mencionam um *garoto* que vive nessa cidade, que deve ser Elliot, porque falei sobre ele em minha carta. Estão sugerindo que o querem para a Aliança da Juventude Real!

Houve uma pausa. Outro acesso de tosse.

– Você vai se meter em encrenca com Elliot – Jimmy comentou.

– Ah, que nada... Ele vai ficar nas nuvens. Vá pegar o jornal e leia a coluna.

Não, espere, você está doente. Vou fazer isso em voz alta para você. Melhor ler a coisa toda para você entender o contexto. “Queridíssimos, dulcíssimos e...”

– Tudo bem, Hector. Vou olhar eu mesmo. Escute, você ainda não recebeu nenhum retorno da Inteligência Central?

Hector riu, feliz da vida.

– Até agora não, Jimmy. Parece que sua teoria sobre essas cinco pessoas desaparecidas estarem no *Mundo* os deixou sem palavras. E agora estou pensando aqui... Você não apareceu com essa história exatamente na época em que pegou esse resfriado?

– Aonde quer chegar, Hector?

– A febre ferveu seus miolos! Quer enviar uma retratação para a Central? Tentar reconquistar o respeito deles?

– Mantenho minha teoria. A Central deve estar para responder. Talvez você devesse confirmar se eles têm o seu fax.

– Espere, Jimmy, parece que está vindo alguém até aqui. Ligo para você depois. Não esqueça de ler a coluna!

A porta se movimentou e a família Twickleham surgiu.

De repente, Hector teve a impressão de que os Twickleham *sempre* surgiam à porta da delegacia. E sempre naquela formação: dois adultos com a pequena entre eles, como uma fileira de bonecos de neve que um dia ele havia visto. Os Twickleham versão adulta tinham o aspecto arredondado de bonecos de neve.

Claro, bonecos de neve não costumavam usar túnicas com calças justas nem vestidos compridos de seda com broches e colares, ou sapatos pontudos de couro, que era como os Twickleham estavam vestidos naquele momento.

– Chame-se um bom-dia para nós, você não vai? – disse Bartolomeu Twickleham.

O xerife, como de costume, viu-se sem saber como responder. Deveria obedecer e chamar *um bom-dia para eles*?

Em vez disso, sorriu e pousou o jornal sobre a mesa, estando muito feliz para qualquer tipo de formalidade.

– Como andam vocês, afinal? – perguntou. – E a pequena Derrin? Eu *gosto* dessa boneca! Aposto que é uma das criações de Corrie-Lynn, hein?

Em resposta, Derrin segurou a boneca de madeira que abraçava de encontro ao peito e fez com ela uma dancinha e uma reverência.

– Ah, ela é um anjo. – O xerife sorriu para os pais da garota. – E o que podemos fazer por vocês?

– Temos novidades – disse Bartolomeu.

Fleta concordou.

– Nós temos – disse ela – algumas novidades.

O xerife se endireitou e os contemplou de maneira solene.

– Chegou para nós que devemos deixar essa boa cidade – disse o sr. Twickleham –, pois a feira devia nos salvar, mas, como uma serpente num kiwi, isso não aconteceu.

– Não aconteceu – confirmou a esposa.

– Bem... – respondeu o xerife –, sinto muito por ouvir isso.

– E assim retomamos nosso estilo de vestir de Velhus Excentricus – Fleta acrescentou.

– Ah – o xerife concordou.

Derrin sentou-se no chão e brincou com a boneca, enquanto o sr. e a sra. Twickleham explicavam o que tinha acontecido na feira.

Pareceu a eles que determinados jovens haviam se encarregado da distribuição das barracas – Cody e Gabe eram os nomes –, o que surpreendera bastante os Twickleham. Mas esses jovens pareciam ter arranjado uma maneira de a barraca dos Twickleham ser colocada no canto

mais distante, à sombra da tenda de um circo, onde ninguém, a não ser o mais *intrépido* explorador em busca de consertos eletrônicos, poderia encontrá-la!

– Esperamos o dia todo – contou a sra. Twickleham com tristeza. – Com todas as nossas iguarias fresquinhas, e nossos pequenos aparelhos específicos para crianças, e nossos folhetos de propaganda em várias cores, tão cheios de esperança! Mas não apareceu uma alma sequer! E, quando Bartolomeu se estabeleceu, estridente, com seu megafone, para chamar atenção aos gritos, também...

– Sempre que eu tentava gritar, a música aumentava de volume! Minhas palavras ficavam afogadas no mar perolado de brilho escuro! Toda vez! Até eu desistir.

– Mais tarde – acrescentou a sra. Twickleham –, ficamos sabendo que eram determinados jovens, Shelby e Nikki, para ser mais precisa... Bem, eles estavam encarregados da música, se você quer saber do acontecido estranho como um camafeu.

– Eu quero saber sim... – murmurou Hector distraidamente.

– E então fomos para a Fazenda Baranski nesse dia, para dizer a Petra Baranski que precisamos, como a chuva cai do céu em agulhadas, sair da loja. Vamos embora amanhã.

– Tão de repente – gritou Hector.

– É o momento das coincidências – disse Fleta. – Nossa amiga, alguns podem considerar nossa *única* amiga aqui, além de você, Hector... Nossa amiga Olivia Hattoway, que é professora de Derrin, está indo para casa pra ver a família em Ponta Serrilhada amanhã. Como as férias escolares começaram, ela sugeriu que peguemos uma carona com ela para Velhus Excentricus. Não é exatamente uma rota direta para ela, mas uma visita a nossa província vai quebrar a viagem dela no meio.

– E ela vai ter nossa companhia – acrescentou o sr. Twickleham – para o

passeio.

Hector suspirou.

– Faz sentido – ele respondeu –, mas eu me culpo por tudo isso. Queria falar com Elliot e os amigos dele, mas não consegui ainda.

– Ah, agora o tempo urge... – murmuraram os Twickleham.

Eles se voltaram para a janela, e ambos riram de forma um tanto amarga.

– E não é que ele ainda está lá? Será que esse menino não sabe que é férias na escola?

Hector olhou e, do outro lado da rua, no pátio vazio do colégio, mais uma vez, estava Elliot perto da escultura.

Enquanto observavam, ele se afastou dela, sentou-se em um banco, pegou um bloco de notas e começou a escrever.

– Bem, agora que o tempo urge... – Os Twickleham se viraram para o xerife. – Queríamos informá-lo dessas notícias tristes, mas também nos perguntamos se nossa solicitação de dinheiro do Fundo de Danos do Ataque Vermelho foi processada. Não queremos apressá-lo, mas...

Hector fez uma careta.

– Ah, sinto *muito*. Estou muito atrasado com a papelada, com Jimmy ausente por causa do resfriado. E se eu prometer a vocês processá-lo nesta tarde? Poderia levar o cheque para vocês?

– Não queremos lhe causar um incômodo elegante e tentador como este – disse a sra. Twickleham. – Voltaremos à hora que bate as seis, se for conveniente.

– Vocês vão estar ocupados fazendo as malas – respondeu Hector. – Eu insisto.

Mas os Twickleham voltaram a insistir que não, e assim foi acordado.

Saíram fazendo um aceno de mão, e Derrin, um aceno com a boneca de madeira. Hector sentou-se à mesa, parecendo lamentar algo por alguns

momentos.

Em seguida, o jornal chamou sua atenção e um sorriso iluminou seu rosto mais uma vez.

Elliot estava sentado no pátio da escola, observando a escultura.

Depois de um momento, um brilho branco chamou sua atenção. Olhou ao redor rapidamente e, em seguida, estendeu a mão em sua direção.

Era uma carta de Madeleine.

Nos últimos dias, tinham enviado longas cartas um para o outro, as mais longas que Elliot já havia escrito. Ele contara a ela sobre seu pai desaparecido e as viagens para a Faixa da Natureza e a Costa Dourada. Ela lhe falara sobre como tinha fugido em um trem chamado Eurostar, e como sua mãe gostava de chocolate quente, e como conhecera novos amigos chamados Jack e Belle.

Porém, hoje, alguma coisa havia acontecido.

Ele entregara uma carta mais curta para ela e se virara para ir embora. Mas, por alguma razão, voltara-se de novo para a escultura e vira um pedaço de papel que tinha aparecido.

Você está aí agora?, o papel dizia.

Sim, ele respondeu, e esperou. Poucos momentos depois, outro bilhete.

Porque uma coisa muito estranha aconteceu, ela escreveu. Eu estava no parquímetro, prestes a colocar uma carta nele para você, quando seu envelope simplesmente, tipo, APARECEU. Aconteceu de novo agora. Como você está fazendo isso?

Elliot sorriu.

É uma fenda, escreveu ele, como eu disse antes. Não tenho a menor ideia de como a coisa funciona.

Isso está me enlouquecendo, ela respondeu. Mas estou gostando muito. Continue assim, e posso realmente ter um outro dos meus surtos de crença no Reino de Cello.

Era uma conversa.

Estava conversando com uma garota do Mundo.

Trocaram bilhetes curtos pelas duas horas seguintes.

Descobriram que os dois estavam no mesmo fuso horário. Trocaram informações sobre o tempo. Ela disse a ele que aquilo era como uma mensagem de texto inter-Reino, e ele respondeu que não tinha ideia do que ela falava. Ela contou a ele sobre livros e bandas favoritos, e ele repetiu que não tinha a menor ideia do que ela dizia. Mas que fazia sentido, estando ela no Mundo. Ela falou que a mãe tinha feito uma ressonância magnética, que mostrara o que parecia ser um tumor no cérebro, e que tinha feito uma biópsia com uma agulha fina e agora estavam à espera dos resultados da patologia, e ela tinha consigo que ia dar tudo certo, porque seria benigno, ou então apenas tirariam o tumor, mas os médicos pareceram distraídos quando ela havia mencionado esse detalhe, e havia uma espécie de escuridão nebulosa na maneira como falavam.

Você sabe no que acabei de pensar?, Elliot escreveu. Li em algum lugar que Crianças-Borboletas costumavam fazer contas de cura. Não sei exatamente o que elas são, mas, se a minha não consegue favorecer as plantações, quem sabe ela não pode curar?

Madeleine respondeu: Se você conseguir que a sua Criança-Borboleta faça contas de cura – e puder trazê-las para mim amanhã de manhã, às dez –, e elas curarem minha mãe, bem... aí sim vou acreditar que o Reino de Cello é real mesmo.

Combinado, Elliot escreveu.

Houve uma pausa mais longa. Em seguida, outro bilhete de Madeleine apareceu:

Quem sabe de fato o que é real ou não, afinal? Estava lendo um livro outro dia (novamente sobre Isaac Newton),

e ele mencionava a “sombra do arco-íris”. Eu fiquei, tipo: o quê? Isso é real? Porque, sempre que vejo esse arco-íris adicional, essa sombra – que está bem atrás de um arco-íris no céu –, bem... eu meio que acho que estou imaginando. Como se fosse um truque de luz. Como se minha mente pintasse aquele que está a mais.

Mas quem falou que truques de luz NÃO SÃO reais?

Uma vez, tive que testar minha audição – a terapeuta pensou que talvez eu continuasse fugindo da escola porque realmente não conseguisse OUVIR os professores me dizerem para não fazer isso (ela estava à beira do desespero). De qualquer forma, tive de sentar naquela pequena câmara usando fones de ouvido, e o médico, ou sei lá quem, se sentou do lado de fora, e eu tinha de pressionar um botão quando ouvia um som. No início, era uma espécie muito clara de GONGO, e fiquei feliz ao pressionar o botão. Em seguida, os gongos começaram a ficar cada vez mais calmos, e foram se apagando, desaparecendo, até que eu não conseguia ter certeza de se ouvia ou não.

É, tipo: será que eu vi mesmo esse arco-íris extra? Tinha ouvido mesmo aquele som? Era um som dentro da minha cabeça ou fora da câmara? É como o ponto de indefinição entre a imaginação e a realidade – algo muito fraco, um reflexo.

Elliot pensou por um momento, depois respondeu:

Isso meio que me lembra dragões, lobisomens, trolls, gigantes, vampiros, e outras dessas coisas que eles têm no

Norte Mágico. Veja, o lance é o seguinte: eles só estão lá porque crianças foram para o Lago dos Feitiços e pegaram FEITIÇOS para fazer criaturas de contos de fadas. Ninguém consegue entender por que uma criança faria uma coisa tão boba como criar um lobisomem, mas elas fazem.

De vez em quando, as pessoas comentam se eles realmente existem, esses dragões etc., achando um absurdo eles existirem por lá. Elas acreditam que são seres apenas imaginários.

Para mim, se dizem que estão lá, então eles estão lá. Se um dragão deixar você em chamas ou um vampiro sugar seu sangue, bem, aí sua pergunta vai estar respondida. E acho que, se você consegue ver um arco-íris ou ouvir um gongo, a pergunta também já está respondida.

Antes de Madeleine ter a chance de mandar uma resposta, ele começou a escrever em outro pedaço de papel.

Se você era tão feliz com a sua vida de antes, perguntou ele, por que vivia fugindo?

Fez-se um longo silêncio e, quando ela escreveu, ignorou a pergunta:

Se você e eu somos sombras um do outro, como o arco-íris – ou como os gatos sobre os quais escrevi outro dia –, qual de nós você acha que é real e qual é a sombra?

Pode ser que nós dois sejamos a sombra, ele respondeu. Mas eu meio que duvido disso.

Pensei em algo, ela disse. Como é que você nunca duvidou da minha existência? Se vocês não tiveram contato com o Mundo por, tipo, centenas de anos, por que achou

que minha carta ERA realmente do Mundo? E não, tipo, uma farsa criada por alguém da sua escola?

Elliot respondeu:

As pessoas daqui são muito ocupadas para esse tipo de coisa. Tenho que ir agora, de verdade. Vejo você aqui às dez amanhã.

Ele colocou a carta na escultura. Tocou-a mais uma vez e se afastou.

Na sua casa de boneca, a Criança-Borboleta dormia.

– Que surpresa – comentou Elliot asperamente.

Aconteceu mais tarde naquela noite. Ele ficou olhando para ela por um momento. Em seguida, pigarreou e falou:

– Ei, você aí – disse, depois parou. – Não quero incomodá-la – acrescentou.

A Criança-Borboleta suspirou em seu sono e se virou.

– Bem, *realmente* não quero incomodá-la – prosseguiu Elliot. – O lance é que... já faz um bom tempo que você está aqui em Fogueira, e nada aconteceu com nossas plantações, e... tudo bem se você está triste, mas eu gostaria de saber *por que* você está triste.

Após dar um suspiro, ele continuou:

– Deixando isso de lado um pouco, li em algum lugar que você poderia fazer contas de cura, e prometi a uma amiga que você faria algumas para ela.

Ele esperou. A Criança-Borboleta respirava de maneira calma e em ritmo cadenciado.

– Então eu acho que... bem, quem sabe, se você conseguir ouvir isso, de alguma maneira, e se *puder* fazer contas de cura, eu ficaria grato. Se você as fizesse, quero dizer.

Ele fungou.

– Ah, qual é o seu lance?

Sentou-se no sofá, mas quase ao mesmo tempo ouviu a porta da frente

abrir.

A mãe entrou. A vizinha de Corrie-Lynn soou, e logo em seguida ela estava na sala.

– Ei – ele disse.

Corrie-Lynn levantou o queixo para o outro lado, fez um semicírculo pela parte de trás do sofá e parou na frente da casa de boneca.

– Corrie-Lynn – ele continuou –, ouvi dizer que os Twickleham vão deixar a cidade, e realmente sinto muito pela sua amiga. Na minha opinião, às vezes alguns negócios simplesmente não dão certo. E talvez um dia eu possa, sei lá, levá-la para ver Derrin em Velhus Excentricus. Você pode escrever para ela enquanto isso, não pode? Bem, espero que você volte a falar comigo de novo algum dia, porque sinto sua falta, garota.

Corrie-Lynn virou o rosto para o lado oposto ao dele. Os ombros dela estremeceram, e ele pensou que talvez ela estivesse chorando, mas então ela se virou, e não eram lágrimas, era pura fúria.

– Você está *realmente* triste? – Ela de fato podia intimidar alguém quando se empenhava. – Você está muito triste, e é porque o *negócio* não deu certo? – Bateu um dos pés no chão. – Eles estão deixando a cidade por causa de você e dos seus amigos! *Eu* realmente sinto muito por seu pai estar longe, e espero que ele volte, mas, se ele voltar, pode conseguir uma *nova* loja de eletrônicos, pelo amor de Deus! E quer saber, Elliot Baranski? Se meu pai ainda estivesse por aqui, ele teria uma séria conversa com você, é o que ele faria. Ele diria: “Qual é a sua, Elliot, de ficar assustando uma boa família como aquela? Fazendo minha Corrie-Lynn perder sua única melhor amiga? Qual é a sua?”.

– Ah, querida...

Elliot estava a seu lado, querendo colocá-la nos braços, mas os olhos dela se arregalaram e o maxilar se fechou com força na tentativa de conter as

lágrimas, e ao mesmo tempo ela lhe deu um soco, com força, no estômago.

Em seguida, esquivou-se para longe dele, franzindo a testa.

Elliot se levantou, continuando a olhar para ela.

– Você está certa – falou por fim. – É exatamente o que o tio Jon teria dito, e ele teria razão. Lamento *muito*, Corrie-Lynn, e quero consertar as coisas. Vou falar com eles.

– Tarde demais para consertar – respondeu ela com frieza. – Eles vão partir pela manhã. *Eles* poderiam consertar as coisas... coisas eletrônicas, você sabe, mas você e seus amigos nunca deram a eles sequer uma chance.

– Como eu lhe disse, você está certa. Vou consertar isso, Corrie-Lynn. Vou pedir a eles para continuar aqui, e vou falar com meus amigos e fazer tudo o que puder para o negócio deles funcionar. Vamos bolar uma campanha de marketing. Pediremos a Cody para pintar cartazes para eles. Vamos pedir a Shelby para colocar uma faixa no avião dela: CONSERTEM OS APARELHOS ELETRÔNICOS COM OS TWICKLEHAM!

Corrie-Lynn estudou o rosto dele. A expressão dela fez menção de mudar.

– Vai mesmo?

– Vou para a loja agora dizer isso a eles.

– Bem – falou ela, o tom de voz ainda frio, mas já cedendo um pouco –, contanto que seja algo melhor na faixa que “Consertem os aparelhos eletrônicos com os Twickleham!”, porque esse é o *slogan* mais estúpido que já ouvi. Aliás, nem chega a ser um *slogan*.

– Tem razão.

Corrie-Lynn ainda o estudava.

– Não vá agora – disse ela. – Eles costumam deitar cedo. Mas a primeira coisa que vão fazer amanhã é vir para a Melancia, para que Derrin e eu possamos dar nosso último adeus. – Seu lábio inferior tremeu, mas ela endireitou os ombros. – Encontre a gente lá às nove. Se conseguir convencê-

los a ficar, quem sabe eu possa ver se consigo perdoá-lo.

Então, ela se virou e caminhou em direção à porta.

– Já vai para casa?

Corrie-Lynn assentiu com a cabeça, de costas para ele.

– Jogue sua bicicleta na traseira da caminhonete e eu lhe dou uma carona.

Está ficando escuro.

– Não – ela respondeu. – Preciso de algum tempo sozinha.

Quando crianças pequenas agem como adultos, Elliot pensou, isso parte o coração.

Ela estava no batente da porta quando se voltou.

– É porque você nunca a ouve – ela falou, balançando o dedo em direção à casa de boneca. – É por isso que ela está triste.

– A Criança-Borboleta? Eu nunca a *ouço*?

– Exatamente.

– Mas ela não fala!

– Ah, pelo amor de Deus – murmurou Corrie-Lynn. Ela gritou: – Tchau, tia Petra! – E saiu para a varanda. Ele pôde ouvi-la falando para si mesma enquanto descia as escadas da frente: – Ele é tão *inteligente* e *ótimo* e corajoso, e tão bom em *destróbol*, e tão estúpido quanto uma motosserra...

A roda da bicicleta chiou e se uniu aos resmungos enquanto ela pedalava, contornando a entrada de carros, e partia.

A porta da delegacia do xerife se abriu e a família Twickleham se despejou para fora.

Tinham pegado o cheque do Fundo de Danos do Ataque Vermelho, haviam se despedido de Hector, e agora abotoavam os casacos para se proteger do frio da noite.

Desceram as escadas em silêncio.

Fleta Twickleham parou no primeiro degrau. Estreitou os olhos para

observar a solidão da escola.

O marido seguiu seu olhar. Ela o olhou de esguelha, arqueando uma das sobrancelhas, e ele deu de ombros. Com Derrin entre eles, atravessaram a rua e depois o portão da escola.

Pararam na frente da escultura.

Estudaram-na, examinando-a de um lado e de outro, de vez em quando dando umas pancadinhas na lateral da TV.

Ali perto, Derrin girou nos calcanhares, olhando as estrelas, até o pescoço começar a doer. Esfregou-o por algum tempo, flexionando-o depois para cima e para baixo.

O sr. Twickleham deslizou a mão pela base de concreto e, depois, pelas laterais da TV. A sra. Twickleham enfiou a mão na parte de dentro.

Franziu a testa. Ouviu um ruído.

Pegou um pedaço de papel.

Ambos se aproximaram, ela segurando o papel em várias posições até obter um pouco de luz.

Por fim, conseguiram enxergar o suficiente para ler:

Oi, Elliot.

Pensei que você tivesse ido embora agora, mas queria mesmo lhe contar isto. Decidi que vou pedir desculpas a Belle e Jack hoje. Assim, você sabe, me deseje sorte.

Se não der certo com eles, quem sabe eu não dê um pulo aí no seu Reino?

Estou pensando... Há apenas dois obstáculos para isso. 1) Essa “fenda” só é grande o suficiente para cartas, certo? Bem, tipo, ESTIQUE-A! 2) Você acha que tenho a peste. Sempre me esqueço de lhe dizer: não temos mais a peste por aqui há, tipo, centenas de anos! (Eu acho.) Eles devem ter encontrado uma cura. Antibióticos, se não me engano.

Portanto, não há obstáculos.

Ah, exceto que você primeiro tem de provar que seu Reino existe.
Bem, espero ansiosamente por isso amanhã às dez.
Madeleine

Fleta e Bartolomeu Twickleham ficaram tão imóveis, que Derrin parou de girar e olhar as estrelas, e se voltou para os dois.

Mas eles apenas olhavam um pedaço de papel, então ela tentou ver com que rapidez conseguia saltar com o pé esquerdo. Quando tropeçou e olhou para ambos de novo, eles olhavam um para o outro, em vez de olhar para o papel. Em seguida, juntos, olharam para a delegacia.

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

3

Jack e Belle estavam na casa de chá Canto da Titia.

Madeleine os observou pela janela por um momento: enquanto Jack falava, Belle girava uma colher de chá sobre a mesa. Eram os únicos clientes.

Quando Madeleine empurrou a porta, os dois se viraram e olharam. O rosto de ambos permaneceu inexpressivo por um momento, depois Jack esboçou um sorriso de boca fechada.

Transpor a sala vazia pareceu como atravessar a cotoveladas uma multidão.

– Posso me juntar a vocês? – ela perguntou.

Belle arregalou os olhos, mas Jack acenou positivamente com a cabeça.

– Então, o que acha de *Belle e Jack no espaço sideral*? – Belle perguntou, e Madeleine olhou ao redor procurando pela garçonete para pedir um café.

– É um blog que estamos planejando – Jack explicou a Madeleine. – Estamos pensando em escrever como personagens alienígenas. Vai ser viral, não acha?

Belle passou a bater os pés no chão cadenciadamente, ficando de perfil para Madeleine.

– Vamos oferecer leituras de aura grátis e horóscopos para quem quiser – Jack continuou.

– Vão fazer leituras de aura *on-line*? – Madeleine arqueou as sobrancelhas.
– Como isso vai funcionar?

– Vai funcionar – disse Belle, ainda fitando Jack.

Madeleine ficou em silêncio.

– Estava pensando que talvez não devêssemos ser alienígenas – argumentou Belle. – Em vez disso, poderíamos fingir que somos pessoas famosas.

Jack virou-se para Madeleine.

– O que você acha? – ele indagou, e Belle coçou o queixo, impaciente.

– Hum. Legal – disse Madeleine. – Mas será que as pessoas famosas, tipo, não vão processar vocês?

– Poderíamos ser gente famosa que já está morta – sugeriu Jack. – Tipo, eu poderia ser Byron! E, Belle, você poderia ser... quem você era mesmo?

– Ada Lovelace – respondeu Belle. – Aquela que fez amizade com Charles Babbage e inventou a programação de computador.

– Sim, e por isso seria, tipo, educacional. Vou falar sobre o meu dia a dia *como Byron*. Por exemplo: como meus poemas estão indo, o que as crianças estão fazendo em casa, coisas desse tipo.

– Byron não teve filhos – esclareceu Belle. – Ada vai ser muito mais interessante. Todo mundo vai ler a parte dela do blog.

– Sim, ele teve. Byron teve filhos. Teve dois. Primeiro, ele se casou com uma mulher bela, inteligente, de extremada moral...

– Ada era mais esperta – Belle interrompeu. – Ela teve sarampo quando era criança e foi obrigada a ficar de cama por, tipo, um ano. Depois, não tinha nada mais a fazer com o cérebro, a não ser se tornar inteligente.

A garçonete trouxe o café de Madeleine. Ela o pegou e o levou até a boca, mas estava muito quente. Recolocou-o na mesa.

– Bem, Byron e sua esposa de moral extremada tiveram uma menina. Mas, em seguida, ele foi embora e as abandonou, e a esposa não queria que a filha crescesse para ser uma poeta fracassada como o pai, então a fez estudar matemática.

– Certo, mas Ada inventou a programação de computadores. É claro que ela era ainda melhor em matemática do que...

– Estão falando da mesma pessoa.

Jack e Belle olharam para Madeleine.

– É a mesma pessoa – Madeleine repetiu. – Augusta Ada Byron. Ela era filha de Byron, e ele gostava de chamá-la de Ada. Ela teve sarampo quando tinha treze ou catorze anos. A mãe não queria que fosse poeta como o pai, então a fez estudar matemática. Ela se casou com o conde de Lovelace – é por isso que se tornou Ada Lovelace. Ela conheceu Charles Babbage quando tinha dezoito anos, ficou interessada pelos computadores dele e escreveu um algoritmo que foi, tipo, o primeiro programa de computador.

– Sem chance – disse Belle.

– É verdade. Sua Ada é filha de Byron.

– Como você sabe de tudo isso?

Madeleine deu de ombros.

– Andei lendo muito desde que cheguei aqui.

Eles ainda a encaravam. Madeleine respirou fundo, fixou o olhar em um ponto acima da cabeça deles e falou:

– Desde que cheguei aqui em Cambridge, quero dizer. E quero falar pra vocês que este é um lugar muito legal. E acho que vocês dois são... pessoas muito legais, e... – o ritmo se acelerou – ... e eu só queria, tipo, dizer que lamento muito por vocês terem visto o que eu *escrevi* naquela carta, porque

vocês dois foram, provavelmente, os melhores amigos que tive na vida, e não acho que fingiriam que não me conheciam só porque meu pai lhes pediu que fizessem isso, e eu devia ter percebido, tipo, percebido que era *eu* quem não pertencia à vida *de* vocês, em vez de vocês não serem... bons o suficiente para mim, e vocês dois estão ligados, com suas auras e horóscopos, e Byron e Ada, e eu deveria ter percebido que eu era uma sortuda, porque vocês permitiram que *eu* me juntasse a vocês, mas eu era a superior, e *eu* era a pessoa que não pertencia ao grupo, porque sou exatamente como, tipo, o louco do Newton, de quem ninguém gostava, andando por Cambridge e rabiscando números na sujeira e falando consigo mesmo, tentando fazer ouro com fogo em seu quarto, e por isso vou deixá-los sozinhos agora. Era isso o que eu queria dizer.

Ainda que não estivesse chorando como um bebê, Madeleine achava que as palavras haviam adquirido tamanha velocidade, e soado tão inesperadamente verdadeiras, que tinham causado uma tempestade em seu peito.

– E minha mãe também está muito doente.

A tempestade irrompeu e ela empurrou a cadeira para trás. Saiu correndo da casa de chá.

Jack e Belle a observaram.

Eles a olharam através do vidro à medida que o rosto dela se enrugava e ela corria ao longo do caminho e através da praça do mercado.

Então eles se entreolharam, arquearam as sobrancelhas, pagaram a conta e foram atrás dela.

Encontraram-na sentada em uma escada, os braços envolvendo os joelhos, a cabeça descansando neles.

Jack sentou-se de um lado, Belle do outro.

– O que você quis dizer com esse lance da sua mãe? – perguntou Jack. – Ela teve outra dor de cabeça?

Madeleine manteve a cabeça sobre os joelhos e contou a eles sobre os médicos, os exames e a biópsia, quase cuspiendo as palavras como pedras afiadas.

Jack encostou a palma da mão nas costas dela. Belle ficou em silêncio.

– Ok, parem com isso. – Madeleine levantou o rosto, que estava úmido e com listras, e estreitou os olhos. – Não fiquem sérios desse jeito. Minha mãe vai ficar bem.

– Ela vai ficar – Jack concordou rapidamente. – O hospital de Addenbrooke é um dos melhores da Inglaterra. Eles vão dar um jeito nela. Mas não posso acreditar que isso tudo venha acontecendo e você não tenha contado para nós. Por que não contou?

Madeleine mordeu o indicador.

– Porque não estávamos falando com você – o próprio Jack respondeu. Tirou a mão das costas dela e suspirou profundamente. – Veja, o lance é que – ele disse – eu não deveria ter lido seu e-mail para Tinsels. Era particular.

Madeleine colocou a cabeça de volta sobre os joelhos, envolvendo-os com os braços, como se para protegê-los.

– E você está autorizada a ser desagradável sobre seus amigos em um e-mail particular – Jack continuou. – Eu pensei sobre isso. Quero dizer, você estava escrevendo para sua velha amiga, então por que não deveria, tipo, desabafar?

– Mas eu *não queria* ser má com vocês...

– Claro que não – respondeu Jack. – Pensei sobre isso também, e deve ter sido como um choque cultural para você. Ser rica e depois pobre. Aqui deve ter parecido mesmo algo totalmente sem colorido.

– Mas não é. – Ela se sentou novamente, enxugando o rosto com a manga. – Você não é sem cor.

– Sim, eu sei. – Jack deu de ombros.

Belle permaneceu em silêncio.

– Outra coisa – Jack insistiu. – Você realmente pertence ao nosso grupo. Se Newton era louco, bem, Byron também era. Ele manteve um urso como animal de estimação quando estava em Cambridge. Bem, pelo menos eu acho que sim. Ninguém parece saber ao certo. Ele tinha minhoca na cabeça. Sua esposa de extremada moral pensou que ele tivesse fluido no lugar do cérebro. Entende? Também estamos ligados.

Belle finalmente falou.

– Ainda assim, Ada não era louca.

– Claro que era – disse Jack. – Todos os matemáticos são. Nós somos como um círculo, nós três, e o melhor tipo de círculo é o que é, tipo, achatado. É provável que você já saiba disso, com tudo o que leu. Mas, quanto mais achatado e oval um círculo, mais *excêntrico* ele é. É daí que vem a palavra *excêntrico*, que a gente conhece com outro sentido.

Ele parou de falar e olhou para Belle.

– Acho que me perdi um pouco. Diga algo legal agora, Belle.

– Ah. – Belle deu de ombros. – Tudo bem, Madeleine, você pode ser inteligente ao lembrar todos esses fatos e coisas, mas você não é *exatamente* como Isaac Newton. Porque ele era um gênio, uma coisa que você não é. Se é que isso faz você se sentir melhor de alguma maneira.

Madeleine sorriu.

– Ok.

– E... – Belle suspirou profundamente – ... a verdade é que sua aura está parecendo um pouco melhor neste exato momento.

Madeleine explodiu em lágrimas de novo.

Noite escura

Nas noites mais silenciosas, era possível ouvir a torre do relógio por todo o caminho até a Fazenda Baranski.

Ou talvez ele estivesse imaginando aquilo.

De qualquer maneira, era meia-noite, e as pálpebras de Elliot continuavam querendo se fechar. Ele sacudiu o corpo com vigor e olhou para a Criança-Borboleta de novo.

Para sua surpresa, ela estava acordada. Mas encontrava-se na beirada da cama, pronta, como se pudesse, a qualquer momento, enrolar-se sob o cobertor.

Desde que Corrie-Lynn tinha ido embora, Elliot vinha tentando descobrir. Embora a Criança-Borboleta não o houvesse ajudado. Ele ficara falando, falando, falando. Tinha feito sugestões, proposto algumas perguntas, ou mesmo rabiscado algumas palavras e desenhado imagens no papel, por horas. E tudo o que ela havia feito fora se sentar e olhar, de vez em quando, entre uma soneca e outra.

– Como faço para ouvir você? Existe um código ou algo que não consigo entender? Um jeito pelo qual você movimenta os braços ou as pernas? Pode dizer sim com a cabeça se eu estiver chegando perto?

Ah, ele havia tentado de tudo. E a única reação da parte dela tinha sido se sentar ali, observando-o sonolenta.

Estendeu os braços para cima, alongando o corpo, e ouviu a torre do relógio de novo, mas se deu conta de que devia estar imaginando coisas. Ela não soava duas vezes em um curto espaço de dez minutos.

Mas talvez não fosse a torre.

Talvez fosse o som que ele vinha ouvindo ultimamente – aquela flauta de volume baixo soava como uma brisa distante através das árvores, algo que

ninguém mais parecia ouvir.

Era meio irritante aquele som.

Devia dormir e tentar de novo pela manhã.

Alimentou o fogo um tanto desmotivado, as faíscas se desintegrando em cinzas um instante depois, e então se reavivando. Pensou em acrescentar uma tora de madeira, mas em vez disso fechou os olhos e se recostou no sofá.

Um ressoar, arrastado e sutil, no fundo de sua mente. O som parecia se espiralar em um redemoinho de folhas ao vento. Deixou-se envolver por ele e cair, se envolver por ele e cair, enquanto o sono o tomava.

Em seguida, o ressoar tomou forma e falou.

– Casca de plátano é bom sim – disse secamente –, mas o que eu gosto mesmo é de *amoras*.

Os olhos de Elliot se abriram.

Madeleine estava sentada na beirada da cama da mãe.

Holly tinha acordado com dor de cabeça, e agora ambas conversavam sob a luz fraca do abajur ao lado da cama.

– Temos de reconfigurar – Holly dizia. Ela estava sentada, os braços ao redor dos joelhos, olhando para a penumbra do apartamento. – Devemos colocar *todo* esse lixo no sótão e começar de novo.

– Ótima ideia – disse Madeleine. – Só que *estamos* no sótão.

– Hum. Você está certa.

Fez-se um longo silêncio. As duas bebiam chocolate quente, algo que sempre alegrava Holly. A ideia de chocolate quente à meia-noite.

– Qual é seu sotaque, afinal? – pergunta ela bruscamente.

– Sotaque de quem? – disse Madeleine.

– *O seu*.

– Como assim?

– De onde vem esse seu sotaque?

– É de todo lugar. Meu sotaque é um sotaque de todos os lugares. – A voz de Madeleine se elevou um pouco. – Assim como o seu.

– Sim, é claro. Bem, é muita sorte você estar aqui agora. – Holly franziu o cenho ao sentir novamente a cabeça doer. – Você pode reunir todos eles, todos esses fragmentos de sotaque, em um só. Encontrar a si mesma.

– Não faça isso. – Madeleine estava com raiva agora. – Pensei que você não soubesse mais quem eu era.

– Madeleine – a mãe colocou de lado o chocolate quente e passou um braço em torno do ombro dela –, não importa o que aconteça com os médicos; não importa o que a biópsia mostre ou o que eles decidam fazer, prometo que *nunca* vou esquecer você.

– Não pode prometer isso. Ninguém pode. Você continua esquecendo tudo. E você costumava saber todas as coisas.

– Querida, é apenas impressão sua essa de eu saber todas as coisas. As crianças sempre acham isso dos pais. Mas você me ultrapassou por um tempo agora, e acho que é assim que deve ser.

Madeleine ajeitou as pernas em cima da cama, deitando-se ao lado da mãe.

– Eu me lembro quando você tinha três anos – murmurou Holly – e apontou um arbusto de lavanda. Você me disse: “Isso é lavanda”, e eu pensei: *É mesmo*. Pensei também: *Essa criança, ela tem três anos, e já é mais esperta que eu*.

Ela ajeitou o travesseiro.

– E eu me lembro quando você disse *tlavesseilo* em vez de *travesseiro*. Você não conseguia pronunciar o *r*, lembra?

– Eu era engraçadinha, não era? – perguntou Madeleine, agora com suavidade.

Belle e Jack assistiam a um filme na casa de Jack, mas o ronco de Federico era tão alto que tiveram de desligar a TV.

– Você precisava ter algum tipo de máquina – ponderou Belle –, como uma máquina de vedação do som. Poderia usá-la como dispositivo para bloquear o ruído que o seu avô faz. Será que existe uma máquina assim?

– Não.

Ficaram em silêncio por um tempo, depois perceberam que estavam, os dois, meio que se balançando ao ritmo dos roncos, e riram.

– Holly parecia bem, não parecia? – perguntou Jack. Naquela tarde, tinham levado Madeleine para casa e parado para um chá e um bate-papo com Holly. – Quero dizer, é difícil afirmar, porque você não pode realmente enxergar dentro do cérebro de alguém, mas ela parecia ótima. Mas, coitada de Madeleine... Ela deve estar muito preocupada.

– É. – Belle fez uma pausa. – Você acha que vai voltar com ela?

– Acho que ela estava mais ligada em Lorde Byron do que em mim. Misturou nós dois e, como eu sou um sujeito forte, que curte ar livre, e não um poeta piegas, bem... não faço o tipo dela.

Ele pegou um punhado de pipoca.

– Não – concordou Belle. E, em seguida: – Seu avô nunca foi multado por algum tipo de lei local contra poluição sonora?

– Sabe no que eu estava pensando agora há pouco? – disse Jack. – Normalmente, quando alguém está doente, você começa a falar sobre como essa pessoa devia ficar longe de hospitais e fazer terapias alternativas, tipo, essas coisas... Terapia de pedras quentes, cromoterapia, acupuntura, ervas, sabe? Para a aura. Mas você não disse uma palavra sobre isso para Holly hoje.

Belle começou a catar as pipocas que eles tinham deixado cair entre as almofadas do sofá.

– Não coma isso – aconselhou Jack.

– Não vou comer.

– E você estava bem estranha em relação a ela. Você tinha um lance de não olhar para Holly. Por quê?

Belle deixou as pipocas caírem de novo no sofá.

– Bem – disse ela, suspirando –, não muito tempo atrás, quando eu estava na casa delas, e você e Madeleine foram buscar café, Holly me mostrou um grande pote que ela tem. Ela disse que era o seu pote para voltar para casa. Porque ela tinha visto lá embaixo, Holly contou, que Denny tinha um pote de moedas, por isso tinha decidido começar a recolher moedas também.

– Bem, é um pouco triste que ela queira voltar para casa, e isso pode levar tempo, uma vez que estamos falando de recolher moedas, mas você não pode culpá-la. Ela deve ter sido rica, como Madeleine foi.

– É mais que isso. – Belle puxou o lábio inferior. – O pote de Holly estava cheio de pedras.

– Ah. – Jack pensou a respeito. – Bem, isso não vai levá-la muito longe.

Ele apontou o controle remoto para a TV, pôs o filme de novo e se ajeitou no sofá.

Em seguida, voltou a desligar a TV.

– Espere – disse ele. – Você não respondeu à minha pergunta.

Elliot estava tendo uma conversa com a Criança-Borboleta.

Ou seria com ele mesmo?

Era como a sombra do arco-íris de Madeleine, ou os gongos que ela descrevia no teste de audição.

A voz em sua cabeça poderia ser real, ou uma invenção dele mesmo.

Estava postado na frente da casa de boneca, e a Criança-Borboleta ainda estava na beirada da cama, olhando para ele.

– Você gosta de amoras? – perguntou ele em um tom baixinho.

A flauta em sua cabeça voltou a tocar.

– Sim, gosto delas.

– Isso é bem esquisito – disse ele. – E *esquisito* não é uma palavra que uso com frequência. É você mesmo?

– Claro que é.

– Bem, confirme com a cabeça ou faça algo do tipo.

A Criança-Borboleta continuava a encará-lo.

– Não faço truques. Você sabe muito bem que sou eu.

Elliot respirou, e estremeceu um pouco com o cansaço.

– Preciso dormir – disse falou. – Não sei se estou falando com você ou comigo mesmo.

– Comigo – falou a voz com som de flauta.

– Tudo bem, então. – Ele movimentou o corpo para despertar do torpor. – Bem, por que não falou comigo antes?

– Você está *louco*? – Talvez ele pudesse ver uma centelha de algo nos olhos dela naquele momento. – Venho *tentando* falar com você desde que cheguei! E enviei minha voz por toda a cidade! Percebe como foi *exaustivo*? Ficar chamando você o tempo todo? Por que você acha que tenho dormido desse jeito?

Elliot arqueou as sobrancelhas.

– Pensei que Crianças-Borboletas fossem mais tímidas.

Agora, o rosto dela realmente parecia expressar um ar de desprezo.

– Não somos todas iguais, você sabe.

– Nisso você tem razão – Elliot concordou. – Sem ofensa, mas as plantações aqui parecem tão ruins quanto estavam antes de você aparecer. Pior, talvez.

O som de flauta diminuiu por um momento e ele puxou a própria orelha para alcançá-lo novamente.

– Tudo bem – a voz ficou clara de novo. – *Não* estou sendo tão boa nessa coisa das plantações, mas a culpa é sua.

– A culpa é minha?

– Por não ouvir.

Elliot suspirou.

– Isso de novo. Sério, você não poderia ter se comunicado em outra língua além desse som de flauta?

– Não sei do que você está falando. Olhe, Crianças-Borboletas, para serem eficientes, precisam ter uma conexão com o descobridor. Nossas *almas* precisam se entrelaçar, como dois patinadores fazendo um oito na superfície de gelo.

– Bem, ficarei feliz de patinar com você, simbolicamente falando, se puder fazer algo pelas nossas plantações. Acha que poderia criar as tais contas de cura também? Se eu deixar minha alma se entrelaçar na sua, essas coisas...

– Não é um assunto para brincadeiras.

– Eu entendo. Mas estou falando sério. Por favor...?

– Não posso fazer nada.

Elliot riu.

– Ah, então é isso. – disse deixando as pálpebras descansarem por um momento, e em seguida as abriu pela metade.

– A *razão* pela qual você não tem me ouvido – a voz dizia –, a *razão* pela qual nossas almas não se entrelaçaram é simples. Você não gosta de mim. E isso, Elliot, ofende meus sentimentos.

– Há um som faltando – sussurrou Holly, e Madeleine, que estava quase entregue ao sono, levantou a cabeça.

Elas tinham desligado a luz para dormir.

– Que som?

– Algo que eu costumava ouvir – Holly disse na escuridão. – *Tudo* está deslizando para longe, você sabe, como pensamentos pouco antes de a gente dormir. Como as sensações em minhas mãos às vezes... Elas ficam

dormentes, deslizam para longe de mim. Mencionei isso para você?

As palavras dela pareciam ecoar pela sala como criaturas rastejando para fora de uma concha aberta.

– É um tipo de sujeira grossa e grudenta na minha cabeça – murmurou Holly. – E meu joelho faz isso quando quer saltitar.

Madeleine estava em silêncio.

– Você sabe – Holly acrescentou –, que Tinsels, Corrigan e Warlock eram apenas amigos imaginários seus.

Uma estaca de gelo atravessou o peito de Madeleine.

– Não – ela falou com firmeza, tentando aquecer o frio no coração. – Eles eram reais. É que você está se esquecendo deles.

– Eles eram especiais, *muito* especiais, para mim e para você, mas totalmente imaginários.

Madeleine acendeu a luz do abajur.

Holly sentou-se e olhou fixamente para a filha.

– Eles eram irmãos seus – disse ela.

Madeleine sacudiu negativamente a cabeça.

– Ou talvez – Holly acrescentou, pensativa –, talvez Tinsels fosse um gato.

As lágrimas não paravam de cair, e Madeleine continuava balançando a cabeça.

– É claro que gosto de você – Elliot dizia agora.

– Tolice. – O som de flauta ganhou um novo tom. – Tolice.

– Bem... – Ele se sentou no sofá e fitou a Criança-Borboleta. – Olhe, se eu *não gostei* de você, sinto muito. Acho que talvez a tenha culpado por me manter aqui. Eu queria encontrar meu pai, entende? Planejava ir ao Lago dos Feitiços no dia seguinte ao que encontrei você, e não é sua culpa nem nada do tipo, mas você meio que me prendeu aqui.

– Sei disso.

– Então...

Elliot fez menção de levantar as mãos para o ar, mas estavam muito pesadas.

– É mais que isso. Você não gosta de mim por outro motivo, e eu não sei o que é, mas... o motivo da sua antipatia ofende minha sensibilidade.

– Não, era só isso mesmo. E me sinto muito mal, porque, obviamente, não era sua culpa. Venho culpando as pessoas erradas nos últimos tempos. Veja, estava errado em querer partir, e agora planejo ficar por aqui mesmo. Então, você sabe, gosto muito de você, e podemos entrelaçar as almas pelo tempo que precisar de mim. Se você me explicar exatamente como fazer isso.

– Ah, besteira.

A Criança-Borboleta talvez tenha cruzado os braços nesse momento, o que combinaria com suas palavras. Ou talvez ele estivesse vendo coisas através dos olhos semicerrados. Estava tudo bem embaçado.

– Diga-me – ela insistiu, as notas de flauta perfurando-o agora –, *diga-me* por que você não gosta de mim.

– Ah – murmurou Elliot, ajeitando-se no sofá e fechando os olhos, e não tinha mais certeza de se falava ou sonhava. – Eu só *não* queria gostar de você, eu acho. Porque você pode partir a qualquer momento. Qual é o problema? Meu pai se foi. Meu tio Jon está morto. Agora Kala também foi embora. A qualquer momento, a qualquer segundo, assim as pessoas dizem, você vai ter de ir embora também. Por que eu me daria o trabalho de gostar de você? Quero dizer, você é tão pequena, você *já* não está aqui.

E sua voz se desmanchou, transformando-se em sonolência.

Belle suspirou profundamente e fez uma careta.

– Talvez eu não *queira* responder à pergunta.

– Está dizendo que não pode sugerir nenhum tratamento alternativo para Holly porque ela é maluca? Porque coleciona pedras? – perguntou Jack. –

Mas será que o fato de ela colecionar pedras não faz dela, tipo, uma espécie de candidata perfeita para a terapia de pedras quentes, se é que você entende meu ponto de vista...

– Ah, você não tem ponto de vista nenhum, Jack. E não é pelo fato de ela ser maluca; é outra coisa.

Sua voz perdeu-se no silêncio. Ela passou a roer uma das unhas.

– O que é? – indagou Jack.

Belle roeu a unha com mais vontade, e desviou o olhar para o outro lado.

– Apenas me diga.

– Não quero – respondeu Belle.

– Sim, você quer.

– É... bem... Você notou como não olhei para ela hoje?

– Sim, acabei de mencionar isso.

– É porque... é porque ela tem uma aura como um buraco negro.

Jack soltou um som exasperado.

– Isso é o que você disse sobre Madeleine. Você e suas auras. Você tem que acabar com essa coisa de que pessoas ricas têm auras terríveis. Quer dizer, aquelas que não são mais ricas. Você deveria meio que perdoá-las, entende?

– Não tem nada a ver com dinheiro. – Sua voz pareceu abrir uma fenda no chão. Ele olhou para ela, surpreso, mas ela virou o rosto para outro lado de novo. – Não é como a aura de Madeleine – ela explicou. – A dela era mais, tipo, falsa, mas está ficando melhor agora. Mas a de Holly... a de Holly significa que ela vai morrer.

Jack a fitou com perplexidade.

– Nós todos vamos morrer um dia desses.

– Não. Em breve. Ela vai morrer muito em breve. É por isso que odiei ter de olhar para ela. Pode acontecer a qualquer momento, e não há uma única coisa que qualquer pessoa, ou qualquer terapia de cura de aura, ou qualquer

outra coisa, possa fazer.

– Deve haver alguma coisa – murmurou Jack.

Belle balançou a cabeça em um gesto negativo.

A mãe dormia de novo, e Madeleine estava sentada de pernas cruzadas na cama.

Holly inspirou e expirou por mais de uma vez e, a cada suspiro, Madeleine sentia um zíper no peito, algo metálico se rasgando, abrindo e fechando, abrindo e fechando.

Pensava em Lorde Byron.

Quando veio pela primeira vez para Cambridge, Byron tinha odiado o lugar. Ele e um amigo costumavam nadar no rio, primeiro jogando objetos na água, como pratos, ovos e moedas, e depois mergulhando para pegá-los. Byron mais tarde lembrou-se de que havia um toco de uma árvore no leito do rio, e que ele costumava se agarrar a esse toco e se perguntar como ele viera parar ali.

Ele tinha comentado que seu ânimo havia acabado. Tinha dito que era um dos mais letais e pesados sentimentos de sua vida o de saber que não era mais um menino.

– Algumas noites... – disse uma voz.

Holly havia acordado de novo. Ela se sentou e sorriu para Madeleine.

– Algumas noites – repetiu – são mais escuras que outras.

Então as mãos de Holly penderam ao lado do corpo e ela se desfez na cama.

PARTE 9

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

1

Uma bela manhã brilhante, o céu azul, o sol em um de seus estados de espírito mais vigorosos.

Hector sentou-se a uma mesa na padaria e percorreu a praça com o olhar. Havia uma brisa que de vez em quando se agitava. As bandeiras na Loja Preço de Banana enrolavam-se umas nas outras, e um transeunte estendeu a mão e as ajeitou. Algumas crianças atravessaram a praça, carregando uma pipa entre elas. De sua mesa, Hector podia ver Clover Mackie bebendo café na varanda, o cabelo esvoaçando para os lados, depois se aquietando novamente.

Os Twickleham haviam ligado para ele na noite anterior e perguntado se ele podia encontrá-los ali naquela manhã, pouco antes de saírem.

Tinham algo de *importância vital* para lhe contar, disseram, e tinham convocado a prefeita para se encontrar com eles. Ela também precisava saber, falaram.

Parecia um desperdício de tempo, mas Hector pensou que eles mereciam certa tolerância, tendo em vista a maneira como a cidade os havia tratado.

Ele estava adiantado com a papelada, mas trouxera alguns documentos nos quais podia trabalhar enquanto comia algumas guloseimas e esperava. Alcançou a mochila de couro – havia um desenho de Derrin no compartimento de plástico; a visão dele o entristeceu – e retirou dali uma

pilha de papéis.

A brisa queria levá-los, é claro, por isso apoiou o cotovelo sobre eles com força e estendeu a mão para o açucareiro, para que servisse de peso. Como precaução extra, colocou sobre os papéis também o saleiro e o pote de pimenta.

Em algum lugar sob os documentos, uma ponta amarelada se projetava para fora. O que seria aquilo? Puxou o papel.

“Para o bom xerife de Fogueira na pitoresca província das Fazendas”, assim começava, e logo ele se lembrou.

Era o fax de Gwent Cwlyd em Velhus Excentricus. A criança desaparecida com a mãe que assoviava. Havia pensado em entregá-lo a Jimmy, mas, claro, Jimmy tinha estado doente desde aquela noite, por isso o documento havia ficado na mochila.

Fez menção de guardá-lo novamente, mas, ao fazê-lo, as últimas linhas atraíram seu olhar.

“Por que teria essa doce criança desaparecido? Fora um Verde que a tomara para si? Pois não tivemos o mais improvável influxo de ataques Verdes nos últimos um ou dois anos... como uma árvore na primavera? Mas Verdes não são conhecidos por roubar crianças! Ou seria obra de um Hostil Errante? Pois eles também já não atravessaram nossa cidade nos últimos tempos? Mas que motivo teriam para matar ou pegar uma criancinha, e uma criança tão querida quanto esta?”

Ah, era de partir o coração as coisas que aconteciam com as pessoas.

(Para não mencionar o esforço em vão que era a aplicação da lei em Velhus Excentricus.)

Hector fechou a mochila, pensando em deixar o relatório com Jimmy à tarde. Em sua opinião, Jimmy já tinha ficado doente por tempo suficiente. Ainda assim, se começasse a dizer que a garota desaparecida tinha sido

levada para o Mundo, bem... Hector o mandaria de volta para a cama.

A torre do relógio bateu oito horas. A praça começava a ficar animada. Fileiras de laranjas iam aparecendo nas barracas à frente da Loja Preço de Banana. Alunos do Ensino Médio, em férias, vagavam na direção da Loja de Doces e também da padaria.

A brisa havia se animado de novo; tinha derrubado o menu da mesa de Hector e – *plaft, plaft, plaft* – o das três mesas mais próximas.

Ouviu-se uma sequência de ruídos, e uma mulher surgiu da escada ao lado da padaria. Era Olivia Hattoway, a professora da escola primária. Claro. Ela morava em cima da padaria.

Arrastava duas malas, uma em cada mão, mas deteve-se um pouco e sorriu para Hector.

– Bom dia, xerife! Estou levando as malas para o meu carro.

– Excelente dia para pegar a estrada – Hector respondeu. – E é muito bondoso de sua parte dar uma carona aos Twickleham. Precisa de ajuda com a bagagem?

Levantou-se da mesa, mas Olivia sorriu e retomou sua caminhada.

– Tranquilo – ela respondeu. – Elas têm rodinhas, viu? Vou adorar a companhia dos Twickleham, portanto, não é “bondoso” de minha parte de forma alguma! Vejo-o em algumas semanas!

Ele a observou atravessar a praça.

Ouviram-se vozes na mesa ao lado, e ele percebeu que eram os amigos de Elliot – Cody, Shelby, Nikki, Gabe – se instalando à mesa com seus cafés e pães.

Observou-os por um momento, apenas escutando. Parecia que Kala tinha enviado a Cody um cartão-postal do internato, e todos queriam saber a respeito. O xerife ouviu algumas palavras soltas, depois olhou para a mochila. Lá estava o desenho de Derrin novamente – o homem de rosto triste

e a mulher toda vestida de verde –, e não conseguiu se conter.

– Ei, crianças – ele chamou, e elas se voltaram para ele –, estão orgulhosos de si mesmos? – A voz tornou-se tempestuosa. – Com as travessuras e não sei o que mais que vocês fizeram aos Twickleham? Eles vão deixar a cidade esta manhã, estão sabendo? Vocês acabaram com eles, e vou lhes dizer uma coisa: isso partiu meu coração.

O grupo encarou o xerife, os olhos arregalados. De repente, pareceram muito pequenos. Nikki mordeu o lábio inferior. Gabe alisou o cabelo. Cody olhou para baixo, tamborilando os dedos na mesa com inquietação.

– Sim, ouvimos falar – respondeu Shelby. Ela fez uma careta e colocou as mãos nos bolsos. – Nós nos sentimos mal com isso. Mas, xerife, o lance é: o que mais poderíamos fazer?

Fez-se silêncio.

Ele estava pronto para contra-argumentar, para entrar em um frenesi, assim como o vento, mas depois houve uma espécie de dar de ombros dentro dele, e o xerife se inclinou para trás na cadeira e suspirou.

Sabia o que Shelby queria dizer. Era aquela impotência que você sente quando não há nada que se possa fazer para confortar um amigo.

Aquelas crianças, todas elas tinham desejado acompanhar Elliot em suas viagens às cavernas dos Roxos, mas ele havia recusado. No entanto, tinha permitido que fizessem aquilo com os Twickleham. Talvez nunca houvesse dito nada expressamente, mas elas tinham adivinhado: ele *desejava* que elas os assustassem, para que saíssem da loja de seu pai.

Então, o que mais poderiam fazer?

Do outro lado da praça, Hector podia ver Olivia Hattoway colocando as malas no carro. Do canto oposto, a prefeita vinha caminhando, as mãos em gestos vigorosos, como se defendesse constantemente uma opinião. E, caminhando sob a torre do relógio, em direção à praça, vinham os

Twickleham.

Ah, era horrível. Coisas assim aconteciam às pessoas. Começando em uma cidade nova, cheias de esperança, e tudo caindo aos pedaços depois, como nesse caso.

Ele estava convicto de que as crianças não tinham intenção de ir tão longe; elas eram um tanto radicais, mas possuíam bom coração.

Era apenas a maneira como os pedaços caíam às vezes.

Pedaços quebrados caindo.

E ali vinham os Twickleham.

– Acorde.

Elliot acordou no sofá.

Os olhos pousaram primeiro na casa da boneca, mas ela estava vazia. Depois no relógio em cima da lareira, que devia ter parado. Oito e quinze, era o que ele dizia, ao passo que Elliot acordava exatamente no mesmo horário todos os dias.

Dez para as seis.

A casa estava em silêncio.

Ouviam-se sussurros ao redor: o vento agitando as janelas e a porta, o zumbido da geladeira na cozinha.

Outra coisa: ela parecia mais brilhante do que deveria.

Foi até a cozinha, e o relógio do forno informava que eram oito e quinze.

Não podia ser.

Ligou o rádio, esperou terminar uma canção, e o locutor disse que eram oito e dezessete.

Pelo amor de Deus.

Havia dormido demais. A mãe devia estar lá fora, na estufa, querendo saber por onde ele andava. Ah, ele prometera a Corrie-Lynn que a encontraria na Pousada Melancia para tentar falar com os Twickleham, pedindo que

ficassem. Bem, ainda havia tempo para isso, pelo menos se andasse rápido.

Era por causa da Criança-Borboleta.

Tinha passado metade da noite tentando fazê-la falar, e depois acontecera aquela estranha...

Bem, não sabia o que tinha acontecido direito.

Uma conversa de verdade com ela? Um sonho? Uma alucinação em um sono confuso?

Ficou de pé junto à casa de boneca, olhando para os cômodos vazios. Os pequenos móveis de madeira que Corrie-Lynn tinha feito: cadeiras, mesas, um baú em miniatura. A maior parte deles a Criança-Borboleta ignorava, concentrando-se na cama.

As cobertas estavam no chão naquele momento, e Elliot pegou-as entre o polegar e o indicador, pronto para arrumá-las.

Mas tinha algo de estranho na cama.

Havia cinco ou seis bolas de naftalina alinhadas em cima dela. Pelo menos, era com isso que se pareciam. Fosse como fosse, eram pequenas bolas brancas, talvez pílulas ou balas.

– Acorde.

Surgiu aquela voz novamente. Ela o havia acordado no sofá. Era a mesma voz de flauta da noite anterior, parecendo bastante paciente, mas também com certa exasperação atrás dela.

Riu em voz alta.

Não eram bolas de naftalina, e sim contas de cura!

– Obrigado – a voz disse prontamente.

– Não. Eu é que tenho de agradecer – ele respondeu em voz alta, sorrindo.

Ah, aquele dia prometia ser um dos melhores, afinal.

Procuraria os Twickleham e veria o que poderia ser feito. Depois pegaria aqueles docinhos brancos...

– Pare com isso – repreendeu a voz.

Bem, era o que eles pareciam; *não* pareciam nada com contas de cura.

– Qual você *acha* que é a aparência de uma conta de cura?

Ele não tinha pensado muito nisso. Mas esperava algo mais mágico, supôs. Como uma gota de orvalho, talvez, ou pelo menos uma conta de vidro.

– Ah, que bobagem – murmurou a voz.

Não importava a aparência, ele as entregaria a Madeleine, e então ela acreditaria nele e no Reino de Cello.

Encontrou um envelope na gaveta de material de escritório da cozinha. Deslizou as contas de cura lá para dentro, dobrou o envelope e o colocou no bolso.

Pegou suco de laranja e um *muffin* de mirtilo.

Bebeu e comeu encostado ao balcão.

Pensou em pegar a caminhonete, mas o dia estava tão ensolarado, e a brisa tão agradável, que preferiu ir de bicicleta.

Aconteceu exatamente como aqueles menus que caíam. *Plaft, plaft, plaft*. Peças se encaixando tão rápido que Hector mal podia acompanhá-las.

Os Twickleham se aproximando dele. A formação habitual – Derrin entre eles, os três de mãos dadas.

Olhou para baixo por um minuto, e lá estava o desenho de Derrin na lateral da mochila. Vento verde soprando através de um campo verde, um homem verde e uma mulher verde, cada um deles com lágrimas verdes e bocas verdes em uma linha triste.

A prefeita chamou:

– Olá, Hector! – e caminhou em direção a ele.

Na mesa ao lado, as crianças conversavam novamente. Cody lhes dava mais notícias sobre Kala.

– Ela disse que encontrou três pessoas diferentes com o nome Twickleham

– disse ele.

– Deve ser um nome comum em Velhus Excentricus – falou Nikki.

– E um deles chegou a mencionar que tinham um primo que havia planejado mudar aqui para Fogueira – Cody continuou. – Mas não deu certo.

– Quais são as chances de uma coincidência assim acontecer? – Shelby murmurou.

As crianças ficaram silenciosas, e Hector podia sentir culpa no silêncio delas.

Os Twickleham adultos levantaram as mãos livres, acenando para Hector. Tinham uma expressão solene. Na mão de Fleta, que acenava, tremulava um pedaço de papel.

Olhou de novo para o desenho de Derrin, e a diferença saltou do papel.

Três pessoas se aproximando – mas na imagem havia apenas duas. Por que Derrin não tinha desenhado também a si própria?

O vento agitou os papéis, mesmo estando tudo sob o saleiro e o pote de pimenta.

“Quais são as chances de uma coincidência assim acontecer?”, Hector pensou, confuso. “Havia outros Twickleham planejando se mudar para cá?”

Estavam quase chegando até ele, e – *plaft, plaft, plaft* – tudo parecia se encaixar.

Pois não tivemos o mais improvável influxo de ataques Verdes nos últimos um ou dois anos? Na imagem de Derrin, tudo era verde.

A mãe da criança era conhecida por seu assovio – ela ia muito alegremente, assoviando mais do que falando...

Na imagem de Derrin, aqueles dois adultos tristes. Eles eram magros como mastros! Mas aqueles Twickleham não eram gordos?

Observou mais de perto a mulher da imagem. A linha triste da boca era na verdade um círculo; havia interpretado como tristeza, mas podia ser que os

lábios dela estivessem franzidos? Estaria ela *assoviando*?

As coisas se encaixavam, mas as peças ainda estavam emaranhadas, e ele ainda tinha dúvidas de se era mesmo aquilo que pensava ou não, quando olhou para cima de novo.

Todo aquele turbilhão devia estar estampado em seu rosto.

A lenta revelação, o espanto, as perguntas.

Eles viram isso imediatamente.

Os Twickleham viram isso, e hesitaram.

– Detenham esses dois – disse o xerife, a voz rouca pelo esforço.

A prefeita parou, surpresa com a expressão do xerife.

De repente, os Twickleham corriam, Derrin ainda entre eles, de modo que os braços se esticavam e se juntavam, como uma sanfona.

– *Detenham esses dois!* – o xerife gritou, enfim encontrando a própria voz.

– *Peguem Derrin!*

Ele tentava correr, mas manquitolava também, o que o deixou em desvantagem. Atrás dele, cadeiras tombavam ao chão.

De sua varanda, Clover Mackie observou os Twickleham correndo rumo ao estacionamento; enquanto isso, Gabe, Cody, Nikki e Shelby disparavam atrás deles; o xerife andou a passos largos e gritou; Olivia Hattoway, professora da escola primária, abriu as portas do carro e deslizou para o banco do motorista; uma folha de papel voou da mão de Fleta e se dobrou sob a força do vento, subindo alto ao sabor da brisa.

Ouviram-se sons de comoção – motores acelerando, pneus guinchando, buzinas, gritos, até mesmo uma sirene –, mas Elliot não percebeu nada disso, pedalando pela Rua Aubin em direção à Melancia.

Seu humor era dos melhores, esperançoso.

Então, ele alcançou o topo da encosta, e lá estava tudo, bem diante dele.

O caos.

Um carro acelerava pela Aubin na direção oposta.

Três bicicletas motorizadas, logo atrás dele, ziguezagueavam loucamente. Uma delas quase caiu, depois voltou a se aprumar. Uma quarta bicicleta motorizada cortava caminho fora da estrada, em meio à terra, em direção à Ponte Sobrerriacho. Atrás de todos, vinha o carro do xerife, a sirene ligada.

No estacionamento da Melancia, via-se a pequena silhueta de Corrie-Lynn em pé, parada em meio aos carros, observando o movimento com admiração.

A bicicleta motorizada que andava fora da rua derrapou, bateu na lama, e a motorista saltou e correu em direção à ponte.

Elliot a reconheceu. Era Shelby.

Ele olhou para o carro em alta velocidade. Era Olivia Hattoway quem dirigia, e no banco do passageiro ao lado dela estava Fleta Twickleham.

Teve a impressão de que o sr. Twickleham estava no banco de trás, assim como Derrin.

E nas outras bicicletas?

Não podia ser.

Mas era.

Nikki, Gabe e Cody – o que será que estavam *fazendo*?

– Parem com isso – gritou. – *Parem com isso!*

Aquilo *não* podia estar acontecendo! Era tudo culpa dele! O que estariam aprontando para os Twickleham agora? Perseguindo-os até deixarem a cidade? Que tipo de insanidade havia tomado conta deles?

Tentou de novo, mas agora os pneus do carro viravam, à medida que ele se desviava para perto da ponte – a ponte que conduzia à estrada para fora da cidade –, e sua voz se perdeu em meio ao ruído da confusão.

– *Deixem os Twickleham em paz* – ele gritou, a voz rouca, o tom áspero. – Deixem que partam em paz! – E, bem na palavra *paz*, houve um BUM!

baixo, trovejante, uma explosão de fumaça preta, e um grito de Corrie-Lynn.

A ponte!

Ela tinha explodido a Ponte Sobrerriacho. Shelby havia explodido a ponte.

Grandes pedaços de concreto subiram e depois foram ao chão, pedaços de tijolos jorraram, enquanto mais dejetos e água voavam do rio.

O carro do xerife parou com um rangido.

Olivia Hattoway freou quando seu carro estava prestes a bater. Quase no mesmo instante, fez o retorno, e um jato de lama salpicou as janelas.

Nikki e Gabe desviaram para evitar a colisão com o carro, mas agora o haviam alcançado. Estavam ambos montados nas bicicletas, mas agarrados às laterais do carro, cada um de um lado, Cody logo atrás, todos eles indo para Aubin agora, na direção de Elliot.

Ele se lançou para um dos lados da estrada a fim de sair do caminho, apenas assistindo em meio à poeira.

Nikki, agarrado a uma das laterais do carro, usava o cotovelo para quebrar a janela de trás. No interior, cabeças se abaixaram para se proteger da chuva de estilhaços. Gabe esticou uma das mãos pela janela quebrada, mas a bicicleta acertou um buraco na estrada e ele saltou duas vezes, perdendo o equilíbrio do veículo e caindo no meio-fio da rua. Nikki, por sua vez, acelerou, esticou uma das mãos, a outra no guidão, e seu próximo passo – algo praticamente impossível – foi abrir a porta do carro.

A porta balançou para trás e para frente conforme o carro acelerava, e Nikki acelerou também, assim como Cody atrás dela. Então, de alguma maneira, entre eles, Nikki e Cody foram resgatando Derrin do carro.

O carro seguiu para longe.

A porta sacudiu um pouco, depois se fechou. Ele desapareceu ao longe.

O carro do xerife passou a toda por Elliot, a sirene em alto volume.

Houve outro som – alto e persistente –, e a sirene parou de repente, o carro

do xerife perdendo velocidade.

Eram os sinos de alerta.

Todos pararam.

As bicicletas motorizadas. O carro do xerife.

Os sinos de alerta soaram repetidamente.

Era o código para um Amarelo de primeiro nível.

Amarelo-Limão.

A cor mais letal de todas.

Não tinham notado Corrie-Lynn no estacionamento.

Foram para a Pousada Melancia: Nikki transportava Derrin nos braços, como se ela fosse um bebê; Gabe, Cody e Shelby corriam; o xerife inverteu a direção do carro colina abaixo, e seguia correndo atrás deles. As persianas da Melancia bateram, todas se fechando.

Foi quando a viram.

Através de frestas nas persianas, enxames de Amarelo invadiram o ar. Estes tomaram a forma de pequenos dardos brilhantes, cada grupo voando baixo e com firmeza.

Ataques Amarelo-Limão apontam para os olhos e o coração. Costumam cegar na primeira investida e matar na segunda.

Foi quando a viram – Corrie-Lynn –, ao mesmo tempo, ainda de pé no estacionamento, confusa, e Alanna gritou e se jogou contra as persianas, lutando para abri-las e sair.

Em um instante, Elliot estava lá.

Lá fora, voando para além das persianas, correndo janela afora, rumo ao estacionamento, na direção de Corrie-Lynn.

– Ele não está usando a jaqueta de segurança – alguém comentou.

– Não há nada que ele possa fazer.

Ele estava lá com ela. Testava as portas do carro, mas estavam trancadas.

Pegou a mão de Corrie-Lynn, olhando para trás, em direção à Melancia. O ar estava pesado com os enxames de dardos de Ataque Amarelo; a qualquer momento, um enxame teria Elliot e Corrie-Lynn como alvos.

Na Melancia, Alanna não parava de gritar que queria sair e ir lá fora para se juntar a eles, mas os hóspedes agarravam-lhe os cotovelos e a arrastavam de volta.

Elliot e Corrie-Lynn corriam, as mãos dadas.

– Eles não vão conseguir – sussurrou Hector.

Um enxame os fez desviar para longe da pousada. Dois outros passaram mais perto.

Na extremidade do estacionamento, Elliot e Corrie-Lynn pararam. Estavam cercados.

Elliot envolveu Corrie-Lynn vigorosamente em um dos braços.

– Eles desistiram – alguém murmurou.

Caminhavam para a morte. Elliot e Corrie-Lynn morreriam bem diante dos olhos de todos eles.

Mas Elliot se agachara. Podiam ver os lábios dele se movendo – estava falando, agachado.

Ele fazia algo no chão. Encontrava-se perto de uma das torneiras, e a girava.

Agora Corrie-Lynn estava no chão, junto à outra torneira.

Então, ao redor deles, os *sprinklers* dispararam.

Elliot a chamou.

Arrancavam os *sprinklers* e os erguiam no ar, a água subindo bem alto.

Um enxame de Amarelos os viu.

Um segundo enxame desviou-se para eles, vindo da direção leste.

Eles movimentaram os *sprinklers*, levantando-os, abaixando-os. Então, aconteceu. A luz solar atingiu a água e as cores esmaecidas oscilaram no ar

ao redor deles.

– Pare! – Elliot gritou, tão nitidamente que foi possível ouvi-lo da Pousada.
– Segure deste jeito!

Um *arco-íris* brilhava ao redor deles, em um círculo perfeito.

Os enxames estavam bem próximos. Então, uma das coisas mais estranhas aconteceu.

Os dardos do Ataque Amarelo-Limão colidiram contra o arco-íris e desapareceram.

Eles atacavam Elliot e Corrie-Lynn, porém, repetidas vezes, batiam no arco-íris e se reduziam a algo pálido e apático.

Outros enxames atacaram, mas, a cada investida, o dardo Amarelo que batia acabava esmaecido – transformado em algo que parecia meio etéreo, como a névoa em uma janela.

Em seguida, houve uma mudança, e os enxames mudaram a direção por completo.

Oscilaram um pouco no ar, mas voaram para longe, desaparecendo.

Elliot e Corrie-Lynn permaneciam no estacionamento.

O arco-íris no ar formava um arco em torno deles. A água os encharcava. Mas, ainda assim, ficaram ali de pé, os braços doendo, os *sprinklers* erguidos para o alto, buscando os raios de sol.

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

2

Isaac Newton gostava de perguntas.

Em 1704, ele publicou um livro chamado *Óptica*, no qual descreveu e analisou a natureza da cor e da luz. No final da obra, anexou uma lista de

“questões” – perguntas sem resposta que saltavam de um tópico a outro – sobre ar, mel, óleo, raios solares, cometas, animais, espinhas dorsais e átomos. Ao longo dos anos seguintes, ele retornou à lista, acrescentando perguntas, ajustando-as, expandindo-as.

Por que a natureza não faz nada em vão? Por que existe toda essa beleza que vemos no mundo?, perguntou ele. Por que existem cometas e como podem se mover de todas aquelas maneiras?

E assim por diante.

No dia em que o neurocirurgião do hospital Addenbrooke chamou Madeleine de lado e explicou que o colapso de sua mãe na noite anterior tinha sido provocado por uma hemorragia no cérebro, que por sua vez era resultado de um grande tumor; que o tumor provavelmente vinha crescendo havia vários meses; que isso explicava o comportamento irracional, as dores de cabeça, os vômitos, a confusão, o entorpecimento, a perda de memória; que a cirurgia e a radioterapia poderiam prolongar a vida de Holly por mais alguns meses, mas que a cirurgia em si também poderia matá-la; que, no entanto, sem cirurgia, ela morreria dentro de alguns dias – nesse dia, Madeleine se encontrou envolvida em uma das questões de Newton.

A questão era a seguinte:

O que impede as estrelas de caírem?

Às vezes, a pergunta assumia a forma de um espinheiro que serpenteava com firmeza ao redor de Madeleine, tampava sua boca e provocava coceira em sua pele, sendo quase cômico, portanto, tentar responder às perguntas dos médicos e enfermeiros, e ela chegou até a esboçar uma risadinha a certo momento.

Como podiam esperar que ela falasse com aqueles galhos espinhentos quase furando seus olhos?

Em outros momentos, a questão era mais uma força incontrolável; um

vácuo que a arrastava para baixo com ele; e então a dificuldade consistia em tentar caminhar ou ficar de pé, ou fazer qualquer tipo de movimento.

O que impede as estrelas de caírem?

Não era tanto que ela *precisasse* responder à questão; o lance é que *ela* mesma acabou por ser a resposta.

Teve de impedir as estrelas de cair. A questão tinha dado a ela a tarefa. Um céu repleto de estrelas dependia da capacidade dela de manter as costas retas, os ombros firmes, a cabeça balançando de vez em quando, a voz calma e educada – quando perguntavam se havia mais alguém que ela quisesse chamar, seu pai, por exemplo, ou um amigo, e ela sacudiu negativamente a cabeça: não, era só ela. Porque, enquanto conseguisse manter as estrelas no lugar lá no céu, apenas por aquele dia... enquanto fizesse isso, sua mãe ficaria bem.

Obviamente, os médicos não estavam em condições de cuidar das estrelas.

E as escolhas que ofereciam?! Morte por cirurgia, ou morte durante os próximos dias. Será que não sabiam nada sobre *terceiras opiniões*? Eram uns fracassados aqueles médicos sem visão. Não sabiam nada de resolução de problemas, cuja chave, ela tinha acabado de perceber, estava em encontrar uma terceira opção.

Por exemplo, descobrira que, no final das contas, *não* havia duas escolhas quanto a chorar. Ela tinha pensado em si mesma como “um tipo de garota que não chorava”, mas, hoje, nem a garota que chorava nem a garota que não chorava conseguiam se manifestar.

Isso pedia uma terceira opção, mais especificamente: gemidos, gritos e janelas quebradas. O hospital fecharia a cara diante disso, muito provavelmente. Iriam sedá-la, o que era uma prova, mais uma vez, de que aquelas pessoas nada sabiam sobre *terceiras opções*.

Então, ela não fez nada; apertou os lábios e os usou para formar pequenos

sorrisos.

De qualquer maneira, era muita sorte..., pensou, enquanto tiravam o sangue da mãe, prendiam-na a tubos e máquinas, como se estivessem preocupados com que ela pudesse escapar – como os pinos de diamante que o estilista costumava colocar no cabelo de Madeleine. Eles tinham mantido a *cabeça* dela no lugar, aqueles pinos, mas não a própria *Madeleine*; não, esta tinha voado, arrastando a mãe junto, e agora a aventura delas tinha tomado um rumo inesperado. Supunha que vinha seguindo aquele caminho há muito tempo, e era verdade que tinha incitado a mãe a voltar ou mudar de direção, mas nunca havia tentado o suficiente. Estivera muito ocupada com seu romance de verão ou com a barba do seu pai...

Mas, *ainda assim*, era uma sorte, pensou – enquanto os outros conferenciavam sobre sua mãe –, tinha sido muita *sorte* ter lido Isaac Newton durante todo esse tempo.

Porque agora ela sabia coisas sobre a resolução de problemas.

Mesmo que o hospital não soubesse.

E esse problema, Newton o tinha resolvido para ela.

Tudo o que tinha de fazer era manter as estrelas fixas no céu.

Em algum momento da manhã, Madeleine adormeceu na cadeira do hospital. Sonhou que era uma chapeleira. A função da chapeleira era sustentar as estrelas; no entanto, várias pessoas continuavam adicionando peso extra a ela. Federico, Belle, Jack, a garçonete da casa de chá Canto da Titia, dois ou três médicos – todos penduravam decorações na chapeleira, como se fosse uma árvore de Natal.

– Não, não – ela explicava, educada e sorridente a princípio. – Não posso carregar este peso. Meu dever é sustentar as estrelas.

Mas eles lhe sorriam com suavidade, e continuavam pendurando a decoração. Cores, luzes, cálculo, curvas, alquimia, química, matemática,

medidas, gravidade, ímãs – cada uma dessas coisas era um ornamento que pesava nela. Em seguida, começaram a acrescentar fatos.

– Às duas da manhã no Natal de 1642 – disse Jack –, ele nasceu.

– E ele era tão pequeno – acrescentou Belle – que o colocaram numa panela de um litro.

– Duas mulheres – disse o neurocirurgião que tinha falado com ela antes – foram enviadas para pegar as coisas do bebê, mas elas se sentaram num lance de escada ao longo do caminho e disseram uma à outra: “Não há motivo para pressa; temos certeza de que a criança estará morta antes de voltarmos”.

– E ele estava tão fraco – gemeu uma voz, e era a de sua mãe! Madeleine avançou correndo, eufórica e derrubando de si ornamentos e conceitos, mas Holly balançou a cabeça com firmeza. – Ele estava tão fraco – ela repetiu – que tinha de ter uma *almofada* em volta de todo o pescoço para manter a cabeça sobre os ombros.

Então Holly apontou para o próprio pescoço, que estava apoiado em algo parecido com uma moldura de madeira, e lhe lançou um sorriso triste e irônico.

– *De quem* você está falando? – gritou Madeleine, balançando o corpo de tal forma que tudo se agitou, sacudiu e passou a cair, inclusive as estrelas.

Ela abriu os olhos e pensou: *Isaac Newton, é claro.*

O vermelho-escuro no cabelo da mãe parecia estrias de sangue ou de vinho contra os travesseiros. Seu rosto tinha uma cor pálida de cinza, como de concreto. Havia uma pequena espinha no queixo da mãe, para a qual Holly tinha chamado a atenção dela no dia anterior. Havia explicado a Madeleine, como sempre fazia quando tinha uma espinha, que o chocolate não era a causa. Era mais uma manifestação de um pensamento desagradável que alguém no edifício tinha tido.

Ela tomava chocolate quente demais. Ela tinha uma espinha. Ela fazia

piadas bobas sobre espinhas!

Era impossível que tivesse morrido. Os médicos estavam errados.

Madeleine sentiu-se repentinamente exasperada.

Levantou-se, esticou os braços acima da cabeça, buscando distraidamente estrelas perdidas, e franziu a testa com irritação.

– Faltam vinte, acho – disse uma voz que passava por ali.

– Vinte para *quê?* – retrucou outra voz; todas pareciam falar em um tom meio irônico e brincalhão.

As vozes se aproximavam e em seguida desapareciam pelos corredores.

– Vinte para as dez – esclareceu outra voz.

Ainda não eram nem dez horas.

Havia outra razão. Não eram nem dez horas da manhã ainda! Como podia uma coisa tão grave assim acontecer antes das dez?

E lá estava ela.

A terceira opção.

Colocou as estrelas no chão e correu.

Ela corria na chuva.

De Addenbrooke até o centro de Cambridge é um longo caminho... Lembrou-se disso enquanto corria, mas o pensamento só a fez correr mais rápido.

Havia carros, nuvens, respingos de chuva, guarda-chuvas, bicicletas, e alguém passeando com o cachorro. Seu peito doía, a respiração era ofegante, as pernas eram atingidas por agulhas ou ímãs. Quanto mais se aproximava, mais cheios de gente eram os caminhos, e ela ia se esquivando e desviando. Algumas pessoas lhe faziam caretas, e isso a fez rir em resposta.

Minha mãe vai morrer!, pensou. *E aqui estou eu, correndo para um parquímetro!* Cada sopro de riso era um espasmo na lateral de seu corpo.

Quase caiu quando ganhou a rua, e lá estavam: as palavras pichadas, o

parquímetro quebrado, um carro com as calotas faltando...

Através da chuva-borrão, pensou ter visto o triângulo branco na fenda, mas não! Não havia nada. Ela vinha correndo, derrapando em direção ao parquímetro, mas não havia nada ali, e, em meio à respiração entrecortada e suspiros soltos ao ar, ela ria, enquanto a chuva martelava em sua cabeça.

Sob um viaduto

3

Os sinos tocavam avisando que estava tudo bem agora, e eles foram surgindo, vindos da Pousada Melancia. Alguém desligou os *sprinklers*; alguém os pegou suavemente dos braços estendidos de Elliot e Corrie-Lynn; outros estendiam toalhas em torno do ombro deles e os conduzia para dentro.

Eles os levaram para a sala da frente, e Elliot e Corrie-Lynn estavam mais brancos que o Norte Mágico, pálidos e trêmulos, mas todos os outros rostos estavam vibrantes com sorrisos e expressões de admiração, e todos se perguntavam:

– Como você *sabia* que devia fazer aquilo, Elliot?

Elliot sentiu o corpo estremecer e esboçou um meio sorriso.

– Foi algo que uma amiga me falou uma vez – disse ele. Em seguida, algo em seu rosto dava a impressão de que refletia, e a mão se enfiou no bolso. – Que horas são agora? – perguntou, e, quando alguém respondeu que eram exatamente dez, ele voou da sala.

Observaram pela janela enquanto ele corria através do estacionamento, avançando para longe.

A chuva martelava a cabeça de Madeleine, mas ela parou de rir, deteve-se, ofegante, e se afastou do parquímetro, onde não havia nenhum triângulo em

branco, onde não havia nada...

Mas, logo depois, algo aconteceu. Foi um fragmento de tempo, um inspirar de tempo. Foi como estar em um carro na chuva e passar sob um viaduto, e apenas por um segundo sentir uma profunda e poderosa sensação de alívio – o silêncio absoluto da ausência de chuva.

Foi como aconteceu: ela esteve, por um segundo, sem chuva; esteve em algum lugar silencioso e quente, e houve o *flash* de uma imagem – o pátio de uma escola, prédios distantes, céu azul, calma intensa, sol forte, uma pilha estranha de cimento com uma televisão torta em cima e, a seu lado, do lado direito, um menino de calça jeans, a cabeça voltada para a direção oposta à dela, e pôde observar cabelos loiro-escuros, um pescoço bronzeado de sol...

Em seguida, a chuva de novo.

Estava de volta à rua, com o parquímetro, o caos do aguaceiro e carros estacionados na rua.

Mas agora, em sua mão, havia um envelope. Ele foi instantaneamente encharcado com a água da chuva, e ela se sentou na beirada da calçada, deixando a água que corria na sarjeta enlamear seus sapatos e encharcar as meias. Permitiu que a chuva molhasse e molhasse seu cabelo, a água escorrendo por seus olhos e formando tentáculos pelas bochechas. Abriu o envelope.

Um punhado de pequenas bolas brancas.

Eram balas de crianças? Aspirinas? Naftalina?

O que quer que fosse, segurou-as apertado na palma da mão, o punho cerrado, e os soluços rasgaram caminho através de seu peito, surgindo contra a carne de seu rosto, irrompendo através de sua boca, indo ao encontro da chuva.

Manhã estranha

Depois que levou o envelope até a escultura, Elliot voltou para a Pousada Melancia bem a tempo de ouvir a pequena Derrin Twickleham, a menina que não conseguia falar, anunciar em voz estridente:

– Meu nome *não é* Derrin Twickleham.

Fez-se um súbito silêncio na sala.

Derrin explicou que o nome dela era, na verdade, Libby Adams.

Para uma criança que não conseguia falar, ela era muito loquaz. Num sotaque de Velhus Excentricus, contou que tinha sido levada de sua cidade natal, Gwent Cwlyd, por um par de Hostis Errantes, que a trouxera para Fogueira disfarçado de uma família chamada Twickleham.

A verdadeira família Twickleham tinha uma filha pequena, por isso haviam roubado Libby para desempenhar esse papel. Ela achava que tinham enviado um recado falso para a verdadeira família, dizendo-lhes que a oficina não estava mais disponível para alugar.

Eles tinham alguma missão hostil em Fogueira, a criança continuou, mas ela não tinha sido capaz de descobrir o que era, embora houvesse tentado repetidas vezes auscultá-los.

– Ela quer dizer *escutá-los* – alguém murmurou, e os outros acenaram positivamente com a cabeça, concordando.

– Tem também isto – ela continuou –: nunca soube o nome real deles. Como uma maçã em uma concha, assim eram eles no cuidado de chamar um ao outro de Fleta e Bartolomeu, mesmo quando eu estava na cama.

Fez-se um silêncio carregado de admiração depois desse longo discurso.

Então, Corrie-Lynn, que ainda estava enrolada em um cobertor nos braços da mãe, anunciou:

– Você consegue *falar*. Eu ensinei você a falar!

Libby respondeu diplomaticamente:

– Você fez um bom trabalho tentando me ensinar a falar, Corrie-Lynn. Mas, na verdade, acho que consigo falar agora porque provavelmente o Feitiço de Mudez que colocaram em mim, a essa altura, deve ter partido para lá do não se sabe onde, indo para longe desta cidade, na parte de trás do carro da senhorita Hattoway.

Todos assentiram com um gesto de cabeça. Um feitiço como aquele perderia o efeito a certa distância.

– Bem, por que você não me escreveu um bilhete? – Corrie-Lynn insistiu. – Você é boa em escrever.

– Eu escrevi um bilhete para a senhorita Hattoway – Libby disse –, no meu primeiro dia na escola primária. Ela sussurrou que ia me ajudar, e que eu tinha que ficar quieta e não contar a ninguém. Claro – ela acrescentou com tristeza –, logo ficou óbvio, tão óbvio quanto uma janela de lavanderia quando a porta é aberta inteiramente, que a senhorita Hattoway era, *ela própria*, uma Hostil. E bem amiga dos meus sequestradores.

– Você deveria ter me contado – Corrie-Lynn insistiu.

Libby deu de ombros.

– Não queria que você ficasse em perigo. *Fiz* um desenho para tentar contar ao xerife. – Nesse ponto, o xerife assumiu uma expressão de desgosto. – Mas acho que minha imagem era confusa. Além disso... – ela coçou o interior da orelha, pensativa – ... além disso, em minha primeira *manhã* na cidade, escrevi um bilhete e o coloquei em uma velha máquina televisual na oficina, quando estavam nos mostrando o local, antes de tirarem todas as coisas. Eu esperava que Elliot ou a mãe dele pudessem achar o bilhete e me salvar.

Todos se viraram para Elliot.

– Sinto muito não ter encontrado o bilhete – ele começou, e depois parou de repente. – O que ele dizia? O que o bilhete dizia?

– Eu escrevi algo parecido com *Socorro! Estão me prendendo contra minha vontade!* Não tive tempo de escrever mais.

– Você colocou o bilhete na TV que estava lá na bancada? – arriscou Elliot.
– A que acabou na escultura de Cody?

– Será que é? Acho que foi onde coloquei, sim. Eles me observavam de perto o tempo todo, como um...

Nesse ponto, a voz de Libby enfraqueceu, e ela perguntou se alguém poderia entrar em contato com os pais dela, pois gostaria muito de ver a mãe; em seguida, colocou o polegar na boca e duas lágrimas escorreram de seus olhos.

No burburinho que se seguiu, Elliot balançou a cabeça lentamente.

Em Cambridge, Inglaterra, o Mundo, uma paciente muito doente, com o cérebro efetivamente arruinado por um tumor maligno, estava sob cuidados intensivos, à espera da morte. Sua filha adolescente entrou na sala, respingante de chuva, e foi vista tirando um punhado de pílulas brancas do bolso. A enfermeira supervisora avançou correndo, pensando que a garota pretendesse dá-las à mãe, por algum motivo, mas a menina apenas as esmagou entre as palmas das mãos e deixou que o pó se espalhasse pelo rosto e pescoço da mãe.

Em seguida, a menina sentou-se chorando em silêncio, a mão pousada sobre a da mãe.

Alguns minutos depois, a mulher sentou-se na cama, puxando os tubos da boca e do nariz, de modo que o equipamento disparou frenéticos alarmes e sinais sonoros, e em seguida pediu um chocolate quente.

Mais tarde naquela manhã, vários exames mostraram que o tumor se curara inteiramente, por si só. Havia desaparecido por completo, deixando para trás células cerebrais aparentemente saudáveis – o que, seria justo dizer, era uma excepcional sequência de eventos.

Enquanto isso, em Fogueira, nas Fazendas, no Reino de Cello, a Criança-Borboleta voava pelas ruas, andando sobre sua mariposa favorita.

Várias pessoas tiveram vislumbres dela – ou, pelo menos, vislumbres do vestido azul-safira com manchas castanho-avermelhadas –, e, enquanto ela voava, ouviam-se sussurros e um farfalhar, um estranho som que se disseminava pelos campos. Espalhou-se a notícia de que o efeito sobre as plantações começava a acontecer, enfim!

Dentro de instantes, a Criança-Borboleta havia desaparecido, e algumas pessoas pensaram ter ouvido um sutil som de flauta, enquanto outras juraram escutar as palavras *adeus* e também *desculpem*.

– O efeito sobre as plantações! O efeito sobre as plantações! – os gritos correram as ruas de cima a baixo.

Houve um breve momento de júbilo, mas rapidamente se viu que, na verdade, não era o efeito sobre as plantações.

Em vez disso, campos, ruas, a Praça da Cidade, o pátio da escola, mesmo o pequeno jardim de ervas de Norma Lisle, estavam agora inteiramente lotados de amoreiras.

PARTE 10

Xerife Hector Samuels
Delegacia do xerife de Fogueira
Fogueira, Fazendas
Por fax

Caro Xerife Samuels,

Temos o prazer de informar que a cidade de **fogueira**, nas Fazendas, foi selecionada como **cidade-bônus** no atual *Tour* Real das Princesas Irmãs.

Como o senhor provavelmente sabe, a seleção da cidade-bônus é altamente incomum em um *Tour* Real, e é, portanto, **realmente** uma honra para Fogueira.

Sua cidade foi selecionada como consequência de relatos de um extraordinário **evento recente** em Fogueira. Entendemos que uma jovem pessoa (**Elliot Baranski**) repeliu com sucesso um ataque **Amarelo de primeiro nível** usando nada além de um **sprinkler de jardim**. As Princesas Irmãs têm manifestado grande interesse em se encontrar com o sr. Baranski e discutir sua abordagem revolucionária para os **ataques de Cores..**

Fomos ainda informados de que – imediatamente antes ou depois do episódio do Amarelo (as informações não são claras sobre a ordem dos fatos) – alguns outros

jovens negociaram com sucesso o resgate de uma criança raptada. Parece que vocês têm excesso de heróis nessa cidade.

Deve-se ressaltar que a seleção de Fogueira como não está relacionada à sua correspondência recente em que o senhor sugeriu, entre outras coisas, que as Princesas Irmãs “pulassem” parte do *tour* em Ponta Serrilhada, já que não seriam bem recebidas naquela província. Ao contrário: as Princesas Irmãs ficaram satisfeitas com Ponta Serrilhada, foram tratadas com o maior **respeito e humildade** e pelo povo e lamentaram muito ter de deixá-los tão cedo.

As Princesas Irmãs pretendem passar **24** horas em Fogueira. Como é habitual, vão começar a visita desfilando pelas ruas na Carruagem Esmeralda. Durante o desfile, vão **acenar e sorrir** para os habitantes de Fogueira, mas **não vão se dirigir de forma alguma à multidão**, e qualquer pessoa que **se aproxime** **mar da carruagem** **ou tentar envolver uma das Princesas em uma conversa**, **ou se comportar de maneira insensata, cômica, fazendo “piadinhas”, ou ainda manifestar qualquer outra atitude estranha**, num esforço para chamar a atenção das Princesas, será baleado.

Depois do desfile inicial, das Princesas Irmãs (Princesa Ko) vai participar dos seguintes eventos, enquanto a **outra** (Princesa Júpiter) descansa:

- **uma premiação cerimoniala** na qual a Princesa vai cumprimentar cada um dos jovens heróis antes referidos, **conversar brevemente com eles** e condecorá-los com uma medalha de bravura;
- **três (3)** visitas a monumentos da cidade, museus, vistas panorâmicas, itens curiosos etc., de sua escolha, em que a Princesa exclamará e/ou acenará positivamente com a cabeça (por favor: note, entretanto, que a Princesa não está particularmente interessada na agricultura por si só e, portanto, prefere não exclamar nem fazer acenos em relação a plantações, irrigação etc.);
- **(duas) 2** visitas a recém-inauguradas alas hospitalares, orfanatos etc., de sua escolha, cuja fita de inauguração a Princesa terá prazer em cortar, ou cuja garrafa de celebração terá prazer em quebrar etc.;
- **uma recepção**, à qual comparecerão a prefeita e o xerife, o administrador do hospital, o funcionário dos correios e **Elliot Baranski** (de modo a dar à Princesa a oportunidade de conversar com ele por três a cinco minutos), e na qual a Princesa solicitou que sejam servidos assados e água de teca da Costa Dourada; e, enfim,
- **um breve encontro** com a costureira da sua cidade (reunião esta que deverá ser o único evento com a presença de *ambas* as irmãs), já que as Princesas solicitaram que fossem feitos alguns ajustes nos vestidos de baile, após exposição à moda reinante em Ponta

Serrilhada.

Em anexo, o senhor vai encontrar:

- um **menu** sugerido para cada uma das refeições, para ser servido durante as relevantes 24 horas;
- uma lista de requisitos de alojamento. Entendemos que as opções de hospedagem da cidade incluem a **Pousada Melancia e o Hotel Fogueira**. Como observa o formulário em anexo, as Princesas Irmãs requerem suítes adjacentes no mais **luxuoso** desses estabelecimentos, tais suítes devendo ser a “suíte presidencial” ou a “suíte de cobertura”, ou a “suíte de luxo com vista para o porto” (se você tiver vista para o porto em sua cidade) etc. – isto é: uma suíte com um título importante.

O Serviço Secreto de Cello chegará em breve para efetuar checagens de segurança; conseqüentemente, por favor, providencie alojamento, alimentação, entretenimento etc. para **25** membros do Serviço, **dez** membros do Comitê de Visita Real e , **dez** membros da Equipe de Apoio Real.

Por fim, qualquer coisa que possa fazer para garantir bom tempo para a visita seria muito apreciada.

Confiamos que todas essas medidas estarão em vigor a tempo para a chegada das Princesas Irmãs em Fogueira, prevista para ocorrer **amanhã, às 10 horas**.

Com esplendor real e harmonia,

Atenciosamente,
os selecionadores das cidades-bônus do *Tour Real*

P. S.: as Princesas Irmãs perguntaram especificamente se a Pirâmide de Abóboras não pode ser reconstruída a tempo para a visita delas.

PARTE 11

ELLIOT BARANSKI

Cara Madeleine,

É uma noite de luar tranquila aqui na varanda, mas as palavras estão chacoalhando em minha cabeça como objetos na traseira de uma picape.

Todas elas querem ser escritas em primeiro lugar – as palavras, quero dizer –, portanto, se isto acabar como nada além de um punhado de frases confuso, você sabe de quem é a culpa.

(Das palavras.)

Primeiro, porém, tenho que lhe agradecer.

Você salvou minha vida, e também a de Corrie-Lynn. Sua conversa sobre cores – a respeito de a água dividir a luz solar em arco-íris, e sobre cores complementares, e sobre o fato de que o amarelo e o roxo são complementares –, bem, para ser franco, ela nos salvou. Criamos um arco-íris com *sprinklers* e luz solar, e de alguma forma o roxo no arco-íris matou os dardos de Amarelo que vinham até nós.

Então, como eu disse, obrigado.

O problema é que agora eu tenho todo o Reino querendo saber mais. Codificadores de cor, dobradores

de Cor, o Centro Celliano de Iluminação, o Departamento de Combate ao Fogo de Cores, a Universidade de Brellidge, a Universidade de Tyler, a Inteligência Central, o cara que trabalha no mercadinho local – *todos eles* estão ligando e vindo com perguntas.

O que posso dizer a eles?

Que uma menina do Mundo me deu a ideia?

Eles jogariam fora minha medalha e ainda me prenderiam.

Resumindo, meu problema é: todo mundo quer saber, mas não posso contar a eles.

Nem mesmo para a Princesa Ko.

O que me leva ao *Tour* Real.

As Princesas Irmãs estão dormindo na Pousada Melancia enquanto nos falamos agora – elas vieram para cá hoje, e está sendo o dia mais louco que esta cidade já viu.

O xerife estava tão feliz que saltitava de um lado para o outro, como se tivesse se transformado em uma das marionetes de Corrie-Lynn. A cabeça dele não conseguia ficar parada sobre os ombros.

Bandeiras reais tremulavam, a banda da escola tocava (o que me fez sentir saudade de Kala e do seu saxofone), e as ruas estavam lotadas de pessoas, muitas das quais tinham até acampado ali na noite anterior, para conseguir um lugar bem na frente. (“As pessoas”, minha mãe comentou, “nunca vão parar de me espantar.”)

A Carruagem Esmeralda veio se arrastando, e deu para ter um ou dois vislumbres de sorrisos de princesa e de mãos de princesa no ar.

O xerife tinha falado para Shelby colocar seu avião agrícola em voo durante o desfile, para regar a carruagem com pétalas prateadas de jacarandás-azuis da Costa Dourada – algo que pareceu muito legal, mas no minuto seguinte os guardas da segurança já atiravam no avião. Alguém não entendeu a mensagem, acho, e concluíram que Shelby jogava poeira de veneno.

Acabou dando tudo certo. Shelby realizava um voo bem complexo, de modo que não conseguiram dar um bom tiro, e Gabe jogou um dos guardas no chão. Tudo ficou esclarecido, embora Gabe tenha acabado algemado a uma maçaneta por duas horas, até alguém se lembrar dele.

Esse foi o único problema até o momento, se a gente não levar em conta a brincadeira de Gabe, Nikki, Cody e Shelby na cerimônia de premiação. Eles estão em alta, sabe, porque estavam se sentindo culpados por praticamente expulsar os Twickleham da cidade, mas em seguida vira-se uma esquina e, espanto!, parece que eles *mereciam* ser expulsos. Embora o xerife continue dizendo *Humm* sobre o assunto, e *A questão, crianças, é que vocês não tinham como saber que eles mereciam isso, e E se eles fossem boas pessoas...*, Gabe e os outros apenas franzem a testa, como se se esforçassem para

acompanhar aquela lógica, mas não conseguissem.

Quanto à pequena Derrin Twickleham – bem, o nome dela é na verdade Libby Adams –, seus pais estão na cidade agora, os dois assoviando e abraçando praticamente toda pessoa que encontram. Estão muito agradecidos a Gabe e aos outros por terem salvo a filha deles e por terem complicado a vida dos Twickleham enquanto estavam aqui. Eles continuam dizendo ao xerife que, *sem dúvida, esses jovens intuíram a maldade dos sequestradores de nossa filha.*

A propósito, Derrin é a pessoa que escreveu aquele bilhete que dizia: – Estão me prendendo contra minha vontade! – o que chegou até aí no Mundo.

Mas onde eu estava mesmo? Ah, estava falando sobre a visita das Princesas Irmãs.

Sim, era isso. E também sobre como meus amigos acabaram exagerando um pouco por estarem tão felizes.

Não que a Princesa Ko parecesse notar. Sua atenção estava mais em conseguir outros salgadinhos e tortas, ou um terceiro copo de água de teca da Costa Dourada.

Ah, sim, e as amoreiras... Acho que elas foram outra falha na visita real. Estão por toda parte agora, graças à Criança-Borboleta. Não se pode dar um passo sem uma amora pousar em seu cabelo ou cair na gola da sua blusa. A Princesa Ko ficou com uma mancha de amora no vestido, o que por pouco não se tornou uma emergência nacional, mas, como eu disse, a mente dela parecia

ocupada principalmente por comida, de modo que todos superamos isso e seguimos em frente.

Houve uma recepção no final desta tarde.

Fui convidado, assim como o xerife e a prefeita, e algumas outras pessoas daqui. A Princesa Ko entrou na sala, e ela era toda brilho. Exatamente como suas colunas, apenas um pouco mais gritante, se é que isso é possível. Como ela pode falar – e viver e respirar – com toda essa exuberância é algo que está além do meu alcance de entendimento. A princípio, dá a impressão de que todo esse exagero a deixa exausta. Pelo menos, faz os ouvidos da gente doerem.

De qualquer maneira, ela perambulou pela sala, empolgada com tudo, desde a gola da camisa do Chefe dos Correios até o anel de sinete da prefeita. Quando chegou até mim, revelou-se muito bonita, naquele jeito reluzente e cintilante que ela tem – e começou a falar sobre o ataque de Cor e como usei os *sprinklers*, e mais uma coisa: ela está me implorando para *demonstrar* a ela, *neste exato momento*, como eu fiz isso, já que ela pensou que com certeza seria um *redemoinho brilhante de beleza*, ou uma *paisagem de arco-íris*! (Essas foram suas palavras.)

Fiquei confuso por um momento, o olhar correndo pela sala de estar da prefeita (que foi onde se realizou a recepção), pensando em como usar *sprinklers* ali – sem

mencionar o sol –, e os danos que aquilo tudo causaria ao tapete.

Foi quando o xerife interveio e me salvou, dizendo à Princesa como tinha lido cada palavra de suas colunas e perguntando sobre seus amigos como se fossem velhos conhecidos. A Princesa Ko continuava tentando voltar ao assunto dos atos heroicos do “Guerreiro das Cores” (foi assim que ela me nomeou), algo que não estava me agradando muito, por isso mencionei que meus amigos eram os verdadeiros *heroicos*.

Quis dizer *heróis*, mas ela sabia o que eu estava falando.

Ela disse:

– Ah, sim... imagine! Vocês tinham aquela Olivia Hattoway vivendo e respirando entre vocês todo esse tempo! Sem mencionar Mischka Tegan!

A sala inteira ficou em silêncio por um instante.

Até então, havia murmúrios, o ruído de colheres de chá mexendo e assim por diante, mas, no momento em que ela disse aquele nome, o burburinho parou.

– Espere – disse o xerife, e olhou para ela com curiosidade.

– Sim – ela comentou, o olhar concentrado. – As Forças de Segurança me informam, entendem, em cada cidade, e parece que vocês tiveram *quatro* Hostis disfarçados aqui: Mischka Tegan e Olivia Hattoway, e, mais recentemente, os falsos Twickleham, claro. Então...

– Ela parou por um minuto, pensando, e toda a sala parou de respirar por completo, aguardando sem piscar.

– Pelo que me lembro, Mischka e Olivia estavam aqui tentando se infiltrar em um ramo dos Legalistas, mas a coisa deu para trás e Mischka deixou a cidade. Olivia ficou, e, em seguida, os Twickleham vieram com a criança raptada. E eles trabalharam com Olivia em segredo, sob o pretexto de reuniões de pais e mestres. Achamos que tentavam descobrir no que os Legalistas – Abel e Jon Baranski, quero dizer – vinham trabalhando.

O silêncio parecia pronto para estourar o vidro das janelas.

A Princesa Ko olhou ao redor, depois respirou fundo e continuou falando:

– Sim, vejam, Abel e Jon Baranski vinham trabalhando em um projeto secreto para tentar ajudar a nós, Legalistas, contra um plano dos Hostis. Mischka os convenceu de que estava do lado deles.

Ouviu-se um murmúrio crescente na sala. Algumas pessoas soltaram ruídos angustiados.

Em seguida, o xerife falou, deixando de lado todas as suas boas maneiras.

– Que *porcaria* é essa que você está falando?

A Princesa pareceu confusa.

– Ah, vocês não sabiam? Não, acho que não. Essas informações são destinadas para o pessoal *de cima*, altamente cotados, agentes absolutamente *top*, não são?

E aqui estou eu, tagarelando. A segurança vai me matar! Se pelo menos Júpiter estivesse aqui hoje, em vez de mim... Ela é *muito mais* discreta! Ou um pouco, pelo menos. Garçom! Leve esta água de teca para longe de mim!

Soltou uma risadinha.

Em um tom mais contido, o xerife falou:

– Jon Baranski foi morto por um ataque Roxo. E até então acreditávamos que Abel Baranski tinha deixado a cidade com Mischka por... motivos românticos.

– Não, não – falou a Princesa. – Bem, não podemos ter *certeza*, mas posso dizer o que a Central pensa que aconteceu. Jon e Abel trabalhavam em um projeto secreto quando Mischka se juntou a eles. Então, numa noite terrível... no relatório não havia a palavra *terrível*, que é uma inovação minha... bem, numa noite terrível, Abel e Jon *descobriram* que Mischka era uma vilã. Antes que pudessem revelar esse segredo, ela *sequestrou* Abel, sem dúvida usando uma arma de algum tipo. Armas são o maior agito... Jon provavelmente os perseguira em sua caminhonete, ou talvez estivesse indo para a casa da família de Abel para informá-los sobre que tinha acontecido. De qualquer modo, foi quando o ataque de Cor ocorreu. E assim, tragicamente, ele se viu perdido.

Você pode imaginar o estado da minha cabeça e do meu coração enquanto ela falava?

– Se tudo isso é verdade – disse, enfim abrindo a boca para falar alguma coisa –, onde meu pai está agora?

Nesse momento ela me olhou, e pude imaginar que ligava as informações.

– *Baranski!* – disse ela. – Você é filho dele! Ah, bem, você *com certeza* quer saber isso. É terrível, na verdade, que todo esse tempo você *não tenha tido* conhecimento da verdade. Mas ela estava lá, todo o tempo. É assim que a Inteligência Central parece trabalhar. Sigilo. Olha, é o seguinte: não temos certeza. Mas conhecemos a organização hostil que está com ele. Nós a conhecemos.

– Como você sabe... – começou o xerife, hesitando um pouco. – Como sabe que ele está vivo?

– Se o tivessem matado, teriam nos avisado. – Ela deu de ombros. – É como funciona. Eles se vangloriam. Usam de intimidação. Provavelmente vão mantê-lo prisioneiro, tentando obrigá-lo a colaborar com os planos deles. Ou a revelar uma nova tecnologia, ou algo assim. Quem sabe? Talvez ele tenha até se juntado a eles.

Tentava ordenar as informações para colocar tudo no devido lugar, meio que acreditando nela, sabe, já que ela era uma princesa e essas coisas, mas depois percebi que não fazia sentido.

– Sem querer desrespeitá-la, Princesa Ko – disse –, mas você deve estar enganada. Meu pai não fazia parte de um clube legalista, ou seja lá o que fosse. Ele trabalhava com conserto de aparelhos eletrônicos.

A Princesa Ko parecia ter esquecido a decisão de parar de beber; ela procurava alguém para encher seu copo.

– Claro que ele fazia parte – respondeu ela em um tom distraído de voz. – Olhe nas coisas dele... Há um código secreto que os Legalistas usam para informar aos outros quem são. É um número... Eles o deixam à vista de todos, disfarçado como algo comum.

Ainda balançava a cabeça, quase rindo, mas, em seguida, aquilo me atingiu.

Conectores periféricos: Pino 1: +12, Pinos 72 e 13: Terra.

Esse eu tinha visto na oficina do meu pai, em seu quadro de cortiça.

Aquecedores dos quartos de hóspedes: Pino 1: +12, Pinos 72 e 13: Terra.

Esse eu vi no quadro de avisos do tio Jon, na pousada.

Bem nessa hora, a Princesa se inclinou e sussurrou no meu ouvido: 1, +12, 72, 13. Depois ela se afastou e colocou um dedo sobre os lábios.

– Agora... e sobre aquele arco-íris? – ela indagou.

Ignorei a pergunta.

O xerife também.

– Meu pai está realmente sendo mantido preso por Hostis? – perguntei, e o xerife dizia algo semelhante.

A Princesa sorriu novamente.

– Estava no relatório. A Inteligência Central está procurando por ele, é claro; vão acabar encontrando seu

pai, não se preocupe. Agora, sobre...

Mas eu já tinha ido embora.

Já tinha voado daquele quarto.

Fui para casa com uma impetuosidade que jamais imaginei ter – para contar a minha mãe.

Ele não tinha sido levado por um Roxo. Não tinha fugido com a professora de Física.

Era uma *terceira opção*, o tempo todo.

Acha que eu ia deixar passar um segundo a mais que fosse sem que ela soubesse?

Minha mãe e eu conversamos por horas, nós dois chorando. Estávamos enlouquecidos, felizes, assustados, furiosos. Por ignorar tudo aquilo durante todo aquele tempo. Um tempo desperdiçado. Viagens desperdiçadas às cavernas dos Roxos.

Mas, quanto mais conversávamos, mais deixávamos nossa raiva sair do caminho, e mais aquilo, tipo, fazia sentido, a ideia de papai e Jon serem membros de alguma associação legalista secreta. A ideia se encaixava com papai e com como ele tinha agido nos meses anteriores ao seu desaparecimento; se encaixava naquela centelha dentro dele, e com quanto ele e Jon sempre tinham gostado de uma aventura.

Com tudo isso, quero dizer que o trem vai para o Norte Mágico pela manhã, e minha mochila está pronta.

Vou para o Lago dos Feitiços, pescar um Feitiço Localizador, usá-lo para rastrear os Hostis que estão com meu pai e depois vou trazê-lo de volta.

Enquanto isso, minha mãe ia pressionar a Inteligência Central para abrir o bico – nenhum sigilo de alto nível vai impedi-la. Ela está lá na delegacia do xerife agora, para descobrir tudo o que puder sobre os Hostis; em seguida, vai abrir caminho para os arquivos da Central *a cotoveladas*, segundo ela me disse.

E ela tem cotovelos bem duros, minha mãe.

Então, desta vez, é realmente adeus, eu acho.

Vou sentir falta das suas cartas.

Cuide-se... e obrigado novamente pelas informações sobre Cores.

Sabe o que acabei de perceber? Essas suas informações sobre Cores salvaram a mim e a Corrie-Lynn, mas foi também o que trouxe as Princesas Irmãs para a cidade.

Essa é a razão pela qual vieram até aqui, percebe?

Portanto, se não fosse esse acontecimento, se não fosse aquela Princesa idiota vir para Fogueira e revelar segredos de Estado, ainda estaria sem saber de nada.

Obrigado mais uma vez.

Espero que tenha recebido as contas de cura a tempo, e que elas tenham curado mesmo sua mãe, e que você acredite em nós e...

Muito amor para você, garota,

Elliot

MADELEINE TULLY

Caro Elliot,

Eu costumava pensar que o meu pai era um céu cheio de cor, que Jack era um poeta morto chamado Byron e que minha mãe era um cisne que, em um voo louco de fantasia, nos mantinha trancadas em uma torre aqui em Cambridge.

Acontece que meu pai tem problemas com abuso de drogas; que Jack é um cara superlegal que usa bandeides nas mãos para cobrir as verrugas; e que o voo de fantasia de minha mãe foi, provavelmente, um sinal precoce de um astrocitoma grau IV.

É um tumor maligno que cresce rápido no cérebro, caso não saiba.

Estou sentada aqui no nosso apartamento no sótão com o mofo formando manchas pelo teto e o piso mais rachado que chão de lavoura na seca, e observo minha mãe dormir na cama, pensando em como tenho uma sorte incrível por ela estar ali.

Também penso em como minha imaginação exagerada e minha abordagem fantasiosa da vida... bem, basicamente, estou pensando como cheguei perto de deixá-la morrer.

Então, decidi crescer. De agora em diante, estou vendo as coisas do jeito que elas são.

Mamãe e eu temos conversado muito, e concordamos que, mesmo que fosse louco e irracional fugir no calor do momento, com nada além de uma máquina de costura, havia um fundamento no que ela tinha feito.

Porque, como eu disse, acho que papai pode ter alguns sérios problemas. Ainda não acredito completamente, mas continuo a me lembrar de coisas. Tipo, como as reações dele eram muito rápidas ou muito lentas – as carrancas permaneciam por muito tempo: ou ele não conseguia tirá-las do rosto, ou vinham muito rápido. E como ele tinha uma inclinação no andar, um jeito de caminhar meio de lado – algo engraçado no jeito de a cintura

ou os quadris se movimentarem. Como se ele quisesse dançar com alguém. Minha mãe tem razão ao dizer que ele está perdido de certa maneira. Ele está perdido em algum lugar bem fundo dentro de si mesmo, e uma parte de mim já sabia disso.

Mamãe acha que o único jeito de fazê-lo entender é estar longe. Ele tem de perceber isso por ele mesmo, ela diz. Isso não aconteceu, no entanto; ele ainda está de mau humor. Ela diz que ele está enviando minhas cartas de volta e dizendo aos meus amigos para fazer o mesmo, para tentar transformar tudo isso em *nossa culpa*, assim ele não precisa ter nenhuma responsabilidade. Desse jeito, ele não precisa olhar para si mesmo, ou para a verdade. E tudo que podemos fazer, diz ela, é esperar que no fim ele acabe olhando.

Estou pensando que talvez eu seja um pouco como ele e não goste de olhar para a verdade. Por isso, de agora em diante, vou ser diferente. Vou afastar para longe minha imaginação louca e *apenas* ver a verdade – e você provavelmente acha que tudo isso está me levando a dizer que não acredito em você.

Mas quer saber?

Neste momento, acredito totalmente.

Acredito no Reino de Cello. Acredito que você é um menino chamado Elliot Baranski com cabelo loiro-escuro, que convenceu uma Criança-Borboleta numa casa de boneca a criar contas de cura para mim, e que elas salvaram a vida da minha mãe. Acredito que uma princesa acabou de lhe dizer a verdade sobre a noite em que seu pai desapareceu, que seu pai está sendo mantido preso por Hostis, e que você e sua mãe vão resgatá-lo.

Posso realmente sentir meu coração acelerar pelo fato de ele não ter sido levado por um Roxo e não ter fugido com a professora de Física. Sinto-me muito feliz por você, mas também com medo, porque acho que ele está em perigo.

E você deve estar com medo, e não é de admirar que esteja com raiva

por ninguém ter lhe dito a verdade antes – estou com raiva por você também.

Mas animada e esperançosa.

Além disso, acredito que você usou informações sobre cores que lhe passei para salvar sua priminha de um ataque Amarelo de primeiro nível, e isso me faz sorrir.

No entanto, não posso levar o crédito por essas ideias. Elas vêm de Isaac Newton. Vou informá-lo de que você lhe mandou um obrigado.

Acredito em tudo isso, e quero me apegar a essas coisas, a toda essa crença, e é por esse motivo que é bom você estar dizendo adeus. Porque é também o que estou fazendo.

Se você escrever outra carta, não vou lê-la. Estou seguindo em frente, como eu disse, para o mundo real, mas quero ter sua lembrança comigo – e, se continuássemos a escrever cartas, tudo iria se desenredar e dissolver. Eu teria que entrever alguma verdade; teria que começar a enxergar como isso é impossível. Começaria a ver a mecânica por trás das ilusões.

Teria de admitir que contas de cura não podem curar o câncer e que o tumor da minha mãe pode voltar. As pessoas no hospital não acreditam que ele foi embora – querem que ela volte uma vez por mês para exames, pois ainda falam sobre químio e radioterapia, e medicamentos anticonvulsivos, mesmo enquanto tentam descobrir como o tumor sumiu. Aparentemente, nunca viram isso acontecer antes. Embora não estejam, tipo, ficando loucos por isso – falam sobre como o corpo humano está sempre surpreendendo a gente; como há um milhão de exemplos de coisas que milagrosamente se curam; como, para começar, o setor de patologia pode ter se enganado quanto ao diagnóstico; como vários erros podem ser cometidos – e eles também são muito cautelosos sobre ficar muito feliz com o resultado. Se a coisa pode ir por um caminho, pode ir por outro também.

Então, estou sendo cautelosa também.

Se eu ler outra carta sua, e ela falar sobre cores, bem, o que eu vou ver será o branco dos olhos de minha mãe ao revirá-los; a ferrugem marrom das sardas na mão do motorista da ambulância; o azul-pálido da tinta nos formulários hospitalares; o cinza no rosto dela contra o travesseiro do hospital; o dourado com manchas escuras da pulseira no pulso do neurocirurgião – ele subiu e desceu o braço dela enquanto me falava sobre *cuidados paliativos*, sobre a *equipe* que ia cuidar do tratamento de minha mãe nos últimos dias ou semanas de sua vida: neurocirurgiões, oncologistas, neurologistas, neuropatologistas, psiquiatras...

Bem, não estamos sentadas em uma torre à espera de ser resgatadas. Minha mãe quer saber se ela pode fazer algum curso de *design* de moda, porque é isso que ela sempre quis fazer; e eu acho que vou apenas, tipo, me esforçar bastante e talvez conseguir uma bolsa de estudos numa universidade um dia.

Poderia tentar entrar naquele programa de perguntas e respostas da minha mãe, porque eu consigo, mesmo, responder às perguntas.

Espero que esta carta faça sentido. O lance é o seguinte, Elliot: você era como um pedaço de magia.

Você manteve as estrelas fixas no céu para mim e impediu que elas caíssem.

Se eu abrir uma outra carta sua, acho que elas podem começar a cair de verdade.

Então, adeus,
e obrigada,
e...
muito amor,
Madeleine

PARTE 12

Fogueira, as Fazendas, o Reino de Cello

1

Da noite para o dia, o inverno caiu sobre Fogueira.

Elliot Baranski usava seu casaco e um chapéu de lã cinza, além da mochila nos ombros. Cruzava a Praça da Cidade, deixando pegadas de bota na neve branca e fresca.

Era cedo. Elliot já havia se despedido da mãe. Pegaria uma nova jaqueta de segurança que Clover Mackie ficara costurando para ele até tarde na noite anterior. Depois tomaria café com os amigos na padaria, e pegaria o trem das 7h35 para o Norte Mágico.

A padaria era o único lugar aberto na praça e, mesmo lá, cadeiras ainda estavam ao contrário sobre as mesas, cobertas de neve. Mas agora, enquanto Elliot passava, a porta se abriu, e lá estava o xerife.

Uma nuvem de vapor flutuou do café nas mãos enluvadas de Hector, e ele soprou outra baforada de névoa ao dar um sorriso.

– Elliot! – gritou – Bem quem eu queria encontrar.

Elliot fez uma pausa e sorriu em resposta.

– Ia passar na delegacia para dizer tchau, xerife – ele respondeu.

– Não é sobre isso que estou falando!

O xerife fechou a porta da padaria e cambaleou, escorregando num pedaço de gelo. Elliot estendeu a mão para apoiá-lo.

– Estava torcendo para ser o primeiro a lhe contar!

O rosto de Hector exibia um tom marcante de rosa, os olhos enrugados devido à luz da neve e à expressão de excitação.

– Contar o quê?

– Você não sabe, então! Já devia ter saído quando foram à sua casa esta manhã! Você foi selecionado, Elliot! Você é o terceiro e último membro! Recebi a notícia tarde da noite ontem. Escolheram você para a Aliança da Juventude Real!

Elliot respirou fundo.

– Ah, poxa – respondeu ele em um tom de voz tranquilo. – O que isso significa?

– O que isso significa? Não lê jornal? Você vai se encontrar com as Princesas Irmãs regularmente. O *tour* delas termina semana que vem, e em seguida elas terão a primeira conferência da Aliança da Juventude Real no Norte Mágico, em quinze dias!

– Xerife – respondeu Elliot com certa exasperação.

– Eu sei que você está em viagem para encontrar seu pai, mas não se preocupe com isso. Estou trabalhando pessoalmente com a Central. Eu e Jimmy, nós vamos resgatá-lo. Vá se divertir com a Família Real e os outros jovens, e tudo o mais que tiver de fazer, Elliot. Seja um jovem de novo, garoto, é a sua vez!

Do outro lado da praça, a porta da casa de Clover Mackie se abriu com um clique. Ambos se viraram e olharam. Estranho vê-la emoldurada pela entrada desse jeito, em vez de sentada na varanda.

Ela acenou, e ambos acenaram de volta.

– Oi, Clover! – gritou Elliot, e depois para Hector: – Vejo você daqui a pouco.

O xerife protestou, mas Elliot já atravessava a praça.

Na varanda de Clover, ele se virou e gritou para o xerife:

– Diga às Princesas Irmãs que estou tomando um trem esta manhã. Diga a elas que lamento, mas tenho, respeitosamente, que recusar o convite!

O xerife jogou as mãos para o alto, e Clover Mackie deu um passo para trás, indo para o interior da própria casa.

– Entre – ela falou para Elliot. – E diga a elas você mesmo.

Na sala de estar de Clover Mackie, a Princesa Ko estava de pé em frente à lareira, em um vestido de gala sem manga. Ele estava com a barra marcada, e a Princesa havia enrodilhado o corpo com os braços, tentando se proteger do frio.

Do outro lado da sala, encarando o espelho, havia outra garota de cabelos dourados. Ela estava de pé num pequeno banquinho, e as mangas do vestido caíam, cobrindo-lhe as mãos.

– Estou fazendo alguns ajustes – falou Clover. – Fique à vontade para se servir de algumas guloseimas. Vou pegar um café para você. – disse isso e desapareceu na cozinha.

Elliot deixou a mochila deslizar para o carpete. Pendurou o casaco nas costas do sofá.

Esfregou a testa.

– Ah, Majestades – cumprimentou, e fez uma reverência, tentando lembrar o protocolo. – Manhã fria, não?

A Princesa Ko o encarava.

– Não temos muito tempo – ela disse, dando um passo à frente. – Menos de dez minutos! Então, precisamos falar rápido. Acredito que o xerife acabou de lhe contar sobre sua seleção para a Aliança da Juventude Real, não?

Elliot esfregou a testa com um pouco mais de vigor.

– Sobre isso – ele disse. – Lamento muito...

Mas a Princesa já estendia a mão e pegava um envelope que se encontrava sobre a mesinha da sala. Sentou-se no sofá e o abriu.

– Sente-se – ela disse, dando um tapinha na almofada ao lado.

A Princesa Júpiter, enquanto isso, continuava a olhar para si mesma no espelho.

– Agora, você não vai recusar *respeitosamente*; vai excluir *que grande honra!*, e vou lhe dizer por quê.

Ela tirou alguns papéis do envelope.

– Você sabe que o vice-xerife daqui, Jimmy, é o *máximo* quando se trata de resolver relatórios de pessoas desaparecidas? Isso significa que ele é um redemoinho cintilante de excelência. Não muito tempo atrás, a Inteligência Central ouviu falar de suas habilidades e lhe enviou alguns casos não resolvidos. Aqui estão eles. – Ela colocou cinco relatórios em cima da mesinha, alinhando-os lado a lado e descrevendo cada um enquanto fazia isso. – Este é de um homem que desapareceu na Costa Dourada – ela explicou. – Este, o de uma mulher, também da Costa Dourada. Um adolescente desapareceu na Faixa da Natureza. Uma garota sumiu na Costa Dourada. E aqui, por fim, há um garotinho perdido, desaparecido no Norte Mágico.

Ela se recostou na cadeira e estudou o rosto de Elliot.

Depois de alguns instantes, ele se sentiu obrigado a falar alguma coisa.

– Certo – foi o que disse.

A Princesa Ko pegou uma caneta.

– Observe o que estou fazendo – ela falou.

Então, começou a escrever nos documentos.

Rei Cetus, ela escreveu no alto do primeiro.

Rainha Lyra, escreveu no segundo.

Príncipe Chyba.

Princesa Júpiter.

Príncipe Tippet.

Ela recolocou a tampa na caneta e se ajeitou.

– Não entendo – falou Elliot.

– Nem eu – suspirou a Princesa Ko. – Mas aqui está. Toda a família real, exceto eu, é claro, está desaparecida há mais de um ano.

Nesse ponto, Clover Mackie retornou e colocou uma xícara de café na mão de Elliot.

– É um choque, não é? – ela disse, como se apenas tagarelasse a respeito de algo sem importância.

Elliot coçou a sobrancelha.

– Mas eles *não* estão desaparecidos – ele respondeu. – Outro dia mesmo li sobre eles no jornal... Estou *sempre* lendo sobre eles. E, quanto à Princesa Júpiter...

Nesse ponto, a garota do outro lado da sala se virou e o encarou.

– Oi – ela disse, e sorriu.

Só que não era uma menina.

A pessoa em questão possuía traços delicados e um cabelo loiro longo – mas não era uma garota. Era um garoto.

– Oh, essa não é Júpiter. É meu cavaliço, Sergio. Ele usa a peruca e as roupas, e acena da carruagem. Tem funcionado bem de maneira *impressionante*, se quer saber. O bom em tudo isso é que sempre foi tradição minha irmã e eu nos revezarmos nas visitas oficiais. Então, perfeito! Sou sempre eu, entende? Represento o papel tanto de mim mesma *quanto* de Júpiter. É exaustivo, mas, bem... o mesmo se pode dizer de administrar o Reino e fingir que minha família ainda está aqui.

Elliot correu os olhos pelos nomes nos documentos. Inclinou-se para frente, o coração batendo forte e descompassado.

A Princesa Ko pegou uma tortinha de cereja e deu uma mordida.

– Lamento ter que apressar isto – falou com a boca cheia, mas sem mostrar

a comida dentro. – Você parece ser um garoto inteligente, então dá para pegar o choque e a confusão e guardar num baú para abrir mais tarde? Agradeço. Nem preciso comentar que este é um segredo gigantesco. O Reino ia se *prostrar* de joelhos se as pessoas ficassem sabendo que a família real sumiu! Quanto aos Reinos vizinhos, não dá nem para pensar no potencial para uma invasão. Daí a necessidade dessa farsa. Por isso todas as matérias falsas sobre o paradeiro da família, constantemente plantadas nos jornais. A maior parte da Inteligência Central não sabe, apenas um punhado minúsculo de gente. É por isso que usamos Sergio para representar o papel da Princesa Júpiter. Você deve ter pensado que seria melhor uma *garota* para fazer isso em vez do cavaliço, mas Sergio conhece Júpiter muito bem, e ele é um ótimo ator. Indo direto ao ponto: ele já sabia dos desaparecimentos, e é meu melhor amigo, entende? Então, é claro que contei a ele, e não queríamos estender o círculo de pessoas que sabiam da verdade além do estritamente necessário. A maior parte da minha equipe de apoio não sabe.

Ela ficou de pé enquanto falava e girou o vestido, levantando um olhar questionador para Clover, que concordou com a cabeça e se aproximou.

– Enquanto isso – ela continuou –, tenho que fingir que sou uma *completa idiota*, o que é *incrivelmente* cansativo, mas bastante necessário. Parece uma maneira eficiente de esconder o fato de que sou eu quem dá as cartas.

Ocorreu a Elliot que a voz da Princesa Ko não vibrava mais no mesmo tom agudo do dia anterior. Ela estava ao menos uma oitava mais grave.

– As colunas na *Folha Celliana* – ela continuou com um suspiro. – Bem, é óbvio que as escrevo no meu papel de idiota, e faço tantas menções aos outros membros da família real quanto possível. Além disso, há um tipo de código nas palavras para me comunicar com os aliados. Você vai ter que saber o código quando se juntar a nós. São apenas coisas como dizer que daria meu último doce de pêssego-urtiga, para informar na verdade que certa

cidade tem Hostis Errantes nas fronteiras. Se eu disser que o café é amargo, quero dizer na verdade que a cidade está tendendo para a Hostilidade. Esse tipo de coisa. Ah, e o jornal em si me deixa *insana*! É um jornal chato de galocha. Suponho que a edição ajude a manter a imagem.

A Princesa passou a mão na boca para limpar as migalhas.

– Direto ao ponto! Formei essa Aliança da Juventude Real porque pretendo reunir pessoas com certas habilidades para conseguir resgatar minha família. E você foi escolhido.

Ela se reclinou e o estudou.

Sergio, o Cavaleiro, com a peruca loira, também o encarou, enquanto Clover Mackie se agachava aos joelhos de Ko e colocava um fio na agulha.

Elliot desviou o olhar. Fitou o casaco nas costas da cadeira e a mochila no chão.

Respirou fundo.

– Princesa Ko, é difícil colocar em palavras como estou surpreso – ele disse. – Esse último ano e meio tem sido duro para mim. Viver dia após dia enquanto meu pai está desaparecido... Mas, no seu caso, bem... você perdeu toda a família e, enquanto isso, administra um Reino!

A Princesa deu de ombros ligeiramente e continuou a encará-lo.

– Realmente gostaria de ajudá-la – continuou. – Mas o lance é o seguinte: não posso. Meu pai ainda está desaparecido, entende? Graças a você, sei mais sobre isso agora e...

– Sim – a Princesa concordou bruscamente. – Lamento que tenha ficado sem saber nada por tanto tempo. Às vezes, a Inteligência Central age de maneira ridícula. Para que manter esse segredo? Queria que você, e toda a sua cidade, soubessem da verdade, então fingi estar bêbada. Peço desculpas... tanto pelo atraso na informação quanto por ter descoberto dessa maneira.

– Bem, está tudo certo quanto a isso. Mas, agora, tenho que encontrá-lo.

Tenho que tirá-lo das mãos desses Hostis, seja onde for. E, sem querer desrespeitá-la, realmente não sei o que poderia oferecer a essa sua Aliança da Juventude Real. Aquela coisa com ataque Amarelo-Limão, isso não faz de mim nenhuma espécie de herói. Foi apenas sorte.

A Princesa Ko se mexeu e, do chão, Clover falou alto:

– Ei, espere aí.

Ko, obedientemente, manteve-se imóvel.

– Tenho quatro minutos e três quartos – ela disse. – Vou falar rápido. Por estranho que possa parecer, me ajudar a encontrar *minha* família pode ser o primeiro passo para encontrar seu pai. Vejo dúvida em seus olhos – ela estendeu a mão em direção aos documentos de novo –, mas o fato, Elliot, é que Jimmy já resolveu o caso desses relatórios. Quer saber onde está a família real?

– Você sabe onde eles estão?

– Estão no Mundo. Sabíamos que eles tinham sido capturados por um grupo dissidente de Hostis Errantes. Agora, graças a Jimmy, sabemos que eles foram enviados para o Mundo.

Fez-se um longo silêncio na sala.

A Princesa Ko olhou para o relógio em cima da lareira.

– Vou apresentar três argumentos, depois vou embora – ela disse.

Clover disse *Pronto*, e se levantou do chão com certo esforço. Ela então se dirigiu a Sergio e começou a costurar seu vestido de gala.

– Número *um*. Como você deve ter percebido, Cello está num estado caótico. Os ataques de Cores aumentaram. Os Hostis estão fora de controle. As plantações estão fracassando. Ajude a encontrar o restante da família real de Cello, e a ordem será restaurada. Um caos como este só aumenta o perigo que seu pai está encarando.

Elliot fixou os olhos nela.

– Você está em dúvida. Mas não deveria estar. Talvez desconfie de que minha família possa *mesmo* restaurar a ordem. Talvez até nem seja simpatizante da família real. Quanto a isso, digo que estou inclinada a concordar que a monarquia não é necessariamente a melhor forma de governo... Não me olhe desse jeito; não tenho tempo para essa sua expressão de surpresa contida. No entanto, a desestabilização do Reino ao sumir com pessoas e usar de violência também não é a solução para esse caos.

– Número *dois*, seu pai estava trabalhando em um projeto para ajudar minha família. Ninguém sabe o que era, mas é evidente que os Twickleham o queriam. Eles se mudaram para a oficina do seu pai na esperança de que fossem encontrá-lo.

Do outro lado da sala, Clover terminou o ajuste do segundo vestido, e Sergio, o Cavaleiro, começou a trocar as roupas.

– Tudo bem – disse Elliot, pensando rápido –, isso poderia explicar por que queriam tanto a papelada dele... Pode até ter sido obra deles aquela trava quebrada do galpão, quando pensei que fosse minha mãe.

– Não tenho ideia do que está falando, nem me importo. O fato é que os Twickleham foram embora. Achemos que não conseguiram encontrar nada, mas quem sabe? De qualquer maneira, vocês todos, com certeza, têm condições de desvendar os segredos do trabalho do seu pai. Qualquer coisa que encontrarem pode ajudar, tanto seu *pai* quanto a mim.

Elliot empertigou-se na cadeira.

– *Três*.

Enquanto falava, ela começou a tirar o vestido que usava, e Elliot virou o rosto.

– *Três*... você tem um contato no Mundo.

Ele voltou a encará-la.

Ela enfiava outro vestido pela cabeça. Alisou-o sobre os quadris, em

seguida, e ajeitou o cabelo.

– Por que você acha que estou aqui *realmente*, Elliot? Por que acha que vim até a sua... simpática cidadezinha? Não é pelos truques com luz e Cores! Não é pelos seus amigos, nem pelo resgate que fizeram de uma criança! É porque descobri que você andou escrevendo cartas para uma menina do Mundo.

– Como? – perguntou Elliot, enquanto a Princesa Ko enfiava os documentos de volta no envelope.

– Escreva a ela por nós – pediu Ko. – Escreva e pergunte se ela está disposta a nos ajudar a rastrear a família real de Cello no mundo dela.

Elliot continuava em silêncio.

– Mas como? – perguntou ele por fim.

– Vai fazer isso? Vai se juntar a nós?

Elliot olhou para ela, confuso e incerto.

Ela falou baixinho:

– A pena para o contato com o mundo é a morte, Elliot.

A sala se transformou. Ele cambaleou. Em seguida, recuperou-se e a encarou. Esboçou um meio sorriso.

– Como eu suspeitava – disse a Princesa. – Você é brilhante, e entende o que quero dizer. Você guarda o meu segredo, e eu guardo o seu. Podemos nos destruir ou nos ajudar. Vamos escolher a última opção e tentar ambos encontrar nossos entes queridos desaparecidos? Combinado?

Ele acenou positivamente com a cabeça, e ela apertou sua mão em um cumprimento firme.

Do outro lado da sala, Sergio acenou para Elliot.

Em seguida, ouviu-se uma movimentação na porta dos fundos, e Ko e Sergio já haviam partido.

Elliot se sentou no sofá.

O relógio na beirada da lareira se manifestou.

Clover sentou-se ao lado dele. Ficaram em silêncio por um tempo.

– Anos atrás – Clover disse no silêncio –, passei um feriado no Norte Mágico e acabei fazendo alguns serviços de costura para as Princesas Irmãs. Elas eram muito pequenas e meigas, e nos demos bem. Temos sido amigas desde então.

Elliot a ouvia apenas parcialmente.

Sua cabeça ainda girava em um turbilhão.

– Ainda costuro para elas de vez em quando – Clover continuou. – Trocamos mensagens, presas às costuras dos vestidos. Começou como um jogo, mas, durante o último ano, Ko realmente precisou de uma amiga.

Elliot virou-se para Clover, um pensamento se construindo em sua mente.

– Ko partilha seus problemas comigo, e eu a informo sobre o que está acontecendo aqui em Fogueira – ela explicou. – Há muita coisa que se pode ver da minha varanda.

– Foi você.

Clover manteve os olhos sobre ele.

– Os Twickleham devem ter encontrado uma carta dessa sua amiga do Mundo – ela disse. – Uma carta incriminadora, quero dizer. Eles a levavam para o xerife e a prefeita na manhã em que foram embora. Sem dúvida, imaginaram que o xerife vinha acobertando você, mas, com a prefeita lá, estariam garantidos. Com certeza, não gostavam de você, Elliot.

Elliot ainda a encarava.

– Quando eles correram, o vento levou a carta, e eu a peguei.

– E contou para a Princesa Ko?

– Mandeí uma mensagem para ela. Há poucos dias. Ah, sei o que está pensando. Coloquei sua vida em perigo. É verdade; acho que coloquei mesmo, mas foi um risco calculado. Sabia que seria mais útil para ela usar seu contato com o Mundo do que matá-lo. Percebi que podia confiar nela

para fazer a coisa certa.

– Percebeu?

Elliot arqueou bem alto as sobrancelhas.

– Escreva para sua amiga no Mundo. Peça ajuda a ela.

Clover se levantou com um suspiro e começou a tirar as canecas e o restante de guloseimas da mesa.

– Na verdade, minha amiga no Mundo disse que não ia abrir mais nenhuma carta minha – Elliot falou, lembrando-se naquele momento.

Clover deu de ombros.

– Tudo o que você pode fazer é tentar.

Ele a encarou e balançou a cabeça lentamente.

Em seguida, deu de ombros também.

Que escolha ele tinha?

Pegou um pedaço de papel e escreveu: Cara Madeleine. Depois, parou.

Colocou a caneta de lado. Pensou um pouco. Como diria aquilo?

Então sorriu e pegou a caneta novamente.

Você se lembra que uma vez me pediu para incluí-la na minha história? Para lhe dar um papel para desempenhar em Cello?

Cambridge, Inglaterra, o Mundo

2

Havia um fio branco de envelope sussurrando no parquímetro.

Ele reluzia, alvo, à luz do sol, e Madeleine pressionou o pedal da bicicleta.

Durante três dias, ela tinha pedalado por ali, e durante três dias ele havia estado lá.

Uma fenda de luz branca.

Se você pegasse um arco-íris na mão e o ajeitasse como um leque, ele criaria uma fenda de luz.

Era a voz de Isaac Newton, ainda em sua cabeça: “Tenho muitas vezes observado com admiração que todas as cores do prisma são feitas para convergir com [...] luz reproduzida, inteira e perfeitamente branca, e de forma alguma sensivelmente diferente da luz direta do sol”.

Pedalou até o final da rua, e as cores da festa da noite anterior giraram diante de seus olhos.

O amarelo-doce das flores de *desejo de melhoras* que Jack tinha trazido para Holly. O vermelho brilhante das framboesas que Belle entregara sem olhar para o rosto de Holly – depois de um tempo ela deu uma olhadinha e soltou uma série de palavrões, terminando com *Você melhorou!*

O vermelho ainda mais brilhante do canto dos olhos de Denny, quando ouviu falar como quase tinham perdido Holly.

O rosa-doce da pulseira de miçangas que as meninas de Darshana escondiam atrás das costas, fazendo às pessoas perguntas do tipo: *Em que mão está?* A confusão no rosto delas quando as pessoas escolhiam a opção certa. *Escolha de novo!*, diziam, antes de exhibir a palma da mão vazia, triunfantes. Ou desistiam do jogo e arremessavam os palavrões que Belle havia dito ao redor da sala como confetes, enquanto Darshana aconselhava: *Basta ignorá-las. Estamos ignorando vocês, garotinhas!*

O cinza-pomba da gola da camisa de Federico enquanto ele dançava, olhos fechados e um leve sorriso, balançando os quadris de um lado para o outro, uma rodopio rápido, e depois se sentando ao lembrar de onde estava.

Madeleine parou.

Estava montada na bicicleta em um cruzamento, e algo deu um voo rasante, obstruindo a visão de todas essas cores em sua mente.

Quando menino, Isaac Newton tinha colocado uma vela numa lanterna e a

conectado a uma pipa, libertando-a à noite. “Os moradores ficaram muito atemorizados com essa visão”, dizia o texto que ela tinha lido.

Percebeu algo importante.

Trocar a vida passada por aquela vida real ali em Cambridge não significava que as cores tinham que desaparecer.

Nem que as cores só podiam ser sombrias e cinza.

Elas poderiam ser brilhantes e bonitas, um rastro de luz: imaginação.

Ela poderia, se quisesse, ter uma pipa que arrastasse uma lanterna. Poderia ser a própria lanterna à luz de velas. Poderia voar com os cometas e as estrelas.

Manobrou a bicicleta e acelerou para buscar a carta.

Agradecimentos

Não consigo imaginar editores melhores que Arthur Levine (além de Emily Clemente e todos os outros na Scholastic) e Claire Craig (ao lado de Julia Stiles, Samantha Sainsbury, Cate Paterson e os demais da Pan Macmillan). Trabalhar com pessoas de tal visão, acuidade, faro e entusiasmo é uma honra e um prazer. As sugestões editoriais de Arthur sobre o primeiro rascunho deste romance foram ainda mais incisivas e brilhantes do que o habitual, e Claire merece menção especial por sua inteligência brilhante e calor, e por ter sugerido o título.

Sou igualmente grata a meus fantásticos agentes e amigos, Tara Wynne e Jill Grinberg, e a Liane Moriarty, Nicola Moriarty, Rachel Cohn, Alistair Baillie e Michael McCabe, que leram os primeiros rascunhos e fizeram comentários a respeito.

Muito obrigada a Elizabeth Pulie pelas belas fotos de Cello, a Peter Hosking pelos livros sobre violoncelo, e a Marcin Wolski por me ensinar a tocar violoncelo.

Obrigada a Marilyn Simonds por descrever como se dá o cultivo em estufa, a Kim Broughton por compartilhar seus livros sobre cores, a Samantha Avery pela leitura e (parcialmente) cura de minha aura, e a Paul, do Maisy's Café em Neutral Bay, por já ter meu chá de hortelã pronto *enquanto eu ainda abria a porta de vidro*.

Adam Gatenby me falou sobre a vida agrícola, e Alistair Baillie me contou um pouco sobre Física; por isso, sou muito grata a ambos. (Aqui devo ressaltar que Adam considera impossível o cultivo agrícola com estações que mudam muito, e que Alistair tem dúvidas semelhantes sobre as cores assumirem formas corpóreas.)

O Uesugi Farms Pumpkin Park gentilmente me explicou como construíam sua pirâmide de abóboras a cada ano: não é a maneira como Elliot construiu a dele, mas definitivamente ajudou.

Sou profundamente grata a Libby e Henry Choo, Erin Shields, Jane Eccleston, Natalie Hazel, Jayne Klein, Andrew Broughton, Lukas Bower, Broughton Kim, Jonathan e Douglas Melrose-Rae, Stephen Powter, Melita Smilovic, Lesley Kelly, Michael McCabe, Rachel Cohn, Kate Manzo, Corrie Stepan, Elizabeth Pulie, Katrina Harrington, Fiona Ostric e a Bernard, Diane, Liane e Nicola Moriarty, por todas as muitas e variadas maneiras pelas quais me ajudaram com a escrita deste romance, e por serem tão extraordinários.

Este livro é dedicado a Charlie com amor, e agradeço por sua imaginação selvagem, e também por ser um ótimo garoto.

Sua opinião é muito importante!

Mande um e-mail para opinioao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “Assunto”.

Conheça-nos melhor em
vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr



Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Marcia Alves
Assistente editorial: Natália Chagas Máximo
Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Luciana Araujo
Capa e design: Ana Solt

Título original: *A Corner of White*

© 2014 Jaclyn Moriarty
First Published in Australia by Pan Macmillan Australia Translation
rights arranged by Jill Grinberg literary Management LLC and
Sandra Bruna Agencia literaria, SL
All rights reserved

Direitos de publicação no Brasil:
© 2014 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei,
a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão
por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma
de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-624-7

Impressão e acabamento: Geográfica
Impresso no Brasil • Printed in Brazil

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Moriarty, Jaclyn

A fenda branca [livro eletrônico] : livro um / Jaclyn Moriarty ; tradução Frank de Oliveira e
Júlio Monteiro de Oliveira. -- São Paulo : V&R Editoras, 2014. -- (As cores de Madeleine)
3 Mb; ePUB

Título original: *A corner of white*

ISBN 978-85-7683-659-9

1. Literatura juvenil I. Título. II. Série.

14-
00358

CDD-028.5

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Introdução

Parte 1

Parte 2

Parte 3

Parte 4

Parte 5

Parte 6

Parte 7

Parte 8

Parte 9

Parte 10

Parte 11

Madeleine Tully

Parte 12

Agradecimentos